

OS «ENCONTROS DOS GOESES DA BEIRA E SEUS AMIGOS» NA GRANDE LISBOA

PATRIMÓNIO IDENTITÁRIO E SUA RECONSTRUÇÃO CULTURAL PÓS-COLONIAL

Maria Lucinda Fernandes Costa Fernandes

Dissertação de Mestrado em Património Histórico

Março, 2010



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Património Histórico, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor José Gabriel Pereira Bastos.

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O candidato,

Lisboa, de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada a provas públicas.

O orientador,

Lisboa, de de

A preservação e a destruição, ou de outro modo, a conservação e a perda, caminham de mãos dadas pelas artérias da vida. Como sugere Nietzsche (...) é impossível viver sem a perda, é inteiramente impossível viver sem que a destruição jogue o seu jogo e impulsiona a dinâmica da vida. (Paulo Neves da Silva, org. Citações e pensamentos de Friedrich Nietzsche, Lisboa, Casa das Letras, 2009)

*Aos meus pais,
José Francisco da Costa
e Brígida Fernandes,
Goeses da Beira,
e à Cidade da Beira,
onde nasci e cresci
e que não posso esquecer...*

AGRADECIMENTOS

Grata à comunidade goesa, donatária deste trabalho e doadora do contributo base de histórias de vida e de experiências de participação, nomeadamente nos «Encontros dos Goeses da Beira», sem o que este trabalho não teria sido realizado.

Aos meus informantes privilegiados: Lourdes Fernandes, Alfredo Bragança, José Carmino Fernandes, Carina Bragança, Bernardete Bragança, Joaquim Bragança, Alexandra Fernandes, Carmen Fernandes, António Rodrigues, Nicolau Silva, Bebiana Fernandes, Doroteia Silva, Agnelo Rodrigues, Sr. Sampaio, Maria Virgínia Gomes, Arvi Barbosa, Andreza Fernandes, Joaquim Lordo, António Feijão e José Manuel Fernandes que prontamente acederam em cooperar neste projecto. A sua mediação foi determinante para ultrapassar as desconfianças iniciais perante uma comunidade que, embora conhecida, é reservada e apreensiva. Agradeço também às diversas Comissões Organizadoras dos Encontros dos Goeses da Beira e seus Amigos, pelos esclarecimentos prestados. À “Casa de Goa”, pelos esclarecimentos, pela cedência de Revistas e consulta dos arquivos. E a Juliano Mariano e a Feliciano Caeiro pela disponibilidade constante em me apoiarem na resolução de problemas práticos.

O meu agradecimento ao Professor Doutor Jorge Crespo por nos ter entusiasmado a fazer um trabalho que fizesse sentido na nossa vida. E um agradecimento muito especial ao Professor Doutor José Gabriel Pereira Bastos, uma autoridade na matéria, pela forma entusiástica como aderiu ao estudo dos Goeses em Portugal, dando-me confiança, esclarecimento científico, orientação bibliográfica e apoio incondicional, emprestando-me bibliografia fundamental, ensinando-me a analisar o material documental e as entrevistas que efectuei, levando-me a recomençar e a aprofundar mais e mais a pesquisa e a reescrever repetidamente textos que exigia que fossem claros e sucintos.

Outro agradecimento também especial à Dr^a. Isabel Victor, impulsionando o meu percurso académico desde o início da licenciatura, uma voz amiga que me acompanha, depositando em mim confiança e exigindo responsabilidade.

Mais um agradecimento especial ao meu marido, Armindo Fernandes pelo apoio constante em todos os momentos. Finalmente, quero agradecer à minha Família, Costa Fernandes e à Lara da Costa Alves, que todos os dias toma conta de mim e me agasalha nas minhas inseguranças mas que também me empurra para novas conquistas.

ÍNDICE

1	Introdução: Identidade, património identitário e acção	1
2	O enigma identitário na Goa diaspórica	5
2.1	Complexidades da Identidade Goesa, baseada na competição entre duas culturas, vista a partir da Goa póscolonial	5
2.2	Complexidades e estratégias da Identidade Goesa vista a partir da Casa de Goa, em Portugal	7
2.3	A objectivação da diasporização goesa pelos cientistas sociais Goeses	12
2.4	A objectivação da Identidade Goesa diaspórica pelos cientistas sociais em Portugal	17
3	Etnicidade e Identidades Colectivas: dos Discursos identitários aos Enquadramentos teóricos	20
4	Complexidades da identidade goesa vista pelos «Goeses da Beira» e seus descendentes, em Portugal	24
4.1	Memórias da vida em Goa, antes da emigração para Moçambique	24
4.2	Memórias da vida em Moçambique, nomeadamente na Beira	25
4.3	A construção da identidade goesa em Moçambique, em confronto com a pluralidade inter-étnica	26
4.4	De Moçambique a Portugal, depois da descolonização	32
4.5	Os «goeses» nascidos em Portugal e a sua desidentificação com o passado familiar em Goa e Moçambique	37
4.6	Variações do gradiente de classe e inter-étnico em Goa, Moçambique e Portugal	38
4.7	O gradiente identitário e as formas de consciência identitária entre os genealogicamente goeses	43
5	Os «Encontros dos Goeses da Beira e seus amigos» em Lisboa: um ritual de congregação identitária (2000-2010)	49
5.1	Os «Encontros dos Goeses da Beira e seus amigos»: uma organização convivial informal participada	49
5.2	O «9º Encontro dos Goeses da Beira e seus Amigos» (2009)	53
6	Reflexões finais	59
	Bibliografia	61
	Anexos	

**The «Goanese from Beira Meetings» in Great Lisbon.
Identity Heritage and its Postcolonial Reconstruction**

Maria Lucinda Fernandes Costa Fernandes

ABSTRACT

Departing from a complex Case Study, we focus the production mode of representations of identity of Goanese descendents creating diasporas in Mozambique and after decolonization, in Portugal, and their reconstruction to meet strategies of internal and external differentiation, and of integration, cultural and genealogic hybridism, and internal competition in Lisbon.

This Case Study is complex because is uncurled in different levels of consciousness, political spaces (Goa, Mozambique, Lisbon), epochs (since Second World War to actuality) and generations, confronting with great political changes leading to decolonisation and democracy in Goa (1961), Mozambique (1974-75) and Portugal (1974) and with different types of immigration (economic, in the first generations, from Goa to Mozambique, and forced political emigration, some decades ago, from Mozambique born or settled to Lisbon), creating great crisis and cultural changes in their lives.

A first complexity comes from the fact that due to the Portuguese strategy of religious based expansion, Goanese Catholics in Mozambique strongly differentiate there from other «Asiatics», namely from other genealogic Indians coming to Mozambique from another part of the ancient Portuguese State of India (namely from Diu) and also from Gujarat, forming different ethno-religious communities of Hindus, Sunni Muslims and Ismailis. They enter administrative positions in the State apparatus and other administrative jobs or liberal professions, the others were mainly urban and rural merchants (‘cantineiros’) and masons.

A second complexity results from the colonial history of Mozambique in the beginning of the XXth century has been stabilised in the new regional rivalry between the North, here represented by those Goanese settled or born in Beira, influenced by British Rodhesia, and the Goanese settled or born in Lourenço Marques, the capital (now Maputo), articulating competing identifications with different dominant settlers (Portuguese versus British), and disputing different type of values as elites or ‘people’.

The third complexity has been constructed in Lisbon when the «Goanese from Beira» developed a specific strategy of Annual informal congregation, based in elected Organisational Comities, from 2000 onwards, reuniting more them 550 persons in 2009, entering in diplomatic competition with «Casa de Goa», a formal organisation conducted by Goanese elites and supported by Hindu industrials from the State of Goa and by the Portuguese State, trying to represent all the people of the ancient Portuguese State of India, unsuccessfully.

KEYWORDS: Goanese diáspora, Goa, Inter-ethnic relations, Mozambique, Postcolonial Immigration in Portugal, Goanese of Beira Meetings, Diasporic Identity of Goans

Os «Encontros dos Goeses da Beira e seus Amigos» na Grande Lisboa.

Património identitário e sua reconstrução cultural pós-colonial

Maria Lucinda Fernandes Costa Fernandes

RESUMO

Partindo de um estudo de caso complexo, focámos o **modo de produção de um dado património identitário** (dos «Goeses da Beira», diaspORIZADOS em Moçambique e Portugal) e a importância que a sua defesa, reconstrução e relançamento tem nas estratégias de diferenciação interna e externa, bem como de aproximação, hibridação e competição, em contexto europeu pós-colonial. Este estudo de caso é complexo porque se desenrola em diferentes **níveis de consciencialização**, associados a **espaços e escalas temporais** muito diferentes, e a diferentes gerações com vivências diversas, bem como à **mobilização de processos de congregação** segmentária que relançam a competição identitária entre Goeses.

Uma primeira complexidade decorre de que, dada a história da expansão portuguesa, existem **duas Goanidades em disputa**. Uma delas, a dos «filhos de Goa» em Moçambique, associa estes Goeses aos restantes cristãos numa categoria religiosa que deixa de fora outros Goeses, hindus, e outros genealogicamente indianos, praticantes de outras religiões (sunitas, ismailis). Como crença, como emblema diferencial ou como ferramenta identitária, **o catolicismo luso-goês tendeu, através dos séculos, a apropriar-se da Goanidade** do mesmo modo que a negritude tende no Moçambique actual a apropriar-se da Moçambicanidade de que tantos Goeses da Beira se orgulham quando se declaram Moçambicanos. Esta **apropriação diaspórica da Goanidade pelos cristãos** entra em contradição com a **apropriação hindu da Goanidade**, exacerbada depois da tomada de Goa, traduzindo-se aí num confronto entre os que quiseram dissolver Goa no estado Maratha e os que pretenderam defender a Goanidade histórica regionalizada. Um confronto identitário entre Goeses cristãos, hoje minoritários, que cada vez mais abandonam Goa e hindus que cada vez mais assumem a liderança económica e o mecenato da diáspora goesa, como é patente na fundação da «Casa de Goa» na capital do antigo Império.

A segunda complexidade, decorrente da história colonial de Moçambique, tem raízes em Moçambique e cristaliza-se na **rivalidade regional entre o Norte**, aqui representado pelos «beirenses», **e o Sul**, construído à volta da capital, articulando entre

si construções raciais, baseadas em identificações competitivas com diferentes colonizadores (portugueses versus ingleses) com fantasias de superioridade / inferioridade «civilizacional».

A terceira complexidade tem a ver com o empenho em reforçar **uma identidade goesa regionalizada** (Goeses da Beira, em Moçambique) que ensaia assumir informalmente, pela dinâmica social desenvolvida em rede e através de processos não-institucionais, baseados no envolvimento personalizado, a liderança da Goanidade em Portugal, e ultrapassar com a sua dinâmica a liderança formal da «Casa de Goa».

Goeses Cristãos e hindus, da Beira e do Sul de Moçambique, mais ou menos associados à Goa actual ou a Portugal, mais ou menos fixados na Moçambicanidade, mais ou menos «civilizados» (em diferentes estratos sociais, níveis educacionais, de riqueza, com diferentes histórias de hibridação «racial» e cultural e com diferentes padrões religiosos de «alta» e «baixa» tradição, etc.), agindo de forma mais ou menos institucionalizada, em competições identitárias na diáspora metropolitana das décadas recentes, sempre evitando o conflito e apresentando uma face social pacífica e trabalhadora, constituem uma complexidade identitária em movimento intergeracional que a investigação antropológica pode analisar.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora goesa, Goa, Relações-inter-étnicas em Moçambique, Imigração pós colonial em Portugal, Encontros dos Goeses da Beira, Identidade Goesa na diáspora

1. INTRODUÇÃO: Identidade, Património e acção identitária

É verdade que os revolucionários de 1789 não pararam de sonhar com monumentos e de construir no papel os edifícios através dos quais desejavam afirmar a nova identidade da França. (F. Choay, 2006: 19)

A Lei nº 107/2001 estabelece no seu artigo 1º «as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura.» Estabelece desse modo a anterioridade (óbvia) da identidade colectiva sobre o que apenas dela decorre, o «património cultural», «material» e «imaterial». Falha, no entanto, em compreender que, **de um ponto de vista antropológico, a etnicidade**, o processo de aculturação antagonista (Devereux e Loebb, 1943 in Devereux, 1985), **enquanto propulsor da «organização social das diferenças culturais»** (Barth, 1998: 6), fundação histórica das identidades colectivas entre si diferenciadas por dicotomização sistemática, produz o **primeiro e o mais básico dos patrimónios, a(s) identidade(s) colectiva(s) do qual todos os outros** (dos monumentos à música), **são realizações** materializantes ou imateriais. É o património imaterial identitário que nos interessa nesta tese, no caso vertente, um modo particular de promoção de uma identidade segmentária, a dos «Goeses da Beira», em rivalidade diplomática, com outras organizações de Goeses em Portugal, através de um ritual informal organizado por Comissões rotativas e participativas.

Enquanto o «recheio cultural» contido nas fronteiras identitárias, muda e se adapta a novos contextos tecnológicos, económicos, políticos e relacionais, **a identidade colectiva tende a ser defendida, implementada e a persistir na duração histórica.**

É nesse sentido que se afirmava no século XIX a identidade colectiva como o «génio» ou «alma» de um povo e se afirmava que um povo era um povo porque tinha uma identidade diferenciada de outros, uma «alma» ou «génio» próprios, à época visto como intemporal, o que hoje não faz sentido e é correctamente denunciado como «essencialização». Em cada época, em contextos históricos diferentes, uma população cria «fronteiras identitárias» baseada em **processos de «dicotomização sistemática»** (Barth, 1969, 1998) e uma **«intimidade cultural»** (Herzfeld, 2008) daí decorrente,

produz um «património» identitário diferenciado que para além das suas funções pragmáticas (quando as tem) emblematiza a especificidade diferencial da «alma» de um povo, de uma identidade que é criada e recriada, defendida e exibida como «emblema identitário» (Bastos e Bastos, 1999), e geração após geração relança esse processo identitário, deixando morrer algumas das realizações anteriores, defendendo e revitalizando outras, o que implica em algum grau a sua transformação (muitas vezes para lhe dar «um cunho antigo», uma *patine*) e acrescentando novas realizações que até podem resultar de importações culturais inter-étnicas mas que serão construídas ou reconstruídas e folclorizadas para serem investidas como elementos da identidade, da cultura, do património colectivo, material e imaterial (nacional, regional, étnico, etc.).

Este **processo de constante rejuvenecimento das expressões materiais e imateriais da identidade colectiva** pode por sua vez sofrer um **processo de desvitalização** e de instrumentalização económica, isto é, de museologização e/ou de folclorização turística, no mesmo movimento em que estão a nascer outras realizações materiais e imateriais investidas pelo «orgulho identitário» de cada «comunidade imaginada» (Anderson, 1983).

Este deslizamento dos conteúdos identitários, este processo de deslocamento dos investimentos identitários, acelerado por **tensões intergeracionais** e, ainda mais, por **emigrações diasporizantes de minorias étnicas para novos contextos culturais** acontece porque se modificam os valores do que é «antigo» e do que é «moderno». E a **modificação dos valores das populações** pode obrigar o Estado ou Associações e Grupos de Acção a assumir a **defesa de elementos do património material e imaterial «envelhecido», ameaçado de abandono ou destruição**.

A la limite, como veremos com este estudo de caso, até a própria identidade colectiva pode ser sentida como «em vias de extinção» quando os mais velhos percebem o seu abandono pelas novas gerações, movidas por novos interesses que muitas vezes passam por um projecto de adaptação às **novas geografias políticas do mundo**. **Ruptura identitária intergeracional** que provoca **ansiedade identitária** nos mais velhos e que, aliás, pode mobilizar as duas gerações mais velhas a reforçar **rituais religiosos que sentem como identitários**, a promover «Encontros» (como os dos «Goeses a Beira e seus amigos»), a multiplicar Associações (como a Casa de Goa ou a ARCIP) e Revistas, a relançar Cursos de línguas (como o Concanim) que os pais já não falam e por isso não lhes transmitiram como língua materna, a promover cursos de gastronomia identitária ou a criar Grupos Culturais (como o *Ekvat* e o *Surya*) que

prolonguem a identidade envelhecida, folclorizando a música e a dança que os seus pais pouco ou nunca dançaram mas que é supostamente «típica» de continentes distantes que muitos pais nunca conheceram, no processo de diáspora económica e política.

Neste estudo de caso, que contrastaremos com as **principais teorias das identidades colectivas e da cultura**, descreveremos a génese e o desenvolvimento dos «Encontros dos Goeses da Beira e seus amigos» e aprofundaremos a análise do último Encontro até à data realizado, em Maio de 2009. As entrevistas que realizámos reportam-se a uma amostra não-representativa de Goeses residentes em Lisboa, que procurámos que fosse diversificada por três gerações e por diferentes percursos migratórios (com e sem experiência da diáspora em Moçambique e, mais focalizadamente, na Beira), de tal modo que todos, excepto os mais novos, a geração emergente, tivessem passado por um ou até mesmo por dois processos migratórios, voluntários ou involuntários. Nelas se tornam evidentes as **complexidades dos processos de diferenciação identitária interna e externa das macro-identidades colectivas**, como a Identidade Goesa, e de **produção de segmentações identitárias intra-competitivas, associadas a processos retóricos de hierarquização e de competição identitária** inter-nacional (entre Portugal, a Índia e Moçambique), inter-étnica (entre 'brancos' – ingleses e portugueses, goeses, hindus, muçulmanos e 'negros'), inter-classista (entre brâmanes e chardós, classes médias e operários), inter-religiosa (entre católicos, hindus e muçulmanos), inter-regional (entre a Beira e Lourenço Marques) e inter-geracionais (avós, pais, geração emergente) associados a trajectórias migratórias diferenciadas (de Goa directamente a Portugal, ou de Goa a Moçambique e só muito mais tarde a Portugal).

Convívio, diplomacia, respeito, fechamento defensivo, queixume, acusação, ofensa verbal, confrontação, revolução, etc. aparecem então como **estratégias accionais** mais ou menos assumidas, através das quais os segmentos, gerações e actores sociais se posicionam num **gradiente polarizado por valores e**, portanto, também, **por tipos de carácter** (Fromm e Maccoby, 1972).

A **posição original de Goa na história do sistema-mundo torna este caso identitário num caso invulgar**. Sem deixarem de se sentir associados directa ou indirectamente a uma identidade goesa fundada naquilo que é o traço cultural mais saliente dos Goeses, o familismo, diferentes pessoas genealogicamente Goeses podem afirmar-se simplesmente e de forma excludente em relação às alternativas, «Indianos», «Moçambicanos», «Portugueses» ou «Goeses», o que revela **um posicionamento**

segmentário, associado a diferentes investimentos identitários, face à história de Goa, e perante diferentes posicionamentos e trajectos existenciais que conduzem à assumpção ou invisibilização das emigrações africanas). Mas também podem investir a complexidade da sua experiência de vida e assumir **identidades encaixadas** («europeus goeses»), **híbridas** («moçambicanos goeses», «portugueses de Goa») ou **hifenizadas** («luso-indianos», «indo-portugueses») ou, ainda, optar por **diferentes apresentações identitárias em diferentes contextos relacionais e inter-étnicos**.

No entanto, quando querem reconstruir e reforçar redes relacionais e o modo de estar e de sentir que lhes é familiar, promovem «Encontros»¹ e declaram-se, neste *case study*, «Goeses da Beira», persistindo em superar os traumas da descolonização em que a maioria não acreditava e de uma readaptação que para muitos foi humilhante e dolorosa, até pela perda daqueles que não aguentaram a dureza e a dor desse desenraizamento para o qual não se tinham preparado. E nesse movimento competem subtilmente, com a **diplomacia familiarista** que os caracteriza, com a Casa de Goa (que representa sobretudo as castas 'superiores', as elites e a relação directa com Goa) e com outras Associações menos relevantes, criando **uma tensão identitária baseada na reafirmação do valor, do dinamismo e da coesão identitária dos «emigrantes Goeses» da Beira**, dos «africanistas», como em Goa lhes chamam depreciativamente, bem uma competição vitoriosa pela assumpção da «Goanidade», um «objecto imaginário em disputa, tal como foi expresso pelo discurso do presidente da Casa de Goa no 9º Encontro (2009), uma competição que, aliás, claramente reforça a «identidade Goesa» em Portugal, exigindo aos «outros» novas iniciativas com as quais os Goeses da Beira competirão nos próximos Encontros.

¹ Existe uma tese de licenciatura em Antropologia sobre este tipo de Encontros promovidos em Portugal em contexto pós-colonial, de Giordanni Rodrigues, *Reconstrução de uma identidade no processo de imigração: os encontros anuais de angolanos residentes em Portugal*, FCSH, 2002, também orientada pelo Professor Pereira Bastos. Eugénio Santana, na sua dissertação de Mestrado em Migrações, Inter-etnicidades e Transnacionalismo, *Moçambicanidades disputadas. Os Ciclos de Festas da Independência de Moçambique e da Comunidade Moçambicana em Lisboa*, FCSH, 2009, orientada pela Professora Susana Pereira Bastos, descreve Encontros do mesmo tipo, embora com outra orientação, mais nacionalista, em que a «moçambicanidade» se torna monocromática e excludente, uma atitude contrária à dos fundadores do Moçambique pós-colonial mas que surge igualmente na orientação dada à tese de doutoramento de Sheila Khan, *Imigrantes Africanos Moçambicanos. Narrativa de Imigração e de Identidade e Estratégias de Aculturação em Portugal e na Inglaterra*, Lisboa: Edições Colibri, 2009..

2. O ENIGMA IDENTITÁRIO NA GOA DIASPÓRICA

*Quando duas culturas se encontram, algo morre e algo nasce. Para os descendentes dos hindus de Goa, que reagiram resistindo na sua religião indiana (...) o encontro com os portugueses teve reflexos mais subtis no seu modo de vida actual. Tal não foi o caso da herança dos que optaram pela conversão. Regra geral, é a esses que cabe personificar o **enigma**, infinitamente discutido pelos estrangeiros dedicados às ciências humanas mas também pelos próprios, e que dá pelo nome de **identidade goesa**. (Catarina Portas e Inês Gonçalves, Goa. História de um encontro, 2001: 37)*

2.1 Complexidades da Identidade Goesa, baseada em duas culturas, vista a partir da Goa póscolonial

Ângela apercebeu-se de que o facto de ser goesa era muito como a fusão daquelas artes. Os goeses tinham duas culturas como molde. Duas culturas que estavam misturadas, mas que podiam separar-se. Sempre que fosse preciso, um dos lados podia ser puxado, esticado, exagerado, de forma a predominar sobre o outro. Uma espécie de mecanismo de que os goeses se servem para enfrentar situações que requerem ajustes. Os goeses sentem-se em casa, seja nos desertos do Médio Oriente, nas selvas de África, ou nas cidades americanas. A comunidade goesa integra-se em todas as comunidades do mundo.” (Carmo D'Souza, A Identidade Goesa de Ângela, 2000: 113)

No seu romance «A Identidade Goesa de Ângela», redigido e publicado em inglês (Goa, 1994) e só posteriormente traduzido para português (Lisboa, 2000), Carmo D'Souza faz girar em torno de uma família da aristocracia rural de Goa, representante da elite goesa (p. 21), uma **apresentação de uma identidade goesa que tendo estado em perigo iria encontrando novas soluções para entrar no seu futuro**. Partindo do microcosmos de uma casa aristocrática, católica, de *Bhadraks* (médicos), que constitui o fulcro de uma aldeia goesa, a história de Ângela, da infância ao casamento abre-se para a diáspora goesa, constantemente referida.

A Diáspora Goesa é referenciada sobretudo como uma resultante relativamente recente (meados do século XIX) das necessidades de mão-de-obra do Império britânico na Índia, no Golfo Pérsico e em África ou da fidelidade de alguns a Portugal e às oportunidades educacionais que daí advêm, favorecendo a ascensão social, reduzindo a quase nada a emigração goesa para Moçambique e, posteriormente, para Lisboa.

No contexto da família para-feudal, **na geração mais velha, a diáspora é feita para a Índia britânica**, na pessoa do tio John.

“Alguns dias mais tarde, o tio John regressou de Bombaim. A última vez que estivera em Goa fora há muito tempo, quando Anjinha nasceu. A mãe de Anjinha disse-lhe que o tio John tinha uma boa posição em Bombaim. Falava inglês, que Anjinha não conseguia acompanhar. O seu concanin soava um bocadinho estranho.” (p. 40)

Na geração mais nova, vemos sair para Portugal Rajendra, o filho mais velho, e Atmaram, o jovem brâmane, ambos **filhos de nacionalistas indianos**, rejeitando o que, na perda de raízes europeístas, lhes aparece como uma regressão identitária e em busca de uma educação superior válida.

“Rajendra, o irmão mais velho, optara pela cidadania portuguesa, muito contra a vontade de todos.. Um golpe pra um pai que liderara as fileiras dos que lutavam pela liberdade. (...) mas o rapaz queria realizar os seus sonhos em Portugal. (...) Atmaram, o filho do mais ilustre defensor da liberdade (...), partia para Portugal. Tanto Rajendra como Atmaram não toleravam a nova situação. Filhos de gente que lutara pela liberdade, de partida para Portugal?” (p. 70)

Mas a emigração mais referenciada pelos populares orientados pela busca da ascensão social, é a **emigração para o Médio Oriente**. Apesar disso, nenhuma referência é feita ao Islão² e à oposição entre os seus valores e os valores hindus ou católicos. O que está em causa é a possibilidade de ascensão social da futura geração ao nível invejado dos senhores feudais, através do exercício da medicina.

“Um dia, a vizinha Mary chegou com o filho pequeno. O marido estava no Golfo, como cozinheiro num hotel de cinco estrelas. Mary queria pôr o filho na escola, obedecendo às ordens do marido. Ao fim e ao cabo, o rapaz quando crescesse seria médico.” (p. 117)

Num outro nível intermediário, aparece a figura do jovem **marinheiro** John, que virá a casar com Teresinha. Ele é mais o viajante, o emigrante temporário e reversível, de curta duração do que o emigrante propriamente dito. Entre os que não voltam mais, e vão estruturar diásporas distantes, entre os jovens que vão por um tempo para o Golfo e regressam com contas bancárias vultuosas e entre aqueles que não partem e absorvem os que vão chegando, os marinheiros, mais próximos destes últimos e das classes mais baixas, tornam-se os genros ideais das sogras das classes mais baixas.

Mas a capacidade diaspórica dos Goeses, como resultado nele da combinação de culturas, é dita ser-lhes intrínseca.

Ângela apercebeu-se de que o facto de ser goesa era muito como a fusão daquelas artes. Os goeses tinham duas culturas como molde. Duas culturas que estavam misturadas, mas que podiam separar-se. Sempre que fosse preciso, um dos lados podia ser puxado, esticado, exagerado, de forma a predominar sobre o outro. Uma espécie de mecanismo de que os goeses se servem para enfrentar situações que requerem ajustes. Os goeses sentem-se em casa, seja nos desertos do Médio Oriente, nas selvas de África, ou nas cidades americanas. A comunidade goesa integra-se em todas as comunidades do mundo. (p. 113)

² Embora continuem a existir goeses muçulmanos (se bem que muito menos do que goeses hindus), o texto só refere o Islão no passado muito distante da Velha Goa, antes da chegada dos portugueses, no início do século XVI.

Apesar desta referência genérica às «selvas de África», só escassa, periféricamente e de forma ambígua, surge uma referência à diáspora para África e para o Império Colonial Português e o nome de Moçambique jamais é pronunciado. Esta referência qualifica o pai de um médico, pretendente à mão de uma das filhas do Senhor local, vindo de uma família aldeã de baixo estatuto, cujos familiares tinham sido serviçais na casa Feudal.

“(...) ele falou-te da família dele?”

“Sim, o pai era despachante oficial em África.”

“Despachante oficial? Tanto quanto sei era um ajudante. Andava por aquelas selvas africanas com uma arca de lata à cabeça (...).”

“O Dr. Mervin dise-me que o pai era despachante oficial. Trabalhou para três países africanos ao mesmo tempo. Angola, África do Sul... e um terceiro que não me lembro (...).”

“Esses africanistas são uns gabarolas” (...). (p. 143-144)

A construção da categoria dos «**africanistas**» que retornam em busca de consolidar a sua ascensão social em Goa, levanta reservas. Tal como dos marinheiros, é dito, a partir do ponto de vista do estrato superior que os «africanistas são uns gabarolas». Manifestamente, para os senhores feudais, os africanistas que saíram das aldeias ou das classes médias urbanas, e retornaram, tal como os seus filhos, mesmo que médicos (como os senhores feudais), não são os «genros ideais».

Se a literatura identitária romanceada ajuda mas não resolve o enigma identitário do nosso objecto de estudo (os «Goeses da Beira» e os seus «Encontros», mais de 30 anos depois da sua vinda forçada para Portugal), a literatura antropológica Goesa não vai muito mais além.

2.2 Complexidades e estratégias da identidade goesa, a partir da Casa de Goa, em Portugal

Enquanto que os «Goeses da Beira» mobilizam «Encontros» para se congregarem ritualmente, conviverem e reforçarem memórias e redes identitárias, ensaiando projectar o passado sobre o futuro, outros Goeses, que escrevem na revista da Casa de Goa, constroem um **discurso identitário** baseado nas premissas da antropologia nacionalista do século XIX (o enraizamento na pré-história da Índia, o «retorno às origens», a museologização dos «grandes homens»³ e de restos da cultura material

³ Os «grandes homens» eram repetidamente celebrados pelos racionalistas do século XIX como prova do Evolucionismo promovido pela Civilização Ocidental. As elites Goeses celebram os seus «grande homens» como prova também do sucesso da Cristianização de Goa e da sua participação honrosa as elites de Portugal de grandes centros europeus, desde o Marquês de Pombal e, mais tarde, do liberalismo que lhes deu lugar de deputados no órgão democrático decorrente da Constituição de 1822. Thomaz (1998)

pretérita, a revitalização folclórica da música, da dança, da gastronomia e do vestuário, vistos como emblemas identitários da sua especificidade cultural, etc.), entrosado com **construções fantasmáticas** que promovem a ocupação transferencial do «lugar materno» (transformando os europeus e mais particularmente os portugueses em filhos pródigos em busca do Retorno à Mãe-Índia Milenária), lado a lado com a afirmação da sua superioridade moral e a oferta aos «outros» de um futuro melhor, de um «renascimento» por eles liderado.⁴

Uma das formas goesas de elaborar a presença europeia na Índia, que teve uma dimensão traumática, consiste em sublinhar a anterioridade milenar da civilização indiana, vista como matriz de todas as civilizações e manipular a história para poder afirmar que esse «contacto de culturas» se deveu a um «regresso às origens», guiado pela «voz das raízes». Deste ponto de vista, «Portugal trabalhava para fazer regressar a Europa às suas origens»:

*“No seu itinerário histórico, estas brilhantes civilizações orientais não permaneceram apenas circunscritas ao território que as delimitava. Expandiram interiormente, ultrapassaram fonteira, galgaram montes e vales, percorreram terras e países distantes e, calcorreando trajectos mais diversificados, chegaram ao ocidente. (...) Nesta **onda europeia de retorno**, foi precisamente um pequeno país do extremo ocidente que, empurrado pelos permanentes fluxos de movimentos silenciosos que percorriam incessantemente os caminhos do oriente para o ocidente, subiu ao topo das alturas (...) e*

assume também esta linha da «emigração de qualidade»: começando por mencionar a participação de goeses nas expedições-mártires do século XVI a Moçambique e ao Japão, refere que no tempo de Pombal quatro ou cinco foram capitães-mor, tal como o primeiro Secretário-geral de Moçambique, então separada de Goa, Caetano Xavier. Refere depois que 48 dos cem estudantes vindos do Ultramar para Coimbra, entre 1383 e 1857, eram goeses, tendo 11 estudado Medicina, seis Direito e 4 Teologia, tendo 4 deles obtido o grau de Doutor, enquanto 8 se tornaram oficiais do Exército ou da Marinha, sendo que destes 48 apenas 2 regressaram a Goa. Citando Peregrino de Sousa (1956), o promotor goês desta perspectiva, refere 23 professores universitários goeses, vinte e dois oficiais do Exército e 9 da Marinha, 29 médicos, 17 magistrados e advogados, 36 padres, 27 diplomatas, 19 políticos e altos funcionários, 20 jornalistas e 53 escritores e homens de letras. Dezanove goeses representaram Portugal em Congressos Internacionais, 20 foram membros da Academia das Ciências, 9 foram médicos, capelães ou funcionários da Casa Real. Uma centena de goeses fizeram carreira em outros países da Europa. Este processo de assimilação dos goeses à cultura europeia começa, na área religiosa, com o primeiro prelado goês sagrado bispo, em 1652, D. Mateus de Castro, que fez a sua carreira no Vaticano. Thomaz acrescenta ao panegírico que dois primeiros-ministros do século XX eram Goeses (Marcello Caetano e Nobre da Costa). (Thomaz, 1998; 283-285). Refere que também os Hindus e Goa foram promovidos intencionalmente por esta política de sucessivos governos portugueses e que um deles era Ministro dos Negócios Estrangeiros. Os Encontros dos Goeses «africanistas» situam-se no pólo oposto desta estratégia, celebrada pela Casa de Goa. Não são famosos mas são Goeses e é isso que celebram. Peregrino de Sousa (*A expansão do Goês pelo mundo*, Goa, Repartição Central de Estatística e Informação, 1956).

⁴ Um **modelo redemptorista**, também promovido na história Europeia e norte-americana, declarando na Constituição dos USA que «todos os homens nascem iguais debaixo do Sol», oferecendo, através da França revolucionária, um mundo guiado pelos valores da «Liberdade», da «Igualdade» e da «Fraternidade», oferecendo ao mundo, através da Rússia, o fim da Luta de Classes e, através da Alemanha nazi, o enraizamento ariano (euro-indiano) do socialismo e a «paz por mil anos», simbolizado pela Swástica.

apontou o leme de sua orientação para o regresso às origens, para o regresso à Índia distante.

O mais provável é que Portugal (...) não tivesse consciência que trabalhava para fazer regressar a Europa às suas origens (...) mas a voz do coração, a voz das raízes, encaminhava inexoravelmente o país para a Índia milenária.” (Valentino Viegas, “O feitiço de Goa”, in Goa, IIª série, nº 1, Janeiro de 1996: 3)

Deste modo, a relação dos emigrantes goeses com as origens e a relação quinhentista dos navegadores portugueses com a Índia que atraía a sua acção são postas em paralelo e explicadas por um «desejo magnético» vindo das «profundidades do ser» para regressar à «terra-mãe». Neste discurso mítico, Goa é o lugar e o nome desse reencontro entre a «mãe» imóvel e o filho que depois de ter partido pelo mundo, regressa à matriz.

Tal como ainda hoje acontece com os emigrantes que anseiam por regressar à sua terra natal, assim também as informações genéticas contraídas pelos europeus miscigenados com o sangue oriental impelia-os e impele-os ainda às vezes, inexplicável e irresistivelmente, a regressar às suas raízes, à sua terra-mãe.

A este desejo magnético que vinha das profundidades do seu ser, acresce ainda o facto de ao longo de séculos da evolução da sociedade europeia ela ter criado as condições objectivas concretas para que o sonho ocidental viesse a ser concretizado.” (Valentino Viegas, “O feitiço de Goa”, in Goa, IIª série, nº 1, Janeiro de 1996: 3)

Este apaziguamento da «voz do coração», pelo «retorno à terra-mãe», teria produzido uma “gente habitualmente pacata e sossegada”, uma gente exemplar, desprovida de qualquer tipo de “ressentimentos passados, ódios acumulados, desejos de vingança ou qualquer outro tipo de complexos latentes” e um fluxo de emigrantes capazes de viver em simultâneo uma identidade complexa e dupla, fundada no amor a Portugal e no sonho das raízes.

Para que os meus concidadãos portugueses não tenham dúvidas sobre o acolhimento que vos espera em Goa, nada como certificar pessoalmente como é que aquele povo voa colhe e vos recebe. Ressentimentos passados, ódios acumulados, desejos de vingança ou qualquer outro tipo de complexos latentes não são o apanágio daquela gente habitualmente pacata e socessegada. (...) nós que já temos mais tempo de existência vivida cá em Portugal do que em Goa distante, não podemos deixar de constatar que, muito embora possamos estar satisfeitos por viver em Portugal e trazermos este país bem preso ao nosso coração, não conseguimos deixar de continuar a viver fascinados pela Goa dos nossos sonhos. (Valentino Viegas, “O feitiço de Goa”, in Goa, IIª série, nº 1, Janeiro de 1996: 23)

O núcleo central da representação identitária dos Goeses, tal como vista pelos outros indianos, foca-se na «natureza pacífica do goês»: visto como «sussegado» pelos indianos de língua inglesa, este traço saliente vai emblematizar a identidade goesa enquanto diferenciada de uma identidade indiana marcada por violentos confrontos religiosos entre hindus e muçulmanos.

*Goa assemelha-se muito à sua antiga metrópole PORTUGAL, e nessa medida tem uma identidade própria (...). Ali a milenária civilização indiana e a cultura ocidental transportada por Portugal há perto de quinhentos anos em simbiose perfeita, criando como produto o Goês actual e contrariando a afirmação feita por Rudyard Kipling de que 'Oriente é oriente e ocidente é Ocidente e os dois nunca se encontrarão.' (...) Goa tem – tal como este país [Portugal] uma vasta comunidade emigrante espalhada pelas sete partidas do mundo. Tendo herdado e retido diversos hábitos e costumes da sua ancestralidade, e mormente da religião e vivência hindu, o Goês dos nossos dias – seja ele hindu, muçulmano ou cristão (embora este em maior escala do que aqueles) – absorveu muito do colonizador fimgui (português, tendo hoje **uma maneira de ser e estar muito própria**. Os 'brandos costumes' do português repercutiram-se no goês com tal evidência que os falantes indianos (não-goeses) de língua inglesa, com especial relevo para jornalistas e cronistas, se sentem perfeitamente justificados em, com toda a naturalidade, anglicizarem a palavra 'sossegado' (grafando-a no entanto foneticamente, de sussegad – ou antes, susegad por em inglês um 's' entre duas vogais não adquirir o som de 'z') para caracterizarem a natureza pacífica do goês." (Jorge de Abreu Noronha, "A canção de Goa", in *Goa*, IIª série, nº 3, Julho de 1997: 12-13)*

A responsabilidade de manter e divulgar a identidade goesa surge associada à vaga da descolonização e, portanto, associada aos emigrantes goeses em África, forçados a uma segundo movimento migratório. Em Lisboa, filhos de Goa e filhos dos Goeses de África encontram-se com a **responsabilidade de «manter e divulgar uma identidade cultural própria ameaçada de se diluir nas gerações seguintes»**.

Podemos, assim, assinalar três momentos que, em nosso entender, constituem os marcos da sociedade goesa em Portugal.

O primeiro, até aos finais de 1961 onde aquela população era constituída por um escasso número de estudantes universitários – com tendência a crescer na fase final – e alguns quadros superiores na Administração Pública.

Um outro, onde o fluxo dos goeses após a soberania de Goa cresce consideravelmente e finalmente o retorno dos goeses das colónias portuguesas em África, mormente de Angola e Moçambique, na sequência da independência destes territórios.

*É neste quadro, quando o nível etário dos goeses das primeiras gerações a viver em Portugal se situa para cima dos quarenta anos é que se agudiza o sentimento de responsabilidade de manter e divulgar uma identidade cultural própria ameaçada de se diluir nas gerações seguintes. (Vernencar, "Dez anos depois", in *Goa*, IIª série, nº 3, Julho de 1997: 3)*

Esta **identidade em perigo**, em Lisboa, desta vez não pela ameaça do seu engolfamento no Maharashtra e na União Indiana (um perigo sentido como ultrapassado), ou pelo acelerado predomínio dos hindus de Goa sobre cristãos decadentes, passivos e em vias de «apagamento» cultural, mas pelo **desinvestimento identitário das segundas gerações, já nascidas e aculturadas em Portugal**, preocupa acentuadamente os que reflectem e escrevem sobre esta nova ameaça.

A fidelidade dos goeses à sua terra mãe é facilmente evidenciável pelas inúmeras Casas de Goa que existiram e existem nos quatro cantos do globo, muito antes da fundação da Casa de Goa em Portugal.

Apesar destes testemunhos vivos, muitos goeses, incluindo os sócios fundadores da actual Casa de Goa em Lisboa, olham para o futuro com pessimismo, como se vislumbrassem uma identidade condenada a uma morte anunciada. Afirmam e repetem doentivamente que depois desta geração o futuro da Casa de Goa está fadado ao seu desaparecimento. E os argumentos utilizados são abundantes. De entre os mais falaciosos podemos apontar um que parece querer fazer escola: a juventude pouco ou nada participa.” (Valentino Viegas, “A identidade de Goa”, in *Goa*, IIª série, nº 4, Dezembro de 1997: 9)

O que permanece confuso no texto citado é se se trata da morte anunciada da identidade goesa em Portugal ou apenas da morte anunciada da Casa de Goa, uma instituição protagonista que, por si só, não subsume a identidade Goesa em Portugal.

Uma outra dimensão da identidade em perigo tem a ver com o «corte do cordão umbilical” que unia os emigrantes para Portugal à mãe-Goa. O corte do cordão umbilical dos goeses portugueses com Goa (a «mãe» imortal, divorciada de Portugal e casada com a Índia, mas mantendo intacto o seu ser autónomo, a sua matriz identitária) prenuncia o corte do cordão umbilical da geração emergente, nascida em Portugal, com a identidade goesa ou afro-goesa dos seus pais e avós.

O encanto de Goa reside nesta multiplicidade. Goa não é Índia nem Portugal, é simplesmente Goa. Ninguém nos perguntou a nós, goeses, quando e onde é que queríamos nascer. Com muito orgulho afirmo que nasci em Goa, tenho a nacionalidade portuguesa e sou cidadão do mundo. (...) Não vamos confundir Goa com o núcleo de goeses residente em Portugal nem com a Casa de Goa. Os goeses residentes em Portugal, na sua quase totalidade são portugueses. O seu destino está irmanado ao de Portugal. Portugal é a sua terra adoptiva, mas não somos portugueses por adopção. Nascemos e crescemos portugueses. Somos portugueses na sua plenitude como ou melhor do que qualquer outro português. (...) O nosso caminho é o rumo que está a ser trilhado por Portugal (...) Goa seguirá o seu devir histórico e os goeses em Portugal decidirão o seu destino. (...) São caminhos próprios, caminhos que nem sempre vão desaguar no mesmo rio. Nasceram juntos, é certo, mas cortaram o cordão umbilical que os prendia. (Valentino Viegas, “A identidade de Goa”, in *Goa*, IIª série, nº 4, Dezembro de 1997: 11)

Face às complexas elaborações da identidade goesa, feita a partir de Portugal, **a Revista da Casa de Goa só muito marginalmente regista a presença da diáspora afro-moçambicana em Portugal**, a partir da intervenção não solicitada de um «africanista» que, numa Carta à Direcção recoloca a questão identitária na sua complexidade integral.

“(...) juraria que a maioria dessas dezenas de milhar são filhos e netos de goeses, que nas décadas de 50 e 60 partiram da terra-mãe para outra colónia mais promissora. Instalaram-se em Moçambique e deram cartas. Até se adaptaram a alguma discriminação, quando eram alcunhados pejorativamente por muitos brancos moçambicanos de monhés, canecos ou banianos. (...) Embarcaram com voluntarismo, com instrução e valores na bagagem, deixando na terra mãe um património de cultura e afecto. Não foram uns emigrantes quaisquer (...) Trabalharam, singraram e souberam estar. Não prescindiram do seu próprio espaço lúdico, cultural e desportivo. Em Lourenço Marques fundaram a Associação Indo-Portuguesa que mais tarde passou a denominar-se Casa de Goa. Os sócios já abarrotavam as instalações já de si amplas e, por diferença de

sensibilidades e interesses edificaram outras duas grandes casas – o Clube Desportivo Indo-Português e a Associação Auxiliar dos Mútuos Operários Goeses. Na Beira, fundaram o Oriental, o CRIP (Centro Recreativo Indo-Português), os Goanos (Grupo Desportivo dos Operários Goeses) e o Gabinete de Leitura (que era um autêntico gabinete de cultura). Que vida e esplendor tinham aquelas colectividades! Que tertúlias de classe, abrilhantadas por conjuntos de exímios músicos goeses, entre os quais os irmãos Diniz, Renato Silva, os San Remo, os Stolling Bones, os Rebeldes, os Apache, os Dakota e os irmãos Cunha! Em minoria ficava então o goês não associado a uma ou mais das colectividades. (...) Esta segunda geração teria direito a três passaportes afectivos – goês, pela memória genética; moçambicano pela naturalidade e meninice, português pelo que deve a Portugal. (...) Porque afinal ser goês é uma maneira de estar e sentir.” (Silva: 1997: 17)

Uma terceira dimensão desta identidade em perigo decorre de, mesmo na diáspora, uns goeses não reconhecerem outros, emigrantes em Moçambique (os «Canecos»), como goeses, em função da sua **maior ou menor distância a uma «goanidade» plena, não mestiçada culturalmente pelas vicissitudes dos enraizamentos diaspóricos.**

Os anos foram passando, deu-se a descolonização, a debandada exemplar, questionou-se a goanidade dos que se tinham enraizado em Moçambique, mas sobretudo dos que já tinham nascido neste território. (...) Estarão agora com idades na casa dos trinta, quarenta e mesmo cinquenta. São muitos, a maioria actualmente radicada e bem instalada na Grande Lisboa. Não entendem duas palavras de concanim e muitos nunca visitaram Goa. A grande parte tem um denominador comum: aprecia a melodia do concanim, não prescinde dos picantes e tem prazer de estar entre goeses. (...) pode agora começar a contabilizar-se o elevado preço cultural e de identidade da diáspora dos primeiros Canecos que eram muitos, mas deixaram uma prole ainda maior. Esta segunda geração teria direito a três passaportes afectivos – goês pela memória genética, moçambicano pela naturalidade e meninice, português pelo que deve a Portugal.” (Salinho da Silva, “O que é feito dos Canecos?”, in *Goa*, IIª série, nº 4, Dezembro de 1997, pag. 17)

Este tipo de debate virá introduzir **uma distinção entre «cultura» ou «folclore»** (materializada na intimidade da língua, na unidade dos usos e costumes, etc.) e **identidade**, esta última vista como incorporada e imaterial, isto é, como «uma maneira de estar e de sentir»

*Há uns meses, uma goesa natural de Goa e instalada em Lisboa desde há três décadas, ao aperceber-se da minha dificuldade em entender o folclore de Goa e o concanim, atirou-me esta: “a nós apenas nos liga a culinária”. Engoli em seco. Naturalmente, nunca poderia sentir como um indígena de Goa, mas fiquei frustrado por não ter respondido. Sentia que tinha a legitimidade de ser goês e não podia aceitar um atestado de falta de autenticidade passado por aquela “entidade”. Não me satisfazia o materialismo do não é, visto que não nasceste lá e não entendes o que digo. Porque, se o destino quisesse que os meus ascendentes não esbravassem novos horizontes, hoje seria provavelmente uma formiguinha, com os impostos em dia, a laborar em Margão, Benaulim ou outro canto do torrão natal. Porque afinal, **ser goês é uma maneira de estar e sentir.**”* (Idem: 17)

2.3 A objectivação da diasporização goesa pelos cientistas sociais Goeses

Embora em tão curto espaço não possamos desenvolver a dimensão histórica e económica da emigração Goesa, alguma coisa podemos desde já acrescentar. Gracias

(2000) chama a atenção que a emigração Goesa não é um fenómeno moderno e que a primeira grande vaga emigratória se deve à implantação dos Portugueses em Goa, a partir de 1510

Goan migration has never been uniform. It took shades. We may classify Goan migration into three main phases: The early initial migration to the neighbouring kingdoms, migration to the British India and Africa, and the postcolonial migration to the Gulf, the West (Europe and Africa), Australia and New Zealand). The first phase covers mainly the sixteenth and the seventeenth centuries. During this phase Goans migrated primarily to the neighbouring kingdoms. It was the aftermath of Christianisation of some parts of Goa and the religious policy of the Portuguese drove Goans away from Goa. (Gracias, 2000: 423)

Esta primeira vaga de refugiados políticos, de expatriados por razões económicas e de migrantes por razões sanitárias⁵ para os reinos vizinhos (Mangalore, Kanara) deve ter sido assimilada, uma vez que não se registam diásporas que se tenham mantido Goesas em tão longa duração.

Embora Gracias os insira nesta «primeira vaga», os que emigraram para o espaço lusófono em construção fizeram-no por razões claramente opostas.

During the first phase, Goans Christians also migrated to far away land (...) to Portugal, East Africa, Timor and Brasil. (..) Historical evidence also reveals that women from Recolhimento de Maria Magdalena were sent in the naus da Carreira da Índia to Brazil, Malaca, Pegu and Colombo as prospective brides for Portuguese soldiers or others who were working there. (Gracias, 2000: 424)

Do mesmo modo, Gracias desconsidera o que parece ser a primeira fase, ainda durante o século XVIII, da emigração para Portugal e, mais tarde, para outras capitais da Europa de um fluxo migratório de elites que, embora pouco numeroso, aumentou muito depois da implantação do liberalismo e veio a constituir o núcleo de «grandes homens» de que tanto se orgulham hoje os Goeses que, consecutivamente, os listam num Panteão de glórias.

Numerically, overseas migration was just a trickle in the early centuries of Portuguese rule in Goa. For example, about 48 Goans migrated to Portugal in the eighteen century for further studies in medicine, law and theology at the University of Coimbra (Portugal). (idem: 424)

A segunda fase migratória, de cariz sócio-económico, é atribuída ao século XIX e à primeira metade do século XX e processa-se em dois momentos muito diferentes. Primeiro, em luta contra Napoleão, o exército inglês ocupa Goa durante uma década (1799 a 1813) e falhada a tentativa de aí se manter, dado que o pretexto desaparecerá com a derrota de Napoleão em Waterloo, falhada também a tentativa de comprar Goa (1839),⁶ retirou para Bombaim, levando

⁵ Em fuga de vagas de epidemias que então se registaram em Goa.

⁶ A Companhia Inglesa das Índias Orientais, testa de ferro do Governo Britânico, ofereceu, em 1839, 500 mil libras esterlinas pela compra do Estado da Índia, com o pretexto de que o Governo português deveria pesada indemnização por ter protegido revoltosos indianos refugiados em Goa. O Governo português

consigo centenas de Goeses que entretanto os tinham servido em funções subalternas (cozinheiros, alfaiates, criados, marinheiros, aias, etc.). A segunda vaga de emigração durante o período de ascensão britânica do que viria a ser o Império Britânico «onde o sol nunca se punha», paralelo a um período de grande crise da economia portuguesa, decorreria do Tratado Anglo-Português de 1878, pelo quais os Ingleses assumiram a responsabilidade e os ganhos estratégicos e económicos da construção dos Caminhos de Ferro para ligar Goa ao resto da Índia,

recusou. O conflito com os Britânicos continuou em Moçambique, com a tentativa inglesa de ocupar *Delagoa Bay* e terras circundantes, recuperadas por arbitragem internacional do Presidente Francês, general Mac-Mahon, em 1875, o que permitiu definir a fronteira sul de Moçambique. Só no ano seguinte, D. Luis eleva Lourenço Marques a Vila (um ano antes do nascimento, com grande impacto mundial, do Império inglês, com a Rainha Victória como primeira Imperatriz) e em 1887, a cidade, tornando-se a capital, em detrimento (da ilha de) Moçambique, apenas em 1898. Este conflito altera o curso da política portuguesa até aí centrado no desenvolvimento das Vilas históricas (Moçambique, a capital, elevada a cidade em 1818, Quelimane, capital da Zambézia, cidade em 1842, e Inhambane).

Nesse mesmo ano (1887) é fundado o estabelecimento militar de Arêgua, embrião da feitoria da Beira (1889) e da futura cidade da Beira (1907), que nunca foi Vila mas que recebe forte impulso com o Tratado Luso-Britânico (1891), o qual impõe a construção do Caminho de Ferro da foz do Pungué à fronteira da Rodésia inglesa, o que leva à fundação da Associação Comercial da Beira (1893), acontecendo que dos 9 fundadores apenas um era português.

Tinha-se entrado no período conturbado da ocupação de África por exércitos europeus (a Inglaterra ocupa o Egipto em 1882; em 1884, a Alemanha funda em Berlim a Sociedade de Colonização Alemã e anexa o Sudoeste Africano, o Togo, os Camarões; Leopoldo II da Bélgica funda, ainda em 1884, a Associação Internacional do Congo, estabelecendo em 1885, o Estado Independente do Congo, sob sua regência; em 1885, a Espanha ocupa a Guiné Equatorial, etc.), processo acentuado pela **Conferência de Berlim** (1884-85) que não convidará Portugal e Espanha e declarará o que já estava a acontecer no terreno, a cessação dos direitos históricos substituídos pelo direito de ocupação (militar) efectiva. Até 1914, o Império Colonial Português ficou em perigo de ser partilhado entre a Inglaterra e a Alemanha, que estabeleceram um pacto secreto a esse respeito. O colonialismo ganhava, por algumas décadas (1885-1945), a sua legitimação política. A invasão, «atrasada» historicamente, da Tripolitânia e da Cirenáica (1911), bem como da Líbia (1935-36), pela Itália, antecede as duas Grandes Guerras, mas a rendição das tropas alemãs e italianas no Norte de África (1943) permitir levar a prática a **Carta Atlântica**, assinada por ingleses e americanos em 1941.

Começava a descolonização do Norte de África (fim do Império Italiano no Norte de África, a Etiópia, ex-italiana, é aceite como membro da Sociedade das Nações em 1945), o desmantelamento do Império Colonial Britânico (Índia, 1947; Egipto, 1952; Sudão, 1955; Costa do Ouro, 1957; Nigéria, 1960; Serra Leoa e Quênia, 1961; Zâmbia e Malawi, 1964). Os espanhóis e franceses saíam de Marrocos (1955) e a França da Tunísia (1961) e da Argélia (1962), pondo fim à guerra começada em 1954, o Portugal do Estado Novo pretende conseguir o que outros tinham desistido, a guerra nos territórios portugueses começara em 1961, em Angola, no mesmo ano em que Goa se tornou parte da União Indiana.

Durante umas décadas ainda governos «brancos» resistirão a este processo (República da África do Sul, *afrikaner*, abandona o Commonwealth; Rodésia do Sul, 1965, com Ian Smith, que nenhum país reconheceu e que voltou a estar sob a alçada britânica em 1979) até à derrota final (Portugal, 1974; África do Sul, 1992).

A Beira entra em grande expansão económica, finalmente portuguesa, estava o processo de auto-determinação das colónias já estabelecido pela Carta Atlântica, com a passagem da Companhia de Moçambique para a administração directa do estado português (1942) e com a compra aos ingleses da *Port of Beira Developments, Ltd.*, da exploração do Porto da Beira, no mesmo acto em que comprou igualmente na Bolsa de Londres a *Beira Railway Company* (1948), antecipando em 8 anos a data prevista para o final da concessão, contra a vontade dos ingleses que tinham proposto enretanto a sua prorrogação por mais vinte anos (até 1972).

A expulsão dos 40 mil indo-britânicos do Uganda, por Idi Amin, em 1972, marcará o início da «negritização» da África sub-sahariana (a partir de uma mensagem divina recebida pelo ditador) e o princípio do fim da forte presença indiana na costa oriental da África, levando, por arrastamento à emigração massiva dos indianos (hindus e muçulmanos, sobretudo, mas também milhares de goeses) do Quênia, Tanzânia e Malawi para uma Inglaterra a braços com o seu novo multiculturalismo, fruto da «colonização reversa» da Europa (Ballard) pelos seus ex-colonos.

conduziu milhares para a Índia Britânica (Bombaim, Karachi, Calcutá e Puna) bem como para a África Oriental britânica. Em 1880, mais de 29 mil goeses, predominantemente das Velhas Conquistas emigraram. Em 1910 seriam mais de 47 mil, cerca de 180 mil em 1954.⁷

As a result of Anglo-Portuguese Treaty, the British took the responsibility of building railways linking Goa with the rest of Índia, which improved the means of communication and transport and made traveling easy and fast. In addition, high cost of living, unemployment, better job opportunities abroad, social problems and lack of educational facilities can be cited as some factors that forced Goans to migrate. (idem: 425)

Embora começasse uma emigração de mulheres viajando sózinhas e de homens desacompanhados, nesta fase, em que também os hindús de Goa partiam, a maioria dos que foram para África eram católicos, mais ocidentalizados do que os Hindus. (idem, 425-6). O Governo português em Goa facilitou este fluxo migratório porque necessitava de emigrantes escolarizados para a sua rede colonial.

The Portuguese Government did not stop the flow of Goan migration. It appears that the State was in favour of such migration on account of economic conditions in Goa. The Santa Casa da Misericórdia de Goa provided funds to its members and their families who wished to migrate to Portuguese colonies of Angola, Mozambique and Cabo Verde. Goans also went to Portugal and other parts of Europe for further studies in medicine, law, engineering and other fields. (idem: 426)

Partindo de uma perspectiva anglocêntrica, em nenhum momento Gracias particulariza a emigração para Moçambique, acelerada a partir da viragem do século e, sobretudo, do final da Primeira Grande Guerra. Como outros intelectuais (Mascarenhas-Keys, 1990; Thomaz, 1994), omite-a ou considera-a irrelevante. Constatando o facto, não é aqui o momento para analisar os determinantes invisíveis dessa invisibilização.

A terceira vaga definida por Gracias é situada no período pós-colonial, a partir de 1960 e, portanto, já fora da influência da governação portuguesa e a autora dedica mais de cinco páginas à migração para o Médio-Oriente, de onde afluem os «petro-dollars». Nem um período é dedicado à emigração política dos milhares que sentiram a necessidade de abandonar Goa na sequência da absorção de Goa na União Indiana.

The third phase of Goan migration started (1960s) in the post-colonial period and is mainly of economic nature. Goan migration to the Gulf comes under this category. Goans have also been migrated to the West (Europe, Canada, USA and Brasil) as well as to Australia,

⁷ Faltando dados sobre a entrada de Goeses em Moçambique, uma vez que são subsumidos sob a vasta categoria dos «asiáticos», na sub-categoria dos «Índios», o *Relatório de Moçambique*, do Governador Freire de Andrade (1914) regista a entrada no Porto de Lourenço Marques, em 1907, de «3.446 europeus, 998 asiáticos e 37.364 indígnas. (...) Dos 998 asiáticos, foram 847 índios e 151 chineses, sendo destes 14 portugueses e 137 estrangeiros e daqueles 251 portugueses e 596 estrangeiros." (Freire de Andrade, 1950: 175). Entra 1 asiático para 3,5 europeus, seis «Índios» por cada chinês, 1 asiático português por cada 3 estrangeiros. Os goeses integram os 251 «Índios» portugueses, que incluem também os hindus de Diu e os muçulmanos de Damão (estes em muito menor número); os «Índios» estrangeiros chegavam predominantemente do Gujarat (comerciantes *lohanas* hindus, muçulmanos sunis e ismailis), falando a mesma língua que os «pedreiros» *Divecha* (os *Kania*, *Vandjas*, *Fudamias* e outras castas de Diu) (Bastos e Bastos, 2001).

New Zealand. Migration to the west is generally a permanent one. It is a result of socio-economic factors – to avail of better job opportunities, living conditions and educational facilities. (idem: 426)

Assumindo a permanência dos processos diaspóricos associados a emigrações de diferentes tipos (políticas, económicas, civilizacionais, de reunificação familiar, etc.), bem como a existência de políticas hegemónicas que colocam as identidades locais em grande desvantagem face às identidades globalizantes, Teotónio de Souza, salienta dois factos contrastantes: «Nenhumas identidades permanecem limitadas pelas fronteiras dos Estados nem existem culturas indiscriminadamente abertas». (Souza, 2000:489). No entanto, dá uma atenção muito mais acentuada às importações culturais que em Goa foram e vão sendo feitas a partir do exterior do que à diasporização da identidade Goesa, levando Goa a outros continentes e sofrendo aí influências diferentes das vividas em Goa. A influência portuguesa em Goa durante quatro séculos e meio é desconsiderada, como «excêntrica e carnalística» (idem: 490), e muitos dos Portugueses de Quinhentos eram «indesejáveis» da sociedade portuguesa que procuravam compensações na Ásia» (idem: 491) levando-o a considerar que o que existiu foi uma «Christianotopia romana» mas do que uma «Lusotopia» deixada em Goa pela presença colonial Portuguesa.⁸

Na sua definição de **identidade**, e ao contrário da antropologia pós-moderna, Teotónio de Sousa sublinha **o resultado da história**, a cultura, em vez se focar **o processo** identitário inter-étnico subjacente que se situa entre ambas, condicionando tanto uma como outra.

As I understand it, the identity of any community is basically made-up of its cultural uniqueness, including the environmental characteristics of the land of one's ancestors. The mother-tongue and the historical experiences of one's ancestral community are important constituents of that cultural heritage. (...) Language and soil are other essential components of identity. (Souza, 2000: 492-3)

No entanto, não desconhece que está a usar a perspectiva objectivista própria do positivismo materialista do século XIX e que «o novo nome da identidade na actualidade é a **subjectividade**».

⁸ Uma posição convergente com a de Gilberto Freyre (1958), quando opõe o «universalismo cristocêntrico» dos Portugueses aos «cristianismos etnocêntricos de feitio nórdico-protestante.» (Freyre, 1958: 14). É sabido que, com o seu apoio ao Estado Novo, Freyre caiu em desgraça, mas não convém deitar fora o bebé com a água do banho. Ao opor dois modos da religião, contra-corrente, estes autores põem em questão os malefícios da sociologia secular, que invisibilizou, em nome da «sociedade» durkheimiana, a influência mais cultural e subjectiva das crenças religiosas que suportam a diversidade das grandes áreas civilizacionais, deixando de um lado o protestantismo, os norte-europeus e o colonialismo de oitocentos e, do outro lado, os ibéricos, o familialismo e a expansão do «cristianismo universalista». Obviamente, não se trata de negar que os portugueses de Quinhentos usaram o poder e serviram os seus interesses, trata-se de afirmar que os interesses não eram bem os mesmos e que o uso do poder, apesar de largas sobreposições, não foi polarizado pelos mesmos ideais. Max Weber defendeu a mesma tese com «A ética protestante e o espírito do capitalismo» (1905).

The new name for identity in modern times is subjectivity. It implies twofold tension, namely between the individual and the communitarian and between its concrete reality in time and space and its universal concept extending beyond time and space. Modernity seeks to achieve a balance of these contending tensions through social regulations and social emancipation. (idem: 488)

E não lhe escapa a dimensão político-cultural dos modelos hegemónicos exportados e impostos pelas modernas políticas liberais, anti-comunitaristas, introdutores de «uma nova era de fanatismo, racismo e centro-centrismo» anglo-americano e norte-europeu.

The modern liberal politics favours the individual and the universal subjectivities, as against the community subjectivity. (...) A new era of fanaticism, racism and centro-centrism was brought into existence. The communities that did not correspond with the hegemonic model exported from Western Europe had no right to exist with dignity, or simply to exist. The western confessions of legal discourse set the criteria for individual and collective subjectivities. (idem: 488)

Tentando elaborar as inquietações acerca da sobrevivência da identidade goesa numa Goa que em certas épocas duplica a sua população com vagas de turistas, Sousa sublinha que grande parte desses «turistas» são expatriados e emigrantes de volta à terra natal ou onde nasceram os seus antepassados e que em grande parte a economia de Goa depende das remessas de divisas desses emigrantes.

Em Lisboa, o seu testemunho é relevante para os nossos objectivos: os processos dissociativos dos goeses tem a ver com uma herança de subtis rivalidades de uma sociedade de castas, baseada em sentimentos de superioridade que desvalorizam o «povo» goês como uma «ralé» e o levam a construir-se comunitariamente dispensando a ligação às elites.

How do Goans perceive themselves in Portugal? Caste prejudices are ever present. More than one cultural associations of Goans are based on subtle caste rivalries. Goans who have performed well and distinguished themselves do not show great interest in associating themselves with the hoi-polloi Goans (mob). These in turn may hate this superiority complex of their country-cousins. But such behavioural patterns are not unknown in Goa itself. (idem: 494-495)

2.4 A objectivação da identidade Goesa diaspórica pelos cientistas sociais em Portugal

Em 1992 viviam em Portugal cerca de 11 mil goeses católicos, segundo elementos produzidos a partir de um inquérito conduzido por Jorge Malheiros (1996, 2000)⁹. Um estudo comparativo de quatro grupos etno-religiosos de genealogia indiana, emigrados para Portugal depois da descolonização de Moçambique, numa «diáspora de

⁹ Malheiros, Jorge Macaísta, *Imigrantes na região de Lisboa. Os anos da mudança*, Lisboa: Colibri, 1996, e “Emigrantes da região de Lisboa - Os anos de mudança”, Circulação imigratória e estratégias inserção local das comunidades católica goesa e ismaelita, *Lusotopie*, Paris, 2000.

terror» (Appadurai, 1998), eminentemente involuntária, imprevista e forçada pelas circunstâncias da revolução histórica então processada.

	PORTUGAL		A. M. LISBOA			OUTRAS REGIÕES	
	N	%	N	%	CONCENTRAÇÃO	N	%
GOESES	11.000	33.0	6.000	22.9	54.6	5.000	70.4
HINDUS	8.800	26.4	8.000	30.5	90.9	800	11.3
MUÇULMANOS	7.900	23.7	7.600	29.0	96.2	300	4.2
ISMAILIS	5.600	16.8	4.600	17.6	82.1	1.000	14.1
TOTAL	33.300	100	26.200	76.7		7.100	100

Fonte: Malheiros (1996: 141), dados re trabalhados

O primeiro dado demográfico mostra que os goeses constituíam o conjunto identitário mais numeroso (cerca de 11 mil, 33% dos que tinham chegado). Não eram, no entanto, predominantes na Área Metropolitana de Lisboa, dado que, ao contrário dos outros, quase metade (45,4%) se dispersaram pelo País. Esta diferença estratégica pode ter dois determinantes, o religioso e o profissional. Sendo na sua grande maioria católicos, podiam integrar-se na malha paroquial pré-existente, cobrindo a metrópole, enquanto que os outros, centrados em religiões e seitas muito minoritárias, se congregaram em torno dos templos que criaram de raiz (a Mesquita da Praça de Espanha, o Rada-Krishna Mandir, o *Jamatkana* incluído no Centro Cultural Ismaili), na medida em que esses Templos funcionavam como agregadores identitários em torno dos quais se reforçavam redes inter-familiares, se processavam rituais e orações, casamentos endogâmicos e negócios. Por outro lado, sendo sobretudo funcionários administrativos e profissionais liberais e não comerciantes, possivelmente muitos foram colocados ou tiveram que procurar novos postos de trabalho nas redes periféricas do funcionalismo público e autárquico ou da rede bancária e de seguros. Maior integração associou-se assim a menor congregação espacial, a maior dispersão territorial e a menor capacidade de defesa do património identitário, facilitando o reforço dos dispositivos segmentários herdados dos localismos e da organização por clubes que se diferenciavam em termos de estratificação por castas ou níveis estatutários e profissionais, tal como existiam em Moçambique, bem como um aumento dos casamentos mistos privilegiadamente com 'brancas'.

Esta diferenciação, conhecida de todos em Moçambique, e que era emblemática de posicionamentos sociais contrários, originava estratégias opostas ácerca da aquisição

de um capital social baseado ou não no aumento da escolaridade e quanto a uma entrada no mercado económico e profissional marcada nuns pela procura do risco com potenciais maiores de ganho (no caso dos comerciantes com economia familiar, quer nuclear, quer múltipla ou extensa, envolvendo pais e filhos, grupos de irmãos e, por vezes tios e primos), competindo mais frontalmente com os 'brancos' enquanto que outros optavam pela segurança, associada à dependência, à submissão diplomática e ao 'low profile', preferindo servir a camada hegemónica a competir directamente com ela.

	GOESES	HINDUS	MUÇULMANOS	ISMAILIS
	%	%	%	%
ENSINO SUPERIOR	13.5	2.2	0.8	1.6
FREQ ^a DO ENS. SUPERIOR	11.8	3.1	3.7	4.5
1 + 2	25.3	5.3	4.5	6.1
CURSO MÉDIO	8.8	2.1	3.3	0.7
ENSINO SECUNDÁRIO	22.9	13.3	13.9	14.4
FREQ ^a ENS. SECUNDÁRIO	23.2	14.9	26.9	31.2
3 + 4 + 5	46.1	30.3	44.1	47.3
CICLO PREPARATÓRIO	10.4	15.9	16.5	10.8
ENSINO PRIMÁRIO	1.7	13.3	5.1	6.3
SABE LER E ESCREVER	7.1	28.4	25.3	27.1
6 + 7 + 8	19.2	57.6	46.9	44.2
ANALFABETOS	0.7	6.8	4.5	3.4
TOTAL (N)	297	585	490	443

Fonte: Malheiros (1996: 142), dados retrabalhados do Inquérito de 1992

Os dados recolhidos mostram que os goeses vindos de Moçambique para Portugal evidenciavam um perfil de habilitações escolares muito superior aos dos restantes grupos etno-religiosos e certamente superior ao perfil dos 'brancos' de Moçambique e até mesmo do Portugal continental. Os dados falam por si: tinham com ensino superior uma percentagem 8 a 17 vezes superiores à dos outros e os outros tinham taxas de analfabetismo 5 a 10 vezes maiores.

	GOESES	HINDUS	MUÇULMANOS	ISMAILIS
	%	%	%	%
QUADROS / PR. LIBERAIS	36.6	0.3	3.4	5.2
TRABS. ADMINISTRATIVOS	39.0	1.6	3.4	2.6

PREST. SERVS.EMPRESAS	16.5	4.1	9.7	7.9
1 + 2 + 3	92.2	6.0	16.5	15.7
COMERCIANTES	3.7	46.2	63.7	65.1
HOTELARIA E RESTAURS	1.8	1.9	9.3	8.3
VENDEDS. AMBULANTES	0.0	11.6	1.3	3.5
SERVS. DOMÉSTICOS	0.0	1.6	3.8	4.8
TRANSP / COMUNICAÇÕES	1.2	0.9	0.0	0.9
IND^a TRANSFORMADORA	0.6	2.8	2.5	1.3
CONSTRUÇÃO CIVIL	0.6	28.9	3.0	0.4
AGRICULTURA	0.0	0.0	0.0	0.0
TOTAL (N)	164	318	237	229

Fonte: Malheiros (1996: 142), dados retrabalhados

Sendo evidente que os índices de escolaridade eram bem superiores aos da população portuguesa, convém referenciar que a comunidade goesa emigrante tem origem nas populações melhor preparadas, vindas de Goa, a qual tinha uma tradição herdada dos Seminários e das Escolas liberais do século XIX de formar quadros (padres, médicos, advogados, etc.) para toda a Índia e para as colónias que, como Moçambique, até ao Marquês de Pombal, eram governadas a partir de Goa.

Concomitantemente, a distribuição profissional evidencia a diferença de estratégias de anichamento social, divergindo os Goeses para os cargos administrativos e liberais que os ligavam ao aparelho de Estado e os outros para a formação de «minorias intermediárias», comerciais, em Moçambique cobrindo o mundo urbano (cambistas, grossistas, lojistas, vendedores ambulantes e proprietários e empregados de hotelaria e restauração) e a rede rural (cantineiros) e na Área Metropolitana de Lisboa, ocupando eixos viários (como a Almirante Reis e o Martim Moniz) e expandindo-se a pouco e pouco para outras áreas (Avenidas Novas, etc.) ou formando núcleos suburbanos, a norte e asul do Tejo.

3. Etnicidade e Identidades Colectivas: Dos Discursos Identitários aos Enquadramentos teóricos

É neste ponto que a retórica identitária destilada na revista da Casa de Goa se distancia da **concepção oitocentista de «cultura», portada pela Ciência do Folklore** (essencializante, enraizada nas Origens, imutável, museologizável, ritualizável, e destilada numa essência objectivável, neste caso a «Goanidade» que poderá, num círculo vicioso, ser *a posteriori*, folclorizável e industrializada turisticamente, dando

origem à (re)invenção da Tradição (Hobsbawn e Ranger, 1983). Aproxima-se então das concepções mais próximas da actualidade, todas elas configuradas depois da Segunda Guerra Mundial, numa altura em que o **mundo descolonizado** (em grande parte) processou dois fluxos contraditórios: por um lado, a **globalização** capitalista e liberal das periferias do sistema-mundo e, por outro lado, a **colonização reversa** da Europa e suas extensões civilizacionais pelos seus ex-colonizados africanos, asiáticos e sul-americanos bem como o **reaparecimento na cena histórica do «Nativismo» e dos «Nativos»** que o período anterior dera por exterminados ou museologizados em reservas folclóricas.

Nesta «viragem subjectivista» que dá o primado aos processos identitários, à sua articulação com as emoções identitárias (a vergonha e a honra, ou respeito mútuo, o ressentimento e a reconciliação, a admiração e a competição identitária, etc.) ao trabalho da memória e da imaginação, começa a ser claro, com que as Nações não são entes materiais mas «comunidades imaginadas» (Anderson, 1983), uma perspectiva que nos afasta da sociologia e do direito e pede novos instrumentos, vindos da psicanálise, da psicologia social e da antropologia da etnicidade e dos processos identitários.

Com Tajfel (1981), é focalizado que as identidades colectivas se fundam no processo cognitivo-emocional de categorização (Allport, 1954), dando origem a categorias (políticas, étnicas, mas também religiosas, regionais, intergeracionais e de género, positivadas e negativizadas) mobilizadas em processos de «comparação» (e, portanto, de competição identitária), para produzir a imagem de «identidades positivas» a favor do grupo enunciativo (teoria C-I-C). São deste modo retomadas questões por um tempo «apagadas», como a percepção que as identidades colectivas são sustentadas por processos (o nacionalismo, a etnicidade) que os racionalistas sentem como «vexatórios» (Weber, 1922), como o «etnocentrismo» (Sumner, 1906) e o «egocentrismo» que conduz ao «narcisismo das pequenas diferenças», subjacente à rivalidade entre grupos nacionais ou étnicos (Freud, 1930), processos predominantemente «emocionais», o que conduz a uma transformação da sociologia clássica na direcção da assumpção integrativa que «as emoções constituem as dimensões psicológicas das relações sociais assim como as relações são os aspectos sociais das emoções.» (Scheff, "Emotions and Identity: a theory of interethnic relation", in C. Calhoun, *Social Theory and the Politics of Identity*, 1996: 298), fundamento epistemológico do estudo das «representações sociais» (Moscovici, 1989) e das «estratégias identitárias» mobilizadas pelas minorias étnicas em contextos migratórios (Camilleri et al., 1990).

Na antropologia da etnicidade é Barth (1969, 1998) que vem formalizar estes processos imateriais que articulam os actores sociais com os seus grupos de pertença, contestando a visão sócio-anropológica clássica que «o mundo pode ser descrito de modo útil como uma série de entidades chamadas sociedades», em que cada destas entidades deveria ser analisada a partir de um paradigma estrutural-funcional para evidenciar a sua ordem sistemática e integração funcional» (1998: 5), de um modo que conduz à produção de reificações retóricas presentes na discursividade popular com que as pessoas interpretam a sua experiência bem como na retórica política dos activistas étnicos. A ruptura de Barth tem a ver com a passagem de concepções estáticas (atomísticas, organicistas e mecanicistas, formalizantes, isto é, «descritivas de formas manifestas», essencializantes) para concepções dinâmicas, baseadas na detecção dos «processos pelos quais grupos étnicos são formados e tornados relevantes na vida social». A ruptura com a antropologia estruturo-funcionalista e museológica é radical, na sua proposição de uma «concepção pós-moderna da cultura»:

To do so, we were looking for something like mechanisms, not for descriptions of manifest forms. We were trying to see social organization as emergent and contested, culture as something characterized by variation and flux, and to think of cases of relative stability in ethnic and other social relations as being a much in need of explanation as cases of change. (Barth, 1998: 5)

O projecto de Barth é claro. Trata-se de enfatizar que:

- *"a etnicidade é uma questão de organização social, acima e para além de questões de diferenças culturais empíricas: trata-se da «organização social da diferença cultural»*
- *a identidade étnica é uma questão de auto-adscrição e de adscrição feita por outros e não um constructo do analista baseada na sua construção da «cultura» grupal*
- *que as características culturais mais relevantes são as que estão conectadas com as fronteiras: os elementos diacríticos pelos quais os membros são sinalizados e os padrões culturais que os próprios actores usam para avaliar e julgar as acções dos seus co-membros étnicos, implicando que estes se vêem a si próprios como «jogando o mesmo jogo».*" (idem: 6; t. n)

No terreno, há que prestar atenção:

- *«não ao «recheio cultural», (...) mas aos materiais culturais que os próprios actores posicionam para construir as suas identidades e acções e não aos materiais culturais seleccionados pelo analista para caracterizar diferenças culturais que possam persistir entre duas populações;*
- *em «contextos de conflito étnico há que focalizar o nível meta-étnico, questionando como é que os conflitos podem ser manipulados para reforçar posições de liderança, não apenas as questões culturais substantivamente referenciadas no discurso;*
- *ao analisar o activismo político, optamos por perspectivar esses grupos como envolvidos numa luta social orientada pra mudanças significativas e não para a revitalização de uma herança inalterada de traços culturais originários.*(idem: 6-7)

Enquanto que Barth enfatiza os **processos de «dicotomização sistemática» entre grupos, criadores de «fronteiras identitárias»** que permitem a sua perpetuação

grupai, bem como a entrada de estrangeiros e a saída pragmática de indivíduos e famílias, como acontece na emigração que origina as «diásporas de esperança», bem como as «diásporas de terror» (Appadurai, 1998), Erikson enfatizara, a partir da psicossociologia psicanalítica, a importância dos **processos de reconhecimento mútuo intergeracional**, entre as gerações mais velhas e os adolescentes, sem os quais se formam **identidades negativas** em membros não-reconhecidos (Erikson, 1968), e Roosens (1994) complexificará os debates entre essencialistas e constructivistas salientando, para complementar Barth, que a identidade tem duas raízes, uma virada para fora, para dicotomização sistemática com grupos vizinhos ou rivais e uma outra genealógica, vinda de dentro, apoiada nas redes familiares e na sucessão das gerações.

Em Portugal, Bastos (2001, 2009), promovendo uma antropologia post-estruturo-funcionalista, estrutural-dinâmica, tem vindo a salientar que a «identidade», um processo simultaneamente instável nos indivíduos e estabilizador na construção de identidades colectivas, através dos processos de dicotomização sistemática que conduzem á formação das fronteiras identitárias, pode ser melhor definida, tanto nos indivíduos como nos grupos, como «o processo, e o seu resultado acumulado, de luta pela vida, orientado para o futuro», isto é, para a sobrevivência, a competição e a auto-realização promotora da auto-estima. O que faz com que os interesses dos indivíduos só parcialmente convirjam com os de outros indivíduos e com os interesses do seu grupo de pertença,¹⁰ segmentados pela organização interna de diversas sub-identidades em competição. E que o interesse do grupo de pertença seja perspectivado de forma diferente em função de experiências de vida diferentes, o que dá origem a organizações identitárias segmentárias e a «debates identitários» externos (Bastos e Bastos, 2001, 2005, 2007) e internos, como no caso vertente, orientados para a auto-confirmação, para o estabelecimento de alianças identitárias diversificadas e para a afirmação de uma superioridade imaginária, isto é, identitária.

¹⁰ Bastos (1996, 2000, 2002) demonstrou a existência de uma percentagem variável de **indivíduos desidentificados com a sua identidade nacional atribuída juridicamente**. No caso português, cerca de 10% dos 1.043 entrevistados, constituindo um amostra sociológica representativa. No entanto, a emigração e a competição identitária em contextos inter-étnicos parecem reforçar discursos «patrióticos» eminentemente 'lusu-tropicalistas', na medida em que insistem na grande diferença entre valores e tipos de carácter dos norte-europeus (ingleses) e dos portugueses, colectivamente considerados (Bastos e Bastos, 2001, 2005, 2007).

Capítulo 4 Complexidades da identidade goesa vista pelos «Goeses da Beira» e seus descendentes, em Portugal

4.1 Memórias da vida em Goa, antes da emigração para Moçambique

Dos Goeses que entrevistámos, alguns ainda se lembram da vida em Goa, no pós-guerra. Muitos deles ainda têm família lá. A referência é principalmente feita a Pangim, embora houvesse quem tivesse familiares nas aldeias. Tanto os de classe média (funcionários) como os de estrato menos favorecido (pescadores), contam uma vida de miséria, com escassez de empregos e salários muito insuficientes, sobretudo quando estava em causa apoiar familiares, como era tradicional fazer.

Nasci em Goa vim pequena com os meus pais para Moçambique, hoje vivo em Setúbal, o que guardo da terra onde nasci, são as vivências da vida piscatória como sustento... Lembro-me do meu pai chegar a casa com peixe apanhado na hora, para a minha mãe fazer o caril... Viémos à procura de melhores condições, mas os meus pais já tinham outros irmãos em Moçambique, também pescadores. Nós éramos uma comunidade de pescadores. [E3 (M, G2, G-M-L)]

A vida em Goa era de miséria, não havia empregos e eu embora fosse funcionário dos CTT, tinha um vencimento de 80 rupias, que não chegavam para ajudar a minha mãe e irmãos, além do chá Panim só dava para comer (Baji-puri e bojás), daí ter que procurar melhores condições de vida. Ainda sei falar concani e sou devoto de S. Francisco Xavier (...) a minha migração para Moçambique deveu-se à má condição de vida em Goa e a necessidade de poder ajudar a minha família. [E4 (M, G1, G-M-L)]

Goa não tinha recursos de subsistência facto pelo qual houve necessidade de procurar outras paragens. Sendo Moçambique uma colónia portuguesa e estando mais próxima do lado do Índico, além de já se encontrarem lá familiares e conhecidos, foi a opção para a imigração. A saída de Goa verificou-se ainda tinha eu tenra idade (6 anos) pelo que não tenho muito que contar sobre a minha vivência nessa terra... [E19 (M, G1, G-M-L)]

Diferente era a condição das elites, dos «filhos de médicos» e de outros, mais privilegiados, que podiam vir estudar directamente em Portugal e fazer carreiras técnicas na Europa.

Nasci em Goa (Margão), o meu pai era médico e a minha mãe doméstica, vivi e estudei em Pangim, no liceu de Goa. Na vivência familiar a língua falada era o português e o modo de vida era culturalmente o europeu (português). Os meus pais, no relacionamento com terceiros falavam Concanim, que era linguajar corrente de grande parte da população goesa... [E8 (M, G1, G-L)]

Os goeses que emigraram para a Beira e aqueles que vieram directamente para Portugal, para estudar ou trabalhar, sentem-se como muito diferentes. Os primeiros são

emigrantes, os segundos não se consideram emigrantes, distinguindo-se assim dos que passaram por Moçambique. Um outro aspecto diferencial parece ser a sua muito mais elevada circulação internacional, com maior contacto com a Europa, a União Indiana e Goa destes últimos, bem como a sua posição de classe, baseada nos estudos superiores a que acederam ou mais ainda, nos estudos superiores dos pais.

Não tenho propriamente uma história migratória. Não vim para Portugal reconstruir a minha vida. Eu sou goês e agora vivo em Portugal. Em 1960 vim estudar para Portugal, fui aluno do curso de engenharia no Instituto Superior Técnico. Por me sentir do lado oposto às greves estudantis de 1962, fui para a Alemanha estudar electrotecnia, cujo curso conclui em 1968. Empreguei-me na empresa alemã SIEMENS e em 1971 fui colocado na filial de Bombaim onde vivi até 1993. Nesta cidade da União Indiana casei com mulher goesa dotada de curso superior, acentuou, de quem tive duas filhas, ambas, também com curso superior. Trabalhei em Portugal de 1993 a 2006, na mesma empresa onde iniciei a minha actividade profissional. [E8 (H, G1, G-L)]

Vim directamente de Goa para Portugal estudar... Nunca fui uma imigrante, nem me considero tal, vivi em território português, Goa, vim estudar para Portugal, sou Hindú tenho a minha vida em Portugal e regularmente vou a Goa visitar a minha família. (...) Guardo a cultura goesa, nas vestes, nos hábitos e no sentimento. Frequento regularmente a Casa de Goa, onde estou ligada às suas iniciativas, Vim de Goa para Portugal, convivo com as duas culturas, respeitando as diferenças.” [E7 (M, G2, G-L)]

A vida na Índia e, nomeadamente, em Bombaim era também uma vida de miséria, o que levava os que podiam a emigrar para a costa oriental de África, onde muitas vezes já os esperavam familiares e futuros cônjuges de casamentos aprazados.

Nasci em Pangim, no ano de 1933, os meus pais morreram, era eu pequeno e fui para o Orfanato S. Francisco Xavier. Em 1944 fui para Bombaim de onde sai aos 16 anos para Moçambique. Na Índia só me apercebi da miséria da maioria das pessoas. Onde havia discriminação social. (...) Fui para Moçambique aos 16 anos, onde tinha família. Trabalhei na estiva para uma firma Sul Africana e só convivia com os vizinhos goeses. (...) De Goa para Bombaim, daí para Lourenço Marques e em 1975 com a independência vim para Portugal.” [E2 (M, G1, G-B-M-L)]

Vim de Goa para Moçambique para casar. Vivi na Beira casada e cheguei a Portugal enuiuvei. Vim de Moçambique para Portugal, não só pelas condições de vida que lá tinha e porque a minha filha vinha para Portugal casar. [E5 (M, G1, G-M-L)]

Em Goa haviam grandes diferenças sociais e etno-religiosas, de tal modo que **a identidade portuguesa era também etno-religiosa, católica**. A identidade católica era reforçada pela devoção a S. Francisco Xavier, um santo promotor da identidade goesa, que era também venerado por hindus e muçulmanos. «Nos hindus eram as castas e nos católicos, lá como cá, o estatuto social.» No estatuto social mais elevado, «o modo de vida era culturalmente o europeu (português)» e virá dar origem a um número maior e mais bem aceite de casamentos com Europeus, na geração mais nova.

Vim em companhia dos meus pais, que procuraram em Moçambique uma vida melhor e foi aqui, na Beira, que estudei e casei com um Goês, funcionário da Fazenda.. (...) Nasci em Goa, cresci em Moçambique-Beira, mas metade da minha vida (34 anos) estão passados em Portugal. Tenho família em Goa, o meu marido porque já foi adulto para Moçambique, estudou em Goa e fala Concanim, as minhas filhas, uma casou com um Francês e vive em França, outra casou com um português, é a solteira que nos acompanha mais. Não temos qualquer relação com a Beira, só com os Beirenses que estão cá. Familiares só tenho em Goa. [E1 (M, G1, G-M-L)]

Nasci, cresci, tornei-me adulto em Goa... foi lá que adquiri a minha identidade cultural, os hábitos, costumes e o modo de estar com os outros. Em Goa as identidades eram múltiplas (os Hindús e as suas castas, os muçulmanos (poucos) e o seu modo de vida e, por fim os católicos como eu, que apesar de ter nacionalidade portuguesa e funcionário dos CTT, senti na pele o peso da estratificação social existente - igualdade só na "igreja". [E4 (M, G1, G-M-L)]

O modo de vida em Goa era muito restritivo, mas respeitavam-se as crenças, porque diferenças havia. Nos hindus eram as castas e nos católicos, lá como cá, o estatuto social... [E4 (M, G1, G-M-L)]

Num mundo marcado pela diversidade etno-religiosa e de estatuto social, a vida familiar constituía o principal organizador do modo de estar goês. Todos falavam concanim, a língua pública, mas na vida familiar era o português que dominava, marcando uma diferença forte entre espaço familiar e espaço público. Os homens trabalhavam, as mulheres, geralmente, não trabalhavam e esperavam casamentos, frequentemente combinados.

Nasci em Goa há 80 anos (em Pangim), onde vivi com os meus pais até à idade de casar. Casei na Beira onde vivia o meu marido e onde encontrei. A minha vida em Goa era normal, a minha mãe era doméstica e o meu pai trabalhava, falavam Concanim e português. [E5 (M, G1, G-M-L)]

4.2 Memórias da vida em Moçambique e, nomeadamente, na Beira

Os filhos de Goeses que já nasceram na Beira acrescentam outras memórias, transmitidas pelos pais. Famílias de onze filhos, inserção nos níveis menos favorecidos (rurais e piscatórios) viviam vidas difíceis e esperavam de Moçambique alívio para a vida de miséria.

Eu nasci em 11.02.48, em Quelimane/Moçambique. Os meus pais nasceram em Goa e lá casaram antes de emigrarem para Moçambique, na procura de melhores condições de vida. O meu pai era pescador, mas segundo ele me contou, tinha um tio (em Goa), chefe de aldeia (tradicional). [E16 (M, G2, M-L)]

Nasci em Moçambique, na Beira o meu pai falava da vida difícil de Goa... que tinha muitos irmãos...uns onze.. [E18 (M, G3, M-L)]

Talvez porque provinham de classes baixas que, por isso emigravam para ganhar a vida para si e para os seus, talvez porque os pais tinham virado as costas a vidas difíceis,

alguns filhos da Beira, de origem goesa, referem a escassez de informação e de memórias que os pais lhes transmitiam.

Os meus pais nasceram em Goa e emigraram para Moçambique por volta dos anos vinte, tentar uma vida melhor... pouco me falaram da sua vivência em Goa. [E6 (M, G1, M-L)]

Mais do que uma «identidade goesa» era-lhes transmitido pelo fechamento familiar e pelos costumes mantidos no dia a dia (a educação, a culinária, a religião) uma «goanidade» vivida, um certo modo de estar e de conviver.

(...) a comunidade goesa era muito reservada, os goeses lá como cá alinham nas castas, ainda que o sonquem. Goês casava com goesa, por exemplo os meus pais casaram por procuração, a noiva (minha mãe) teve de vir de Goa porque em Lourenço Marques o meu pai não encontrou noiva à altura. [E14 (M, G2, M-L)]

Os meus pais nasceram em Goa onde vive ainda a maior parte dos meus familiares. Falaram da vida difícil em Goa e na Beira encontraram condições de vida que lá não tinham. A única coisa que os ligava à cultura goesa e me transmitiram foram as bases de educação, culinária, a religião... [E10 (M, G2, M-L)]

Os meus pais vieram de Goa para Moçambique (Beira) onde nasci em 1955. Sinto-me goês, nasci goês, filho de goeses, conservo os hábitos de vivência e culto dos meus pais, na religião (católica) e na gastronomia (cá em Portugal, sempre que posso) tento, mas sem sucesso, transmitir esses princípios às minhas filhas. [E13 (M, G2, M-L)]

Esta goanidade íntima era reforçada pela reserva das esposas, que conviviam em redes restrictas de goesas, bem como pela selecção dos convívios dos filhos e, principalmente, das filhas que, desejavelmente era mantido entre familiares e redes de amigos.

A minha relação era limitada à família, tínhamos mainato e uma criada africanos...quanto à minha relação com os outros, era com colegas de trabalho (poucos) e outras famílias de origem goesa. [E1 (M, G1, G-M-L)]

Nasci na Beira, Moçambique, era pequena quando vim para Portugal com os meus pais (tinha 12 anos). Tinha pouco convívio com os meus colegas da escola, brincava mais com as minhas primas nas nossas casas. [E11 (M, G2, M-L)]

Os meus pais vieram de Goa para Moçambique, pouco me falaram do seu passado em Goa. Nasci e cresci na Beira, no bairro Pais Ramos, na escola tinha poucas amigas, eram todas de origem goesa, era só com quem me dava. Na escola e em casa só convivia com amigas goesas num ambiente muito restrito. Era muito reservada. Na maior parte do tempo estava em casa, os meus pais eram muito conservadores e só saía com eles, que só se davam com outras famílias de goeses. Lá estudei e vim para Portugal em 1978, apesar de ter vivido na Beira 25 anos. [E12 (M, G2, M-L)]

A separação dos sexos era marcante. Os homens conviviam entre si preferencialmente fora de casa, sobretudo em clubes ou associações frequentadas por goeses católicos. As relações com os hindus do Gujerate e de Diu eram distanciadas também porque estes se isolavam o seu grupo etno-religioso e nos seus comércios familiares, vivendo, portanto, em círculos profissionais diferenciados.

Culturalmente, o comportamento marcante dos goeses assentava no pilar em que a mulher doméstica era reservada... ao contacto com amigas da família (goesas) ou familiares e os homens geralmente encontravam nos clubes ou associações frequentadas por goeses católicos. Os hindus isolavam-se mais, estavam quase todos ligados ao comércio de núcleos familiares. [E10 (M, G2, M-L)]

O fechamento familiar e comunitário em redes de convívio e associações goesas tinha como contrapartida uma elevado controle social, uma forte intromissão na vida privada, limitando a diferenciação e a aquisição de costumes que iam ganhando espaço entre os jovens mas que eram mal-aceites pela comunidade, ciosa da identidade do seu modo de vida e da «superioridade» da sua moral. O afastamento defensivo contra a intrusividade comunitária, no entanto, não alterava a goanidade familiar, vivida no dia a dia, antes a reforçando. O fechamento «comunitário», baseado na auto-suficiência das redes interfamiliares podia assim aceitar no seu seio o fechamento familiar.

Estudei e cresci na Beira, sempre que podia independizava-me, porque os goeses têm a mania de querer saber todas as informações pessoais a meu respeito e invadem a minha privacidade. Não frequento igreja, contudo ainda gosto da comida goesa, feita pela minha mãe e nos restaurantes, pois não frequento os encontros nem festas goesas devido ao que acima referenciei. Concluo dizendo que os goeses são muito curiosos e até mesmo intrometidos. [E17 (M, G3, M-L)]

4.3 A construção da identidade goesa em Moçambique, em confronto com a pluralidade inter-étnica

Este fechamento era, no entanto, relativo, porque mesmo entre os Goeses a estratificação social, herdeira da distanciação das castas, em Goa, dispersava os Goeses por diferentes Clubes e Associações socialmente hierarquizadas no **imaginário identitário** e nas práticas sociais.

Na comunidade de origem goesa os funcionários públicos julgavam-se superiores relativamente aos operários, aos pouco instruídos e aos trabalhadores por conta de outrem, e aos comerciantes que eram maioritariamente “monhé. (...) Os goeses católicos tinham os seus clubes, principalmente na Beira e em Lourenço Marques e havia invejas entre eles. Os da “Catembe” – filhos de pais pescadores - eram considerados inferiores. (...) Os Hindus (não portugueses) eram poucos e todos comerciantes. Muçulmanos havia poucos e no interior. [E16 (M, G2, M-L)]

Excluindo as relações que devido a minha profissão mantinha, como funcionário da Fazenda Pública, com africanos pouca relação havia. A maior parte do tempo livre era ocupado na relação familiar, no apoio incondicional nas tarefas escolares das minhas filhas, levá-las aos jardins, parques, praia... De vez em quando encontrava-me no CRIP (Centro Recreativo Indo Português) essencialmente nos convívios para goeses.... uma vez ou outra fui a alguns eventos organizados nos “GOANOS”, Clube dos Operários Goeses, curiosamente onde seria apresentado aquela que viria a ser a minha esposa. O meu convívio com outras etnias, primava pela raridade, o que era comum na comunidade Goesa da Beira. [E4 (M, G1, G-M-L)]

Esta «política das associações» facilitava a compartimentação social e uma certa territorialidade étnica ou de classe, mesmo entre os Goeses.

Frequentei o Colégio Nuno Álvares, depois fui para o Liceu onde estudei até ao 5º ano. 70% dos alunos eram brancos, o resto eram goeses e poucos africanos ricos. Em Quelimane havia goeses vindos das Maurícias (mas poucos) que trabalhavam na indústria. (...) Os Hindus (não portugueses) eram poucos e todos comerciantes. Muçulmanos havia poucos e no interior.... Como goês católico não tive conhecimento enquanto vivi em Moçambique da Lei do Indigenato, mas goeses não casavam com africanos(as). Só conhecia filhos de mãe negra e pai branco. Os goeses católicos tinham os seu clubes, principalmente na Beira e em Lourenço Marques e havia invejas entre eles. Os da “Catembe” – filhos de pais pescadores - eram considerados inferiores... [E16 (M, G2, M-L)]

A tensão inter-racial, quando era sentida como dirigida também dos «brancos» contra os Goeses conduzia a uma reacção de orgulho identitário que não se inibia de pejorativar a etnia politicamente dominante e até de lutar contra ela.

Moçambique era de todas as colónias portuguesas onde havia mais racismo, chamaram-me algumas vezes “caneco de merda” e nos anos sessenta cheguei a ter problemas ao querer entrar em alguns restaurantes. Na escola primária os africanos tinham de estudar até à 5ª classe e nós e os europeus só até à 4ª e para entrar nos campos de futebol havia uma fila para brancos de um lado e de pretos no outro. «Caneco» significava também penico onde o branco urinava. Talvez por o goês se ter convertido do Hinduísmo ao catolicismo, por usarmos vestes ocidentais, por sermos obedientes. Os goeses vieram para servir, são honestos, possuíam uma cultura milenar oriental, a moral do goês era mais elevada e intimamente sentia-se superior aos brancos, bimbos e labregos. Nunca dei conta de goeses serem presos pela política, como todas as outras raças são oportunistas. Lembro-me que um goês, Tito Fernandes lutou pelos africanos no tempo do Salazar. [E15 (M, G2, M-L)]

Os homens trabalhavam e cruzavam a cidade, onde contactavam com a variedade multi-étnica e se apercebiam das tensões, defesas e ofensas raciais que se entrecruzavam em todas as direcções. Os outros eram racistas e eles próprios também o eram, essa parecia a pré-condição para protegerem as suas identidades da degradação e da pejorativização que resultava da criação de um gradiente racial que todos de algum modo contestavam, de diferentes maneiras. Essa tensão interétnica, como vimos, não poupava os «brancos», os «pagló». Abaixo dos «brancos», e entre os Goeses e os «negros», ficavam os restantes «asiáticos», nomeadamente os hindus e os muçulmanos.

Como já disse em L.M. o convívio era com goeses, colegas de trabalho e vizinhos, com os africanos serventes e carregadores não. Os outros indianos eram comerciantes, estavam abaixo de nós. Em 1º, os ingleses, depois os portugueses, a seguir nós, por último os africanos. [E2 (M, G1, G-M-L)]

No entanto, outros há, nomeadamente mulheres, que registam sem incómodo a variedade inter-étnica e que afirmam até que todos se davam bem uns com os outros.

No bairro onde eu morava na Beira-Maquinino, havia gente de todas as origens (goeses, chineses, africanos, maometanos e portugueses) e dáva-mo-nos todos bem ... [E5 (M, G1, G-M-L)]

O «esquecimento» de Goa, a vontade de virar as costas a Goa (muitos nunca lá voltaram) mas não à goanidade, ao seu modo de viver em família, facilitou que os mais novos sobrepusessem a essa goanidade vivida, uma identidade Moçambicana, muito associada a Portugal, de que muito se orgulhavam. Adquiriam assim uma tripla identidade situada em níveis diferentes de referência identitária e sem contradição ou conflito. Eram Moçambicanos porque tinham feito a sua sociabilização infantil e adolescente na Beira e, na esfera pública (na escola, nas diversões) viviam entre Moçambicanos, Beirenses; eram Portugueses porque acreditavam que Moçambique (como Goa) era Portugal; viviam uma goanidade transferida pelos pais, através das práticas quotidianas distintivas vividas na esfera privada. E pagavam o seu tributo à ascensão civilizacional representada por uma maior aproximação a Portugal e aos benefícios provenientes do modo de vida europeu. Para complexificar a estrutura identitária, viviam intensamente a competição identitária entre as duas grandes cidades da Província, a Capital que se via como mais aberta e olhava para os beirenses como «uma gente muito fechada, muito tacanha» enquanto os Beirenses viam os de Lourenço Marques como elitistas.

Fui aos Encontros da Beira uma ou duas vezes, aquela gente é uma gente muito fechada, mais tacanha, querem saber quem sou, quem é a minha mãe, o que faço, não gosto que invadam a minha privacidade. Os de Lourenço Marques não são assim. [E15 (M, G2, M-L)]

Nasci em Lourenço Marques, vivi algum tempo na Beira, mas sou uma Laurentina saudosista. Os meus pais nasceram em Goa. Eu sou Moçambicana de gema e ligada serei à cultura portuguesa. Os meus pais contavam-me da existência de castas e estratificação social, em Moçambique e cá também há, mas agora com menos evidência. (...) A minha ex-sogra e ex-marido, já falecidos eram da Beira, as diferenças que encontro é que os laurentinos (goeses) são mais extrovertidos e os da Beira mais bairristas, fechados e provincianos, ainda que em Portugal tenham um comportamento, aparentemente, diferente. Eu normalmente participo nas suas festas e Encontros. [E14 (M, G2, M-L)]

Mesmo os que nasceram mais tarde e viveram uma adolescência no meio das dificuldades criadas pela independência mantêm laços identitários fortes com Moçambique mas, em geral, não voltaram lá até hoje. De facto, como se tornará evidente, a vida em Moçambique era bem melhor do que a vida em Goa mas a vida em Lisboa é bem melhor do que a vida em Moçambique.

O que sei do modo de vida em Goa foi-me transmitido por goeses amigos da família. Já visitei Goa, o modo de vida de lá não confere com a vivência que tive na Beira, nem com o estilo de vida que tenho em Portugal. [E9 (M, G2, M-L)]

A construção de parte relevante da vida na Beira assentou na criação de redes de convívio e de clubes segmentados em função dos grupos étnicos e, no caso dos Goeses, em função das castas e estratos sócio-profissionais, onde eram fortalecidas as amizades masculinas que foram posteriormente transferidas para Lisboa e vieram a dar origem aos Encontros dos Beirenses e seus Xamuares, a partir de 2000.

Como goês, frequentava as associações relacionadas com Goa. Cada etnia (se é que se pode considerar etnia) tinha as suas associações. Os goeses tinham ,4 em função do estatuto social: CRIP (escriturários e afins), Goanos (operários não qualificados), Gabinete de Leitura (brâmanes) e Oriental (desfavorecidos). Durante a minha adolescência tive oportunidade de frequentar todos eles graças ao meu hobby - guitarrista duma banda. Apercebi-me que esse conceito estava enraizado nos nossos antepassados mas não nos da minha geração. [E19 (M, G1, M-L)]

Aquilo que para uns foi um lugar onde viveram tornou-se para outros numa identidade investida emocionalmente, mas o primado da Identidade Moçambicana sobre a Identidade Goesa ou vice-versa não se mostra muito relevante porque, em todos os casos estamos a falar de uma Identidade biface (como vimos, tendencialmente tripla, porque os Goeses de Moçambique tinham nacionalidade Portuguesa).

(...) a Beira foi o lugar onde gostei mais de viver... [E5 (M, G1, G-M-L)]

Apesar de ter passado parte da minha adolescência em Lourenço Marques, foi na Beira que tive a minha infância e foi lá que me tornei adulto, criei amizades para o futuro .O casamento trouxe-me uma “lufada de ar fresco”. Passámos a viver, primeiro, no Esturro em casas alugadas e mais tarde adquirimos uma em Matacuane no bairro dos Escritores. Sou pai de D. e V. e avô de 3 netos, todos rapazes. [E6 (M, G1, M-L)]

Apesar de viver na Beira, sempre tive uma relação identitária mais próxima da cultura e dos princípios adquiridos em Goa, quanto à religião e à vida familiar. Só de quando em vez (mais vezes enquanto solteiro) me relacionava com outros goeses emigrados e nascidos na Beira, nas festas e nos encontros e foi aí que conheci aquela que viria a ser a minha esposa. Ah...os xamuares do Chiveve, os dos Caminhos de Ferro, juntamo-nos sempre todos os anos aqui em Portugal, para lembrar os bons tempos passados na colónia portuguesa... [E4 (H, G1, G-M-L)]

Apesar das dificuldades vividas a partir de 1975 e até ao momento em que vieram para Portugal, a ruptura com a terra onde nasceram e à qual não regressaram, reforçou, em alguns casos a adesão a uma identidade Moçambicana, para muitos localizada como Beirense.

Nasci na Beira em 1964, na minha infância vivi momentos difíceis, havia carências várias, estudei na Beira e vivi lá até 1986, data em que vim para Portugal, com a minha mãe e os meus irmãos. (nessa altura) a vida na Beira era impossível. O meu pai viria três anos depois. (...) A minha Identidade Beirense é todo o edifício vivido com sentimentos que guardo da minha vivência até a adolescência, são as minhas recordações. É a Moçambicanidade que está dentro de mim, apreendida e guardada. [E10 (M, G2, M-L)]

Sou de nacionalidade portuguesa, os meus pais são goeses, nasci em Moçambique... Se for para escolher, obviamente escolho Moçambique... [E17 (M, G3, M-L)]

"A identidade Beirense era um baluarte que os naturais ostentavam com orgulho. Exibiam a sua simplicidade e solidariedade para com os dos outros locais." [E19 (H, G1, M-L)]

4.4 De Moçambique a Portugal, depois da descolonização

Enquanto que a emigração de Goa para Moçambique tinha seguido um padrão previsível, de acordo com o codificado nas teorias das migrações¹¹ (afastamento de condições de vida miseráveis ou difíceis e atração por novos contextos mais promissores do ponto de vista económico; criação de fluxos apoiados em redes de familiares e amigos, anteriormente imigrados; reunião familiar; manutenção da nova comunidade através da importação de esposas vindas de Goa) a emigração de Moçambique para Portugal aconteceu de forma inesperada, como consequência da revolução do 25 de Abril em Portugal e da subsequente descolonização e criação de um novo Estado independente, governado por um Movimento de Libertação.

Em geral, os goeses da Beira acreditavam no projecto salazarista de um Portugal pluricontinental, do «Minho a Timor» e foram surpreendidos pelos acontecimentos. Daí o facto de muitos terem querido sair com os continentais, uma vez que tinham colaborado com eles, ou não se identificavam com a nova situação política, ou temiam perseguições raciais e retaliações enquanto que outros tantos persistiram em manter-se na Beira mais uma dezena de anos até que a situação se tornou impossível, tal era a falta das condições de vida que tinham conhecido antes da descolonização.

Com a Independência de Moçambique em 1975, decidi vir para Portugal com a minha família, por razões que agora não quero explicar. Em Portugal, por pouco tempo fiquei instalado provisoriamente numa pensão até ter casa própria. Quanto a trabalho, retomei a minha actividade como funcionário público numa repartição de finanças e a minha esposa foi colocada numa repartição do Estado, como funcionária administrativa e as minhas filhas deram continuidade à vida escolar. A razão emergente, não vale a pena especificar, deve-se ao facto da impossibilidade da minha adequação e integração no novo modelo de sociedade. Por outro lado, já tinha vindo a Portugal, numa das licenças graciosas, concedidas a alguns funcionários e tinha a noção de que este seria o local certo para viver no futuro." [E4 (M, G1, G-M-L)]

Vim para Portugal em 1975 (não quis explicar porquê e manifestou-se desligado da política e da cultura). Trabalhei até 2008, estou reformado e actualmente vivo no Cacém onde conheço 20 a 30 goeses. [E2 (M, G1, G-M-L)]

Nasci em Batim-Goa, em 27.04.1933, estudei em Pangim e aos 24 anos, em Outubro de 1957, embarquei no porto de Mormugão para a Beira, depois de ter feito escala em vários portos. A maior parte da minha família, excluindo o meu agregado familiar, vive ainda em

Goa.(...) em 1975, vim para Portugal, sou imigrante duas vezes, o que é muito difícil, abandonar as nossas raízes e partir... agora já não me resta muito tempo ... [E4 (M, G1, G-M-L)]

Vim de Moçambique para Portugal...pelas razões atrás descritas.... guerra, insegurança... falta de condições... [E9 (M, G2, M-L)]

(...) uma migração Moçambique - Portugal, marcada com muito sofrimento, vim com os meus pais, era menor de idade...um arrancar de raiz e transplantá-la noutra vaso... que foi crescendo conforme o tempo, as pessoas, o meio... não vim porque quis mas porque me trouxeram... [E10 (M, G2, M-L)]

Mas também houve quem, aproveitando as circunstâncias, «fugisse» para Portugal, para evitar a imposição de hábitos goeses, como os casamentos combinados pelos pais (serigôt).

Ah ..eu quase que fugi de lá para cá.... Os meus pais arranjaram serigôt (casamento) e eu naquela altura, já trabalhava, organizei-me de papeladas e vim para Portugal. Quando vim, foi mesmo para fugir ao serigôt, senão ainda estaria lá... ” [E3 (M, G2, G-M-L)]

Para muitos, Moçambique deixou memórias inesquecíveis e ter de sair de lá revelou-se muito doloroso, até mesmo traumático.

Em Moçambique (1958-1979) tive uma vivência inesquecível. Foi aí que fiz os estudos, criei amizades, cumpri o serviço militar, empreguei-me e assentei família. Contar tudo isso ao detalhe levaria anos. Só tenho a dizer bem desses anos todos. Recordo-me perfeitamente de cada momento que vive como se fosse ontem. [E19 (H, G1, M-L)]

A razão fundamental da saída foi a falta de condições de vida, falta de alimentos, insegurança, etc... (...) Quando, pela última vez dei a volta a chave na porta para seguir viagem, senti uma coisa estranha dentro de mim. Tive um acesso de choro que me deixou completamente descontrolado. Voltei para dentro e chorei, chorei, chorei. Foi, não tenho dúvidas, um acontecimento muito especial e marcante na minha vida. [E6 (H, G1, M-L)]

Alguns teriam ficado lá, onde tinham raízes e redes de sociabilidade, não fôra terem que acompanhar familiares que, por sua vez, defendiam os empregos que lá tinham e que agora apenas tinham continuidade em Portugal, e não fôra a vida em Moçambique ter-se tornado tão penosa e até mesmo ameaçadora.

Vim para Portugal em 1980 com os meus filhos, eles começaram logo a trabalhar e eu nunca trabalhei, vivo com a minha filha genro e netas... Viémos embora porque já vivíamos sem água nem luz e com medo da guerra... e das notícias que todos os dias anunciavam mortos... [E5 (F, G1, G-M-L)]

Eu fui obrigada a vir para cá, porque namorava com o meu actual marido, ele tinha vindo antes por causa do emprego no Banco... Ele tinha alterado a nacionalidade. Eu, como namorava com ele, fiquei um ano lá, a tentar vir para cá devido a várias condicionantes, que não me deixavam... não tinha emprego, os meus pais não tinham uma estabilidade financeira, eu tinha um irmão mais novo e os meus pais não o podiam sustentar sozinhos. O meu pai trabalhava, mas já era velhote. Eu era muito agarrada a eles e não os abandonei logo para vir para cá, por isso ficámos um ano à espera e finalmente viemos para Portugal a 19 de Agosto de 1978. [E9 (M, G2, M-L)]

Vim para Portugal em 1978 com a minha família, porque não tínhamos condições para ter uma vida normal na Beira, onde sempre vivi, se estivessemos bem tínhamos ficado... [E12 (M, G2, M-L)]

Nada me prendia a uma terra que já não sentia como minha, não tinha condições para poder viver lá, restam as saudades dos tempos da minha juventude lá vividos, adoro a cidade onde nasci (Beira), como a conheci, depois deixou de ser a mesma cidade, limpa, bonita, onde havia tudo para se poder viver bem... [E13 (H, G2, M-L)]

Vim em 1979 e tive muitos problemas com a minha saída de Moçambique. Quando cheguei a Portugal empregaram-me num Banco, a minha história migratória foi esta, vim para Portugal por falta de condições para continuar a viver em Moçambique. [E16 (M, G2, M-L)]

A vida em Moçambique não estava a ser fácil, conflitos sociais, a falta de bens necessários para uma vida normal, para mim e para os meus familiares impuseram a minha decisão, ainda que difícil. [E19 (M, G1, M-L)]

Alguns adiaram a saída o mais que puderam, até aos finais da década de 80, mas a degradação das condições de vida local forçaram-nos a desistir do projecto de permanecer em Moçambique.

Só viemos para Portugal, em 1986, ao contrario de muitos góeses que vieram quando se deu a independência, em 1975. Isto porque o meu pai, teve sempre a esperança de que aquele país florescesse de novo... Já vivíamos numa situação degradante, sem água, sem luz, sem escolas, falta de postos de saúde, sem comunicações... sem telefone, machimbombos, comboio... as linhas férreas estavam minadas... havia o “chapa cem, num dia comíamos arroz com feijão e no outro feijão com arroz.. tudo na base de racionamento e grandes filas à procura de comida... tudo à base de candongas... Foi quando o meu pai pediu aos meus familiares que nos recebessem cá e ele só veio em 1989... mas faleceu pouco tempo depois, com 51 anos... [E10 (F, G2, M-L)]

Inseridos numa qualquer das vagas do processo de saída para Portugal, numa diáspora de desespero, mais próxima da fuga que de uma emigração, lado a lado com os «retornados», muitos deles tendo que sair em 24 horas, com apenas 20 quilos de bagagem, e deixando tudo o mais para trás (propriedades, mobílias, albens de família, etc.), eles que, sendo juridicamente Portugueses nunca tinham visto Portugal, viveram tempos precários e muito difíceis, tornados mais suportáveis pelo apoio e protecção de familiares chegados mais cedo ou com mais recursos.

Como já disse, vim de Goa para Moçambique e em 75 para Portugal, com o que pudemos trazer, 20Kg/24H... saímos de lá com 20 Kgs de bagagem e em 24 horas, corridos, depois de uma vida... [E1 (M, G1, G-M-L)]

À chegada a Portugal, o futuro não se avizinhava fácil. Desde a dificuldade em conseguir encontrar um emprego estável, até à separação da restante família, teve de lutar muito... Em 1976 e após a independência de Moçambique, deixámos a Beira rumo a Portugal para refazer as nossas vidas. Não foi fácil, porque refazer uma nova vida não se faz de um dia para o outro. A minha esposa e os meus filhos vieram primeiro tendo sido alojados pela

I.A.R.N. numa pensão na Praia de Santa Cruz, em Torres Vedras. Dois meses depois, cheguei eu, e fui recambiado para Moledo do Minho, juntamente com mais dois casais, também da Beira, pois não havia hipótese de ficarmos todos juntos em Torres Vedras. A minha fé, contudo, acabou por se revelar um valor precioso: foram tempos difíceis, mas entretanto e como sou pessoa de Fé, a vida foi-se compondo e hoje, Graças a Deus cá estamos com saúde. [E6 (M, G1, M-L)]

Foi muito difícil, estive em Lisboa, depois fui para o Porto, entretanto casei com um goês “e vim outra vez para Lisboa. Vivo com o meu marido, mas a minha sogra ainda é daquelas pessoas... muito tradicional, com os seus hábitos e costumes e intrometida na vida do casal ... [E12 (M, G2, M-L)]

Foi muito difícil, vivi em casa de familiares, comecei a trabalhar nas obras, depois consegui um emprego numa fabrica de madeiras , onde tive um acidente de trabalho. Depois vim trabalhar para esta fabrica, longe , demoro cerca de três horas a chegar ao trabalho e vice versa... A minha vida tem sido muito dura; trabalho por turnos e hoje soffro por não ter o sono regular... Entretanto comprei uma casa onde vivo. [E17 (H, G3, M-L)]

Para alguns homens mais velhos, a inadaptação foi notória. O choque foi tão grande que deprimiram ou morreram de desgosto, deixando os familiares desamparados.

Foi muito difícil, perdi o meu marido vinte e cinco dias depois de ter chegado a Portugal... acho que ele morreu de desgosto. Perdi tudo o que tinha lá ..a casa e tudo o resto. Não fôra o apoio da minha filha e do meu genro não sei o que seria de mim.... Cá soffro muito com o frio, tomei conta das minhas netas até hoje, elas ajudaram-me a viver o meu dia a dia. [E5 (M, G1, G-M-L)]

Foi muito duro e difícil, de uma família estruturada e de repente sem pai, (até aqui o meu pai era o sustento da casa) foi a primeira maior e dolorosa perda... até hoje... mas a minha mãe “Mãe Coragem” sempre nos guiou. A minha mãe começou então a trabalhar lavando escadas e ganhando para o sustento eu continuei a estudar e a trabalhar como administrativa no programa OTJ-Ocupação dos tempos livres, numa autarquia em 1989, foi aqui que concorri para uma habitação social e fiquei com a chave de uma casa, onde ainda mora a minha mãe e irmão. Ah e o meu irmão trabalhava nas obras!!! Com a situação da casa resolvida... pouco a pouco fomos melhorando as nossas vidas, na base da humildade e do trabalho. ... [E10 (H, G2, M-L)]

Para aqueles que estavam emocionalmente sintonizados com o projecto pluricontinental também não ajudou o terem que se reintegrar num contexto pos-revolucionário que responsabilizavam pelos seus males.

Vim em 1979 e tive muitos problemas com a minha saída de Moçambique. Quando chegue a Portugal empregaram-me num Banco, a comissão de trabalhadores era “comuna” eu era anti-esquerda mas lá me inseri. Morei em Caneças e depois fui para Santo António dos Cavaleiros, onde vivo. Fiquei algumas vezes no Hotel ALIF que era de indianos de Quelimane. [E16 (H, G2, M-L)]

Para os que tinham maiores apoios, perderam menos bens e saíram em melhores condições, a adaptação foi mais fácil, mas estranharm um clima menos quente e a falta dos criados africanos que sempre tinham tido para apoio das tarefas familiares e do cuidado dos filhos. A perda de estatuto era no entanto compensada pela integração na

mundivivência europeia da capital. Tinham deixado África para trás e apesar das saudades da vida, muito mais convivial e desafogada, da Beira, não voltariam lá até hoje. Quando muito, recriariam a Beira em Lisboa, através dos Convívios Beirenses.

No início sentimos a diferença, foi um pouco difícil, mas por pouco tempo. Não tínhamos empregados domésticos e a casa era mais pequena do que a da Beira (Pontagea). Mas as minhas filhas estudaram, comprámos casa e hoje, já reformados, temos uma vida estável. [E1 (M, G1, G-M-L)]

A reconstrução da minha vida foi fácil, a aclimação foi mais demorada. Já conhecia o país, tinha a certeza de dar continuidade à actividade profissional, minha e da minha esposa, que tinha escolas para as minhas filhas, e condições de vida razoáveis, ainda que não comparáveis às que tinha na minha moradia em Ponta-Gea- Beira, onde tinha empregado doméstico, que aqui nunca terei. [E4 (H, G1, G-M-L)]

Era empregado bancário e tinha o emprego assegurado em Portugal. É claro que tivemos que reconstruir uma vida inteira, adaptar-mo-nos ao clima, à sociedade, ao modo de vida, à convivência e sobretudo pôr de lado o saudosismo. [E19 (H, G1, M-L)]

Cá fui construindo a minha vida, tenho estudos e hoje estou a trabalhar numa repartição de finanças. [E3 (M, G2, G-M-L)]

Continuando a tradição do fechamento familiar e comunitário, reforçado por experiências de racialização que os confundiam com os «pretos», tenderam a isolar-se e a reforçar as redes de convívio e a criar associações, se bem que muito menos eficientes do que as que tinham na Beira. A Beira era uma urbe pequena, nada comparável com a Grande Lisboa, nomeadamente suburbana, pela qual se dispersaram, separados entre si por distâncias que não permitiam o convívio quotidiano.

Geralmente no meu tempo os patrícios só casavam com os patrícios (Goeses com Goesas), havia casamentos com mistos, brancos, mas não eram bem vistos. Com brancos ainda vá que não vá...mas com africanos nem pensar....eu nem gosto de falar disto... hoje em dia já não existem estas manias. Ah, em Portugal, lembro que chamavam preta à minha filha... eram os miúdos brancos da escola primária que a provocam e ela vinha para casa sempre a chorar... [E4 (M, G1, G-M-L)]

Aqui estudei, o ambiente escolar era diferente mas com dificuldade lá me adaptei, lembro-me de me chamarem preta, devido a tez da minha pele ...tenho poucos amigo(a)s, dou-me mais com os meus primo(a)s, que também vieram da Beira e alguns amigos da família. Acompanho sempre os meus pais(...) Hoje sinto diferenciação no trabalho, do mesmo modo que gozavam comigo aos doze anos na escola, quando me chamavam de preta, retornada... [E11 (M, G2, M-L)]

Não tive dificuldade em arranjar trabalho (não quis dizer onde nem em quê), os amigos eram só alguns goeses do Cacém. [E2 (H, G1, G-M-L)]

Sobretudo para aqueles para quem a última década na Beira se tornou insuportável e encontraram em Portugal novas oportunidades, sem especiais dificuldades na transição, a

afirmação da Identidade Portuguesa tornou-se, entre outras determinações, uma forma de «esquecer» o tempo moçambicano.

Estou em Portugal desde 1976, já tinha cá amigos e família, devido à minha forma de estar e ser, não precisei de reconstruir a minha vida, continuei a viver e a conviver como sempre. A vida em Moçambique era insuportável, faltava tudo e aqui tinha, e tenho, o que lá já não podia ter. [E14 (M, G2, M-L)]

Não foi tão difícil assim. Vim com os meus pais e a minha irmã, Tinha cá o meu emprego assegurado, como funcionário no Banco, era solteiro. O mais complicado foi o clima. Sempre tinha vivido na Beira e a vida lá era impossível, deixei lá a minha namorada que veio para cá três anos depois, casámos e organizei a minha vida, comprei casa e nasceram cá as minhas duas filhas, sou goês de pele escura mas não me considero emigrante, era português em Moçambique só mudei de espaço territorial. [E13 (H, G2, M-L)]

Vim para Portugal em 1975, não me considero emigrante, eu sou português. Nós somos poucos e pouco unidos. E cá só vou à Casa de Goa. Não tive qualquer período de adaptação, já cá tinha estado a estudar, conhecia bem o país e a cidade de Lisboa onde como músico actuei várias vezes. [E15 (M, G2, M-L)]

4.5 Os «goeses» nascidos em Portugal e a sua desidentificação com o passado familiar em Goa e Moçambique

É da geração emergente, vinda muito nova ou já nascida em Portugal que surge aquilo que mais cria ansiedade aos pais e avós: a **exclusiva identificação com Portugal e a desidentificação com o passado goês e moçambicano dos pais e avós, com a cultura goesa** que tentam transmitir, baseada na religião e na alimentação, bem como o padrão de convivialidade organizada e informal que existia num meio relativamente pequeno, como a Beira. Daí que a sua participação nas actividades da Casa de Goa bem como nos Encontros da Beira pouco ou nada lhes diga e só por condescendência se tornem presentes para não contrariar os familiares que os forçam a vir sem qualquer entusiasmo. Para evitar o conflito identitário tendem a reduzir os investimentos identitários ao estatuto menor de «memórias», de simples recordações que não se apagaram com o tempo mas que não têm significado para os mais novos, com uma sociabilização infantil muito diversa. A ruptura com Goa, como vimos, já tinha começado em Moçambique que, sendo Portuguesa, à época, permitiu a transição de muitos para uma identidade europeia que, já em África, prescindia, para alguns, dos costumes indianos e das memórias de Goa.

Os meus pais são naturais da Beira, os meus avós de Goa, eu nasci em Lisboa e vivo actualmente no Cacém, sou portuguesa, cresci, estudei e exerço a minha profissão em Portugal. (...) Os meus pais falam da vida que tinham na Beira, da sua juventude lá e, pelo que sei, é melhor ser jovem, hoje, em Portugal do que a deles na Beira. A identidade são recordações. (...) Identidade goesa? Eu nem gosto da comida goesa, só de vez em quando quando os meus pais recebem visitas ou vão visitar amigos de Goa que vieram de Moçambique, ... nem das roupas, das músicas e cantos ... nada. [E20 (M, G3, L)]

Nasci em Lisboa, ouço falar das vidas em Moçambique, e a minha avó pouco me fala de Goa. Sou portuguesa e tenho os hábitos e gostos dos jovens da minha idade, acompanho por vezes os meus pais à missa (às evocações), e às festas raramente. Comida goesa muito raramente, não gosto. Pouco sei da cultura goesa... [E21 (M, G3, L)]

Era muito miúda, quando vim para cá...seguí o ritmo de meus pais...não me lembro. [E18 (M, G3, M-L)]

A minha identidade é portuguesa, só fui a Goa com os meus pais. Identidade goesa? Só o meu pai é que fala de Goa e do seu passado, eu nem gosto muito da comida goesa, gosto mais da portuguesa e os meus hábitos e costumes são europeus. [E11 (M, G2, M-L)]

No entanto, a identidade goesa, mesmo quando denegada ou abandonada pelos mais novos, da geração nascida ou socializada em Portugal, não deixa de ser sentida genealogicamente como **um capital cultural herdado**, quando os «outros» se interessam, de um modo positivo, por Goa e pelos goeses.

(...) identidade goesa? Eu nem gosto da comida goesa, só de vez em quando os meus pais recebem visitas ou vão visitar amigos de Goa que vieram de Moçambique... mas quando as minhas colegas falam em viajar para Goa e me pedem referências... aí fico com pena de não saber mais sobre a cultura goesa... [E21 (M, G3, M-L)]

A distanciação da identidade afro-goesa de pais e avós parece resultar também de uma gradual ultrapassagem das hierarquizações de classe e do racismo nas relações inter-étnicas, num meio mais homogéneo e que não lhes é favorável.

Segunda a minha opinião, em Portugal, os goeses sentem-se como integrados totalmente, quer na relação com a família quer com os outros. [E7 (M, G2, G-L)]

Ouvi falar dessas diferenças em Moçambique, onde havia discriminação racial e religiosa. Eu nasci cá, em 1983, onde tudo é igual perante a lei, embora uns sejam mais iguais que outros... [E20 (M, G3, L)]

4.6 Variações do gradiente de classe e inter-étnico em Goa, Moçambique e Portugal

A estratificação identitária em Goa é claramente referenciada à herança hindú, organizada através de um gradiente de castas e à herança portuguesa, através de um gradiente estatutário, profissional e económico que, se bem que modificado, será parcialmente transposto para Moçambique e para Portugal.

Castas sei que há, mas só para os Hindús. Nós somos da classe média e a vida em Portugal é diferente, tenho uma relação normal e tomei a nacionalidade portuguesa, por opção... [E1 (M, G1, G-M-L)]

Em Moçambique, a hierarquização inter-étnica disfarçou a hierarquização intra-étnica, trazida de Goa. A afluência inter-étnica, a aproximação aos «brancos» era aceitável ou até mesmo desejável, dando origem a casamentos mistos que

«concretizavam» o imaginário português de então, pluricontinental e multi-racial. No extremo contrário, a (con)fusão com sub-saharianos «negros» era vista como degradante pela linha dominante ou até mesmo hegemónica entre os imigrantes de Goa.

(...) embora no meu caso todos se dessem bem comigo, sei que nalguns casos as relações inter étnicas de convivência não eram tão raras quanto isso. As famílias goesas que conheci, não permitiam que filha sua casasse ou tivesse relacionamento com outra etnia, exceptuando a europeia. A estratificação social era evidente e coexistia com racismo que por vezes tentavam de forma velada esconder. [E6 (M, G1, M-L)]

Em Moçambique as relações inter-étnicas tinham fronteiras bem definidas (anos 50) mas com o eclodir da guerra começaram a desaparecer gradualmente. Posso dizer mesmo que existia racismo de, para e entre todos os grupos étnicos. Tal conceito é próprio do colonialismo. [E19 (M, G1, M-L)]

Uma forma de disfarçar o racismo da hierarquização inter-étnica baseava-se na defesa de um modelo de compartimentação e de justaposição inter-étnica, só aparentemente criando mundos paralelos, com «cada macaco em seu galho».

Das diversas comunidades existentes (hindu, muçulmana, helénica, judia, chinesa, inglesa, rodesiana, portuguesa de Portugal) cada uma tinha a sua associação onde desenvolviam actividades relacionadas com a cultura originária. nenhuns negros estavam integrados nessas associações. Talvez alguns mestiços. O relacionamento entre as várias comunidades era bom e saudável respeitando sempre o princípio de “cada macaco no seu galho...” [E19 (M, G1, ML)]

Outros, não assumindo o racismo nas relações inter-étnicas, afirmam uma estratégia defensiva, de fechamento comunitário, endogâmico, religiosamente apoiada, que lhes permite sentir-se em maioria e até mesmo convidar «outros» para os seus Encontros e convívio, desde que em «minoria», invertendo, desse modo, as relações demográficas que conhecem e que as estatísticas destacam.

Em Portugal, tenho feito parte de comissões organizadoras de Encontros, naturalmente dirigidas selectivamente a pessoas de origem goesa, vindas da Beira e de outras regiões de Moçambique. Neste caso o relacionamento é aberto a pessoas de outras etnias e preferências religiosas, que apesar de tudo são uma minoria. Quanto a casamentos preferiria, e rezo por isso, que as minhas filhas se viessem a casar com pessoas de origem goesa. [E9 (M, G2, M-L)]

As formas de consciência eram variadas. Uns afirmavam **um racismo generalizado, em todas as direcções**, mas liderado pela hierarquia racial presente tanto em Goa como em Moçambique: «branco» - goês – outros asiáticos – mestiços – subsaharianos.

(...) quando disse que o tema tinha "pano para mangas compridas" foi porque ele é vastíssimo. Durante os 45 anos vividos em Moçambique muita coisa me foi dada a assistir e, porque não me agachei e agi, primeiro contra o sistema, depois a favor de um estudante negro, estive duas vezes na PIDE. No entanto, se nos situarmos no tempo e no contexto da colonização, veremos que toda a política colonial (a portuguesa até foi das mais brandas),

se baseou no interesse quer da exploração da riqueza das colónias, quer no bem-estar do povo colonizador. (...) Os nossos antepassados nunca trataram as outras raças, com igualdade. Mas não os culpo, eram racistas por natureza (porventura ainda imbuídos no sistema incutido pelos arianos há séculos, dividem-se mesmo entre eles até agora) e viveram numa época favorável às grandes diferenças sociais. Eu fui dos que saí dessa concha, convivi mais com europeus do que com goeses, por isso, quando me fiz sócio do Instituto Goano (aos 22 anos) houve quem dissesse que eu era um "caneco degenerado" e, porque me insurji contra o castismo praticado com rigor, mas veladamente nessa associação, fui tido como "miúdo insolente". Agora, por vezes pergunto-me: se, com a mentalidade dominadora e interesseira do sistema colonial eu dirigisse a política e os destinos dum país europeu, não faria o mesmo que fizeram os conheci e odiei? Custa-me dizer que o faria porque vivi os injustiças de perto e fui um anti-sistema. Mas sinto que minto ao dizer que não, pondo-me na pele do dirigente colonizador. É complicado, se nos situarmos no tempo e no sistema. [E22 (M, G1, G-M-L)]

A construção de «nomes» pejorativos era fulcral no racismo identitário que circulava entre todos os grupos étnicos. Tratava-se de uma racialização pejorativa a que os próprios portugueses não escapavam.

Figurantes nesse filme, em Moçambique, nós, goeses, de certo modo também fomos "colonos" e racistas mesmo em relação ao dito branco. Chamávamo-lhes "gaddekar" (carroceiro), bárbaro, galego, chacal, "magoerro" e outros nomes; aos mistos "kep", caporro, etc.; e aos negros, meu Deus, tanta coisa! Aceitámos por interesse que os nativos fossem nossos moleques, serventes, desiguais, inferiores. [E22 (M, G1, G-M-L)]

Moçambique era de todas as colónias portuguesas onde havia mais racismo, chamaram-me algumas vezes "caneco de merda" e nos anos sessenta cheguei a ter problemas ao querer entrar em alguns restaurantes. Na escola primária os africanos tinham de estudar até à 5ª classe e nós e os europeus só até à 4ª e para entrar nos campos de futebol havia uma fila para brancos de um lado e de pretos no outro. [E15 (M, G2, M-L)]

Quando era pequeno na escola, dava-me com todos, fossem brancos, hindús ou africanos. Mas chamavam-me nomes por eu ser mais escuro de pele... (...) Em Moçambique havia racismo e estratificação social, brancos, pretos, 'monhés' e 'canecos' (os de origem goesa como eu). [E13 (M, G2, M-L)]

Nós, os goeses católicos, éramos apelidados de "canecos" e os indianos de "monhés" (termo que teve origem na Ilha de Moçambique (de "MOENHE" = comerciante). [E16 (M, G2, M-L)]*

Quantas vezes me chamaram "caneco" na escola e fora dela, quantas vezes me censuraram (os de origem goesa, como eu) por ter namorada e amigos pretos... É também por isso que evitava as reuniões e festas dos goeses, eram também racistas como os outros. [E17 (H, G3, M-L)]

Mas a discriminação não passava apenas pela circulação de ofensas identitárias. A hierarquização de classes inter-étnicas, fundada sobre a exclusão ou limitação no acesso aos lugares de chefia e às profissões mais valorizadas atingia aqueles a quem a afluência social era negada.

Havia diferenças raciais, étnicas e sociais. Os brancos contavam, apesar de tudo, com a lealdade dos goeses, excluindo-os, naturalmente, dos lugares de chefia. Eu não tinha

problemas, lidava com todos. Havia arrumação de classes, em Moçambique (o branco, o goês, o indiano, o mulato e o preto), ainda que se tenha tentado esconder essa evidência. (...) Eu sempre me relacionei com todos, um pouco contra a vontade dos meus pais, foi difícil quando lhes dei a notícia que queria ser hospedeira de bordo. Havia racismo em Moçambique, fui discriminada, apesar da competência, só através de influências pessoais de gente ligada ao poder permitiram a minha admissão como hospedeira, em 1969. [E14 (M, G2, M-L)]

Há também aqueles que destacam o intenso racismo dos Goeses em Moçambique, contra os que consideravam «inferiores», bem como a sua capacidade de se adaptarem estrategicamente a ambientes desfavoráveis a esse mesmo racismo, como em Portugal.

Quanto a isto, os goeses são mais racistas, do que aquilo que pensas. Muito racistas. São mais racistas do que aquilo que pensas. Muito racistas. Quer dizer, se for para branco não é, mas se for para outra raça, como os mulatos, cabo-verdianos, hindus, muçulmanos ainda pior. Mulatos e pretos então! Fuuu! São racistas mesmo. Cá em Portugal a vida é diferente....Há que nos dar bem com todos. [E9 (M, G2, M-L)]

Outros, bem pelo contrário, escolhem focalizar, a partir do nível pessoal, da profissão, ou da educação familiar, as boas relações inter-raciais, inter-étnicas, inter-religiosas e inter-classistas, em Moçambique como em Portugal, destacando-se contra o fundo, dominante, que salienta tanto o racismo como o fechamento comunitário e o contrólo sócio-cultural dos Goeses.

Onde vivíamos relacionávamos com todos, como sabes os meus pais tinham que vender... para o sustento... Relaciono-me de forma geral muito bem com todas etnias, assim aprendemos pouco uns com os outros... Misturo-me com toda a gente, somos todos gente. O que corre dentro de nós é sangue é vida, a diferença é só a cor da pele... hábitos e costumes vamos apreendendo conforme o meio. [E3 (M, G2, G-M-L)]

A minha relação com outros grupos étnicos era excelente, passo a explicar melhor: até 1975 por educação familiar o relacionamento era com brancos, goeses, chineses, muçulmanos, porque estes eram os nossos colegas e vizinhos... A partir de 1975, aquando da debandada para Portugal dos brancos e goeses, muitos africanos que viviam no campo vieram para a cidade. Aí comecei a relacionar-me com eles, porque passaram a ser os colegas da escola e os nossos vizinhos. Sem dúvida, para mim foi uma mais valia, aprendi muito, são outras formas de pensar, sentir e agir se sobretudo o imenso bem estar ... «o dar, a dor», são vividos por eles de forma diferente, pelo que fui assimilando e hoje é a minha bandeira. Apetece-me citar o poeta Aleixo" Não sou esperto nem sou bruto, nem bem nem mal educado, simplesmente um produto do meio em que fui criado.. " [E10 (M, G2, M-L)]

Relaciono-me com todos os que me vêm contactar ...não olho para a sua condição social ou religiosa...mas sei que a maioria dos Goeses na Beira (apesar de ser pequena) fazia essa discriminação em função da cor da pele, da religião ou do estatuto social. [E11 (M, G2, M-L)]

Vivi na Beira até aos 19 anos, dava-me com todos na escola, tinha amigos pretos, brancos, chineses e goeses, mas éramos jovens, evitava frequentar os clubes de goeses, eram muito intrometidos, invadiam a minha privacidade. Tinha uma namorada preta e por isso tive alguns dissabores, estou em Portugal desde 1986, não vou a festas ou encontros de goeses. (...) Se eu tivesse problemas com outras etnias, nunca residiria num

dos bairros problemáticos. Como sabes, vivo no Vale da Amoreira, onde vivem africanos, brancos, ciganos, retornados...sei lá. [E17 (H, G3, M-L)]

Não se trata tanto de uma afirmação sociológica mas da afirmação de uma atitude do carácter, de uma posição social (no caso das mulheres domésticas) ou de um certo contexto local, não susceptível de generalização, uma vez que a maioria seria racista e a organização social, racializada e estratificada, tanto entre Goeses como no nível inter-étnico.

Em Moçambique era doméstica, vivia num bairro onde também viviam outros goeses, maometanos, chineses e davá-mo-nos todos bem. [E5 (M, G1, G-M-L)]

Em Moçambique vivi num bairro à entrada do Esturro, onde havia gente de todas as raças e credos... quando meninos brincávamos uns com os outros, a partir da adolescência o relacionamento com os outros passou a ser selectivo... prioritariamente com pessoas de origem goesa, nada de relações com negros e para exemplo, eu e os meu irmão casámos com pessoas de origem goesa. [E9 (M, G2, M-L)]

Como já referi a minha relação era boa com todos os grupos étnicos que viviam em Moçambique. Não tive avisos nem proibições de poder relacionar com as pessoas, mesmo até com os negros... Lembro-me da Célia Poitevin, o Noé Chitula, o Eduardo, a Nirajana, a Ana Chua Tam, o Mahendra, que nunca mais os vi ... Tenho em boa conta as memórias e vivências felizes. Contudo, com os da minha etnia tive alguns problemas de relacionamento relativamente à estratificação existente... tomando por exemplo os pais de um namorado que eu tive, o eles proibirem, de forma imperativa, de se relacionar comigo, por se julgarem de uma condição social superior à da minha família. [E10 (M, G2, M-L)]

Sei que havia diferenças e racismo, mesmo entre os goeses havia diferenças a Beira era uma cidade pequena as pessoas conheciam-se mas viviam, no meu caso, mais relacionadas com a vida familiar e os amigos que comungavam das mesmas ideias. Os goeses olhavam de lado para os casamentos com mulatos ou negros... Senti isso, não comigo mas com pessoas do meu meio familiar...[E12 (M, G2, M-L)]

Sempre vivi na Beira. (...) Já adulto, quando comecei a trabalhar como empregado bancário, relacionava-me institucionalmente com todos os clientes de grupos étnicos diferentes. Na vida particular as relações eram mais com a família e amigos de origem goesa. Juntávamo-nos no CRIP em convívio, ou nas festas que lá se organizavam para goeses. (...) Na minha actividade profissional tinha uma relação normal com todos. Em particular o ambiente era constituído por núcleos em separado, goeses com goeses, mas aparentemente era tudo normal, há que considerar o contexto, mas a partir de meados dos anos 60 houve uma aproximação, ainda que moderada. [E13 (M, G2, M-L)]

Nalguns casos, a abertura era profissional, noutras conduzia a casamentos mistos, nomeadamente com Hindús, um grupo etno-religioso que muitos não mencionam, apesar da origem «racial» comum, e de ser muito presente em Goa e até demográfica e politicamente dominante, depois da integração na União Indiana, em 1961.

Na Beira, comecei a trabalhar na Union Castle-Line, que mais tarde se incorporou na firma MANICA TRADING onde assegurei a estabilidade. Casei com uma goesa (...) em 1962. Convivia no CRIP-Centro Recreativo Indo-Português, onde como desportista

pratiquei várias modalidades. A minha relação com os Hindús, Portugueses e outros era normal, na minha actividade profissional e desportiva” [E6 (H, G1, M-L)]

Isso não é problema para mim, sou casada com uma Hindu e tenho um relacionamento normal, devido à minha profissão e a vida em vizinhança com pessoas com pessoas de etnias e origens diversas” [E19 (H, G1, M-L)]

Apesar do racismo goês discriminar sobretudo os sub-saharianos e os mulatos, há quem conte uma história familiar de casamentos mistos com africanos e mestiços, sem que isso tivesse implicado a sua marginalização entre goeses ou tivesse amputado a sua capacidade para relações inte-étnicas diversificadas, não-confrontacionais.

Os goeses são um bocado racistas, assumo isso, isso acontece em todas as raças, mas a última geração será absorvida pela cultura europeia. Eu considero todos iguais, sou casado com uma africana da Guiné-Bissau, houve familiares meus que não encararam bem a situação. Somos cinco rapazes e três raparigas. Tenho uma irmã casada com um mulato de origem alemã que têm uma filha com carapinha e um filho com cabelo liso. Tenho cunhado(a)s de todas as raças. Nasci em Moçambique, falo também o dialecto landim. Como músico dava-me com todos, independentemente da casta, religião ou etnia..” [E15 (H, G2, M-L)]

Mas a afirmação de uma capacidade positiva de lidar com a inter-etnicidade não implica não se sentir alvo de discriminação, no novo meio europeu, em que os Goeses se tornaram uma minoria muito menos relevante, perdendo grande parte do ascendente que Moçambique lhes trazia, quando colocados perto dos «brancos» coloniais, numa posição mais favorável do ponto de vista das relações inter-étnicas.

“Na Beira posso afirmar que tinha uma boa relação com todos os grupos étnicos... Mas, lá como cá, há discriminação, até pelo simples olhar... Hoje sinto diferenciação no trabalho, sem dúvida, no local onde tenho mesmo que estar... No resto como não tenho que criar relações de sociabilidade, nada me importa....” [E10 (M, G2, M-L)]

4.7 O gradiente identitário e as formas de consciência identitária entre os genealógicamente goeses

Como é habitual, a auto-representação identitária dominante entre Goeses é positiva, pondo em destaque a sociabilidade comunitarizante e a solidariedade familiar.

O goês católico gosta de beber e comer bem, de música, somos seres sociáveis, entre nós, daí a formação de clubes e associações. Sou activo na minha paróquia e acho que os goeses estão bem integrados em Portugal, social e profissionalmente e tradicionalmente funcionários públicos, empregados bancários ou administrativos. Haverá poucos goeses dedicados ao comércio e quanto a pobres, só “pobreza envergonhada. A solidariedade dos goeses só é manifesta a nível familiar. [E8 (H, G1, G-L)]

Esta comunitarização, particularmente acentuada entre os Beirenses, é dita desembocar na intromissão na vida particular e num apertado **contrôlo social**,

nomeadamente na área da sexualidade, mas não só, o que leva alguns a isolar-se e a distanciar-se de Encontros e Festas entre Goeses.

(...) os goeses têm a mania de querer saber todas as informações pessoais a meu respeito e invadem a minha privacidade. (...) Se a identidade é aquilo que os goeses são....então não gosto que me façam perguntas: o que faço? com quem namoro? etc.... Não gosto que intrometam na minha vida. Concluo dizendo que os goeses são muito curiosos e até mesmo intrometidos.” [E17 (H, G3, M-L)]

Entretanto, outros há que salientam a **competição intra-étnica** apoiada na fragmentação de casta, de estrato social ou até a partir das rivalidades localistas, como algo que leva os Goeses a misturar a submissão aos (real ou imaginariamente) mais poderosos com a evitação de «confusões» e contraditórios sentimentos de superioridade e de inferioridade, conducentes a características ambivalentes senão mesmo contraditórias.

Em Moçambique, os núcleos de Goeses estavam compartimentados conforme a região onde habitavam e a função que desempenhavam e o estrato social a que pertenciam. Na comunidade de origem goesa os funcionários públicos julgavam-se superiores relativamente aos operários, aos pouco instruídos e aos trabalhadores por conta de outrem, e aos comerciantes que eram maioritariamente “monhés” (...) Não tenho necessidade de contactos com goeses, sempre as mesmas pessoas, as mesmas conversas, nada interessa, são muito redutores ... [E16 (M, G2, M-L)]

O goês é invejoso, cuidado com o mau olhar. Os goeses têm canções muito fortes de cariz religioso e de saudade. - Porque é que os goeses estão de costas voltadas? Talvez por complexos de inferioridade ou superioridade, o goês é submisso, eu não, e não gosta de confusões. [E15 (F, G2, M-L)]

As **caracterizações colectivas**, nomeadamente nas rivalidades regionais, jogam, como previsível, a favor dos seus enunciadores particulares.

Sou Laurentina de gema (...) Acho que os goeses de Lourenço Marques eram mais extrovertidos, os da Beira eram mais provincianos, fechados e bairristas. [E14 (F, G2, M-L)]

Dos núcleos de Goeses que há cá, os da Beira são dinâmicos, os de Quelimane eram muito poucos e raramente iam aos “Encontros”. Os de Lourenço Marques tinham características muito redutoras e destinados a círculos restritos de Goeses. Os encontros da Beira eram mais abrangentes. [E16 (H, G2, ML)]

A identidade religiosa emerge como um **organizador identitário**, associado tanto a **processos de diferenciação** como a **processos de hibridação** religiosa, bem como a supostas **características específicas**.

“A Identidade Cultural Goesa? Ter um passado comum, sinto-me português. Somos católicos, com influência do Hinduísmo, é a tal identidade cultural. ”[E15 (M, G2, ML)]

Para os mais velhos, a identidade goesa é afirmada mas vários da geração moçambicana, mantêm-se ligados a essa **«identidade referencial, genealógica»**, onde

mergulham as suas «raízes»; outros, agora que começam a envelhecer, sentem crescer em si um **revivalismo étnico**, como «um sentimento que se vai refinando com o tempo» com a promoção destes Encontros.

"Eu sou goês de raiz, devoto de S. Francisco Xavier, guardo algumas colecções de peças e artefactos goeses, prende-me em Goa ainda uma parte substancial da minha família e do meu passado. Acho que a identidade goesa é aquilo que nós sentimos em relação à Goa e às imagens que temos dela." [E4 (H, G1, G-M-L)]

"Apesar de ter nascido na Beira, Goa sempre foi um local de referência Goa, propriamente não conheço muito bem. Como Goês que me prezo, sempre fiz questão de conhecer as minhas raízes e por essa razão já lá estive 4 vezes mas sempre para gozar umas merecidas férias junto dos meus familiares; e o balanço final dessas visitas não poderia ser melhor. Curiosamente quando lá estive em 1960, participei nalguns jogos na equipa de Académica de Pangim, ainda Goa era Portuguesa" (não esquecendo uma das suas paixões, o Futebol)." [E6 (H, G1, M-L)]

"Estou entrosado com a identidade goesa que julgo sentir e, curiosamente, é um sentimento que se vai refinando com o tempo. Hoje sinto mais a identidade goesa, ainda que no dia a dia, os hábitos e costumes sejam europeus" [E9 (H, G2, M-L)]

Em muitos casos, trata-se de uma identidade familiar e micro-comunitária, fechada aos restantes grupos étnicos e que reconhecia a maioria local apenas como trabalhadores, ao serviço dos Portugueses (desempenhando então os Goeses funções subalternas, de mediação), ou como mainatos, criados da casa.

"(...) as minhas relações pessoais limitavam-se aos goeses, no trabalho fazia o que o meu encarregado português mandava e depois mandava eu nos pretos." [E2 (M, G1, G-M-L)]

"Como disse atrás, só na relação profissional com colegas e utentes, de resto dedicava-me à família e alguns contactos com outros goeses. A relação com africanos não havia, excepto com o criado da minha casa." [E4 (M, G1, G-M-L)]

Noutros tantos casos o **fechamento** ia ainda mais longe, separando-se da «comunidade goesa» mais vasta (uma entidade categorial sem contrapartida existencial), muito diversificada e distanciada por tantos factores divisivos (o local de nascimento, a cor da pele, a casta ou o estrato sócio-económico, a religião, a maior ou menos identificação com o projecto sócio-histórico pluri-continental dos Portugueses, o estatuto ou não de emigrantes, a passagem ou não por África, as atitudes inter-raciais hierarquizadas, fechadas ou abertas a convívios não-hierarquizados, etc., etc.), o que conduz a que, entre os de Moçambique, a identidade goesa dê lugar a uma identidade local, micro-familiar, a identidade beirense, celebrada enquanto tal pelos Encontros dos Goeses da Beira e seus Amigos / Xamuares.

Cá como lá, as nossa relações cingem-se aos familiares e famílias amigas que connosco vieram depois da independência. Somos católicos e só vamos aos encontros com Beirenses. Nunca fui à Casa de Goa. [E1 (M, G1, G-M-L)]

Já disse tudo das minhas relações. Às festas não vou, nunca fui à Casa de Goa e com africanos não me dou. [E2 (M, G1, G-M-L)]

Aqui relaciono-me com todos e acompanho os meus pais nos Encontros de goeses. Sou crente e vou à missa. [E20 (M, G3, L)]

Aqueles que vieram directamente de Goa para Lisboa confrontam-se com os que consideram emigrantes, os que tiveram um passado afro-moçambicano, e tentam posicionar-se, ora afirmando a diversidade de formas da goanidade, ora a sua adaptabilidade a novos contextos, ora ainda a sua posição saliente, como «verdadeiros goeses», como «mais goeses do que os outros», como revitalizadores em Portugal da 'cultura goesa'. A Casa de Goa é a associação que sentem que os representa.

Sou Hindú, na minha vida profissional uso indumentária portuguesa e sari na minha vida social. Sou frequentadora regular da Casa de Goa. Estou muito tempo fora do país. Regularmente tenho contactos com gente diferenciada. E como faço actuações de canto e dança tradicional Goêsa convivo implicitamente com públicos diversos, ainda que maioritariamente de origem goesa..” [E7 (F, G2, G-L)]

Eu sou frequentador regular da Casa de Goa, sei que há mais associações (ARCIP, SURIA...) mas nunca fui a qualquer delas, tenho poucos contactos com a comunidade goesa e não participo nos seus Encontros. Contactos? Só se forem à Casa de Goa. A Casa de Goa tem por objecto a divulgação da cultura (folclore, música e dança) e promove Conferências sobre temáticas variadas, relacionadas com Goa. Os goeses são pouco interessados pela cultura goesa (não viveram em Goa), até as minhas filhas manifestam desinteresse, apesar de participarem esporadicamente nalgumas...actividades... Encontros?? Sei que há, mas não há contactos, só se cá vierem. [E8 (H, G1,G-L)]

Do ponto de vista dos Goeses Católicos da Beira, a posição dos que vieram directamente de Goa, com outros meios económicos e outro capital social, manifesta um evidente elitismo que, por sua vez, distancia a comunidade católica da Casa de Goa.

Pelo menos para uma mulher de idade, a identidade goesa revelou-se menos uma identidade pessoalmente investida, mas uma **identidade familiar** decorrente das restrições de uma vida dedicada aos outros.

A minha convivência era na base de família, pois o meu dia a dia era cozinhar, tomar conta da casa e dos filhos... [E5 (M, G1, G-M-L)]

Mas a identidade cultural também é uma diferença (favorável ou pensada como tal) face a outros, que os sujeitos representam pelo nascimento e genealogia, e podem apresentar num contexto multicultural e inter-étnico. Neste enquadramento é algo de que se tem orgulho, de que não se deve ter «vergonha».

È ter conhecimentos da nossa cultura, história, tradições... sinto orgulho quando as minhas colegas querem saber mais dos nossos costumes ...penso que ainda há pessoas que pensam que nós somos diferentes... "[E3 (M, G2, G-M-L)]

Identidade goesa é viver as tradições, a gastronomia, as crenças, a religião. É ter nascido goês". "[E12 (F, G2, M-L)]

É ter nascido Goês, não ter vergonha do que se é.... "[E13 (M, G2, M-L)]

Outros, desde que viveram em Moçambique, tomaram a identidade portuguesa e deixaram para trás a identidade dos seus pais, introduzindo rupturas no nível macro-identitário do continuum genalógico que, no entanto, não beliscam a aliança familiar que mais do que tudo prezam e alimentam. Quando muito perspectivam a «identidade cultural» como uma «herança», como um conjunto de «memórias» e «costumes tradicionais» dos mais velhos, que podem mas não querem continuar, independentemente do que consideram ser a sua identidade actual.

Identidade Goesa, são os valores que prezam determinado povo, como somatório de experiências apreendidas, acumuladas e transmitidas de geração em geração, onde se vive num processo de sociabilidade contínua... legado que se constrói numa constante evolução (...) Penso que a identidade é uma herança.. "[E9 (F, G2, M-L)]

Identidade goesa é viver as tradições, a gastronomia, as crenças, a religião. É ter nascido goês". "[E12 (F, G2, M-L)]

A Identidade goesa, tem a ver com a relação que se tem com o passado, o reviver dos hábitos e costumes e as vivências. "[E14 (M, G2, M-L)]

"Identidade Goesa têm os meus pais, nasceram em Goa, preservam os hábitos, costumes e religião, são devotos de S. Francisco Xavier, participam em todos os encontros e eventos de goeses.. "[E18 (M, G3, M-L)]

Estes usaram a emigração para se aproximar ainda mais da promessa que estava contida na aventura de Quinhentos, o que lhes viria a facilitar a emigração política posterior. Podem agora considerar **a identidade goesa como um forma de inadaptação saudosista**, que aliás associam aos portugueses. Traçam assim uma distinção implícita entre **identidades voltadas para o passado**, saudosistas, ou genealógicas, e **identidades adaptativas, voltadas para o presente**, disruptivas em termos genealógicos, inclusivas e contextuais em termos políticos. E esta distinção tende a ser vista como diferenciando gerações, criando **rupturas identitárias intergeracionais**, sobretudo quando os processos de sociabilização se deram em contextos distintos.

Identidade Goesa, não. Sou português desde que fui para Lourenço Marques. Convivia e convivo com goeses no dia a dia, só isso... "[E2 (H, G1, G-M-L)]

Só se for dos que nasceram em Goa e lá se tornaram adultos, como os portugueses que emigram e quando se juntam cantam português e comem pratos típicos de Portugal e guardam saudades da terra. Eu da Beira só guardo as recordações de infância "uma varanda grande com muitos brinquedos...." [E11 (M, G2, M-L)]

Não sei explicar o que é ser goês, eu sou da 2ª geração. Goa não tem a ver com a Índia, já estou em Portugal há trinta anos e de preferência viverei sempre cá. A comida hindu é diferente, a nossa é portuguesa. Eu saio fora do padrão do Goês característico, não tenho necessidade de contactos com goeses, sempre as mesmas pessoas, as mesmas conversas, nada interessa, são muito redutores..” [E16 (H, G2, M-L)]

Não pensei nisso, mas pessoas com vivências diferentes, em grupos sociais diferenciados, terão comportamentos identitários diferentes. Os meus pais por exemplo, são diferentes de mim face às coisas e ao mundo, Eu construí a minha identidade em Portugal.” [E18 (M, G3, M-L)]

Há ainda outros, mais ambiciosos, que afirmam uma **identidade voltada para o futuro, mista e, portanto, supranacional**, a qual toma o ser europeu como a «identidade mais vasta» e mais diversificada, onde ser goês é ser uma das variedades da multiplicidade do ser europeu.

Para mim a identidade, quanto a origens deixou de ser importante, eu tenho uma identidade mista, goesa europeia...” [E7 (M, G2, G-L)]

Outros ainda declaram uma **identidade circunstancial, de adopção**, em função da «terra de acolhimento», Moçambique, enquanto em Moçambique, Portugal enquanto em Portugal.

Não sei o que é isso, as tradições, o nascer em Goa... eu sou filho da terra que me acolhe...” [E17 (H, G3, M-L)]

Mas existem outros, não necessariamente entre a geração emergente, que continuam a não se conceber como «emigrantes» e que recorrem a **identidades mistas, intercontinentais** (português de Goa, português-moçambicano, europeu de Goa, etc.) para escapar às contradições identitárias intergeracionais e ligar o que outros separam, conferindo-se **uma identidade «portuguesa-moçambicana, descendente de goeses»**, que assume o ponto de vista que foi dominante entre os portugueses, até ao 25 de Abril, de um «Portugal pluricontinental, do Minho a Timor».

Vim para Portugal há 33 anos (1976) por opção, é claro que tenho saudades da minha Lourenço Marques, não me considero uma emigrante, sou portuguesa -moçambicana descendente de goeses.” [E14 (M, G2, M-L)]

Não me considero um imigrante, vim para Portugal porque decidi que assim fosse, já conhecia o país a sua cultura, hábitos e costumes, adoro cá viver. É claro que tenho saudades da minha terra, dos tempos que lá vivi. A Casa de Goa é o elo de ligação com os meus antepassados.” [E15 (H, G2, M-L)]

As saudades da vida na colónia portuguesa de Moçambique, baseadas em intensas vivências emocionadas, nomeadamente na Beira, onde o comunitarismo goês era mais acentuado, deixam marcas, mas o retorno a Moçambique está hoje fora de causa. Portugal continental é onde estão e querem viver o resto das suas vidas.

Revisitar o país de origem faz parte dos meus planos pois (...) foi a terra que me viu nascer, crescer e onde me fiz homem. Foram tantos os momentos e as emoções! A vida, naquele tempo era diferente, todos se conheciam e se respeitavam e existia uma atmosfera de verdadeira harmonia. (...) Como atleta do CRIP, não tive nunca problemas nas relações com pessoas pertencentes a outros grupos étnicos diferenciados ou classes sociais, todos me acarinhavam. Como jogador de futebol fui galardoado e premiado, fui o jogador com mais presenças na selecção da Beira, lá como cá, as pessoas mais em evidência, ainda que na aparência, são endeusadas e acarinhadas por todos. Sinto-me bem com a minha origem goesa e como moçambicano de nascimento” [E6 (M, G1, M-L)]

Vim para Portugal com a minha mãe e as minhas irmãs, o meu pai veio um ano depois, não porque quisesse vir mas porque o meu pai assim quis. Guardo boas recordações dos amigos e da namorada que lá deixei, agora 23 anos depois não dá para voltar para lá.” [E17 (M, G3, M-L)]

Capítulo 5. Os «Encontros de Goeses da Beira e seus Amigos»

5.1 Os primeiro Encontros (2000-2008)

O que mais tarde foi codificado como o 1º Encontro surgiu informalmente no ano de 2000, e sem outro projecto que não recriar e fortalecer laços antigos, quando um grupo de cerca de quarenta Goeses da Beira, que tinham feito a recruta juntos em Lourenço Marques, decidiram reunir-se num almoço convívio num Restaurante goês, o *Sabores de Goa*, propriedade do Sr. Peter, para recordar e reavivar as memórias de uma cultura, de um tempo e de uma tradição. Um dos actores participantes na totalidade dos *Encontros*, relata as motivações que levaram à organização do 1º Encontro e seguintes:

Foi em Lisboa, organizado por um grupo de jovens que viveu na Beira. Os organizadores foram o Jorge Silveira, João José e Paulo Almeida. O grupo foi formado por mais ou menos 40 pessoas, que estiveram na tropa juntas, eram todas da Beira, de faixa etária por volta dos 40 anos. Não íamos escolher pessoas novas nem de mais idade.....decidimos juntar porque não nos víamos há muito tempo e pensámos fazer um almoço. (...) No 1º encontro só houve o almoço para homens, foi em Lisboa, nos Sabores de Goa, que foi onde nós iniciámos...nem música...só mesmo o almoço e foi só conversar, recordar os velhos tempos, as fotografias, andámos a passar fotografias nossas do tempo em que estávamos na Beira, e de quando muitos estavam na tropa...no decorrer do almoço convívio, foi lançada a ideia de fomentar a continuidade deste género de convívio e de acordo com a sugestão foi criada uma comissão para liderar e promover o 2º Encontro de Goeses da Beira. Aconteceu em Maio de 2001, já alargado às esposas e familiares...” [E13 (H, G2, M-L)]

Neste *Encontro*, os goeses da Beira assumem a rivalidade com os outros goeses de Lourenço Marques. A experiência da recruta na capital arrastava desde esse tempo a rivalidade entre os locais e os da Beira, uma vez que estes, deslocados da sua terra, disputavam e namoravam com evidente sucesso as goesas de Lourenço Marques.

Quando os primeiros beirenses fizeram a tropa, tinham de ir fazer a recruta a Lourenço Marques, porque na Beira quase não havia recrutamento. Depois, quando acabava a recruta em Lourenço Marques eram enviados para norte, Nampula, Moeda, para aqueles lados onde havia Guerra. Iam para o norte, e não vinham para a Beira, porque na Beira não havia guerra. Iam para o norte e depois quando acabava a comissão da tropa é que voltavam para a Beira...uns voltavam para a Beira e casavam-se na Beira, outros ficaram e casaram nos sítios por onde passaram – Lourenço Marques, onde ficaram na recruta e conheceram as moças lá; ou para o Norte, onde houve guerra e conheceram as moças lá. Quando vinham para a Beira já traziam as namoradas.”. [E13 (H, G2, M-L)]

A rivalidade era aberta porque os rapazes goeses da Beira tinham a reputação de «roubar» as miúdas de Lourenço Marques.

Isto é assim, os rapazes como iam fazer a tropa em Lourenço Marques, as moças de Lourenço Marques não queriam saber dos rapazes de lá, queriam mais os rapazes da Beira. E esses como não tinham nada a perder, tinham as famílias na Beira, procuravam as namoradas que queriam, vá lá... Eles faziam a recruta lá 3 ou 4 meses e se calhar ficavam encantados lá, com as moças, não sei...eu como não fiz a tropa, não sei. E há rivalidade entre os homens da Beira e de Lourenço Marques devido a isso. Os de Lourenço Marques não podiam com os da Beira e diziam: “esses vêm para aqui namorar com as nossas miúdas”. E quando os de Lourenço Marques vinham estudar ou trabalhar para a Beira, era a mesma coisa: namoravam eles com as raparigas da Beira. Há rivalidades e deve estar aí uma parte das razões”. [E13 (H, G2, M-L)]

Casados e com filhos, numa comunidade movida pelo espírito «familiarista», característico do goês, um dos objectivos deste grupo revivalista não era dar continuidade aos encontros só de homens, mas sim trazerem as suas famílias mais próximas. Desde logo surgiu um modo informal de organização baseada no voluntariado, na liderança grupal e na rotatividade, sendo em cada Encontro nomeada uma nova comissão representativa.

Nós éramos mais ou menos, das 40 pessoas, falávamos entre nós e perguntávamos: “quem é que no próximo ano aceita, ou quer, ou pode fazer”? E nessa base era logo fulano tal, tal e tal. Fui eu, o Basílio e o Brás Oliveira nomeados para o 2º Encontro” [E13 (M, G2, M-L)]

O 2º *Encontro*, foi liderado por Alfredo Bragança, Basílio Rodrigues e Brás de Oliveira, o almoço/ convívio realizou-se no Centro Paroquial do Lumiar, onde os próprios participantes confeccionaram a gastronomia goesa, contou com cerca de 120 participantes ou seja os quarenta homens do primeiro encontro, suas esposas e familiares e ano após ano o projecto terá ultrapassado as perspectivas dos seus pioneiros.

Aí optámos por levar as mulheres dos homens que estavam inscritos. Além dos 40, seriam as respectivas mulheres e mais um ou outro familiar e conseguimos reunir mais pessoas. Como foi no Centro Paroquial fizemos nós a comida. Pedimos a alguém para nos fornecer esse tipo de comida goesa, tratámos das bebidas. Nós próprios organizámos tudo. Comprámos e depois as pessoas pagavam para cobrir as despesas. Dividíamos tudo e a cobrança ficava ela por ela. O resto das despesas, a gasolina, o trabalho, era nosso, mas como fazíamos aquilo por gosto, não nos importávamos. (...) Tentávamos escolher o Maio, para não dispersar tanto as pessoas, porque em Junho e Julho, as pessoas já começavam a ir de férias e não conseguíamos juntar esse grupo de pessoa...era só para não dispersar as pessoas e para conseguirmos apanhar um maior número de pessoas.”
[E13 (M, G2, M-L)]

Com Comissão liderada por Baptista Silveira, Santana Fernandes e Daniel Fernandes, o 3º Encontro, alargado pela primeira vez aos *Goeses da Beira e seus amigos* - goeses de outras proveniências bem como não-goeses, foi realizado com inscrições a ascender às duzentas pessoas. Houve assim a necessidade de ajustar um novo espaço onde albergar todos os participantes, tendo sido escolhida a Quinta Valenciana, em Fernão Ferro, Sesimbra. Neste jantar / convívio foi inserida pela primeira vez a gastronomia portuguesa, na medida em que era servida pela empresa da Quinta contratada e somente no final da noite estava contemplado o sarapatel, um prato típico goês cozinhado por alguns dos participantes. Houve música e dança representativas de Portugal, Moçambique e em número reduzido músicas de Goa cantadas em concani.

No 4º Encontro, em 2004, a comissão organizadora foi, pela primeira vez uma comissão mista, liderada por Onésio Rodrigues, Brígida Rodrigues, Lurdes Noronha e Apolinário Cardoso. O Encontro contou com cerca de 300 Beirenses e amigos. Repetiu-se o local anterior, novamente e pelos mesmos motivos com gastronomia portuguesa e no final o sarapatel da ordem, com música e dança portuguesa e moçambicana e canções em concani. Como inovação, e primeira marca de revivalismo étnico, realizou-se no final um concurso de *saris*, um vestuário indiano usado também em Goa mas que em Moçambique e em Portugal tem tendido a cair em desuso.

Lembro-me da minha mãe contar que a minha avó e bisavó, lá em Goa, vestiam saris e no entanto eram católicas, mas ela já não... [E10 (F, G2, M-L)]

No 5º Encontro, em 2005, liderado por José Maria, Fátima Benvinda Pereira, Avelino Pité, Melba Pité e Francisco Fernandes, o jantar /convívio também foi realizado na Quinta Valenciana, ascendendo agora os participantes a cerca de 350 pessoas. A comida, portuguesa, voltou a ser servida pela Quinta, o que foi compensado, no final, com o habitual sarapatel, trazido de fora. Continuando a iniciativa do ano anterior realizou-se então um **concurso de chapéus**.

No 6º *Encontro*, em 2006 a comissão foi liderada por Reinaldo (Rony), São Sá, Alvarinho, Marlene Sá, Geraldo e Manuela Fernandes. Repetiu-se o jantar/ convívio, no mesmo local, com comida portuguesa e sarapatel no final da noite, e o número de participantes subiu para perto das 400 pessoas. Neste 6º *Encontro*, para além da música portuguesa e moçambicana, esteve também uma **tuna académica** entoando músicas portuguesas.

No 7º *Encontro*, a comissão foi liderada por Carmo Velho, Ivete, Guida, Chico Sá, Maria do Céu e Agnelo Antão. O jantar-convívio realizou-se uma vez mais na Quinta Valenciana, sempre com gastronomia portuguesa e o sarapatel da praxe. Os participantes continuaram a crescer, rondaram então as 450 pessoas. A actuação do grupo de danças e cantares de Goa, *Surya*, deixou claro que era o reencontro das pessoas e famílias, uma forma de revivalismo biográfico mais do que de revivalismo cultural o motor dos Encontros. Estes encontros reúnem centenas de pessoas e o sentir que as move nestes convívios, são as recordações, saudades sentidas da sua vivência em Moçambique.

Actuou o grupo “Surya, um grupo goês, de danças e cantares de Goa, do qual fazem também parte jovens. Temos uma vizinha com 13 anos que dança no grupo. Ela parece uma miúda de Goa, mas já nasceu cá. Actuaram durante meia hora, mas as pessoas não ligaram nada ao conjunto, porque este Encontro não é para as pessoas irem ver actuações, é para as pessoas se encontrarem e reverem pessoas que já não vêem há bastante tempo. Quando vêem as outras pessoas depois de longa data esquecem-se de tudo. Eles pediam para as pessoas se manterem em silêncio para ouvirem a actuação e não se ouvia nada. [E9 (M, G2, M-L)]

No 8º *Encontro*, comissão liderada por João Coutinho, António Rodrigues Antonieta Rodrigues, Victor Fernandes e Blanca Fernandes Onésio Rodrigues e Brígida Fernandes, João José Vaz, Basílio Rodrigues e Espertina de Araújo, Romualdo Coutinho e Lídia Fernandes, contou com **540** participantes de um total de **600** inscrições. A competição entre Comissões Organizadoras, tentando fazer sempre mais e melhor que o outro, contou com grupos musicais diferentes: Grupo *Suryá*, Gonzaga Coutinho e *Night-Star's* (Mário Ferreira), houve pela primeira vez prémios diversos: 1 viagem a Goa, 2 fins-de-semana para um casal, 8 livros "*Memórias da Beira*", vinhos, enchidos, taças, medalhas, certificados, cadernos de receitas, entre outros... Para além de outras actividades, realizou-se um Torneio de Carrom (um jogo goês), um Workshop de Culinária Goesa e, pela primeira vez, uma Conferência sobre Goa, com oradores convidados, nomeadamente Orlando Rodrigues e Leão Fernandes .

São mais para o Convívio. Conversar, lembrar coisas antigas...não quer dizer que as pessoas não apreciem as actuações, não vejam...mas é só até um certo limite. [E13 (H, G2, M-L)]

Por exemplo, se eles tivessem feito como nós fizemos no 9º Encontro, não estou a dizer que fizemos bem ou mal – o que fizemos durante o almoço foi a dança do ventre, apesar das controvérsias que houve antes, a menina actuou no intervalo do almoço e várias vezes. Parecendo que não, as pessoas não estavam à espera de nada, estavam ali sentadas a apreciar, podiam levantar-se e tudo isso. E quando foi o do Dino, aquilo foi logo antes do jantar... as pessoas queriam lá saber daquilo, queriam era sentar-se nas mesas e comer. As pessoas são mesmo assim... [E9 (M, G2, M-L)]

5.2 A estratégia da Comissão Organizadora do 9º Encontro (2009)

Ao longo dos tempos e das experiências havidas, a metodologia e a orientação, tendo em vista a promoção destes *Encontros*, cada vez mais amplos, quanto à quantidade e diversidade, foi-se aperfeiçoando qualitativamente e o 9º Encontro reflecte esta evolução qualitativa e se tornou produto de análise motivadora deste estudo.

A Comissão começou a realizar o seu Projecto no dia 20 de Agosto, dia da Fundação da Cidade da Beira, mandando rezar nesse dia uma missa, que registou um número significativo de presenças, na Igreja de S. Domingos, em Lisboa, em homenagem àqueles que, «com dedicação e muita abnegação edificaram e solidificaram a comunidade goesa, principalmente a beirense, ficando o compromisso de dar continuidade à obra que tanto dignificaram.»

Para reforçar a comunicação com a comunidade que representavam, foi criado um Blog, em que se declaravam os seus objectivos de acção:

- a) *Exaltar a riqueza patrimonial, reconhecidamente vasta e diversificada, legado secular construído por inúmeras gerações, numa simbiose de culturas e mestiçagem, vivências comuns e a mundivivência produzida pela relação com o espaço colonial;*
- b) *Manter viva a coesão da comunidade, apelar à transmissão de valores positivos e recordações que são património da sua memória colectiva e referência identitária.*

A articulação da tripla dimensão histórico-cultural, identitária e intergeracional, envolvendo narrativas de longa duração, a celebração da identidade grupal e o destaque primacial dado aos «mais velhos», herdeiros e mais significativos representantes da trajectória migrante que saindo de Goa e, passando pela Beira, se reproduziu e, mais tarde, reconstruiu os laços comunitários em Lisboa, dando origem a uma geração agora emergente, foi particularmente cuidada, dando origem a uma nova iniciativa: o **1º Encontro dos Séniores**. Neste Encontro, realizado em 11 de Outubro de 2008, participaram cerca de 90 «mais velhos», de ambos os sexos, que almoçaram, dançaram, aprenderam a cantar e dançar o «mandó», «música tradicional goesa que explica como se cantam e dançam os Amores, que não eram permitidos», ajudados por dois elementos

do Grupo *Surya*, receberam livros de medicina tradicional e partilharam o bolo da festa, com a bandeira da Beira, vivendo um dia certamente inesquecível.

Em 3 de Dezembro, mantendo antigas tradições, foram promovidos cultos a São Francisco Xavier e à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, nas Igrejas do Cacém, Rio de Mouro, Linda-a-velha e Amora

Homenageados os seus mortos, os «mais velhos e os santos padroeiros, uma quarta actividade teve a ver com a dinamização de uma **Festa de Carnaval dos Goeses da Beira**, na Associação de Moradores do Bairro de Trigache, em Famões a 21 de Fevereiro de 2009. «Comungando na degustação ora de um xacúti, um sarapatel, um vindalho ou um arroz-caril», cerca de 150 foliões dançaram sem parar. A língua, signo da identidade de um povo, marcou também presença, através do apontamento musical cantado em Concani, pelo Sr Cardoso, permitindo a muitos revisitarem as suas origens. No decorrer da festa realizou-se o **concurso de máscaras**, que contou com a participação muitos foliões, que desfilaram exibindo os seus trajes e as suas fantasias, sendo atribuídos prémios simbólicos a todos os participantes inscritos. Houve a ocasião para parabenizar os casais Graça e João pelos 25 anos de matrimónio, bem como a Júlia e o Joaquim pelos 17 anos, respectivamente, e ainda o aniversário natalício da Perpétua (Quita) que completou 51 primaveras.

O já tradicional Encontro de Maio, realizado no dia 23, com o título «Memórias de uma vivência», foi transferido para instalações mais sofisticadas, na Quinta da Fonte do Paraíso, em Loures.

Todo um enquadramento memorialista e identitário foi cuidadosamente preparado. Foi apresentada por João Coutinho, colaborador da Comissão, uma **Exposição relacionada com a temática Goa - Moçambique – Beira** (conferir Anexos), espólio que continha a reprodução do Pergaminho com o Decreto Real de Junho de 1907¹², mapas do «Portugal Insular e Ultramarino» (do Minho a Timor) Salazarista e fotos das capas de 16 livros escolares do período colonial, bem como mapas da cidade da Beira, referenciando o local do seu início (o forte de Arângua) e os seus bairros

¹² «Hei por bem declarar que a povoação da Beira, capital do Território de Manica e Sofala, sob a administração da Companhia de Moçambique, seja elevada À categoria de Cidade» . «O Ministro e Secretario de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar o tenha entendido e faça executar. Paço, 29 de Junho de 1907 - REI”»

representativos: Aruângua, Espangara, Esturro, Macúti, Maquinino, Matacuane, Munhava, Palmeiras e Ponta-gea.

O 9º Encontro de Goeses e seus amigos em Lisboa, realizado a 23 Maio



Comissão: Alfredo Bragança, Lourdes Fernandes, Agnelo Rodrigues, Aurora Gracia, Lucinda Fernandes, António Rodrigues, Piedade Fernandes, Alexandra Fernandes, Rosa Silva, Ricardo Silva, Gina e Maurino Silva
Local: “Quinta da Fonte do Paraíso”, Loures

A exposição continuava com fotografias que evidenciavam o rápido surto de crescimento, desde o início do século e sobretudo, depois da 2ª Guerra Mundial (praias, escolas, hotéis, cinemas, grandes praças, aranha-céus), com a bandeira amarela da Beira em posição de destaque. Complementando a exposição, realizou-se, com colaborações várias, uma **Mostra** de panos e objectos decorativos moçambicanos prezados pelos Goeses da Beira. Um terceiro componente era constituído por **Entrevistas** realizadas por elementos da Comissão e colaboradores «aos goeses que outrora foram personagens de vulto e respeito e actualmente se encontram esquecidos e ignorados», subordinadas ao título *Nossos “xamuares” (amigos) - o que é feito deles?*

Depois das intervenções feitas por diversos membros da Comissão Organizadora, seguiu-se o ponto alto da noite, de um ponto de vista identitário, o convite para que falasse um convidado especial, o Presidente em exercício da Casa de Goa, Professor Doutor Narana Coissoró. Do seu improvisado discurso salientamos um grande elogio aos Goeses em geral, pessoas «especiais» sem as quais, disse, não haveria Moçambique, bem

como aos Goeses da Beira, «que entre os Goeses são únicos», e aos seus Encontros, lamentando que a Casa de Goa não consiga motivar a nível semelhante os Goeses seus associados para a frequência das suas iniciativas e declarando que era sob esta tenda que se encontrava a verdadeira Casa de Goa.

*Moçambique e principalmente a Beira, é uma cidade e uma terra onde os goeses se podem orgulhar de terem feito nascer uma nação, porque **sem os Goeses não haveria Moçambique, sem Beira não haveria Moçambique.** (...) Fomos nós, os Goeses que construímos a coluna vertebral, digamos assim, dos primeiros tempos do estabelecimento do império português (...) exactamente porque Portugal não tinha gente suficiente para estar presente administrativamente nestas terras, foram os goeses que efectivamente, desde o principio em que se consolidou a administração portuguesa em Moçambique, foram os goeses, que suportaram no sentido de estabelecerem a rede, administrativa, a rede fiscal a rede financeira, a rede alfandegária, isto é os grandes postos desta administração.*

*Conheci a Beira, como uma cidade que rivalizava com Lourenço Marques, pela sua intelectualidade, pela sua força empresarial, pelo seu dinamismo, pela sua sociedade civil mas **o que a Beira tinha de mais próprio e individualizado, em face da capital que agora é Maputo, era a elite Goesa...***

*Os Goeses são especiais, pelo modo intenso como se ligam entre si, este sentimento dos goeses continua vivo, através dos tempos, e que, todos se sentem irmãos uns dos outros, amigos uns dos outros, camaradas uns dos outros, e que se encontram falam, dão abraços (...) os Goeses são especiais, mas **os Goeses da Beira, entre os Goeses, são únicos: têm uma alma e um dinamismo capaz de mobilizar os Goeses em Portugal, de forma persistente e efectiva, através destes Encontros.** O Encontro não é certamente para comer a comida goesa, todos nós a comemos em nossa casa, não é concerteza para estarmos juntos, muitas vezes estamos juntos noutros locais. O que anima esta festa é o seu sentido, o Encontro, a alma onde efectivamente é **a única comunidade dos Goeses da Beira que tem a fibra, que tem o empenho de efectivamente realizar estes Encontros todos os anos, de renovar a sua camaradagem e a sua afeição de uns com os outros.***

*Tenho pena, de dizer, que como Presidente da Casa Goa, não encontro na minha própria Casa de Goa, porque efectivamente para as nossas festas quando nós organizamos, **não são muitos que vêm** e por isso fico mais contente como goês, fico mais recompensado como presidente da Casa de Goa, fico mais ligado à minha terra, Goa, à minha gente, aos meus amigos, aos meus colegas, aos amigos dos meus colegas, porque enquadro a **veia da cultura goesa, que estamos aqui todos, todos juntos, porque esta é verdadeira Casa de Goa, esta tenda é mais do que uma Casa de Goa...** (d. n.)*

Convidado pela primeira vez a tomar a palavra, neste 9º Encontro, o Presidente da Casa de Goa, Dr. Narana Coissoró destacou o seu aspecto crucial, a dinâmica identitária de uma comunidade migrante movida pelo reatamento e reforço dos laços entre os que viveram algumas décadas na Beira e aí constituíram uma comunidade que ainda hoje se destaca pela vontade de perpetuar os laços que aí criaram.

Deste modo, os Encontros permanecem **uma iniciativa informal e comunitária**, aberta a outros e sempre em crescimento, mas muito diversa da organização institucionalizada da Casa de Goa que visa sobretudo exaltar o rico património imaterial

da goanidade, tanto histórico como cultural, mantendo a diáspora em Portugal em contacto com o Estado de Goa, ensaiando integrar os que provinham de outros territórios do antigo Estado da Índia, português (e, por isso, tendo mudado o seu nome para Casa de Goa, Damão e Diu, em 2003) e revitalizando velhos costumes em vias de desaparecimento.

Assim, de um modo informal e participado, são celebradas as memórias colectivas de Goa e da diáspora. Porém o produto final destas festas/convívio, são, em grande parte a exaltação de saudosismos, o individualismo escondido no espaço temporal daquele dia único, o querer saber de... o dizer «até à próxima» (festa), o falar dos filhos, da saudade da prodigalidade vivida em Moçambique. O ritual das festas é o comer, o beber, o contar e recontar do passado e do presente, com música e dança, são os *Encontros* que periodicamente acontecem fruto da vontade de alguns (poucos), para que muitos participem, o que se tem conseguido. Reunir e passar o dia com os outros, comer e beber em conjunto, conversar, reencontrar antigos conhecimentos e familiares mais distantes, cantar e dançar um dado repertório saudosista, são alguns dos dispositivos mobilizados para **relançar e aprofundar a sociabilidade goesa, revitalizar a dimensão comunitária e reforçar a identidade colectiva**, que aqui recebeu uma consagração especial pelo Presidente da Instituição que mais oficialmente representa Goa em Portugal.

A selecção de canções partilhadas mostra bem que a identidade celebrada é uma **identidade múltipla ou mixta**, goesa na mobilização comovida do concanim, portuguesa-moçambicana pelas canções em voga nas décadas anteriores à descolonização, beirense pelo bairrismo de bandeiras e cores identitárias (o amarelo), portuguesa como **identidade englobante das três gerações**, duas das quais nascidas sob uma Pátria que se via como tricontinental (se bem que não necessariamente salazarista) e como **identidade específica** da geração mais nova, com pais e avós, enraizando-se agora em Portugal e, neste caso e mais especificamente, na grande Lisboa.

A vontade de aumentar os laços entre os Goeses da Beira e seus amigos encontra dois limites. Por um lado, os **pequenos conflitos internos**, sobretudo intra-familiares, associados a processos de diferenciação e de hierarquização identitária, os quais acabam por não ensombrar a iniciativa, bem sucedida. Por outro lado, o **desinvestimento identitário e comunitário que sentem crescer ameaçadoramente entre os mais novos**.

Existem pessoas que gostam de destabilizar, se calhar tentando medir forças ou provar até aonde uma organização sólida, consegue solucionar questões de ultima hora... Isto porque houve pessoas que não quiseram sentar nas mesas atribuídas dizendo que 'não falavam com os familiares', outros, por terem sido dos primeiros a procederem com o

pagamento, deveriam ter lugar à escolha, outros porque queriam ficar junto ao palco.... Mas quando vamos ver as fotos e os filmes da festa tudo muda no figurino. [E9 (F, G2, M-L)]

O êxito do 9º Encontro de “Goeses da Beira e seus Amigos em Lisboa-Portugal”, é resultante do trabalho militante da comissão organizadora, tendo em vista essencialmente a **manutenção do espírito de convívio** entre os Goeses da Beira e seus amigos, para além do, já referenciado, propósito do **revitalizar das raízes culturais, identitárias**, que com o renascer de uma nova geração, já nascida ou sociabilizada em Portugal, num meio muito diverso do dos seus pais, a qual, cada vez mais ocidentalizada e europeizada se vai desenraizando das origens afro-goesas.

Dizem-nos os mais velhos que os jovens pouco ligam à cultura e princípios seculares dos avós, excepcionalmente, só alguns que ainda têm familiares em Goa, mantêm por afinidades continuadas essa relação intimista com hábitos, costumes e princípios transmitidos pelos familiares a que estão ligados. Este sentir dos mais jovens, já nascidos em Portugal, é confirmado pelos próprios:

Eu conheço as pessoas que lá vão por serem da minha família e serem amigas dos meus pais, mas eu não tenho relação nenhuma. Não posso falar de Goa porque nunca fui, não posso falar de Moçambique porque nunca fui, e eles falam e há nomes locais de festas, de pessoas, mas a mim passam-me ao lado, porque não tenho relação próxima com aquilo. Portanto, não vou a essas festas, não tenho esse interesse...podia dizer 'vou para ver se gosto, mas como não me identifico com aquilo, não vou. Se calhar se fosse à Índia, se conhecesse os irmãos da minha avó, o país, a cultura, numa maior proximidade, se calhar apegava-me mais, mas neste momento não me identifico e não vou a essas festas. [E21 (F, G3, L)]

Se os conflitos internos e a desidentificação dos mais jovens, apesar de tudo, não impedem o crescimento destes encontros, uma maior limitação a um processo de englobamento mais geral vem da **cisão entre estes Goeses afro-Moçambicanos e aqueles Goeses não-imigrantes, vindos directamente de Goa**, geralmente de classe mais elevada e reforçados pelas relações internacionais com o Estado de Goa, com Portugal e com a diáspora espalhada pelo mundo, que se sentem representados exclusivamente pela Casa de Goa.

Sou frequentador regular da Casa de Goa, sei que há mais associações (ARCIP, SURLÁ...) mas nunca fui a qualquer delas, tenho poucos contactos com a comunidade goesa e não participo nos seus Encontros ...Contactos? So se forem à Casa de Goa. A Casa de Goa tem por objecto a divulgação da cultura (folclore, música e dança) e promove Conferências sobre temáticas variadas, relacionadas com Goa .Os beirenses são pouco interessados pela cultura goesa (não viveram em Goa)...Encontros? Só se cá vierem... [E8 (H, G1, G-L)]

E, ainda, do afastamento daqueles, mais individualizados, que têm uma imagem relativamente negativa destes Goeses e não gostam de situações comunitárias e revivalistas, tendendo, como os mais jovens, a desidentificar-se desta **iniciativa de congregação e celebração identitária** não liderada por eles.

Fui aos Encontros da Beira uma ou duas vezes, aquela gente é uma gente muito fechada, mais tacanha, querem saber quem sou, quem é a minha mãe, o que faço, não gosto que invadam a minha privacidade. Porque é que os goeses estão de costas voltadas? Talvez por complexos de inferioridade ou superioridade, o goês é submisso, eu não, não gosta de confusões... [E15 (H, G2, M-L)]

6. Reflexões finais

Para a realização da tese, parti da observação participante dos «Encontros dos Goeses da Beira e seus Amigos», aos quais fui iniciada informalmente enquanto goesa, tendo sido posteriormente cooptada para a Comissão Organizadora do 9º Encontro e das actividades complementares do ano de 2008-2009, que descreverei. Parti ainda da minha vivência biográfica de Goesa nascida em Moçambique, filha de pais imigrantes de Goa, sociabilizada na Beira e participante do êxodo inesperado que nos forçou a vir para a grande Lisboa, bem como da experiência de um ano de organização de mais um dos «Encontros dos Goeses da Beira» para o repensar teórico das questões envolvidas nas reconstruções identitárias promovidas em contextos diaspóricos pos-coloniais. O que exigiu uma pesquisa documental sobre os antecedentes históricos da situação identitária actual, a utilização de documentos literários referentes à construção da identidade Goesa na Goa pós-colonial, a análise de documentação produzida pela Casa de Goa e a realização de entrevistas orientadas para o levantamento de histórias de vida (Durão e Cardoso, 1996) de modo a compreender as estratégias identitárias, tanto diplomáticas como inconscientes, mobilizadas por estes imigrantes «africanistas» no processo de reconstrução identitária que o passar das gerações, as deslocações transcontinentais e o posicionamento nas tensões estruturantes dos campos identitários ('raciais', internacionais, de casta e de estrato sócio-económico, etno-religiosas, regionais, intergeracionais e de género) necessariamente exigiram, criando diversidades, competições identitárias e novas pluralizações organizacionais.

Consideramos o levantamento que fizemos das estratégias identitárias em contexto migratório inter-étnico, no percurso Goa – Moçambique – Grande Lisboa bem como a descrição dos «Encontros» e, nomeadamente, do 9º Encontro dos

Goeses da Beira e seus amigos o núcleo deste trabalho, como representativo, embora aperfeiçoável e, portanto, como a nossa contribuição para a antropologia.

A restrição do tempo e do espaço impediu-nos de utilizar parte relevante da bibliografia que começámos a explorar quanto a Goa e Moçambique. Necessariamente ficou muito por fazer para trabalho futuro que se orientará pelas perspectivas que este primeiro trabalho abriu. Há que levar muito mais longe a investigação da construção da identidade Goesa como mediadora entre duas culturas etno-religiosas bem como das suas transformações ao longo das diferentes épocas históricas. Torna-se necessário aprofundar o conhecimento da representação dos «africanistas» na Goa póscolonial, a partir do terreno. Há que colocar em tensão com o que se revelou sobre os Goeses da Beira a diáspora para Portugal dos Goeses de Maputo (então Lourenço Marques), dos quais Marta Rosales (2007) fornece uma aproximação na sua tese de doutoramento, uma vez que nesta nossa pesquisa permanecem invisíveis (qual a sua dispersão regional em Portugal e as suas estratégias de congregação e afirmação identitária?). Falta focalizar o impacto que a ideologia e o movimento salazarista tiveram sobre os imigrantes de Moçambique, bem como o impacto que a cultura racial britânica, que parcialmente a confirmava enquanto ideologia da superioridade civilizacional e parcialmente se lhe opunha, enquanto ideologia da separação espacial hierarquizada das etnias, oposta a qualquer miscigenação, teve em Moçambique, nomeadamente sobre os Goeses da Beira e relançar o debate de Gilberto Freyre sobre a lógica diferenciada das expansões baseadas num «universalismo cristocêntrico», como diz ser o caso da expansão portuguesa, e em «cristianismos etnocêntricos de feitio nórdico-protestante» (Freyre, 1958: 14), uma dicotomia que, com outra configuração e com outro suporte também emerge em investigações empíricas recentes (Bastos, 2000; Bastos e Bastos, 2001, 2005, 2007). Importa ainda investigar como os três estratos que se organizavam em Clubes no Maputo e na Beira (Brâmanes e Chardós, classes médias, artífices e operários) se reorganizaram e através de que instituições, articulando essa questão como uma investigação aprofundada da história e estratégia das Associações e iniciativas de congregação e celebração identitária dos Goeses em Portugal. Há que aprofundar a questão do peso e da forma específica da religiosidade católica na defesa e emblematização da identidade Goesa em Portugal. Interessa finalmente clarificar as estratégias de dispersão, de miscigenação e de invisibilização dos Goeses Moçambicanos imigrados em Portugal. E há que, de tudo isso, extrair material para um aprofundamento e complexificação da antropologia dos processos identitários (Bastos

2001) e para renovar a **teorização da identidade colectiva das comunidades imaginadas** (Anderson, 1983) **como património imaterial fundamental, sem o qual nenhum património cultural, material e imaterial pode ser produzido.**

Como é óbvio, sem Goa não teria existido uma identidade Goesa, baseada na mediação diplomática entre duas culturas etno-religiosas, nem uma diáspora Goesa multímoda. Mas, como mostra a história do povo judeu, que perdeu a terra-mãe durante quase dois milénios, uma identidade como a Goesa poderá persistir no mundo sob forma diaspórica mesmo que se desse o caso muito improvável que o seu núcleo geográfico fosse assimilado e perdesse a distintividade no interior da «Mãe-Índia», como alguns pretenderam efectuar sem sucesso.¹³ É a partir desta **Identidade Goesa, segmentada, múltipla, híbrida, em transformação em ritmos diferenciados em Goa e nas diásporas, em sucessivas gerações**, que vai sendo reconstruída a cultura Goesa e gerado o Património material e imaterial emanado desse **foco gerador**, que é a **Identidade Goesa, matriz plural e multiforme de realizações múltiplas, de geometria variável na sua apresentação, em que os diferentes segmentos em competição revitalizam e reforçam, exactamente através dessa competição, o campo identitário que disputam.**

Como colocámos como título na Introdução, **todo o Património é um Património Identitário associado a relações históricas e contextuais, a acções, promotoras ou defensivas, a instituições, a organizações bem como a projectos identitários, mais ou menos inconscientes, de diferenciação, competição e apresentação em campos identitários plurais e assimétricos.**

¹³ A liquidação do contencioso entre Portugal e a União Indiana, a criação do Estado de Goa e o reconhecimento do concaním como uma das línguas oficiais da União Indiana e como língua oficial do Estado de Goa, bem como a entrada de Portugal para a União Europeia (1985) e a inquestionabilidade das fronteiras africanas, nomeadamente de Moçambique, estabilizaram o campo internacional lusófono em que se enraíza historicamente a identidade Goesa no mundo.

Bibliografia:

Bibliografia geral:

Agualusa, José Eduardo (2000) *Um estranho em Goa*. Lisboa: Cotovia.

D'Souza, Carmo (2000) *A Identidade Goesa de Ângela* [1994], Lisboa: Cotovia / Fundação Oriente.

Noronha, Carmo de (1991) *Contracorrente*, Pangim: edição do autor.

Portas, Catarina e Inês **Gonçalves** (2001) *Goa. História de um encontro*, Coimbra: Almedina

Bibliografia teórica e metodológica

Allport, Gordon W. (1956) *The Nature of Prejudice* [1954], New York: Doubleday & Company, inc., Abridged.

Anderson, Benedict (2000) *Imagined Communities. Reflections on the origin and spread of Nationalism* [1983], London & New York: Verso, revised edition.

Appadurai, Arjun (1998) *Modernity at Large. Cultural dimensions of Globalisation*, Minneapolis and London: University of Minnesota Press.

Barth, Fredrik (1998) Preface, in F.Barth, edit. *Ethnic Groups and Boundaries, The Social Organization of Culture Difference*, Prospect Heights, Ill: Waveland press, Inc., pp. 5-7

(1998) Introduction [1969], in F.Barth, edit. *Ethnic Groups and Boundaries, The Social Organization of Culture Difference*, Prospect Heights, Ill: Waveland press, Inc., pp. 9-38

Bastos, José (2006) Identity, in Penninx, R., M. Berger and K. Kraal (eds). *The Dynamics of Migration and Settlement in Europe. A State of the Art*. IMISCOE Joint Studies, Amsterdam: Amsterdam University Press, pp. 202-210.

Bastos, José (2002) Portugal in Europe – The inter-national identity strategies of the portuguese” in Luis Beltrán, Javier Maestro e Liisa Salo-Lee (edit), *European Peripheries in Interaction. The Nordic Countries and the Iberian Peninsula*, Alcala: Alcala University Press, 2002, pags. 223-247.

Bastos, José (2001) *Eppur si muove*: introdução a uma antropologia dos processos identitários, in J. G. P. Bastos, edit, *Antropologia dos Processos Identitários*, in *Ethnologia, Nova Série*, nº 12-14, Lisboa: Departamento de Antropologia da FCSH & Fim de Século, 2002, pags. 11-35.

Bastos, José (2000) *Portugal Europeu. Estratégias identitárias dos portugueses*. Oeiras: Celta.

- Bastos, José e S. Bastos** (2009) What are we talking about when we talk about Identity?, in C. Westin, J. Bastos, J. Dahinden e P. Góis, eds, *Identity Processes and Dynamics in Multiethnic Europe*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009
- Bastos, Susana e José G P Bastos** (2005b) Do retorno da subjectividade e das religiões à análise das dinâmicas de pluralização identitária, in S. e J. G. P. Bastos, *Filhos Diferentes de Deuses Diferentes*, Lisboa: Observatório da Imigração, 2006, pags. 23-44 e 269-271
- Berger, Peter e Luckmann, Thomas** (1999) *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro, 2ª edição.
- Camilleri et all.** (1990) *Stratégies Identitaires*, Paris: PUF.
- Choay, Françoise** (2006) *Alegoria do Património* [1982], Lisboa: Edições 70, 2ª edição.
- Connerton, Paul** (1999) *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta.
- Devereux, Georges e Loeb, Edwin M.** (1943) Acculturation antagoniste, in **Devereux, Georges** (1985), *Ethnopsychanalyse complémentaire*, Paris: Flammarion.
- Durão, Susana e Cardoso, Teresa** (1996) Os métodos biográficos. Uma aproximação dos fundamentos da História de Vida, in *Arquivos da Memória. Memória e Sociedade*, Lisboa: CEEP, pp.95 -123
- Erikson, Erik** (1968) *Identity: Youth and Crisis*. New York: W. W. Norton, Inc.
- Freud, Sigmund** [1930] O Mal-estar na Civilização, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, 1974.
- Freyre, Gilberto** (1958) *Integração Portuguesa nos trópicos*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar
- Hallbwach, Maurice** (1968) *La mémoire collective*, Paris: PUF.
- Herzfeld, Michael** (2008) *A intimidade cultural. Poética social no Estado-Nação*. Lisboa: Edições 70.
- Hobsbawn, Eric e Ranger, Terence** (1983) *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lévy-Strauss, Claude** (1952) *Race et Histoire*, Paris: Plon.
- Mead, Margaret et alii** (1968) *Science and the Concept of Race*, New York and London: Columbia University Press.
- Moscovici, Serge** (1989) Des représentations collectives aux représentations sociales, in Denise Jodelet, edit., *Les représentations sociales*. Paris: PUF
- Roosens, Eugene** (1996) “The primordial nature of origins in migrant ethnicity”, in Vermeulen, Hans e Govers, Cora (eds) *The Anthropology of Ethnicity, Beyond «Ethnic Groups and Boundaries»*, Amsterdam: Het Spinhuis, 2nd printing, 1996, pags. 81-104.

Scheff, Thomas (1996) "Emotions and Identity: a theory of interethnic relation", in C. Calhoun, *Social Theory and the Politics of Identity*, Cambridge: Blackwell Publishers.

Sumner, G. A. (1906) *Folyways*. New York: Ginn.

Tajfel, Henri (1982) *Grupos humanos e categorias sociais* [1981], Lisboa: Livros Horizonte, 2 vols.

Weber, Max [1922] **Weber**, Max, "What is an ethnic group?", in *Economy and Society*, Berkeley, CA.: The University of California Press, 1978.

Enquadramento histórico-cultural

Goa, o Padroado do Oriente e o Estado da Índia

Devi, Vimala e Manuel **Seabra** (1971) *A literatura indo-portuguesa. Antologia*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

Feio, Mariano (1979) *As castas hindus de Goa*, Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar / Centro de Estudos de Antropologia Cultural.

Forjaz, Jorge (2003) *Os luso-descendentes da Índia Portuguesa*, Lisboa: Fundação Oriente, 2 vols.

Henn, Alexander (2000) The becoming of Goa. Space and Culture in the Emergence of a Multicultural Lifeworld, in *Lusotopie 2000, "Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies"*. Paris: Khartala, pp. 333-339.

Lobato, Alexandre (1955) "Introdução", in *Fundação do Estado da Índia. Livro comemorativo*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, pp. 11-41.

Lopes, António dos Mártires (1971) *Imprensa de Goa*, Lisboa: Comissariado do Governo para os Assuntos do Estado da Índia.

Marini, Émile (1956) *Goa, as I saw it*. Paris: Les Cahiers du Voyage.

Menezes, Francisco Xavier (2000) Goa na conjuntura actual, in *Goa*, II série, nº 5, pp. 17-20.

Rocha, Leopoldo da (1973) *As confrarias de Goa (séculos XVI-XX). Conspecto histórico-jurídico*, Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.

Rodrigues, M. L. Bravo da Costa (2000) The Status of Portuguese Language and Some Other Cultural Aspects in Goa, in *Lusotopie 2000, Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*. Paris: Khartala, pp. 597-609.

Roque, Ricardo (2001) *Antropologia e Império. Fonseca Cardoso e a expedição à Índia em 1895*. Lisboa: ICS.

Soeiro de Brito, Raquel (1966) *Goa e as Praças do Norte*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

Thomaz, Luis Filipe . R. (1998) Goa: uma sociedade luso-indiana, in *De Ceuta a Timor* [1994], Lisboa: Difel, 2ª edição, pp. 245-289.

Trichur, Raghuraman S. (2000) Politics of Goan Historiography, in *Lusotopie 2000, Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies* Paris: Khartala, pp. 637-646.

África e Moçambique

Baptista, J. do Amparo (1962) *Moçambique. Província portuguesa de ontem e de hoje*, Famalicão, edição do autor.

Bramão, Maria Helena (1970) *Livro de Ouro do Mundo Português – Moçambique*, Lourenço Marques: edição da autora

Capela, José (1988) Apontamento sobre os negreiros da Ilha de Moçambique, 1900-1920, in *Arquivo, Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, nº 4, Outubro de 1988, pp. 83-90.

(1993) *O escravismo colonial em Moçambique*, Porto: Afrontamento.

Correia de Lemos, Manuel Jorge (1995) Relações de Lourenço Marques com o Transvaal, antes e depois da ligação ferroviária, in *Arquivo, Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, nº 17, Abril de 1995, pp. 87-124.

Diniz, Carlos Soares (1961) *Pioneiros de Moçambique*. Lourenço Marques: edição do autor.

Enes, António (1971) *Moçambique. Relatório apresentado ao Governo*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 4ª edição.

Fage, J. D. (1997) *História de África*. Lisboa: Edições 70.

Garcia, António, S. J. (1969) *História de Moçambique Cristão, Volume 1*. Lourenço Marques: Diário Gráfica, edição do autor.

Hoppe, Fritz (1970) *A África Oriental Portuguesa no tempo do Marquês de Pombal (1750-1777)*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar (tese de doutoramento na Universidade de Hamburgo; edição original: Berlim, 1965)

Isaacman, Allen e Barbara **Isaacman** (1991) Os prazeiros como trans-raianos: um estudo sobre transformação social e cultural, in *Arquivo, Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique*, nº 10, Outubro de 1991, pp. 5-48.

Leite, Joana (2000) A guerra do caju e as relações Moçambique-Índia na época pós-colonial, in *Lusotopie 2000, “Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*, Paris: Khartala, pp. 295-332.

Marques dos Santos, Victor (2007) *A Questão Africana e as Relações Luso-Britânicas, 1884-1914*. Lisboa: ISCSP.

- Morier-Genoud, Éric** (2000) Archives, Historiographie et Églises évangéliques au Mozambique, in *Lusotopie 2000, Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*. Paris: Khartala, pp. 621-630.
- Noa, Francisco** (2002) *Império, Mito e Utopia. Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Caminho.
- Oliveira Boléo** (1961) *Moçambique. Pequena Monografia*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- Pereira, Zélia** (2000) Os Jesuítas em Moçambique: aspectos da acção missionária portuguesa em contexto colonial (1941-1974), in *Lusotopie 2000, Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*, Paris: Khartala, pp. 81-105.
- Pereira de Lima, Alfredo** (1971) *História dos Caminhos de Ferro de Moçambique*, Lourenço Marques: Administração dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique, 3 vols.
- Psalmon, David** (2000) La vie quotidienne à Beira au temps des élections, in *Lusotopie 2000, Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*. Paris: Khartala, pp. 125-133.
- Rita-Ferreira, A.** (1988) Moçambique post-25 de Abril: causas do êxodo da população de origem europeia e asiática, in *Moçambique. Cultura e história de um país*. Actas da Vª Semana de Cultura Africana, Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra, pp. 121-169.
- Silva Rego, A. da** (1970) *O Ultramar Português no Século XVIII*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- (1969) *O Ultramar Português no Século XIX*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 2ª edição.

Goeses em Goa, Moçambique e Portugal

- Azevedo Coutinho, João** (1936) *Manuel António de Sousa. Um Capitão-mor da Zambézia*, Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- Magalhães, Maria Inês Macias de Mello** (1994) *Goeses em Lisboa*, tese de Mestrado em Relações Internacionais, Lisboa: Universidade Aberta. Mimeo.
- Malheiros, Jorge Macaísta** (2000) Circulação migratória e estratégias de inserção local das comunidades católica goesa e ismaelita. Uma interpretação a partir de Lisboa, in *Lusotopie 2000, Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*. Paris: Khartala, pp. 377-398.
- (1996) *Imigrantes na região de Lisboa: os anos da mudança. Imigração e processo de integração das comunidades de origem indiana*, Lisboa: Colibri
- Peregrino de Sousa, A** *expansão do Goês pelo mundo*, Goa, Repartição Central de Estatística e Informação, 1956 (citado por Thomaz).

Reconstruções identitárias migratórias e pós-coloniais

Bastos, José e Susana Bastos (1999) *Portugal Multicultural. Situação e estratégias identitárias das Minorias Étnicas*. Lisboa: Fim de Século

Bastos, Susana e José G P Bastos (2007) «The Blood of Muslims is Worthless, after all»: Identity Debates between Portuguese and British Sunnis, in Leicester', in *Lusotopie* Paris: Brill, pp. 271-285

(2005a) '«Our Colonisers were better than yours»: Identity Debates in Greater London, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Sussex: 35, 1.

(2001) *De Moçambique a Portugal. Reconstruções identitárias do hinduísmo em viagem*. Lisboa: Fundação Oriente /Col. Orientália.

(2001) De novo em viagem: as estratégias identitárias dos *portuguese indians* de Londres, in J. G. P. Bastos (ed) «Antropologia dos processos identitários» (número temático), in *Ethnologia, Nova Série*, nº 12-14, Lisboa: Departamento de Antropologia da FCSH & Fim de Século, 2002, pags. 127-161

(2000) Diu, Mozambique et Lisbonne. Histoire sociale et stratégies identitaires dans la diáspora dês hindous-gujaratis, in *Lusotopie 2000, "Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*, Paris: Khartala, pp. 399-421.

(1997) O trabalho de terreno como crise-análise intercultural - uma reflexão polifónica sobre as vicissitudes da pesquisa antropológica, em casal, no sul do Saurashtra, in Maria Cardeira da Silva (edit.), *Trabalho de terreno, Ethnologia*, nº 6/8 (1998), pags. 307-326.

Borges, Charles (2000) The changing faces of christianity in Goa: from being Portuguese to being Indian?, in *Lusotopie 2000, "Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*. Paris: Khartala, pp. 435-454.

Desai, Nishtha (2000) The denationalisation of Goans: An Insight into the Construction of Cultural Identity, in *Lusotopie 2000, "Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*. Paris: Khartala, pp. 469-476.

DeSousa, Peter Ronald (2000) La vie politique dans l'État de Goa (1987-1999), in *Lusotopie 2000, "Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*. Paris: Khartala, pp. 31-45.

DeSousa, Shaila (2000) Health Practices and People's Identity: Re-locating Identity, in *Lusotopie 2000, "Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*, Paris: Khartala, pp. 455-468.

Fernandes, Aureliano (2000) Political Transition in Post-Colonial Societies. Goa in Perspective, in *Lusotopie, "Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*, Paris: Khartala, pp. 341-358.

Furtado, Edith Melo (2000) Reacting to a Transition: the Case of Goa, in *Lusotopie 2000, "Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*, Paris: Khartala, pp. 477-486.

- Gracias**, Fátima da Silva (2000) Goans away from Goa. Migration to the Middle East, in *Lusotopie 2000, "Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*. Paris: Khartala, pp. 423-432.
- Khan**, Sheila (2009) *Imigrantes Africanos Moçambicanos. Narrativa de Imigração e de Identidade e Estratégias de Aculturação em Portugal e na Inglaterra*, Lisboa: Edições Colibri.
- Mascarenhas-Keyes**, Stella (1990) International Migration: its development, reproduction and economic impact on Goa up to 1961, in Teotónio de Souza, edit., *Goa through the Ages II*, New Delhi, pp. 242-262.
- Noronha**, Jorge de Abreu (2000) A identidade de Goa e o Goês na diáspora, in *Goa*, II série, nº 5, pp.10-11 e 16.
- Rosales**, Marta (2007) *As coisas da casa*, Dissertação de doutoramento em Antropologia Cultural e Social, Lisboa: FCSH, mimeo.
- Santana**, Eugénio (2009) *Moçambicanidades disputadas. Os Ciclos de Festas da Independência de Moçambique e da Comunidade Moçambicana em Lisboa*. dissertação de Mestrado em Migrações, Inter-eticidades e Transnacionalismo. Lisboa: FCSH, mimeo..
- Sardo**, Susana (1994) *A música e a reconstrução da identidade. Um estudo etnomusicológico do Grupo de Danças e Cantares da Casa de Goa em Lisboa*, tese de Mestrado em Etnomusicologia, Lisboa: FCSH, mimeo.
- Serra**, Carlos, edit (1998) *Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização*, Maputo: Livraria Unversitária / Unversidade Eduardo Mondlane.
- Silva**, Salinho da (1997) O que é feito dos canecos? (carta ao director), in *Goa*, II série, nº 4, pps. 17 e 22.
- Sousa**, Theotónio R. De (2000) Is there one Goan identity, several or none?, in *Lusotopie 2000, Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*. Paris: Khartala, pp. 487-495.
- Viegas**, Valentino (1997) A identidade de Goa, in *Goa*, II série, nº 4, Dezembro de 1997, pp. 9-11.
- Zamparoni**, Waldemir (2000) Monhés, Baneanos, Chinas e Afro-maometanos. Colonialismo e racismo em Lourenço Marques, Moçambique, 1890-1940, in *Lusotopie 2000, Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies*, Paris: Khartala, pp. 191-222.
- Xavier**, Constantino Herrmanns (2004) Goeses em Portugal: porquê juventude, in *Goa*, II série, nº 14, Abril-Junho de 2004), pp. 11.

ANEXOS

1. Cronologia Histórica

A RECONSTRUÇÃO ADMINISTRATIVA DE MOÇAMBIQUE NO SÉCULO XIX

1815 a 1828	A Ilha de Moçambique torna-se oficialmente a capital da Província. – Ascensão e queda do Imperador Mutetua, Chaca Zulo, provocando limpezas étnicas em Manica, Gaza e parte de Inhambane.
1817	Pelo Artigo 2º da Convenção de 28 de Julho de 1817, anexa ao tratado de 1815, a Inglaterra reconheceu como limites dos domínios portugueses na África Oriental o Cabo Delgado, a norte e a baía de Lourenço Marques, a sul. Portugal compromete-se a proibir o tráfico de escravos a norte do Equador.
1818	Moçambique é elevada a cidade.
1820	Declaração de independência do Brasil.
1822	A Constituição Política da Monarquia portuguesa, de 1822, refere, «na costa oriental, Moçambique, Rios de Senna, Sofalla, Inhambane, Quelimane, as Ilhas de Cabo Delgado», sem autonomizar ou referir Lourenço Marques e sem atribuir qualquer unidade ao conjunto, embora no Título II mencione «Moçambique e suas dependências».
1822-23	O Capitão da Marinha de Guerra Ingles realiza várias viagens à Baía de Lourenço Marques, para «reconhecimento hidrográfico» da Baía e rios adjacentes, dando-lhes nomes ingleses (rebaptiza os Rios do Espírito Santo e Manhiça com o nome de <i>English River</i> e de <i>King's George River</i>). Entretanto, faz acordos com vários régulos, que lhe cedem terras na região.
1826	A extensão ao Ultramar do conceito de Província, tende a criar um efeito de unificação das possessões listadas em cada área geográfica (Carta Constitucional de D. Pedro)
1826	É fundada a Companhia Comercial da Baía de Lourenço Marques, dependente da Capitania Geral de Moçambique, com a obrigação de fundar uma feitoria armada com uma guarnição de 100 praças, em troca do exclusivo do comércio do marfim por 14 anos.
1834	O Decreto de 31 de Maio (conhecido como o <i>Decreto Mata-Frades</i>) extingue as ordens religiosas na Metrópole e em todo o Ultramar. Dez anos depois é promulgada a Lei que manda vender os bens então confiscados. As relações com o Vaticano são interrompidas entre 1834 e 1841.

1835	<i>O liberal Peres da Silva, natural de Goa é nomeado «Prefeito» do Estado da Índia, mas é deposto por uma revolta militar. Apela para o auxílio britânico, contra o governo militar de Goa, apoio que não obtém, e fica apenas a governar Damão e Diu. A bicefalia cessa com a chegada do novo governante.</i>
1836	Repetidamente atacados, os Portugueses abandonam o posto do Zumbo, no interior de Moçambique.
1836-1837	Primeira tentativa de abolição oficial do tráfico de escravos a sul do Equador , com algumas excepções. Não era proibida nem a escravidão nem a situação de ser escravo. O Decreto de Sá da Bandeira que proíbe a exportação e importação de escravos foi particularmente mal recebido em Moçambique. A reacção local foi tal que levou à suspensão do Decreto em Novembro de 1837.
1836-1839	Colonos <i>Boer</i> fogem dos Ingleses e chegam a Lourenço Marques, regressando depois à Cidade do Cabo.
1838	A Constituição de 1838 prevê que «as Províncias Ultramarinas poderão ser governadas por leis especiais segundo exigir a conveniência de cada uma dellas».
1839	<i>A Companhia Inglesa das Índias Orientais oferece 500 mil libras esterlinas pela compra do Estado da Índia, com o pretexto de que o Governo português deveria pesada indemnização por ter protegido revoltosos locais refugiados em Goa.</i> - o goês Bernardo Peres da Silva, eleito uma vez mais deputado (depois de o ter sido em 1822 e 1827 e de ter sido nomeado Prefeito do Estado da Índia, em 1834), toma finalmente assento na Câmara dos Deputados.
1842	É fundada a Escola Médico-Cirúrgica de Goa, que inicia o ano lectivo com 4 lentes e oito alunos. [as Escolas de Cabo-Verde, Angola e Moçambique, igualmente fundadas no papel, nunca chegarão a abrir].
1842	É assinado em Lisboa um Tratado Luso-Britânico que visa promover a completa abolição do tráfico de escravos. Ambas as marinhas recebem poderes mútuos para actuar em casos suspeitos e são criadas Comissões mistas encarregues do julgamento de navios negreiros apresados. – Quelimane, capital do Distrito da Zambézia, é elevada a cidade.
1843	Os ingleses anexam o Estado <i>Boer</i> do Natal.
1843	<i>Pangim é elevada a cidade, com o estatuto de capital do Estado da Índia.</i>
1843	É criada a Repartição de Moçambique na Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar.
1844-47	Sai legislação que reorganiza os serviços de saúde (1844), o ensino médico (1845), a instrução primária (1846) e que cria uma Comissão para informar o Governo sobre o comércio, em todas as províncias ultramarinas.
1846	João Albasini, acompanhado por alguns nativos e por alguns comerciantes Goeses, parte de Lourenço Marques para o interior, onde se fixa.
1849	Inhambane é atacada.

1850	Charles Vogel, na sua obra <i>Le Portugal et ses Colonies</i>, calcula em 300 mil pessoas a população da província. Destes, apenas cerca de dois mil seriam «brancos», mouros e «indianos» (sem distinguir os goeses cristãos dos Divecha e Gujateres hindus). Incluindo europeus e tropa local, a força armada acercava-se do milhar.
1851	<i>É criada a Companhia Comercial de Goa.</i>
1854-56	Com apoios portugueses, David Livingstone atravessa África, partindo de Luanda para Quelimane.
1854-92	Manuel António de Sousa, natural de Goa, torna-se Capitão-mor de Manica e Quiteve.
1857	<i>Concordata com a Santa Sé sobre o Padroado do Oriente</i> , põe fim ao conflito iniciado em 1834.
1857-59	Na Índia, os sipais massacram quantos ingleses encontram pela frente. Foi preciso um exército de 180 mil homens para travar a revolta. Na sequência, é extinta a Companhia Inglesa das Índias Orientais.
1858	No dia do seu casamento, D. Pedro V assina o decreto apresentado por Sá da Bandeira, que fixa o termo da escravidão para daí a vinte anos, data em que os seus possuidores seriam indemnizados e aqueles seriam libertos.
1858	Sá da Bandeira reúne sob o nome de «Zambézia» todo o vale do Zambeze, de Quelimane a Tete e ao Zumbo.

CONFRONTOS INTERNACIONAIS PELA DEFINIÇÃO DE FRONTEIRAS COLONIAIS [1858 – 1898]

1858	Face à ameaça da esquadra francesa fundeada no Tejo, Portugal cede a um Ultimatum do Governo Francês para libertar a barca negreira «Charles et George» anteriormente aprisionada a norte da Ilha de Moçambique.
1861	Os ingleses ocupam as Ilhas de Inhaca e dos Elefantes, à entrada da Baía de Lourenço Marques (para eles, <i>Delagoa Bay</i>) mas face aos protestos diplomáticos rapidamente desistem da ocupação.
1862	Eleito em 1860 e activo desde Janeiro de 1861, o deputado goês nas Cortes de Lisboa, Francisco Luis Gomes, publica em Lisboa <i>A liberdade da terra e a economia rural na Índia Portuguesa</i> .
1864	Receando que os ingleses anexassem o sul de Moçambique, Marthinus Pretorius, primeiro Presidente do Transvaal, pede ao Governador Geral de Moçambique, «como um grande favor», a urgente delimitação das fronteiras. - criação, em Lisboa, do Banco Nacional Ultramarino
1868	Dada a falta de resposta à solicitação, o Transvaal anexa unilateralmente todo o sul de Moçambique até ao mar, incluindo a baía de Lourenço Marques.
1869	Tratado de paz e amizade entre Portugal e a República Boer do Transvaal, com fixação das actuais fronteiras. - Os escravos são libertos, continuando a trabalhar em liberdade até 29 de Abril de 1878, como previsto em 1858.
1869	<i>Rebello da Silva, na Carta orgânica das províncias Ultramarinas, reconhece abertamente a maioria do Estado da Índia, muito superior à de qualquer outra parcela do ultramar.</i> - -
1871	<i>Criação, em Goa, de um Instituto Profissional (industrial, agrícola e comercial), de uma Escola de Pilotagem e do Instituto Vasco da Gama. Pronunciamento do Exército da Índia, composto principalmente por «descendentes» de matrimónios entre metropolitanos e goesas, seguido da sua extinção e da reorganização das forças públicas.</i>
1874	Conclusão da Estrada de Lydenburg ou Estrada Real para o Transvaal, atravessando a Serra dos Libombos.

1875	<p>São recuperadas por arbitragem internacional do Presidente francês, general Mac-Mahon, terras que cercam a Baía de Lourenço Marques (Catembe, Maputo, península da Unhaca e Ilhas de Unhaca e dos Elefantes), definindo a fronteira sul de Moçambique.</p> <p>- como consequência da consolidação do território português, novo tratado com a República Boer do Transvaal (República da África Meridional) prevê a construção do caminho de ferro que ligará esta República ao Porto de Lourenço Marques.</p> <p>- “por generosidade de El-Rei D. Luiz” é criada a Câmara Municipal de Lourenço Marques (9 de Dezembro).</p>
1876	<p>D. Luís atribui a Lourenço Marques o estatuto de vila.</p> <p>- O Rei Leopoldo dos Belgas convoca uma Conferência Internacional para «abrir à civilização a única parte do nosso globo em que ela ainda não penetrou», isto é, a África e cria a <i>Association Internationale Africaine</i>. Presentes: a Alemanha, a Austro-Hungria, a França, a Inglaterra, a Itália e a Rússia, para além da Bélgica. Não-convidados: Portugal e Espanha. Dois meses depois, o Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa escreveu ao Rei dos Belgas estranhando o facto de Portugal não ter sido convidado.</p>
1877	<p>É criado, com grande impacto mundial, o Império Inglês, com elevação da rainha Vitória ao estatuto de Imperatriz. Anexação do Transvaal pela Inglaterra.</p> <p>Intervenção nas minas de carvão da região de Tete.</p>
1878	<p>– <i>Tratado Luso-Britânico sobre as Índias, que, embora contribua para o desenvolvimento de Goa, subordina em grande parte a economia de Goa à da Índia Inglesa, contra o pagamento anual, pelos ingleses de quatro lacs de rupias. Os ingleses assumem o monopólio do sal e do ópio e obrigam ao imposto sobre a sura (toddy). É desenvolvido o porto, o caminho de ferro e a ligação ao resto da Índia. É anulado o projecto de construção de um porto rival inglês em Karvar. Previsto para durar doze anos, o tratado terminará em 1892.</i></p> <p>- Criação da <i>Société des Fondateurs de la Companhie Générale du Zambeze</i>, liderada por Paiva de Andrade, liquidada em 1883 após duas expedições científicas e</p>
1879	<p>Serpa Pinto atravessa África, atingindo o Índico em Porto Natal (África do Sul).</p>
1880	<p><i>A crise económica no Estado da Índia conduz à ordem de venda de praticamente tudo quanto pertencia às igrejas, confrarias, juntas, câmaras municipais, colegiada, bens da Fazenda, etc., em Goa, Damão e Diu.</i></p>

1881	<p>Novo Convénio entre ingleses e a República <i>Bóer</i> do Transvaal leva à independência da Suazilândia, como protectorado inglês (o que induz a alteração do traçado do caminho de ferro para Lourenço Marques), bem como à fundação da IIª República do Transvaal.</p> <ul style="list-style-type: none">- <i>Reestruturação das instituições religiosas e missionárias do Padroado do Oriente. Extinção do Seminário de Rachol, substituído por dois seminários-liceus, em Salsete (no antigo seminário de Rachol) e em Bardez. Criação de um Seminário-Instituto em Nova Goa, para formação seminarística superior. Estabelecimento de 3 Hospícios para missionários em Calcutá, Cochim e Madrasta. Criação de uma Junta do Padroado da Índia, para gerir os bens.</i>
------	---

A DISPUTA COLONIAL DA ÁFRICA E A REESTRUTURAÇÃO DE MOÇAMBIQUE

1882	Início da vaga de ocupação militar de África pelos exércitos europeus. Tomando como pretexto o massacre de 60 cristãos em Alexandria, a Inglaterra ocupa o Egipto.
1884	<p>Tratado Luso-Britânico reconhece a ocupação portuguesa do Ambriz e a fronteira norte de Angola com o rio Zaire, até Noqui (22 de Fevereiro), entregando a Portugal o contrôlo político da foz do rio, em conflito com interesses belgas, franceses e alemães.</p> <ul style="list-style-type: none"> - renovação da Aliança dos 3 Imperadores, entre a Rússia, a Alemanha e a Áustria (17 de Março). - é fundada, em Berlim, a Sociedade de Colonização Alemã (28 de Março). A Alemanha monta o seu Império Colonial, ocupando regiões do Sudoeste Africano, o Togo, os Camarões (4 de Abril). Bismarck emite uma nota em que repudia os termos do Tratado Luso-Britânico sobre o rio Zaire (7 de Junho). A colónia do Sudoeste Africano é fundada em 7 de Agosto. - Leopoldo II da Bélgica funda a Associação Internacional do Congo (22 de Abril), posteriormente reconhecida pela Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra. - Serpa Pinto atinge o porto de Moçambique (1 de Setembro). - Criação da <i>Companhia de Ophir</i>, liderada por Paiva de Andrade, que obtém a exploração exclusiva das minas de Manica e Quiteve, mas vai à falência por insuficiência de capitais. - Abertura da Conferencia de Berlim (15 de Novembro) convocada por Bismarck, em nome da Alemanha e da França, tendo como foco a disputa sobre o Congo e a foz do Zaire bem como sobre o Egipto. - a Inglaterra instaura o regime de protectorado sobre a costa da Somália (10 de Dezembro).
1884 - 85	A expedição de Brito Capelo e Roberto Ivens concretiza a travessia de Angola à Contra-Costa.

1885	<p>A Espanha declara a soberania sobre a Guiné Equatorial (9 de Janeiro).</p> <ul style="list-style-type: none"> - tratado de Simulambuco, assinado pelos sobas de Cabinda, reconhece a soberania portuguesa sobre o território (1 de Fevereiro). - é constituído o Estado Independente do Congo, sob a regência de Leopoldo II da Bélgica (5 de Fevereiro). - a Acta final da Conferencia de Berlim consagra o princípio da “ocupação efectiva em detrimento do princípio dos direitos históricos, reconhece o Estado Independente do Congo e retira a Portugal direitos sobre a foz do Congo (26 de Fevereiro). - é criada a Companhia Alemã da África Oriental (12 de Fevereiro). A Alemanha anexa Tanganica e Zanzibar (25 de Fevereiro), o norte da Nova Guiné e o arquipélago de Bismark (17 de Maio). Reagindo, a Inglaterra declara um protectorado sobre a Nova Guiné do sul (17 de Maio) e sobre a região do Níger (5 de Junho). É estabelecido o protectorado francês sobre Madagáscar (17 de Dezembro).
1886	<p>– Barros Gomes apresenta o Projecto do Mapa Cor de Rosa, na câmara dos Deputados (20 de Fevereiro). O governo francês reconhece a Portugal direitos de ocupação e posse sobre os territórios entre Angola e Moçambique (12 de Maio). O governo português adopta o Mapa Cor de Rosa (1 de Dezembro). Também a Alemanha reconhece esses direitos (30 de Dezembro).</p> <p>- <i>Nova Concordata sobre o Padroado do Oriente, cuja manutenção pesava fortemente no orçamento do Estado da Índia. O Arcebispo de Goa passa a ser o Patriarca das Índias Orientais e Primaz do Oriente. É criada a diocese de Damão que, com as de Cochim e de Meliapor, integram a província eclesiástica de Goa, mantendo-se o semi-padroado das dioceses de Bombaim, Mangalor, Quilon e Maduré. Singapura e Malaca passam a depender de Macau.</i></p>
1887	<p>– Lourenço Marques é elevada a cidade por D. Luiz.</p> <p>- estabelecimento do posto militar de Aruângua, embrião da futura cidade da Beira.</p> <p>- abertura da Primeira Conferencia Colonial de Londres (4 de Abril). É criada a Companhia Inglesa da África Oriental (26 de Maio). A Inglaterra ocupa a Zululândia, para impedir o acesso do Transvaal à costa (18 de Junho) e protesta contra os limites fixados no Mapa Cor de Rosa (13 de Agosto) bem como contra a acção de Sepa Pinto contra os Macololos (Novembro).</p>

A FUNDAÇÃO DAS «COMPANHIAS» E DA FEITORIA DA BEIRA

1888	<p>– Fundação da 1ª Companhia de Moçambique, liderada por Paiva de Andrada, integrando os direitos das duas companhias anteriores, com a obrigação de construir um «decauville» marginal, do Pungué ou do Buzi a outro ponto da concessão mineira. A Companhia propõe-se implantar «a soberania portuguesa em pontos onde o nosso domínio era apenas nominal» (Lima, 1971:98).</p> <p>- Definição das futuras estações de comboio de Mapanda (Neves Ferreira), Sarmento e Chimoio, enquanto uma expedição atinge Macequece em Janeiro de 1889).</p> <p>– <i>É aberto à exploração o Caminho de Ferro de Mormugão, construído pela West India Portuguese Railway.</i> (a partir de 1881), <i>ligando o porto às redes férreas inglesas</i>, Em 1903, a companhia portuguesa integra-se na <i>Southern Mahratta Railway</i>, que explorará também o porto de Mormugão.</p> <p>- inauguração do primeiro troço do Caminho de Ferro Lourenço Marques-Pretória (53 kms., até à Moamba).</p> <p>- a Inglaterra estabelece protectorados sobre o norte do Borneo e sobre o Brunei (12 de Maio).</p>
	<p>1889 – é estabelecido o protectorado francês sobre a Costa do Marfim (10 de Janeiro). Os ingleses anexam uma vasta região de ocupação controversa, formando a Rodésia (20 de Janeiro). Protectorado italiano sobre a Etiópia (2 de Maio).</p> <p>- A Companhia Inglesa da África do Sul, sob a direcção de Cecil Rhodes, obtém, por carta régia, poderes alargados de expansão sobre os territórios do Transvaal, Bechuanalândia e Rodésia (29 de Outubro).</p> <p>- fundação da feitoria da Beira (30 de Maio), resolvida em Assembleia Geral da Companhia de Moçambique. Paiva de Andrada balizou o porto da Beira, sondou o Pungué e fundou a feitoria.</p> <p>- rescisão do contrato de construção do Caminho de Ferro de Lourenço Marques - CFLM - com os ingleses, por incumprimento dos prazos (25 de Junho).</p> <p>- Azevedo Coutinho e Serpa Pinto dominam a revolta dos Macololos, estimula pela <i>The African Lakes Co, Ltd.</i>, em ambas as margens do Chire (Novembro / Dezembro).</p>

	<p>1890 – Ultimatum inglês impondo a evacuação do Chire, no interior de Moçambique (11 de Janeiro).</p> <p>- Inauguração da exploração do Caminho de Ferro de Lourenço Marques para Pretória (Maio), sendo o troço Traansvaliano concluído mais tarde, em 1895. Em oito anos (1889 – 97), o rendimento do Caminho de Ferro passa de 5.630 para 161.576 libras; entre 189 e 1904 o Porto duplica o fluxo de navios (de 220 para 476 vapores e de 42 para 96 navios à vela), enquanto que o movimento comercial aumentava 30 vezes em 30 anos.</p> <p>- A Companhia de Moçambique, constituída com um capital de 180 contos de reis, tinha já «quinze (filões auríferos) no fim de 1890, sobre os quais se tinham lavrado 31 contratos de arrendamento representando um capital subscrito de 3 650 000\$00 reis».</p> <p>- os homens da <i>Chartered</i>, a mando de Cecil Rhodes, convencem o régulo Mutassa, em Manica, a declarar-se a favor da sua Companhia (Novembro de 1890) e prendem Paiva de Andrada e o capitão-mor de Manica, o goês Manuel António de Sousa, ocupando depois Macequece.</p> <p>- <i>o governo português denuncia o Tratado de Comercio da Índia, de 1878.</i></p>
--	---

	<p>1891 - os ingleses da <i>Chartered</i> recebem de Salisbury (em Agosto) ordem para abandonar Macequece.</p> <ul style="list-style-type: none"> - litígio entre o governo de Lourenço Marques e os accionistas privados norte-americanos e ingleses da concessionária dos caminhos de ferro CFLM, provoca um conflito diplomático entre Portugal, Estados Unidos e Grã-Bretanha, que virá a ser arbitrado por um tribunal suíço. - o tratado luso-britânico impõe a construção do caminho de ferro da foz do Pungué (Fontesvila) à fronteira inglesa (de Neves Ferreira a Manica), o qual irá potenciar o desenvolvimento do Porto da Beira. - o Governo de Lisboa confere à Companhia de Moçambique poderes majestáticos em Manica e Sofala. - tentativa da <i>Chartered (British South Africa Co.)</i> para atingir o mar ocupando território português da Beira, por meio da expedição marítima do <i>Norseman</i> que, ao forçar a entrada no porto, ensaiou criar um incidente internacional favorável às pretensões britânicas. - tratado Luso-Britânico sobre “esferas de influência em África e relações de amizade” (11 de Junho, ratificado a 3 de Julho). - o Ministro inglês em Lisboa propõe ao Governo Português a concessão da independência a Gungunhana, criando um reino africano apoiado pela Inglaterra e por Portugal. - o Decreto de 30 de Setembro determina que a Província de Moçambique se denominará Estado d’África Oriental, com duas províncias (Moçambique e Lourenço Marques) e estabelece que o Comissário Régio residirá alternadamente em cada uma das duas províncias. - Carta de concessão à Companhia Majestática do Niassa, para exploração do antigo distrito de Cabo Delgado (26 de Setembro). - os Franciscanos entram em Moçambique e instalam-se na Beira, fundando a Escola de Artes e Ofícios.
	<p>1892– Bancarrota em Portugal. Decretado que os cupões da dívida externa passam a ser pagos a um terço do seu valor anterior (Junho).</p>
	<p>1892 a 98 – Van Laun, que também era um dos administradores da <i>Chartered</i>, recebe da Companhia de Moçambique a polémica concessão para a construção e exploração do Caminho de Ferro da Beira, organizando a <i>Beira Railway Co.</i> Começado a construir em 1892, o caminho de ferro atinge a fronteira da Rodésia em 1898.</p> <ul style="list-style-type: none"> - é fundada por Paiva de Andrada a Companhia Geral da Zambézia. Resultou da fusão da Sociedade dos Fundadores da Companhia Geral da Zambézia, reconhecida em 1880, com a Zoutpansberg Exploration Company, com carácter predominantemente mineiro. Recebe, por 10 anos, a administração dos «prazos» do distrito de Tete.

	<p>1893 – são instituídas as colónias da Guiné Francesa e da Costa do Marfim (10 de Março).</p> <p>- fundação da Associação Comercial da Beira. Dos 9 fundadores, oito são estrangeiros.</p>
	<p>1894 – são instituídos o protectorado inglês sobre o Uganda (11 de Abril) e a colónia francesa do Dahomé (22 de Junho). A Inglaterra anexa a Pondolândia, ligando as colónias do Cabo e do Natal (25 de Setembro). A convenção de Pretória, autoriza a anexação da Suazilândia pelo Transvaal (13 de Novembro).</p> <p>– reagindo à aplicação do imposto de cubata, rebeldes landins atacam Lourenço Marques, entrando nos bairros habitados (14 de Outubro).</p> <p>- combates em Marracuene (2 de Fevereiro), em Magul (Gaza, 8 de Setembro), em Marracuene e Macequece (21 de Novembro) e em Angoane (5 de Dezembro).</p>
	<p>1895 – cerca de 3 mil Vátuas atacam a linha férrea, a pouca distância de Lourenço Marques, matando 2 capatazes e 70 mulheres indígenas (7 de Janeiro).</p> <p>- António Enes toma posse como Comissário Régio, na Ilha de Moçambique (10 de Janeiro). Início da campanha contra os Vátuas que só terminará em Julho do ano seguinte.</p> <p>- a Inglaterra anexa a Togolândia, para impedir o acesso do Transvaal ao mar (11 de Junho). Visita do Presidente Kruger a Lourenço Marques. Abertura do troço transvaliano do Caminho de Ferro de Lourenço Marques, proporcionando ao Transvaal uma saída para o mar (8 de Julho).</p> <p>- As campanhas militares portuguesas de 1895 terminam com a prisão de Gungunhana (29 de Dezembro).</p> <p>- fundação, em Lourenço Marques, do Clube de Golfe da Polana.</p>
	<p>1895 – 96 – <i>Revoltas em Satary, Goa, seguidas de Campanha de Pacificação e da deslocação ao local do Infante D. Afonso, Duque do Porto.</i></p>
	<p>1896 – conclusão da linha de caminho de Ferro Beira-Machipanda, ligando o porto da beira à Rodésia do Sul.</p>
	<p>1897 – IIª Conferência Colonial de Londres. A Zululândia é anexada ao Natal (1 de Dezembro).</p> <p>- após 6 anos de negociações, são estabelecidas, em Janeiro, as fronteiras entre Moçambique e os territórios ingleses.</p> <p>- refundação da Companhia do Niassa, prevista por decreto de 1891, também com poderes majestáticos, sendo-lhe entregue a Vila do Ibo. A Companhia fundará a Cidade de Porto Amélia.</p> <p>– Regulamento do recrutamento de trabalhadores para as minas do Rand, assinado pelo Comissário-régio Mouzinho de Albuquerque.</p> <p>- fundação da Associação Comercial da Beira, ratificada em 1904 pelo Governo Central. Dos 9 fundadores, apenas um era português (Manuel de Jesus Filho).</p>

	<p>1898 – guerra dos Estados Unidos contra Espanha, que será derrotada e cederá Cuba, Porto Rico e as Filipinas, entre outros territórios. Os americanos anexam o Hawai (Agosto).</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Alemanha e a Inglaterra fazem um acordo para oferecer a Portugal, à beira da bancarrota, um empréstimo garantido pelas alfândegas de parcelas ultramarinas, na expectativa de se poderem apoderar dessas parcelas. Portugal recusa esse empréstimo. Secretamente, Lord Balfour e P. Hatzfeld assinam um segundo acordo, de partilha dos territórios portugueses, em que a Alemanha reservava para si o Norte de Moçambique (expandindo o protectorado do Tanganica), o Sul de Angola (prolongando o protectorado da Namíbia) e Timor (como extensão do protectorado da Nova Guiné Papua), ficando o resto para os ingleses (30 de Agosto). - por razões estratégicas, a sede oficial do governo da Província é transferida da Ilha de Moçambique para Lourenço Marques. - fundação da Companhia do Búzi, com contratos com a Companhia de Moçambique, a qual virá a gerir mais de 150 mil hectares, sendo considerada «a mais importante e mais completa de todas as organizações agrícolas e industriais, de nacionalidade portuguesa, de Moçambique».
	<p>1899 – Acordo anglo-russo sobre a partilha da China (Abril).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Marinheiros alemães içam a bandeira imperial no Lobito (18 de Maio). - Superando as tensões criadas pelo Ultimatum inglês, o tratado de Windor (4 de Outubro) anula a convenção anglo-alemã de 1890, pondo fim a uma ameaça que se tornara pública e estabilizando o Ultramar nas suas fronteiras do século XX. - Início da guerra anglo-boer. Em resposta ao avanço de tropas britânicas, as tropas boers invadem as colónias inglesas do Cabo e do Natal (Outubro). Portugal declara a sua neutralidade e opõe-se à passagem de armas pelo porto de Lourenço Marques, para o Transvaal.

	<p>1900 – Portugal autoriza a passagem de tropas inglesas por Lourenço Marques (Fevereiro). A Inglaterra anexa o Estado Livre de Orange (Maio), ocupam Pretoria (Junho), tomam Johannesburgo (Agosto) e anexam o Traanvaal (25 de Outubro).</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Tribunal suíço de Berna, chamado a arbitrar o conflito internacional causado pelo confisco da linha férrea da CFLM impõe pesadas indemnizações mas Portugal, perto da bancarrota, recusa-se a hipotecar Lourenço Marques e obtém em Paris o necessário financiamento, junto dos banqueiros Rostchild, frustrando as expectativas britânicas de se apoderarem da região. - Iº Congresso Pan-Africano em Londres. Até 1945, outros se seguirão em Paris, Lisboa, Nova Iorque e Manchester. Surgem os movimentos do pan-africanismo (de língua britânica) e da negritude (de fala francesa), este último liderado por Aimé Césaire.
	<p>1901 – Congresso Colonial Português. Realizam-se 16 conferências, entre as quais a de Manuel Moreira Feio, sobre «<i>A colonização de Moçambique. O que se tem feito e o que urge fazer</i>», a 5 de Junho.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O governador Geral de Moçambique consegue um convénio com os ingleses pelo qual, em troca de permitir o engajamento de 30 mil indígenas para as minas do Transvaal, protege o Porto de Lourenço Marques da intenção de desvio do tráfego do Transvaal para os portos ingleses de Durban, East London, Port Elizabeth e Capetown. - É construída a primeira casa de espectáculos na Beira, a «Victoria Memorial Hall».
	<p>1902 – a vitória dos ingleses sobre o exército do Transvaal termina com a independência da República <i>Boer</i> do Traansvaal. A Paz de Vereeniging põe fim ao conflito anglo-boer (14 de Maio).</p> <ul style="list-style-type: none"> - terminam em Moçambique as sublevações nativas iniciadas em 1895 (19 de Setembro).
	<p>1903 – os ingleses terminam a conquista do norte da Nigéria (15 de Março).</p> <ul style="list-style-type: none"> - início da <i>Entente Cordiale</i> franco-britânica, com visitas de Eduardo VII a Paris e do presidente Émile Loubet a Londres (Maio e Julho).
	<p>1904 – Dom Carlos e Eduardo VII assinam, em Windsor, o Acordo de Arbitragem entre Portugal e a Grã-Bretanha (16 de Novembro).</p>

REORGANIZAÇÃO DE MOÇAMBIQUE E DESENVOLVIMENTO DA BEIRA

	<p>1905 – O Projecto de Reorganização Administrativa da Província de Moçambique e a Reforma de Aires de Ornelas prevêem a divisão da Província em 5 distritos: Lourenço Marques, Inhambane, Quelimane, Tete e Moçambique.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Duque de Connaught, irmão de Eduardo VII, visita Lourenço Marques.
	<p>1906 – fundação da Escola Colonial, por Decreto Real, na Sociedade de Geografia de Lisboa (18 de Janeiro).</p> <ul style="list-style-type: none"> - atribuição de governos autónomos ao Transvaal e ao Estado Livre de Orange (6 de Dezembro). - Gungunhana, ex-régulo dos Vátuas, morre na prisão na ilha Terceira, Açores (23 de Dezembro).
	<p>1907 – A Reorganização Administrativa é decretada mas não durará. O Preâmbulo anota que de 1869 a 1905 a Província passara de ser uma das mais atrasadas aquela que ocupava um lugar cimeiro (a receita de 1905 equivalia a mais de metade das receitas conjuntas de todas as restantes províncias, superando duas vezes a de Angola).</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Príncipe da Beira, Luis Filipe, visita Moçambique e chega à Beira, que é elevada a Cidade em 4 de Agosto, viajando no comboio até Macequece e Umtali, na Rodésia. - Renovação por seis anos da Tríplice Aliança, entre a Áustria, a Alemanha e a Itália (30 de Julho), seguida da formação da Triple Entente entre a Inglaterra, a França e a Rússia (31 de Agosto).
	<p>1908 – Regicídio de D. Carlos e do Príncipe Luís Filipe, em Lisboa (1 de Fevereiro).</p> <ul style="list-style-type: none"> - a Bélgica anexa o Congo, apesar da oposição de Leopoldo II (15 de Novembro). - a Áustria anexa, por decreto a Bósnia e a Herzegovina. Início da guerra austro-sérvia.
	<p>1909 – a Turquia reconhece a independência da Bulgária (19 de Abril).</p>
	<p>1910 – Tratado entre Portugal e a colónia britânica do Traanvaal (1 de Abril).</p> <ul style="list-style-type: none"> - o Japão anexa formalmente a Coreia ((22 de Agosto) - Declaração da República, em Lisboa (5 de Outubro). - Formação da União da África do Sul.
	<p>1911 – acordo luso-britânico sobre a demarcação das fronteiras na África Oriental, ao norte e ao sul do Zambeze (21 de Outubro).</p> <ul style="list-style-type: none"> - a Itália anexa a Tripolitânia e a Cirenaica (5 de Novembro).

	<p>1912 – revisão da Convenção Secreta Anglo-Alemã de 1898 sobre as colónias portuguesas, em caso de bancarrota nessas colónias (11 de Março). Qualquer tratado de Portugal com a Inglaterra e a Alemanha, pondo em causa a independência das colónias portuguesas é desmentido pelas legações portuguesas (16 de Março) e Lord Grey confirma no Parlamento britânico o vigor da Aliança Luso-Britânica (28 de Março).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Marrocos torna-se num protectorado francês (30 de Março).
	<p>1912-13 – guerra da Bulgária, Sérvia e Montenegro contra a Turquia e, mais tarde, da Bulgária contra a Grécia e a Sérvia e da Rússia e da Turquia contra a Bulgária terminam com o Tratado de Paz de Bucareste (10 de Agosto).</p>
	<p>1913 – o governo Afonso Costa extingue, pela primeira vez, o deficit orçamental crónico (9 de Janeiro)</p> <ul style="list-style-type: none"> - o projecto anglo-germânico sobre as colónias portuguesas é apresentado ao Governo de Berlim (11 de Janeiro) e rubricado a 13 de Agosto. - inauguração, em Lourenço Marques, do Teatro Gil Vicente. - fundação do Clube Naval de Lourenço Marques, o qual, em 1920, já tinha 528 sócios. - os irmãos Abdool Latif e Abdool Sacoor fundam, em Lourenço Marques, a «Casa Coimbra».
	<p>1914 – declaração de guerra da Áustria-Hungria à Sérvia (28 de Julho).</p> <ul style="list-style-type: none"> - o Chanceler alemão autoriza a assinatura da Convenção Secreta Anglo-alemã sobre as Colónias portuguesas (28 de Julho). - A Alemanha assina um tratado de paz com a Turquia e declara guerra à Rússia (1 de Agosto) e à França (3 de Agosto). A Inglaterra (4 de Agosto), a Sérvia e o Montenegro (6 de Agosto), declaram guerra à Alemanha (4 de Agosto). A Itália (1 de Agosto) e os Estados Unidos (4 de Agosto) declaram a neutralidade. A Inglaterra e a França ocupam a colónia alemã do Togo (8 de Agosto). - o ministro Britânico em Lisboa emite uma nota reafirmando a Aliança Luso-Britânica “no caso de ataque da Alemanha a territórios sob soberania portuguesa”, solicitando a Portugal que não declare a neutralidade (5 de Agosto). O ministro dos negócios Estrangeiros britânico solicita a Portugal a passagem de tropas britânicas por Moçambique (13 de Agosto) e reafirma a defesa das colónias portuguesas contra ataques alemães (27 de Agosto).
	<p>1917 – fundação, em Lourenço Marques, do Grupo Desportivo 1º de Maio, o mais antigo dos clubes desportivos da cidade.</p>
	<p>1919 – fundação, em Lourenço Marques, da Associação dos Velhos Colonos, que reunia colonos portugueses e estrangeiros com mais de 25 anos de permanência na Colónia.</p>

	1920 – a Companhia do Búzi absorve a companhia inglesa «Illovo Sugar Estates», desenvolvendo a partir daí a indústria açucareira. Em 1964 produziu mais de 26 mil toneladas de açúcar. - fundação do Sporting Clube de Lourenço Marques.
	1921 – criação da reserva de caça do Parque Nacional da Gorongosa.
	1922 – inauguração, em Lourenço Marques, do Hotel Polana, da «Delagoa Bay Lands Syndicate», com capitais transvalianos.
	1923 – construção da primeira sede da Associação Comercial da Beira.
	1924 – fundação, em Lourenço Marques, do Clube Ferroviário de Moçambique.
	1926 – primeira edição diária do «Notícias», de Lourenço Marques.
	1930 – fundação, em Lourenço Marques, da Sociedade de Estudos de Moçambique.
	1932-35 – fundação, em Lourenço Marques, do Grémio dos Radiófilos da Colónia de Moçambique, que lançará a sua primeira emissão radiofónica em 18 de Março de 1933 e publicará a revista «Rádio Moçambique» a partir de 1935.
	1933 – inauguração, em Lourenço Marques, das novas instalações do Teatro Gil Vicente, que tinha ardido em 1931.
	1935-36 – Tropas italianas conquistam a Líbia.
	1936 – O novo Tratado anglo-egípcio permite aos ingleses controlar o Canal de Suez por mais 20 anos, em troca da retirada do exército britânico do restante território. - elevação de Nampula a cidade. - fundação do Aero-Clube da Beira, que abrirá a sua primeira Escola de Pilotagem no ano seguinte.
	1937 – primeiro voo da DETA – Transportes Aéreos de Moçambique, fundada no ano anterior em Lourenço Marques.
	1940 – A diocese da Beira abrangia os distritos de Manica e Sofala, Tete e Quelimane, que virá a autonomizar-se em 1954.

O DESENVOLVIMENTO DE MOÇAMBIQUE EM CONTRA-CICLO COM O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO DE ÁFRICA

	1941 - A Carta Atlântica, assinada por britânicos e norte-americanos, garante que estes não procuravam qualquer expansão «territorial ou de outro tipo» e que respeitavam «o direito de todos os povos escolherem a forma de governo que mais lhes agradasse». A França de Vichy assume a sua intenção de manter o seu Império Colonial no final da Guerra.
	1942 – O território de Manica e Sofala passa da Companhia de Moçambique para a administração directa do Estado português. - Quelimane é elevada a cidade. - inauguração, na Beira, dos Cinemas Olympia e Rex.
	1943 – Os exércitos aliados obtêm a rendição das tropas alemãs e italianas (Maio). - fundação, em Lourenço marques, da Companhia de Seguros «Nauticus»
	1945 – Fim do Império Italiano no Norte de África. Início da vaga de independências norte-saharianas. A Etiópia, que os italianos tinham conquistado em 1935-36, é aceite como membro da Sociedade das Nações.
	1946 – Os franceses rejeitam, por referendo, o projecto de De Gaulle, de transformar o Império Francês numa <i>União</i> igualitária entre a metrópole e as suas Colónias. - patrocinada pelo ministro das Colónias, Marcello Caetano, fundação, em Lisboa, da Sociedade Hidro-Eléctrica do Revué, SARL, com capitais do Estado e da Sociedade Algodoeira de Portugal, com sede no Porto. A Central Eléctrica virá a fornecer energia à Cidade e ao Porto da Beira a partir de 1956.
	1947 – Início do desmantelamento do Império Colonial Britânico. Independência da Índia. Partição da Índia, com separação do Paquistão muçulmano e de Ceilão budista (Shri Lanka).
	1948 – O Governo Português compra a exploração do Porto da Beira aos ingleses da <i>Port of Beira Developments, Ltd.</i>, a partir de 1 de Janeiro de 1949, comprando simultaneamente a <i>Beira Railway Company</i>, antecipando em oito anos a data prevista para o final da concessão, que os ingleses pretendiam prorrogar até 1972. - criação da IPMAL – Indústrias Portuguesas de Madeiras, Lda., cujas instalações fabris, a 10 kms. da Beira, foram inauguradas em 1955, pelo Ministro do Ultramar.
	1948-49 – Início do confronto israelo-árabe, que se prolonga até à actualidade. Primeira guerra israelo-árabe. Derrota esmagadora do exército egípcio.
	1949 – estabelecimento fabril da Lusalite na vila do Dondo, a 30 kms. da Beira.
	1951 – A Líbia transforma-se num reino independente.

	<p>1952 – inauguração, no centro da Beira, da Casa Bulha, associada da Sociedade de Confecções da Beira, criada dois anos antes.</p> <p>- início da laboração da primeira fábrica de moagem da Companhia Industrial da Matola».</p>
	<p>1953 – Após um golpe de estado militar (1952) é proclamada a República no Egipto.</p>
	<p>1954 – inauguração, na Beira, do Cinema São Jorge.</p> <p>- primeiras emissões experimentais e inauguração da Rádio Pax, fundada pelo Delegado Provincial dos Franciscanos de Moçambique, cujo slogan diário era: «<i>Aqui Beira, Moçambique! Província de Portugal, na África! Estão a escutar a Rádio Pax, Emissora Católica!</i>».</p>
	<p>1955 – <i>Começa a exportação de minério de Goa (ferro e manganês), que tornará positiva a balança comercial, em 1960.</i> A exploração terá proprietários privados (as casas industriais de Chowgule, Dempo, Salgãoocar, Timbió, Damodhar Mangalji, etc.).</p> <p>- primeira viagem de Caminho de Ferro de Lourenço Marques até Pretória (31 de Julho).</p> <p>- O Sudão recusa a união com o Egipto e declara a independência.</p> <p>- A França e a Espanha aceitam a independência e a unificação de Marrocos.</p> <p>- Tropas britânicas e francesas reocupam a zona do Canal do Suez por um breve período.</p>
	<p>1956 – Nova derrota egípcia face ao exército israelita.</p> <p>- Inhambane é elevada a cidade.</p> <p>- Fundação da Companhia de Seguros «A Mundial de Moçambique, com sede na Beira.</p> <p>- o grupo CUF cria, na Beira, a Companhia Textil do Pungué. As instalações fabris, no Parque Industrial da Manga, começam a elaborar em 1958.</p> <p>- inauguração, na Beira, do Cinema Nacional.</p> <p>- fundação, promovida pelo Banco Nacional Ultramarino, da Sociedade de Safaris de Moçambique, Lda., agregando 113 das 15 coutadas de caça então existentes no distrito de Manica e Sofala.</p>
	<p>1957 – Declaração da República da Tunísia, presidida por Habib Bourguiba.</p> <p>- Início da vaga de independências subsaharianas. A Costa do Ouro torna-se um membro independente da Comunidade Britânica e das Nações Unidas, sob a presidência de Kwame Nkrumah.</p>
	<p>1958 – a Espanha concede a independência à Guiné Equatorial (com as ilhas de Fernando Pó e Ano Bom).</p> <p>- inauguração, na Beira, do Hotel Embaixador.</p> <p>- início da construção do Motel Estoril, na zona marítima do Macuti, que em 1972 recebia 42 mil turistas, vindos, principalmente, da Rodésia, do Malawi e da África do Sul.</p>

	<p>1959 – fundação do Centro de Cultura e Arte da Beira.</p> <ul style="list-style-type: none"> - inauguração da «Fábrica de Cervejas da Beira, Lda.» - Tete é elevada a cidade.
	<p>1960 – unificação da Somália e da Eritreia na República Independente da Somália.</p> <ul style="list-style-type: none"> - independências da Nigéria, da República do Togo (ex-colónia alemã sob tutela francesa) e da República do Congo (ex-belga). - início da laboração da Celmoque, no Parque Industrial da Manga.
	<p>1961 – independências da Serra Leoa, do Tanganica (ex-colónia alemã), presidida por Julius Nyerere, e do Quénia, presidido por Jomo Kenyatta. A união com Zanzibar dará origem à Tanzânia.</p> <ul style="list-style-type: none"> - inauguração da nova sede da Associação Comercial da Beira pelo Ministro do Ultramar, Dr. Adriano Moreira.
	<p>1960-61 - após plebiscito, a população branca votante decide regressar à tradição <i>afrikaner</i> do «Grande Trek», instituindo a República da África do Sul, a qual, em 1961, abandonará a Comunidade das nações britânicas, recusando-se a substituir a extinta União da África do Sul.</p>
	<p>1962 – pondo fim a uma guerra colonial que eclodira em 1954, e levava à mobilização de um exército com meio milhão de soldados, a França de De Gaulle aceita referendar a independência da Argélia. Nove de cada 10 colonos abandonam o território.</p> <ul style="list-style-type: none"> - independências do Ruanda e do Burundi (ex-colónias alemãs sob tutela belga) e do Uganda, sob a presidência de Milton Obote. - fundação, na Beira, da Fábrica de Plásticos de Moçambique.
	<p>1963 – fundação da Organização para a Unidade Africana (OUA), com sede em Adis Abeba.</p> <ul style="list-style-type: none"> - inauguração dos Estudos Gerais Universitários, em Lourenço Marques.
	<p>1964 – desfaz-se a Federação da Rodésia do Norte e da Niassalândia e são proclamadas as Repúblicas da Zâmbia e do Malawi.</p>
	<p>1965 – independência da Gâmbia.</p> <ul style="list-style-type: none"> - a Rodésia do Sul proclama unilateralmente a independência, constituindo o governo colonial de Ian Smith, que nenhum país reconheceu.
	<p>1966 – é inaugurada a Estação Central dos Caminhos de Ferro da Beira.</p>
	<p>1967 – <i>por opção maioritária das suas populações residentes, o referendo de 16 de Janeiro impede a integração de Goa no Maharashtra e de Damão e Diu no Gujerate.</i></p>
	<p>1968 – inauguração, na Machava, do Estádio Salazar, do Clube Ferroviário de Moçambique.</p>
	<p>1969 – Vila Perry é elevada a cidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Marcello Caetano visita Moçambique (Abril) e tem uma apoteótica recepção na cidade da Beira.

	1970 – a DETA compra dois Boeings 737, entrando na era da aviação a jacto. - obras de adaptação do aeroporto da Beira a grandes jactos.
	1975 – independência da República de Moçambique e das restantes ex-colónias portuguesas.
	1976 – formação no interior da União da África do Sul, sob o regime de <i>apartheid</i> , dos Bantustões, começando pelo Transkei.
	1979 – a Rodésia do Sul volta a estar sob a alçada britânica.
	1980 – Robert Mugabe assume o cargo de primeiro-ministro do Zimbabué.
	1987 – <i>em 4 de fevereiro, o Concanim é adoptado como língua oficial de Goa, a par do Marata, obtendo em 20 de Agosto o estatuto de língua de pleno direito, contra os que a reduziam a um mero dialecto local; em 30 de Maio Goa é elevada à categoria de Estado (o 25º da União). Em Julho, é fundada em Lisboa a Casa de Goa.</i>
	1990 – o Governo de De Klerk liberta Nelson Mandela e permite a acção do Congresso nacional Africano (ANC).
	1992 – o referendo votado pelos brancos aceita o novo regime na proporção de 2:1.
	1994 – o ANC ganha as primeiras eleições livres e Nelson Mandela torna-se o Presidente da África do Sul.

2. Entrevistas aos Goeses

2.1 Guião de Entrevistas

2.2 Código de Entrevistas

2.3 Análise das entrevistas : Da reconstrução da vida em Portugal, Percurso migratório, Relações inter-étnicas, Construção da Identidade Beirense e Identidade Goesa.

2.4 Quadro geral das entrevistas



UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Guião de Entrevista - FASE 1

HISTÓRIAS DE EMIGRAÇÃO

Este inquérito exploratório constitui parte de um projecto, destinado a fundamentar uma tese de Mestrado na área do Património. Assenta num trabalho de pesquisa, relativo às problemáticas vivenciais, quanto a histórias de emigração, momentos causais da diáspora, da memória colectiva de várias gerações e tem, principalmente, por objecto a comunidade **Goesa**, que até aos dias de hoje mantém uma coesão cultural significativa, quanto à religião, hábitos e costumes, preservação patrimonial (material e imaterial) conservando vivos os lugares de memória, num percurso de convívio, interligação e integração com as sociedades de acolhimento.

GUIÃO DE ENTREVISTA

Sei que é Goês é que veio de Moçambique para Portugal.

Gostava que me falasse (1) da experiência de ser Goês, do modo como na infância viveu Goa (ou os seus antepassados falaram da vida deles em Goa), (2) sobre as razões de uma primeira migração para Moçambique, (3) da vida em Moçambique, com outros grupos étnicos (4) das razões da segunda migração para Portugal e finalmente (5) da reconstrução da sua vida cá.

E em cada um destes contextos, gostava que me falasse da relação dos Goeses com os Hindus, com os Portugueses e com os Ingleses, com os muçulmanos de origem indiana (sunitas e ismailis) e com os negros de Moçambique.

- 1) História migratória**
- 2) Relações inter-étnicas e entre classes sociais ou castas (casamentos mixtos, bairros, escola, trabalho, religião, festas, etc.)**
- 3) Construção da identidade Beirense (em comparação com X, Y e Z)**
- 4) Construção da identidade goesa**

Obrigada pela sua colaboração.

Lucinda Fernandes Costa Fernandes

cindafernandes@gmail.com

Teml 963953691

Código das Entrevistas

Entrev.			Género		Trajectos				
	Geração	Idades	M	F	Goa -Lisboa	Goa Moçambique Lisboa	Moçambique Lisboa	Lisboa	Resultado dos Códigos
1	1	70		x		x			E1 (F,G1,GML)
2	1	76	x			x			E2 (M,G1,GML)
3	1	76	x			x			E4 (M,G1,GML)
4	1	80		x		x			E5 (F,G1,GML)
5	1	77	x			x			E6 (M,G1,ML)
6	1	66	x		x				E8 (M,G1,GL)
7	1	61	x				x		E19 (M,G1,ML)
8	1	70	x			x			E22 (M,G1,G-M-L)
9	2	56		x		x			E3 (F,G2,GML)
10	2	56			x				E7 (F,G2,GL)
11	2	55		x			x		E9 (F,G2,ML)
12	2	45		x			x		E10 (F,G2,ML)
13	2	46		x			x		E11 (F,G2,ML)
14	2	56		x			x		E12 (F,G2,ML)
15	2	54	x				x		E13 (M,G2,ML)
16	2	58		x			x		E14 (F,G2,ML)
17	2	56	x				x		E15 (M,G2,ML)
18	2	60	x				x		E16 (M,G2,ML)
19	3	40	x				x		E17 (M,G3,ML)
20	3	38		x			x		E18 (F,G3,ML)
21	3	27		x				x	E20 (F,G3,L)
22	3	23		x				x	E21 (F,G3,L)

Geração	Idades
Geração 1	61-80
Geração 2	41-60
Geração 3	20-40

Análise das entrevistas

Da reconstrução da vida em Portugal

“No inicio sentimos a diferença, foi um pouco difícil, mas por pouco tempo. Não tínhamos empregados domésticos e a casa era mais pequena do que a da Beira (Pontagea). Mas as minhas filhas estudaram, comprámos casa e hoje, já reformados, temos uma vida estável” [E1(F,G1,GML)]

“Aqui estudei, o ambiente escolar era diferente mas com dificuldade lá me adaptei, lembro-me de me chamarem preta, devido a tez da minha pele ...tenho poucos amigo(a)s, dou-me mais com os meus primo(a)s, que também vieram da Beira e alguns amigos da família. Acompanho sempre os meus pais”. [E11(F,G2,ML)]

“Os meus pais são naturais da Beira, os meus avós de Goa, eu nasci em Lisboa e vivo actualmente no Cacem, sou portuguesa, cresci, estudei e exerço a minha profissão em Portugal.” [E20(F,G3,L)]

A reconstrução da minha vida foi fácil, a aclimação foi mais demorada. Já conhecia o país, tinha a certeza de dar continuidade à actividade profissional, minha e da minha esposa, que tinha escolas para as minhas filhas, e condições de vida razoáveis, ainda que não comparáveis às que tinha na minha moradia em Ponta-Gea- Beira, onde tinha empregado doméstico, que aqui nunca terei.” [E4(M,G1,GML)]

“Vim em 1979 e tive muitos problemas com a minha saída de Moçambique. Quando chegue a Portugal empregaram-me num Banco, a comissão de trabalhadores era “comuna” eu era anti-esquerda mas lá me inseri. Morei em Caneças e depois fui para Santo António dos Cavaleiros, onde vivo. Fiquei algumas vezes no Hotel ALIF que era de indianos de Quelimane.” [E16(M,G2,ML)]

“Não vim para Portugal reconstruir a minha vida. Eu sou goês e agora vivo em Portugal. Em 1960 veio estudar para Portugal, foi aluno do curso de engenharia no Instituto Superior Técnico. Por me sentir do lado oposto às greves estudantis de 1962, fui para a Alemanha estudar electrotecnia, cujo curso conclui em 1968. Empreguei-me na empresa alemã SIEMENS e em 1971 fui colocado na filial de Bombaim onde vivi até 1993. Nesta cidade da União Indiana casei com mulher goesa dotada de curso superior, acentuou, de quem tive duas filhas, ambas, também com curso superior. Obs. “Estas afirmações definem parcialmente o seu carácter identitário.” Trabalhei em Portugal de 1993 a 2006, na mesma empresa onde iniciei a minha actividade profissional.” [E8(M,G1,GL)]

“Não tive dificuldade em arranjar trabalho (não quis dizer onde nem em quê), os amigos eram só alguns goeses do Cacém”[E2(M,G1,GML)]

“Foi muito difícil, perdi o meu marido vinte e cinco dias depois de ter chegado a Portugal... acho que ele morreu de desgosto. perdi tudo o que tinha lá ..a casa e tudo o resto. Não fora o apoio da minha filha e do meu genro não sei o que seria de mim....Cá sofro muito com o frio, tomei conta das minhas netas até hoje, elas ajudaram-me a viver o meu dia a dia.” [E5(F,G1,GML)]

“À chegada a Portugal, o futuro não se avizinhava fácil. Desde a dificuldade em conseguir encontrar um emprego estável, até à separação da restante família, teve de lutar muito... “Em 1976 e após a independência de Moçambique, deixamos a Beira rumo a Portugal para refazer as nossas vidas. Não foi fácil, porque refazer uma nova vida não se faz de um dia para o outro. A minha esposa e os meus filhos vieram primeiro tendo sido alojados pela I.A.R.N. numa pensão na Praia de Santa Cruz em Torres Vedras. Dois meses depois, cheguei eu, e fui recambiado para Moledo do Minho, juntamente com mais dois casais, também da Beira, pois não havia hipótese de ficarmos todos juntos em Torres Vedras.” A minha fé, contudo, acabou por se revelar um valor precioso: “Foram tempos difíceis, mas entretanto e como sou pessoa de Fé, a vida foi-se compondo e hoje, Graças a Deus cá estamos com saúde.” [E6(F,G1,ML)]

“Era empregado bancário e tinha o emprego assegurado em Portugal. È claro que tivemos que reconstruir uma vida inteira, adaptar-mo-nos ao clima, à sociedade, ao modo de vida, à convivência e sobretudo pôr de lado o saudosismo”. [E19(M,G1,ML)]

“...Cá fui construindo a minha vida, tenho estudos e hoje estou a trabalhar numa repartição de finanças”[E3(F,G2,GML)]

“Não sou propriamente uma migrante, vim de Goa directamente para Portugal estudar, sou Hindú tenho a minha vida em Portugal e vou regularmente a Goa...”[E7(F,G2,GL)]

“Foi um grande choque para mim. Primeiro tive de ficar em Lisboa para arranjar emprego. Os meus pais estavam longe de mim, em Setúbal em casa de familiares. Eu só os via aos fins-de-semana. Eu sentia uma tristeza muito grande no meu pai, que ainda hoje me custa. Não foi fácil para os meus pais, nem para mim...”[E9(F,G2,ML)]

“Foi muito duro e difícil, de uma família estruturada e de repente sem pai, (até aqui o meu pai era o sustento da casa) foi a primeira maior e dolorosa perda...até hoje...mas a minha mãe "Mãe Coragem" sempre nos guiou. A minha mãe começou então a trabalhar lavando escadas e ganhando para o sustento eu continuei a estudar e a trabalhar como administrativa no programa OTJ- Ocupação dos tempos livres, numa autarquia em 1989, foi aqui que concorri para uma habitação social e fiquei com a chave de uma casa, onde ainda mora a minha mãe e irmão. Ah e o meu irmão

trabalhava nas obras!!! Com a situação da casa resolvida... pouco a pouco fomos melhorando as nossas vidas, na base da humildade e do trabalho. ...”[E10(F,G2,ML)]

“Foi muito difícil, estive em Lisboa, depois fui para o Porto , entretanto casei com um goês “e vim outra vez para Lisboa. Vivo com o meu marido,, mas a minha sogra ainda é daquelas pessoas muito tradicional com os seus hábitos e costumes e intrometida na vida do casal.. ...”[E12(F,G2,ML)]

“Não foi tão difícil assim. Vim com os meus pais e a minha irmã, Tinha cá o meu emprego assegurado, como funcionário no Banco, era solteiro. O mais complicado foi o clima. Sempre tinha vivido na Beira e a vida lá era impossível, deixei lá a minha namorada que veio para cá três anos depois, casámos e organizei a minha vida, comprei casa e nasceram cá as minhas duas filhas, sou goês de pele escura mas não me considero emigrante, era português em Moçambique só mudei de espaço territorial.”[E13(M,G2,ML)]

“Estou em Portugal desde 1976, já tinha cá amigos e família, devido à minha forma de estar e ser, não precisei de reconstruir a minha vida, continuei a viver e a conviver como sempre. A vida em Moçambique era insuportável, faltava tudo e aqui tinha, e tenho, o que lá já não podia ter. “ [E14(F,G2,ML)]

“Vim para Portugal em 1975, não me considero emigrante, eu sou português. Nós somos poucos e pouco unidos. E cá só vou à Casa de Goa. Não tive qualquer período de adaptação, já cá tinha estado a estudar, conhecia bem o país e a cidade de Lisboa onde como músico actuei várias vezes.” [E15(F,G2,ML)]

“Muito difícil, vivi em casa de familiares, comecei a trabalhar nas obras, depois consegui um emprego numa fábrica de madeiras , onde tive um acidente de trabalho .. depois vim trabalhar para esta fabricalonge , demoro cerca de três horas a chegar ao trabalho e vice versa...a minha vida tem sido muito dura...trabalho por turnos e hoje sofro por não ter o sono regular... Entretanto comprei uma casa onde vivo”[E17(M,G3,ML)]

“Era muito miúda, quando vim para cá...segui o ritmo de meus pais...não me lembro”. [E18(F,G3,ML)]

Construção da identidade Beirense (em comparação com X, Y e Z)

“Nasci em Goa, cresci em Moçambique- Beira, mas metade da minha vida (34 anos) estão passados em Portugal. Tenho família em Goa, o meu marido porque já foi adulto para Moçambique, estudou em Goa e fala Concanim, as minhas filhas, uma casou com um Francês e vive em França, outra casou com um português, é a solteira que nos acompanha mais. Não temos qualquer relação com a Beira, só com os Beirenses que estão cá. Familiares só tenho em Goa” [E1(F,G1,GML]

“A minha identidade é portuguesa, só fui a Goa com os meus pais. Identidade goesa? Só o meu pai é que fala de Goa e do seu passado, eu nem gosto muito da comida goesa, gosto mais da portuguesa e os meus hábitos e costumes são europeus. ” [E11(F,G2,ML)]

“Os meus pais falam da vida que tinham na Beira, da sua juventude lá e, pelo que sei, é melhor ser jovem, hoje, em Portugal do que a deles na Beira. A identidade são recordações” [E20(F,G3,L)]

“Apesar de viver na Beira, sempre tive uma relação identitária mais próxima da cultura e dos princípios adquiridos em Goa, quanto à religião e à vida familiar. Só de quando em vez (mais vezes enquanto solteiro) me relacionava com outros goeses emigrados e nascidos na Beira, nas festas e nos encontros e foi aí que conheci aquela que viria a ser a minha esposa. Ah...os xamuares do Chiveve os dos Caminhos de Ferro, juntamo-nos sempre todos os anos aqui em Portugal, para lembrar os bons tempos passados na colónia portuguesa...” [E4(M,G1,GML)]

“Dos núcleos de Goses que há cá, os da Beira são dinâmicos, os de Quelimane eram muito poucos e raramente ia aos “Encontros”. Os de Lourenço Marques tinham características muito redutoras e destinados a círculos restritos de Goses. Os encontros da Beira eram mais abrangentes. [E16(M,G2,ML)]

“Provavelmente das pessoas que nasceram e viveram na Beira. [E8(M,G1,GL)]. ” .” [E8(M,G1,GL)]

“Nunca estiva na Beira, por isso não sei. ””[E2(M,G1,GML)]

“Não sei o que é isso...mas a Beira foi o lugar onde gostei mais de viver” [E5(F,G1,GML)]

“Identidade Beirense. apesar de ter passado parte da minha adolescência em Lourenço Marques, foi na Beira que tive a minha infância e foi lá que me tornei adulto, criei amizades para o futuro .O casamento trouxe – me uma “lufada de ar fresco”

“Passamos a viver, primeiro, no Esturro em casas alugadas e mais tarde adquirimos uma em Matacuane no bairro dos Escritores. Sou pai de Daniel e Vítor e avô de 3 netos, todos rapazes”, conta com orgulho, não escondendo o seu desejo ter mais netos rapazes.” **E6(F,G1,ML)]**

A identidade Beirense era um baluarte que os naturais ostentavam com orgulho. Exibiam a sua simplicidade e solidariedade para com os dos outros locais. ”
[E19(M,G1,ML)]

“Identidade Beirense é pela vivência que tive na Beira, ” **[E9(F,G2,ML)]**

“Estou entrosado com a identidade goesa que julgo sentir e, curiosamente, é um sentimento que se vai refinando com o tempo. Hoje sinto mais a identidade goesa , ainda que no dia a dia, os hábitos e costumes sejam europeus” **[E9(F,G2,ML)]**

*“Identidade Beirense é todo o edifício vivido com sentimentos que guardo da minha vivência até a adolescência, são as minhas recordações. É a Moçambicanidade que está dentro de mim, apreendida e guardada”***[E10(F,G2,ML)]**

*“Não sei bem, se calhar é por os goeses da Beira, serem mais unidos, por haver uma relação mais próxima, não sei...”***[E12(F,G2,ML)]**

“Nós somos uma comunidade mais unida, conhecemo-nos quase todos, a Beira era uma cidade pequena e somos quase todos católicos, temos mais ou menos os mesmos hábitos, juntá-mo-nos com mais frequência. ” **[E13(M,G2,ML)]**

“A minha ex-sogra e ex-marido, já falecidos eram da Beira, as diferenças que encontro é que os laurentinos (goeses) são mais extrovertidos e os da Beira mais bairristas, fechados e provincianos, ainda que em Portugal tenham um comportamento, aparentemente, diferente. Eu normalmente participo nas suas festas e Encontros. “
[E14(F,G2,ML)]

Fui aos Encontros da Beira uma ou duas vezes, aquela gente é uma gente muito fechada, mais tacanha, querem saber quem sou, quem é a minha mãe, o que faço, não gosto que invadam a minha privacidade. Os de L.M. não são assim. - Porque é que os goeses estão de costas voltadas? Talvez por complexos de inferioridade ou superioridade, o goês é submisso, e não, não gosta de confusões. **[E15(F,G2,ML)]**

“Não sei ...mas ...sou de nacionalidade portuguesa, os meus pais são goeses, nasci em Moçambique..... Se for para escolher obviamente escolho Moçambique... Se a identidade é aquilo que os goeses são....então não gosto que me façam perguntas, o que

faço? Com quem namoro? Etc.....não gosto que intrometam na minha vida... ”
[E17(M,G3,ML)]

“Não pensei nisso, mas pessoas com vivências diferentes, em grupos sociais diferenciados, terão comportamentos identitários diferentes. Os meus pais por exemplo, são diferentes de mim face às coisas e ao mundo, Eu construí a minha identidade em Portugal.” [E18(F,G3,ML)]

Construção da identidade goesa

“Estou entrosado com a identidade goesa que julgo sentir e, curiosamente, é um sentimento que se vai refinando com o tempo. Hoje sinto mais a identidade goesa, ainda que no dia a dia, os hábitos e costumes sejam europeus” [E9(F,G2,ML)]

*Eu ou frequentador regular da Casa de Goa, sei que há mais associações (ARCIP, SURIA...) mas nunca fui a qualquer delas, tenho poucos contactos com a comunidade goesa e não participo nos seus Encontros Contactos? Só se forem à Casa de Goa. A Casa de Goa tem por objecto a divulgação da cultura (folclore, música e dança) e promove Conferências sobre temáticas variadas, relacionadas com Goa. Os goeses são pouco interessados pela cultura goesa (não viveram em Goa), até as minhas filhas manifestam desinteresse, apesar de participarem esporadicamente nalgumas...actividades... Encontros?? Sei que há, mas não há contactos, sós e cá vierem.**

Comentário: “Distanciamento Relativamente À Generalidade Da Comunidade Goesa Católica Que Por Sua Vez Sente Um Certo Elitismo Que A Distancia Da Casa De Goa.” [E8(M,G1,GL)]

- Eu saio fora do padrão do Goês característico (não referiu a caracterização). Não tenho necessidade de contactos com goeses, sempre as mesmas pessoas, as mesmas conversas, nada interessa, são muito redutores...” [E16(M,G2,ML)]

“Nasci em Goa, cresci em Moçambique- Beira, mas metade da minha vida (34 anos) estão passados em Portugal. Tenho família em Goa, o meu marido porque já foi adulto para Moçambique, estudou em Goa e fala Concanim, as minhas filhas, uma casou com um Francês e vive em França, outra casou com um português, é a solteira que nos acompanha mais. Não temos qualquer relação com a Beira, só com os Beirenses que estão cá. Só porque tenho familiares tenho em Goa..” [E1(F,G1,GML)]

“Só se for dos que nasceram em Goa e lá se tornaram adultos, como os portugueses que emigram e quando se juntam cantam português e comem pratos típicos de Portugal e guardam saudades da terra. Eu da Beira só guardo as recordações de infância "uma varanda grande com muitos brinquedos....” [E11(F,G2,ML)]

“Da identidade goesa? Eu nem gosto da comida goesa, só de vez em quando quando os meus pais recebem visitas ou vão visitar amigos de Goa que vieram de Moçambique, ...nem das roupas, das músicas e cantos....nada.” [E20(F,G3,L)]

“Nasci, cresci, tornei-me adulto em Goa...foi lá que adquiri a minha identidade cultural, os hábitos, costumes e o modo de estar com os outros. Em Goa as identidades eram múltiplas (os Hindús e as suas castas, os muçulmanos (poucos) e o seu modo de vida e, por fim os católicos como eu, que apesar de ter nacionalidade portuguesa e funcionário dos CTT, senti na pele o peso da estratificação social existente - igualdade só na "igreja". Eu sou goês de raiz, devoto de S. Francisco Xavier, guardo algumas colecções de peças e artefactos goeses, prende-me em Goa ainda uma parte substancial da minha família e do meu passado. Acho que a identidade goesa é aquilo que nós sentimos em relação à Goa e às imagens que temos dela.” [E4(M,G1,GML)]

“Não sei explicar o que é ser goês, eu sou da 2ª geração, Goa não tem a ver com a Índia, já estou em Portugal há trinta anos e de preferência viverei sempre cá. A comida hindu é diferente, a nossa é aporuguesada; - Eu saio fora do padrão do Goês característico (não referiu a caracterização). Não tenho necessidade de contactos com goeses, sempre as mesmas pessoas, as mesmas conversas, nada interessa, são muito redutores..” [E16(M,G2,ML)]

O goês católico gosta de beber e comer bem, de música, somos seres sociáveis, entre nós, daí a formação de clubes e associações. Sou activo na minha paróquia e acho que os goeses estão bem integrados em Portugal, social e profissionalmente e tradicionalmente funcionários públicos, empregados bancários ou administrativos. Haverá poucos goeses dedicados ao comércio e quanto a pobres, só “pobreza envergonhada”.

A solidariedade dos goeses só é manifesta a nível familiar (Tradição indiana – a importância da família) [E8(M,G1,GL)]

“Identidade Guesa, também não. Sou português desde que fui para Lourenço Marques. Convivia e convivo com goeses no dia a dia, só isso...”[E2(M,G1,GML)]

“Apesar de ter nascido na Beira, Goa sempre foi um local de referência “Goa”, propriamente não conheço muito bem. Como GOÊS que me prezo, sempre fiz questão de conhecer as minhas raízes e por essa razão já lá estive 4 vezes mas sempre para gozar umas merecidas férias junto dos meus familiares; e o balanço final dessas visitas não poderia ser melhor. Curiosamente quando lá estive em 1960, participei nalguns jogos na equipa de Académica de Pangim, ainda GOA era Portuguesa”, não esquecendo uma das suas paixões, o Futebol.”
”Revisitar o país de origem faz parte dos seus planos pois “ (...) foi a terra que me viu nascer, crescer e onde me fiz homem. Foram tantos os momentos e as emoções!. A vida,

naquele tempo era diferente, todos se conheciam e se respeitavam e existia uma atmosfera de verdadeira harmonia.” [E6(F,G1,ML)]

“Vivi em Goa até idade de casar, por carta de chamada fui para a Beira casar e com um goês que me conheceu através de familiares...Se identidade Goesa é isso, os meus pais eram católicos, tinha uma vida muito reservada (escola-igreja-casa) pouco convivia, até com as minhas amigas...em Goa no tempo em que lá vivi (até idade adulta) a vida era assim. A minha vida esteve sempre condicionada à minha família, primeiro os pais depois os filhos e netos...” [E5(F,G1,GML)]

“Construção da identidade goesa (não me ocorre algo para definir isso. Penso que a identidade é uma herança..” [E9(F,G2,ML)]

“È ter conhecimentos da nossa cultura, história, tradições...sinto orgulho quando as minhas colegas querem saber mais dos nossos costumes ...penso que ainda há pessoas que pensam que nós somos diferentes...” [E3(F,G2,GML)]

“Para mim a identidade, quanto a origens deixou de ser importante, eu tenho uma identidade mista, goesa europeia, opinião que pode divergir com a de autores que se têm debruçado sobre os goeses ... como os autores.. .. Susana Trovão Pereira Bastos e José Gabriel Pereira Bastos...” [E7(F,G2,ML)]

“Hoje sinto mais a identidade goesa , aquilo que me foi transmitida pelos mais velhos e pelas práticas que no ambiente doméstico vou continuando a seguir, bem como as viagens que quero fazer a Goa... Onde já fui por duas vezes...” [E9(F,G2,ML)]

“Identidade Goesa, são os valores que prezam determinado povo, como somatório de experiências apreendidas, acumuladas e transmitidas de geração em geração, onde se vive num processo de sociabilidade continua... legado que se constrói numa constante evolução...” [E9(F,G2,ML)]

“É viver as tradições, a gastronomia, as crenças, a religião. É ter nascido goês”. [E12(F,G2,ML)]

“É ter nascido Goês, não ter vergonha do que se é....” [E13 (M,G2,ML)]

“A Identidade goesa, tem a ver com a relação que se tem com o passado, o reviver dos hábitos e costumes e as vivências.” [E14(F,G2,ML)]

“A Identidade Cultural Goesa? Ter um passado comum, sinto-me português. Somos católicos, com influência do Hinduísmo, é a tal identidade cultural. O goês é invejoso, cuidado com o mau olhar. Os goeses têm canções muito fortes de cariz religioso e de saudade. ”[E15(M,G2,ML)]

Não sei o que é isso, as tradições, o nascer em Goa... eu sou filho da terra que me acolhe...”[E17(M,G3,ML)]

“Identidade Goesa Têm os meus pais, nasceram em Goa, preservam os hábitos, costumes e religião, são devotos de S. Francisco Xavier, participam em todos os encontros e eventos de goeses.. ”[E18(F,G3,ML)]

“Da identidade goesa? Eu nem gosto da comida goesa, só de vez em quando os meus pais recebem visitas ou vão visitar amigos de Goa que vieram de Moçambique...mas quando as minhas colegas falam em viajar para Goa e me pedem referências...aí fico com pena de não saber mais sobre a cultura goesa... ”[E21(F,G3,ML)]

Relações inter - étnicas e entre classes sociais ou castas (casamentos mistos, bairros, escola, trabalho, religião, festas, etc.)

“Castas sei que há, mas só para os Hindús. Nós somos da classe média e a vida em Portugal é diferente, tenho uma relação normal e tomei a nacionalidade portuguesa, por opção..” [E1(F,G1,GML)]

“Hoje sinto diferenciação no trabalho, do mesmo modo que gozavam comigo aos doze anos na escola...quando me chamavam de preta, retornada...”[E11(F,G2,ML)]

“Ouvi falar dessas diferenças em Moçambique, onde havia discriminação racial e religiosa. Eu nasci em 1983 onde tudo é igual perante a lei, embora uns sejam mais iguais que outros...” [E20(F,G3,L)]

“Geralmente no meu tempo os patrícios só casavam com os patrícios (Goeses com Goesas), havia casamentos com mistos, brancos, mas não eram bem vistos. Com brancos ainda vá que não vá...mas com africanos nem pensar....eu nem gosto de falar disto....e hoje em dia já não existem estas manias. Ah.. em Portugal, lembro que chamavam preta à a minha filha...eram os miúdos brancos da escola primária que a provocam e ela vinha para casa sempre a chorar..” [E4(M,G1,GML)]

“Já disse tudo das minhas relações. As festas não vou, nunca fui à Casa de Goa e com africanos não me dou.” [E2(M,G1,GML)]

“No bairro onde eu morava na Beira- Maquinino, havia gente de todas as origens (goeses, chineses, africanos, maometanos e portugueses) e dáva-mo-nos todos bem ...” [E5(F,G1,GML)]

...embora no meu caso todos se dessem bem comigo, sei que nalguns casos as relações inter étnicas de convivência não eram tão raras quanto isso. As famílias goesas que conheci, não permitiam que filha sua casasse ou tivesse relacionamento com outra etnia, exceptuando a europeia. A estratificação social era evidente e coexistia com racismo que por vezes tentavam de forma velada esconder.” [E6(M,G1,ML)]

“Das diversas comunidades existentes (hindu, muçulmana, helénica, judia, chinesa, inglesa, rodesiana, portuguesa de Portugal) cada uma tinha a sua associação onde desenvolviam actividades relacionadas com a cultura originária. Nenhum negros estavam integrados nessas associações. Talvez alguns mestiços. O relacionamento entre as várias comunidades era bom e saudável respeitando sempre o princípio de “cada macaco no seu galho...” [E19(M,G1,ML)]

“Misturo-me com toda a gente ..somos todos gente. ..o que corre dentro de nós é sangue é vida....a diferença é só a cor da pele...os hábitos e costumes vamos apreendendo conforme o meio..” [E3(F,G2,GML)]

“Sou Hindú, na minha vida profissional uso indumentária portuguesa e sari na minha vida social. Sou frequentadora regular da Casa de Goa. Estou muito tempo do país. Regularmente tenho contactos com gente diferenciada. E como faço actuações de canto e dança tradicional Goês convivo implicitamente com públicos diversos, ainda que maioritariamente de origem goesa..” [E7(F,G2,GL)]

“Em Portugal, tenho feito parte de comissões organizadoras de encontros, naturalmente dirigidas selectivamente a pessoas de origem goesa, vindas da Beira e de outras regiões de Moçambique...neste caso o relacionamento é aberto a pessoas de outras etnias e preferencias religiosas, que apesar de tudo são uma minoria. Quanto a casamentos preferiria, e rezo por isso, que as minhas filhas se viessem a casar com pessoas de origem goesa.” [E9(F,G2,ML)]

“Na Beira posso afirmar que tinha uma boa relação com todos os grupos étnicos ...Mas, lá como cá, há discriminação ..até pelo simples olhar... Hoje sinto diferenciação no trabalho sem dúvida...local onde tenho mesmo que estar...no resto como não tenho que criar relações de sociabilidade.. nada me importa....”[E10(F,G2,ML)]

“Se eu tivesse problemas com outras etnias, nunca residiria num dos bairros problemáticos... como sabes vivo no Vale da Amoreira, onde vivem africanos, brancos, ciganos, retornados....sei lá.”. [E17(M,G3,ML)]

“....quando disse que o tema tinha "pano para mangas compridas" foi porque ele é vastíssimo. Durante os 45 anos vividos em Moçambique muita coisa me foi dada a assistir e, porque não me agachei e agi, primeiro contra o sistema, depois a favor de um estudante negro, estive duas vezes na PIDE.

No entanto, se nos situarmos no tempo e no contexto da colonização, veremos que toda a política colonial (a portuguesa até foi das mais brandas), se baseou no interesse quer da exploração da riqueza das colónias, quer no bem-estar do povo colonizador. Figurantes nesse filme, em Moçambique, nós, goeses, de certo modo também fomos "colonos" e racistas mesmo em relação ao dito branco. Chamávamo-lhes "gaddekar" (carroceiro), bárbaro, galego, chacal, "magoerro" e outros nomes; aos mistos "kep", caporro, etc.; e aos negros, meu Deus, tanta coisa! Aceitámos por interesse que os nativos fossem nossos moleques, serventes, desiguais, inferiores. Os nossos antepassados nunca trataram as outras raças, com igualdade. Mas não os culpo, eram racistas por natureza (porventura ainda imbuídos no sistema incutido pelos arianos há séculos, dividem-se mesmo entre eles até agora) e viveram numa época favorável às grandes diferenças sociais. Eu fui dos que saí dessa concha, convivi mais com europeus do que com goeses, por isso, quando me fiz sócio do Instituto Goano (aos 22 anos) houve quem dissesse que eu era um "caneco degenerado" e, porque me insurji contra o

castismo praticado com rigor, mas veladamente nessa associação, fui tido como "miúdo insolente".

Agora, por vezes pergunto-me: se, com a mentalidade dominadora e interesseira do sistema colonial eu dirigisse a política e os destinos dum país europeu, não faria o mesmo que fizeram os conheci e odiei? Custa-me dizer que o faria porque vivi os injustiças de perto e fui um anti-sistema. Mas sinto que minto ao dizer que não, pondo-me na pele do dirigente colonizador. É complicado, se nos situarmos no tempo e no sistema..”[E22 (M,G1,ML)]

Relação dos Goeses com os Hindus, com os Portugueses e com os Ingleses, com os muçulmanos de origem indiana (sunitas e ismailis) e com os negros de Moçambique.

“Cá como lá, as nossa relações cingem-se aos familiares e famílias amigas que connosco vieram depois da independência. Somos católicos e só vamos aos encontros com Beirenses. Nunca fui à Casa de Goa.” [E1(F,G1,GML)]

“Relaciono-me com todos os que me vêm contactar ...não olho para a sua condição social ou religiosa...mas sei que a maioria dos goeses na Beira (apesar de ser pequena) faziam essa discriminação em função da cor da pele, da religião ou do estatuto social)” [E11(F,G2,ML)]

“Aqui relaciono-me com todos e acompanho os meus pais nos encontros de goeses. Sou crente e vou à missa.” [E20(F,G3,L)]

“Como disse atrás, só na relação profissional com colegas e utentes, de resto dedicava-me à família e alguns contactos com outros goeses. A relação com africanos não havia, excepto com o criado da minha casa.” [E4(M,G1,GML)]

“Na comunidade de origem goesa os funcionários públicos julgavam-se superiores relativamente aos operários, aos pouco instruídos e aos trabalhadores por conta de outrem, e aos comerciantes que eram maioritariamente “monhés”;
- Frequentei o Colégio Nuno Álvares depois fui para o Liceu onde estudei até ao 5º ano. 70% dos alunos eram brancos, o resto eram goeses e poucos africanos ricos: Em Quelimane havia goeses vindos das Maurícias (mas poucos) que trabalhavam na indústria;

- Nós os goeses católicos éramos apelidados de “canecos” e os indianos de “monhés”(termo que teve origem na Ilha de Moçambique (de “MOENHE” = comerciante). Os Hindus (não portugueses) eram poucos e todos comerciantes. Muçulmanos havia poucos e no interior.*

- Como goês católico não tive conhecimento enquanto vivi em Moçambique da Lei do Indigenato ,mas goeses não casavam com africanos(as). Só conhecia filhos de mãe negra e pai branco:

- Os goeses católicos tinham os seu clubes, principalmente na Beira e em Lourenço Marques (não referiu a palavra Maputo) e havia invejas entre eles. Os da “Catembe” – filhos de pais pescadores eram considerados inferiores;” [E16(M,G2,ML)]

“Como atrás referi as minhas relações pessoais limitava-se aos goeses, no trabalho fazia o que o meu encarregado português mandava e depois mandava eu nos pretos.” [E2(M,G1,GML)]

“Em Moçambique era doméstica vivia num bairro onde também viviam outros goeses, maometanos, chineses ..e davá-mo-nos todos bem...” [E5(F,G1,GML)]

“Na Beira, comecei a trabalhar na Union Castle- Line, que mais tarde se incorporou na firma MANICA TRADING onde assegurei a estabilidade. Casei com uma goesa (a minha Irene) em 1962. Convivia no CRIP-Centro Recreativo Indo -Português, onde como desportista pratiquei várias modalidades. A minha relação com os Hindús , Portugueses e outros era normal, na minha actividade profissional e desportiva” [E6(M,G1,ML)]

“Isso não é problema para mim, sou casada com uma Hindu e tenho um relacionamento normal, devido à minha profissão e a vida em vizinhança com pessoas com pessoas de etnias e origens diversas” [E19(M,G1,ML)]

“Relaciono de forma geral muito bem com todas etnias...assim aprendemos pouco uns com os outros...” [E3 (F,G2,GML)]

“Segunda a minha opinião, em Portugal, os goeses sentem-se como integrados totalmente, quer na relação com a família quer com os outros.[E7(F,G2,GL)]

“Em Moçambique vivi num bairro à entrada do Esturro, onde havia gente de todas as raças e credos...quando meninos brincávamos uns com os outros, a partir da adolescência o relacionamento com os outros passou a ser selectivo...prioritariamente com pessoas de origem goesa, nada de relações com negros e para exemplo eu e os meu irmão casamos com pessoas de origem goesa.” [E9(F,G2,ML)]

“Como já referi a minha relação era boa com todos os grupos étnicos que viviam em Moçambique. Não tive avisos nem proibições de poder relacionar com as pessoas , mesmo até com os negros... lembro-me da Célia Poitevin , o Noé Chitula, o Eduardo...a Nirajana, Ana Chua Tam, o Mahendra, que nunca mais os vi ...tenho em boa conta as memórias e vivências felizes. Contudo com os da minha etnia (goesa) tive alguns problemas de relacionamento relativamente à estratificação existente...tomando por exemplo os pais de um namorado que eu tive o proibirem, de forma imperativa, de se relacionar comigo, por se julgarem de uma condição social superior à da minha família” [E10(F,G2,ML)]

Sei que havia diferenças e racismo, mesmo entre os goeses havia diferenças a Beira era uma cidade pequena as pessoas conheciam-se mas viviam, no meu caso, mais relacionadas com a vida familiar e os amigos que comungavam das mesmas ideias. Os goeses olhavam de lado para os casamentos com mulatos ou negros ..senti isso ...não comigo mas com pessoas do meu meio familiar...[E12(F,G2,ML)]

“Em Moçambique (Beira) havia racismo e estratificação social, brancos, pretos, “monhês” e “canecos” (os de origem goesa como eu, Na minha actividade profissional tinha uma relação normal com todos. Em particular o ambiente era constituído por núcleos em separado, goeses com goeses, mas aparentemente era tudo normal, há que considerar o contexto, mas a partir de meados dos anos 60 houve uma aproximação, ainda que moderada.” [E13(M,G2,ML)]

Havia diferenças raciais, étnicas e sociais. Os brancos contavam, apesar de tudo, com a lealdade dos goeses, excluindo-os, naturalmente, dos lugares de chefia. Eu não tinha problemas lidava com todos. Havia arrumação de classes, em Moçambique (O branco, o goês, o indiano, o mulato e o preto), ainda que se tenha tentado esconder essa evidência. [E14(F,G2,ML)]

Moçambique era de todas as colónias portuguesas onde havia mais racismo, chamaram-me algumas vezes “caneco de merda” e nos anos sessenta cheguei a ter problemas ao querer entrar em alguns restaurantes. Na escola primária os africanos tinham de estudar até à 5ª classe e nós e os europeus só até à 4ª e para entrar nos campos de futebol havia uma fila para brancos de um lado e de pretos no outro.

Caneco significava também penico onde o branco urinava. Talvez por o goês se ter convertido do Hinduísmo ao catolicismo, por usarmos vestes ocidentais, por sermos obedientes.

Os goeses vieram para servir, são honestos, possuíam uma cultura milenar oriental, a moral do goês era mais elevada e intimamente sentia-se superior aos brancos, bimbos e labregos. Nunca dei conta de goeses serem presos pela política, como todas as outras raças são oportunistas. Lembro-me que um goês, Tito Fernandes lutou pelos africanos no tempo do Salazar.” [E15(M,G2,ML)]

“Quantas vezes me chamaram “caneco” na escola e fora dela, quantas vezes me censuraram (os de origem goesa, como eu) por ter namorada e amigos pretos... É também por isso que evitava as reuniões e festas dos goeses, eram também racistas como os outros.” [E17(M,G3,ML)]

Da vida em Moçambique, com outros grupos étnicos

“A minha relação era limitada à família, tínhamos mainato e uma criada africanos...quanto à minha relação com os outros, era com colegas de trabalho (poucos) e outras famílias de origem goesa.” [E1(F,G1,GML)]

“Nasci na Beira - Moçambique, era pequena quando vim para Portugal com os meus pais (tinha 12 anos). Tinha pouco convívio com os meus colegas da escola, brincava mais com as minhas primas nas nossas casas.” [E11(F,G2,ML)]

“Excluindo as relações que devido a minha profissão mantinha, como funcionário da Fazenda Publica, com africanos pouca relação havia. A maior parte do tempo livre era ocupado na relação familiar, no apoio incondicional nas tarefas escolares das minhas filhas, leva-las aos jardins, parques, praia...De vez em quando encontrava-me no CRIP (Centro Recreativo Indo Português) essencialmente nos convívios para goeses.... uma vez ou outra fui a alguns eventos organizados nos "GOANOS" Clube dos Operários Goeses, curiosamente onde seria apresentado aquela que viria a ser a minha esposa. O meu convívio com outras etnias, primava pela raridade, o que era comum na comunidade Goesa da Beira.” [E4(M,G1,GML)]

“Em Moçambique - Os núcleos de Goeses estavam compartimentados conforme a região onde habitavam e a função que desempenhavam e o estrato social a que pertenciam.

Na comunidade de origem goesa os funcionários públicos julgavam-se superiores relativamente aos operários, aos pouco instruídos e aos trabalhadores por conta de outrem, e aos comerciantes que eram maioritariamente “monhés”; Frequentei o Colégio Nuno Álvares depois fui para o Liceu onde estudei até ao 5º ano. 70% dos alunos eram brancos, o resto eram goeses e poucos africanos ricos: Em Quelimane havia goeses vindos das Maurícias (mas poucos) que trabalhavam na indústria;

Nós os goeses católicos éramos apelidados de “canecos” e os indianos de “monhés”(termo que teve origem na Ilha de Moçambique (de “MOENHE” = comerciante). Os Hindus (não portugueses) eram poucos e todos comerciantes. Muçulmanos havia poucos e no interior.... Como goês católico não tive conhecimento enquanto vivi em Moçambique da Lei do Indigenato , segundo me disse,mas goeses não casavam com africanos(as). Só conhecia filhos de mãe negra e pai branco. Os goeses católicos tinham os seu clubes, principalmente na Beira e em Lourenço Marques (não referiu a palavra Maputo) e havia invejas entre eles. Os da “Catembe” – filhos de pais pescadores eram considerados inferiores..” [E16(M,G2,ML)]*

“Como já disse em L.M. o convívio era com goeses, colegas de trabalho e vizinhos, com os africanos serventes e carregadores não, os outros indianos eram comerciantes estavam abaixo de nós. Em 1º os ingleses, depois os portugueses a seguir nós, por último os africanos”. [E2(M,G1,GML)]

“A minha convivência era na base de família, pois o meu dia a dia era cozinhar , tomar conta da casa e dos filhos...”[E5(F,G1,GML)]

“Como atleta do CRIP, não tive nunca problemas nas relações com pessoas pertencentes a outros grupos étnicos diferenciados ou classes sociais, todos me acarinhavam. Como jogador de futebol fui galardoado e premiado, fui o jogador com mais presenças na selecção da Beira, lá como cá, as pessoas mais em evidência, ainda que na aparência, são endeusadas e acarinhadas por todos. Sinto-me bem com a minha origem goesa e como moçambicano de nascimento” [E6(M,G1,ML)]

“Em Moçambique as relações inter-étnicas tinham fronteiras bem definidas (anos 50) mas com o eclodir da guerra começaram a desaparecer gradualmente. Posso dizer mesmo que existia racismo de, para e entre todos os grupos étnicos. Tal conceito é próprio do colonialismo. Como goês, frequentava as associações relacionadas com Goa. Cada etnia (se é que se pode considerar etnia) tinham as suas associações: os goeses tinham 4 em função do estatuto social - CRIP (escriturários e afins), Goanos (operário ã qualificados), Gabinete de Leitura (brâmanes) e Oriental (desfavorecidos). Durante a minha adolescência tive oportunidade de frequentar todos eles graças ao meu hobby - guitarrista duma banda. Apercebi-me que esse conceito estava enraizado nos nossos antepassados mas não nos da minha geração.” [E19(M,G1,ML)]

“Onde vivíamos relacionávamos com todos, como sabes os meus pais tinham que vender ...para o sustento” [E3(F,G2,GML)]

“Quanto a isto, os goeses são mais racistas, do que aquilo que pensas. Muito racistas. São mais racistas do que aquilo que pensas. Muito racistas. Quer dizer, se for para branco não é, mas se for para outra raça, como os mulatos, cabo-verdianos, hindus, muçulmanos ainda pior. Mulatos e pretos então! Fuuu! São racistas mesmo. Cá em Portugal a vida é diferente....Há que nos dar bem com todos”[E9(F,G2,ML)]

“A minha relação com outros grupos étnicos era excelente, passo a explicar melhor: até 1975 por educação familiar o relacionamento era com brancos, goeses ,chineses, muçulmanos, porque estes eram os nossos colegas e vizinhos...a partir de 1975 ,aquando a debandada para Portugal dos brancos e goeses, muitos africanos que viviam no campo ...vieram para a cidade, .. Aí comecei relacionar com eles, porque passaram a serem os colegas da escola e os nossos vizinhos Sem duvida para mim foi uma mais valia, aprendi muito, são outras formas de pensar,

sentir e agir se sobretudo o imenso bem estar .."o dar , a dor" são vividos por eles de forma diferente pelo que fui assimilando e hoje é a minha bandeira. Apetece-me citar o poeta Aleixo" Não sou esperto nem sou bruto, nem bem nem mal educado, simplesmente um produto do meio em que fui criado.." [E10(F,G2,ML)]

"Nasci e cresci na Beira, no bairro Pais Ramos, os meus pais eram goeses, na escola tinha poucas amigas, eram todas de origem goesa, era só com quem me dava. Era muito reservada. Na maior parte do tempo estava em casa, os meus pais eram muito conservadores e só saía com eles, que só se davam com outras famílias de goeses. Lá estudei e vim para Portugal em 1978., apesar de ter vivido na Beira 25 anos"[E12(F,G2,ML)]

"Sempre vivi na Beira. Quando era pequeno na escola, dava-me com todos, fossem brancos, Hindús ou africanos...mas chamavam-me nomes por eu ser mais escuro de pele...Já adulto, quando comecei a trabalhar como empregado bancário, relacionava-me institucionalmente com todos os clientes de grupos étnicos diferentes. Na vida particular as relações eram mais com a família e amigos de origem goesa. Juntávamo-nos no CRIP em convívio, ou nas festas que lá se organizavam para goeses." [E13(M,G2,ML)]

"Sou Laurentina de gema, a comunidade goesa era muito reservada, os goeses lá como cá alinham nas castas, ainda que o sonéguem. (qualidade ou defeito?). Goês casava com goesa, por exemplo os meus pais casaram por procuração, a noiva (minha mãe) teve de vir de Goa porque em Lourenço Marques o meu pai não encontrou noiva à altura. Eu sempre me relacionei com todos, um pouco contra a vontade dos meus pais, foi difícil quando lhes dei a notícia que queria ser hospedeira de bordo. Havia racismo em Moçambique, fui discriminada, apesar da competência, só através de influências pessoais de gente ligada ao poder permitiram a minha admissão como hospedeira, em 1969. Acho que os goeses de Lourenço Marques eram mais extrovertidos, os da Beira eram mais provincianos, fechados e bairristas." [E14(F,G2,ML)]

"Moçambique era de todas as colónias portuguesas onde havia mais racismo, chamaram-me algumas vezes "caneco de merda" e nos anos sessenta cheguei a ter problemas ao querer entrar em alguns restaurantes. Na escola primária os africanos tinham de estudar até à 5ª classe e nós e os europeus só até à 4ª e para entrar nos campos de futebol havia uma fila para brancos de um lado e de pretos no outro. Os goeses são um bocado racistas, assumo isso, isso acontece em todas as raças, mas a última geração será absorvida pela cultura europeia. Eu considero todos iguais, sou casado com uma africana da Guiné-Bissau, houve familiares meus que não encararam bem a situação. Somos cinco rapazes e três raparigas. Tenho uma irmã casada com um mulato de origem alemã que têm uma filha com carapinha e um filho com cabelo liso. Tenho cunhado(a)s de todas as raças. Nasci em Moçambique, falo também o dialecto landim. Como músico dava-me com todos, independentemente da casta, religião ou etnia.." [E15(M,G2,ML)]

“Vivi na Beira até aos 19 anos, dava-me com todos na escola, tinha amigos pretos, brancos e chineses e goeses, mas éramos jovens, evitava frequentar os clubes de goeses, eram muito intrometidos invadiam a minha privacidade. Tinha uma namorada preta e por isso tive alguns dissabores, estou em Portugal desde 1986, não vou a festas ou encontros de goeses. ”[E17(M,G3,ML)]

“Os meus pais são naturais da Beira, os meus avós de Goa, eu nasci em Lisboa e vivo actualmente no Cacem, sou portuguesa, cresci, estudei e exerço a minha profissão em Portugal ”[E21(F,G3,L)]

Sobre as razões de uma primeira migração para Moçambique

“Em companhia dos meus pais, que procuraram em Moçambique uma vida melhor e foi aqui, na Beira, que estudei e casei com um Goês, funcionário da Fazenda..”

[E1 (F,G1,GML)]

“Como já disse a minha migração para Moçambique deveu-se à má condição de vida em Goa e a necessidade de poder ajudar a minha família.” **[E4 (M,G1,GML)]**

“Fui para Moçambique (Lourenço Marques) aos 16 anos, onde tinha família. Trabalhei na estiva para uma firma Sul Africana e só convivía com os vizinhos goeses.”

[E2 (M,G1,GML)]

“Vim para Moçambique para casar.” **[E5 (F,G1,GML)]**

“Em Moçambique (1958-1979) tive uma vivência inesquecível. Foi aí que fiz os estudos, criei amizades, cumpri o serviço militar, empreguei-me e assentei família. Contar tudo isso ao detalhe levaria anos. Só tenho a dizer bem desses anos todos. Recordo-me perfeitamente de cada momento que vive como se fosse ontem.”

[E19 (M,G1,ML)]

“A procura de melhores condições, mas os meus pais já tinham outros irmãos em Moçambique...também pescadores...nós éramos uma comunidade de pescadores”

[E3 (F,G2,GML)]

Das razões da segunda migração para Portugal

“Foi logo a seguir à independência, não tínhamos condições, de lá continuar. Viemos para Portugal em 1975. As minhas filhas eram pequenas. O meu marido continuou como funcionário das Finanças e eu funcionária pública.” [E1 (F,G1,GML)]

“Com a Independência de Moçambique em 1975, decidi vir para Portugal com a minha família, por razões que agora não quero explicar. Em Portugal, por pouco tempo fiquei instalado provisoriamente numa pensão até ter casa própria. Quanto a trabalho, retomei a minha actividade como funcionário público numa repartição de finanças e a minha esposa foi colocada numa repartição do Estado, como funcionária administrativa e as minhas filhas deram continuidade à vida escolar. A razão emergente, não vale a pena especificar, deve-se ao facto da impossibilidade da minha adequação e integração no novo modelo de sociedade. Por outro lado, já tinha vindo a Portugal, numa das licenças graciosas, concedidas a alguns funcionários e tinha a noção de que este seria o local certo para viver no futuro .” [E4 (M,G1,GML)]

“Vim para Portugal em 1975 (não quis explicar porquê e manifestou-se desligado da política e da cultura). Trabalhei até 2008, estou reformado e actualmente vivo no Cacém onde conheço 20 a 30 goeses.” [E2 (M,G1,GML)]

“Vim para Portugal em 1980 com os meus filhos, eles começaram logo a trabalhar e eu nunca trabalhei, vivo com a minha filha genro e netas., viemos embora porque já vivíamos sem agua nem luz e com medo da guerra...e das noticias que todos os dias anunciavam mortos...” [E5 (F,G1,GML)]

“A razão fundamental foi a falta de condições de vida, falta de alimentos, insegurança, etc... Relativamente a este acontecimento marcante, relatou um episódio, antes da sua despedida da Beira, “ (...) passado aquando do meu último dia. Quando, pela última vez dei a volta a chave na porta para seguir viagem, senti uma coisa estranha dentro de mim. Tive um acesso de choro que me deixou completamente descontrolado. Voltei para dentro e chorei, chorei, chorei. Foi, não tenho dúvidas, um acontecimento muito especial e marcante na minha vida.” [E6 (M,G1,ML)]

“A vida em Moçambique não estava a ser fácil, conflitos sociais, a falta de bens necessários para uma vida normal, para mim e para os meus familiares impuseram a minha decisão, ainda que difícil.” [E19(M,G1,ML)]

“Ah ..eu quase que fugi de lá para cá....os meus pais arranjaram "sirigot"(casamento e eu naquela altura, já trabalhava ..organizei-me de papeladas e vim para Portugal...” [E3 (F,G2,GML)]

“Vim directamente de Goa para Portugal estudar...” [E7 (F,G2,GL)]

“Eu fui obrigada a vir para cá, porque namorava como meu actual marido, ele tinha vindo antes por causa do emprego no Banco... Ele tinha alterado a nacionalidade. Eu, como namorava com ele, fiquei um ano lá, a tentar vir para cá devido a várias condicionantes, que não me deixavam...não tinha emprego, os meus pais não tinham uma estabilidade financeira, eu tinha um irmão mais novo e os meus pais não o podiam sustentar sozinhos. O meu pai trabalhava, mas já era velhote. Eu era muito agarrada a eles e não os abandonei logo para vir para cá, por isso ficámos um ano à espera e finalmente vimos para Portugal a 19 de Agosto de 1978.” [E9 (F,G2,ML)]

“Só viemos para Portugal, em 1986,ao contrario de muitos goeses que vieram quando se deu a independência, em 1975. Isto porque o meu pai, teve sempre a esperança de que aquele país florescesse de novo ...Já vivíamos numa situação degradante, sem agua, sem luz, sem escolas, falta de postos de saúde sem comunicações....telefone, machimbombos, comboio.. as linhas férreas estavam minadas...havia o “chapa cem , num dia comíamos arroz com feijão e no outro feijão com arroz....tudo na base de racionamento, e grandes filas à procura de comida...tudo à base de candongas.. foi quando o meu pai , pediu aos meus familiares que nos recebessem cá e ele só veio em 1989...mas faleceu pouco tempo depois com 51 anos....” [E10 (F,G2,ML)]

História migratória

“Como já disse, vim de Goa para Moçambique e em 75 para Portugal, com o que pudemos trazer, 20Kg/24H... saímos de lá do 20 Kg de bagagem e em 24 Horas, corridos...depois de uma vida..” [E1 (F,G1,GML)]

“Vim da Beira, com doze anos ,logo era uma miúda, e segui sempre os meus pais, com quem hoje ainda vivo.” [E11 (F,G2,ML)]

“Nasci em Batim-Goa, aos 24 anos, cheguei à Beira, em 1975, vim para Portugal, sou imigrante duas vezes, o que é muito difícil, abandonar as nossas raízes e partir... agora já não me resta muito tempo ...”[E4 (M,G1,GML)]

“Vim em 1979 e tive muitos problemas com a minha saída de Moçambique. Quando cheguei a Portugal empregaram-me num Banco, a minha história migratória foi esta, vim para Portugal por falta de condições para continuar a viver em Moçambique” [E16 (M,G2,ML)]

“Não tenho propriamente uma história migratória, nasci em Goa, fui para Bombaim, daí para a Europa (Alemanha), voltei para Bombaim como funcionário da “Siemens” e em 1993 vim para Portugal trabalhar para a mesma empresa.” [E8(M,G1,GL)]

“De Goa para Bombaim daí para Lourenço Marques e em 1975 com a independência vim para Portugal.” [E2 (M,G1,GML)]

“Vim de Goa para Moçambique para casar. Vivi na Beira casada e cheguei a Portugal enviei . Vim de Moçambique para Portugal, não só pelas condições de vida que lá tinha e porque a minha filha vinha para Portugal casar.” [E5 (F,G1,GML)]

“Nasci na Beira, fui estudar para Lourenço Marques, aos 19 anos voltei para a Beira, onde vivi até 1976,altura em que vim para Portugal.” [E6 (M,G1,ML)]

“Goa não tinha recursos de subsistência facto pelo qual houve necessidade de procurar outras paragens. Sendo Moçambique uma colónia portuguesa e estando mais próxima do lado do indico, além de já se encontrarem lá familiares e conhecidos, foi a opção para a imigração. A saída de Goa verificou-se ainda tinha eu tenra idade (6 anos) pelo que não tenho muito que contar sobre a minha vivência nessa terra...” [E19(M,G1,ML)]

“...já te disse...foi mesmo para fugir ao serigôt (casamento)... senão ainda estaria lá....”[E3 (F,G2,GML)]

“Nunca fui uma imigrante, nem me considero tal, vivi em território português Goa, vim estudar para Portugal e regularmente vou a Goa visitar a minha família...”
[E7 (F,G2,GL)]

“Vim de Moçambique para Portugal...pelas razões atrás descritas.... guerra, insegurança...falta de condições...” [E9 (F,G2,ML)]

“Consiste numa migração Moçambique - Portugal, marcada com muito sofrimento, vim com os meus pais, era menor de idade..."um arrancar de raiz e transplantá-la noutro vaso..." que foi crescendo conforme o tempo, as pessoas, o meio...não vim porque quis mas porque me trouxeram...” [E10 (F,G2,ML)]

“Vim para Portugal em 1978 com a minha família, porque não tínhamos condições para ter uma vida normal na Beira, onde sempre vivi, se estivéssemos bem tínhamos ficado..” [E12 (F,G2,ML)]

“Pelas razões que atrás expliquei, nada me prendia a uma terra que já não sentia como minha, não tinha condições para poder viver lá, restam as saudades dos tempos da minha juventude lá vividos, adoro a cidade onde nasci (Beira), como a conheci, depois deixou de ser a mesma cidade, limpa, bonita, onde havia tudo para se poder viver bem..” [E13 (M,G2,ML)]

“Vim para Portugal há 33 anos (1976) por opção, é claro que tenho saudades da minha Lourenço Marques, não me considero uma emigrante, sou portuguesa - moçambicana descendente de goeses.” [E14 (F,G2,ML)]

“Não me considero um imigrante, vim para Portugal porque decidi que assim fosse, já conhecia o país a sua cultura, hábitos e costumes, adoro cá viver. É claro que tenho saudades da minha terra, dos tempos que lá vivi. A Casa de Goa é o elo de ligação com os meus antepassados.” [E15(M,G2,ML)]

“Vim para Portugal com a minha mãe e as minhas irmãs, o meu pai veio um ano depois, não porque quisesse vir mas porque o meu pai assim quis, guardo boas recordações dos amigos e da namorada que lá deixei, agora 23 anos depois não dá para voltar para lá.” [E17(M,G3,ML)]

“Vim com os meus pais, era ainda muito pequena (tinha 7 anos), pouco me recordo (do jardim de infância, dos militares armados, da escola primária com muitos colegas negros), não tenho propriamente uma história migratória...” [E18(F,G3,ML)]

Da experiência de ser Goês, do modo como na infância viveu Goa (ou os seus antepassados falaram da vida deles em Goa

“Vim muito pequena para a Beira, deixei familiares em Panjim-Goa, onde só voltei em visita quinze anos depois da minha chegada a Portugal, vinda de Moçambique”

[E1 (F,G1,GML)]

“Nasci em Batim-Goa, em 27.04.1933, estudei em Pangim e aos 24 anos, em Outubro de 1957, embarquei no porto de Mormugão para a Beira, depois de ter feito escala em vários portos. A vida em Goa era de miséria, não havia empregos e eu embora fosse funcionário dos CTT, tinha um vencimento de 80 rupias, que não chegavam para ajudar a minha mãe e irmãos, além do chá Panim só dava para comer(Baji-puri e bojás), daí ter que procurar melhores condições de vida. Ainda sei falar concani e sou devoto de S. Francisco Xavier. A maior parte da minha família, excluindo o meu agregado familiar, vive ainda em Goa. O modo de vida em Goa era muito restritivo, mas respeitavam-se as crenças, porque diferenças havia. Nos hindus eram as castas e nos católicos, lá como cá, o estatuto social...” **[E4 (M,G1,GML)]**

“Eu nasci em 11.02.48, em Quelimane/Moçambique. Os meus pais nasceram em Goa e lá casaram antes de emigrarem para Moçambique, na procura de melhores condições de vida. O meu pai era pescador, mas segundo ele me contou, tinha um tio (Em Goa) chefe de aldeia (tradicional).” **[E16 (M,G2,ML)]**

“Nasci em Goa (Margão), o meu pai era médico e a minha mãe doméstica, vivi e estudei em Pangim, no liceu de Goa. Na vivência familiar a língua falada era o português e o modo de vida era culturalmente o europeu (português). Os meus pais no relacionamento com terceiros falavam Concanim, que era linguajar corrente de grande parte da população goesa...” **[E8(M,G1,GL)]**

“Nasci em Pangim, no ano de 1933, os meus pais morreram, era eu pequeno e fui para o Orfanato S. Francisco Xavier. Em 1944 fui para Bombaim de onde sai aos 16 anos para Moçambique. Na Índia só me apercebi da miséria da maioria das pessoas. Onde havia discriminação social.” **[E2 (M,G1,GML)]**

“Nasci em Goa há 80 anos (Pangim), onde vivi com os meus pais até à idade de casar. Casei na Beira onde vivia o meu marido e onde encontrei. A minha vida em Goa era normal, a minha mãe era doméstica e o meu pai trabalhava, falavam Concanim e português.” **[E5 (F,G1,GML)]**

“Nasci na Beira em 02.02.1928 onde vivi com os meus pais e irmã, no bairro Maquinino, completada a 4ª classe, como não havia liceu na Beira, fui para Lourenço Marques e aos 19 anos voltei à Beira. Os meus pais nasceram em Goa e emigraram para Moçambique por volta dos anos vinte, tentar uma vida melhor...pouco me falaram da sua vivência em Goa.” **[E6 (M,G1,ML)]**

“Nasci em Goa vim pequena com os meus pais para Moçambique, hoje vivo em Setúbal, o que guardo da terra onde nasci, são as vivências... da vida piscatória como sustento...lembro-me do meu pai chegar a casa com peixe apanhado na hora, para a minha mãe fazer o caril...” [E3 (F,G2,GML)]

“Guardo a cultura goesa, nas vestes, nos hábitos e no sentimento. Frequento regularmente a Casa de Goa, onde estou ligada às suas iniciativas, Vim de Goa para Portugal, convivo com as duas culturas, respeitando as diferenças.” [E7 (F,G2,GL)]

“O que sei do modo de vida em Goa foi-me transmitido por goeses amigos da família. Já visitei Goa, o modo de vida de lá não confere com a vivência que tive na Beira, nem com o estilo de vida que tenho em Portugal.” [E9 (F,G2,ML)]

“Nasci na Beira em 1964, na minha infância vivi momentos difíceis, havia carências várias, estudei na Beira e vivi lá até 1986, data em que vim para Portugal, com a minha mãe e os meus irmãos. A vida na Beira era impossível. O meu pai viria três anos depois. Os meus pais nasceram em Goa onde vive ainda a maior parte dos meus familiares. Falaram da vida difícil em Goa e na Beira encontraram condições de vida que lá não tinham. A única coisa que os ligava à cultura goesa e me transmitiram foram as bases de educação, culinária, a religião..., culturalmente, o comportamento marcante dos goeses assentava no pilar em que a mulher doméstica era reservada... ao contacto com amigas da família(goesas) ou familiares e os homens geralmente encontravam nos clubes ou associações frequentadas por goeses católicos. Os hindus isolavam-se mais, estavam quase todos ligados ao comércio de núcleos familiares.” [E10 (F,G2,ML)]

“Os meus pais vieram de Goa para Moçambique, onde nasci (Beira) na escola e em casa só convivia com amigas goesas num ambiente muito restrito, pouco me falaram do seu passado em Goa.” [E12 (F,G2,ML)]

“Os meus pais vieram de Goa para Moçambique (Beira) onde nasci em 1955. Sinto-me goês, nasci goês, filho de goeses, conservo os hábitos de vivência e culto dos meus pais, na religião (católica) e na gastronomia (cá em Portugal, sempre que posso) tento mas sem sucesso transmitir esses princípios às minhas filhas.” [E13 (M,G2,ML)]

“Nasci em Lourenço Marques, vivi algum tempo na Beira, mas sou uma Laurentina saudosista. Os meus pais nasceram em Goa. Eu sou Moçambicana de gema e ligada serei à cultura portuguesa. Os meus pais contavam-me da existência de castas e estratificação social, mas em Moçambique e cá também há, agora com menos evidência.” [E14 (F,G2,ML)]

“Nasci em 1969, na Beira. Os meus pais nasceram em Goa (Pangim) vim para Portugal em 1986. Estudei e cresci na Beira, sempre que podia independizava-me, porque os goeses têm a mania de querer saber todas as informações pessoais a meu respeito e invadiam a minha privacidade. Não frequento igreja, contudo ainda gosto da comida goesa, feita pela minha mãe e nos restaurantes, pois não frequento os encontros nem festas goesas devido ao que acima referenciei. Concluo dizendo que os goeses são muito curiosos e ate mesmo intrometidos.” [E17(M,G3,ML)]

“Nasci em Moçambique , na Beira o meu pai falava da vida difícil de Goa... que tinha muitos irmãos...uns onze..” [E18(F,G3,ML)]

“Nasci em Lisboa, ouço falar das vidas em Moçambique, e a minha avó pouco me fala de Goa. Sou portuguesa e tenho os hábitos e gostos dos jovens da minha idade, acompanho por vezes os meus pais à missa (às evocações), e às festas raramente. Comida goesa muito raramente, não gosto. Pouco sei da cultura goesa...” [E21(F,G3,L)]

“A minha saída de Goa verificou-se quando ainda tinha a tenra idade de 6 anos pelo que não tenho muita a contar sobre a minha vivência nessa terra” [E19(M,G1,ML)]

3. Encontros Anuais dos Goeses da Beira e seus Amigos em Portugal - Lisboa

3.1 Mapa geral de Encontros Anuais dos Goeses da Beira e seus Amigos em Portugal- Lisboa (2001-2010);

3.2 Fotos da Comissão Organizadora dos Encontros dos Goeses da Beira e seus Amigos em Lisboa (2001-2008);

Registo fotográfico cedido pela Comissão Organizadora



“Encontros Anuais” dos Goeses da Beira e seus Amigos em Portugal de 2001 a 2010

	Ano	Comissão	Local	Principais actividades desenvolvidas por cada comissão eleita para Os Encontros da comunidade Beirense e seus Amigos
1	2001	Jorge Silveira, João Vaz e Paulo Almeida	Restaurante Sabores de GOA-Lisboa	40 Participantes – Almoço (comida goesa) - convívio e passagem de fotos, testemunhos de vivências na cidade da Beira- Moçambique
2	2002	Alfredo Bragança, Basilio Rodrigues e Braz Oliveira	Centro Social da Igreja do Lumiar-Lisboa	Cerca de 120 Participantes – Almoço (comida goesa)- convívio, Musica -,Dança. (portuguesa, africana e goesa)
3	2003	Baptista Silveira, Santana Fernandes e Daniel Fernandes	Quinta da Valenciana Fernão Ferro- Sesimbra	Cerca de 200 Participantes - Almoço (comida portuguesa)- convívio, Musica -,Dança. . (portuguesa, africana e goesa) Final: Sarapatel
4	2004	Onésio Rodrigues, Brigida Rodrigues, Lurdes Noronha e Apolinário Cardoso	Quinta da Valenciana Fernão Ferro- Sesimbra	Cerca de 300 Participantes- Almoço (comida portuguesa)- convívio, Musica -,Dança. (portuguesa, africana e goesa), concurso de Saris. Final: Sarapatel
5	2005	José Maia, Benvinda Pereira, Avelino Pité, Melba Pité e Francisco Fernandes	Quinta da Valenciana Fernão Ferro- Sesimbra	350 Participantes Almoço (comida portuguesa) - convívio, Musica -,Dança. (portuguesa, africana e goesa), Concurso de Chapéus. Final: Sarapatel
6	2006	Reinaldo Sá, São Sá, Alvarinho Sá e Marlene Sá, Geraldo Fernandes e Manuela Fernandes	Quinta da Valenciana Fernão Ferro- Sesimbra	Cerca de 400 Participantes Almoço (comida portuguesa) – convívio Musica -,Dança. (portuguesa, africana e goesa), Participação de Tuna Académica, Final: Sarapatel
7	2007	Carmo Velho, Ivete Velho, Guida Sá, Chico Sá, Maria do Céu Antão e Agnelo Antão.	Quinta da Valenciana Fernão Ferro- Sesimbra	Cerca de 450 Participantes Almoço (comida portuguesa) – convívio Musica -,Dança. (portuguesa, africana e goesa), Final: Sarapatel



“Encontros Anuais” dos Goeses da Beira e seus Amigos em Portugal de 2001 a 2010

8	2008	Joao Coutinho, António Rodrigues Antonieta Rodrigues, Victor Fernandes e Blanca Fernandes Onésio Rodrigues e Brigida Fernandes, João José Vaz, Basílio Rodrigues e Espertina de Araújo, Romualdo Coutinho e Lúcia Fernandes	Quinta da Valenciana Fernão Ferro- Sesimbra	<p>Cerca de 540 Participantes Almoço Anual comida portuguesa) -convívio Musica -,Dança. (portuguesa, africana e goesa), Final: Sarapatel, Participação de 3 grupos musicais diferentes: Grupo Suryá, Gonzaga Coutinho e Night-Star's (Mário Ferreira)!Prémios diversos: 1 viagem a Goa, 2 fins-de-semana para um casal, 18 livros "Memórias da Beira", Vinhos, Enchidos, Taças, Medalhas, Certificados, Cadernos de receitas, entre outros... Palestra sobre Goa por Leão Fernandes e Orlando Rodrigues</p> <p>Eventos realizados durante o ano: Workshop de Culinária- Concurso de Culinária e Torneio de Carrom (desporto praticado por Goeses)</p>
9	2009	Alfredo Bragança, Lourdes Fernandes, António Rodrigues, Piedade Fernandes Agnelo Rodrigues, Ana Carina Bragança, Aurora Garcia, Elizabete Fernandes, Manuel Garcia, Maurino Gina Silva, Ricardo Silva, Rosa Silva e Lucinda Costa Fernandes	Quinta do Paraíso - Loures	<p>Cerca de 550 Participantes presente no Almoço Anual (comida portuguesa) convívio Musica -.Dança. (portuguesa, africana e goesa), Final: Sarapatel e outras iguarias goesas, Concursos, Discursos, Coro entoando canções (goesas, Moçambique e Portugal), sorteio de viagem para Goa, Participação do músico “Tonecas” e Dança doVentre.</p> <p>Eventos realizados durante o ano: Baile de Carnaval, Almoço para Idosos, Oferta de Livros de Medicina Tradicional Criação de Blog” Memórias de uma Vivência. Missa em Memória dos que já partiram, Histórias de vida.- Entrevistas Jantar de balanço de desempenho da comissão e equipa de colaboradores, convista sugestões e melhoramentos para o próximo encontro.</p>
10	2010	Adriana Coutinho, Conceição Fernandes, Gonzaga aCoutinho, Maria da Luz Coutinho, Mariza Cunha Mila Cunha, Reinaldo sá, Rui Salbany, Vitor Cunha.		<p>Cujo objectivo é dar continuidade aos Encontros onde valores partilhados em comum e percursos identitários diversos, asseguram e dão corpo a uma Memória Colectiva</p>

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ENCONTROS

2001 a 2008



Comissão de 2001

Jorge Silveira, João José Vaz e Paulo Almeida

Local: Restaurante Sabores de Goa -Lisboa



Comissão de 2002

Alfredo Bragança, Basilio Rodrigues e Braz Oliveira

Local: Centro Social da Igreja do Lumiar -Lisboa



Comissão de 2003

Baptista Silveira, Santana Fernandes e

Daniel Fernandes

Local: Quinta Valenciana – Fernão Ferro-Sessimbra

Comissão de 2004

Onésio Rodrigues, Brígida Rodrigues,

Lurdes e Apolinário Cardoso (Apolina)

Local: Quinta Valenciana– Fernão Ferro-Sessimbra



Comissão de 2005

José Maria, Fatita, Bevinda Pereira, Avelino Pité,

Melba Pité e Francisco Fernandes

Local: Quinta Valenciana – Fernão Ferro-Sessimbra

Comissão de 2006

Reinaldo e São Sá, Alvarinho e Marlene Sá,

Geraldo e Manuela Fernandes

Local: Quinta Valenciana – Fernão Ferro-Sessimbra

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ENCONTROS

2001 a 2008



Comissão de 2007

Carmo Velho, Ivete, Guida, Chico Sá, Maria do Céu e Agnelo Antão

Local: Quinta Valenciana – Fernão Ferro-Sessimbra



Comissão de 2008

**António Rodrigues e Antonieta Rodrigues Victor Fernandes e Blanca Fernandes,
Onésio Rodrigues e Brígida Fernandes, João José Vaz, Basílio Rodrigues e Espertina
de Araújo, Romualdo Coutinho e Lúcia Fernandes**

Local: Quinta Valenciana – Fernão Ferro-Sessimbra

4. Encontros dos Goeses da Beira e seus Amigos na grande Lisboa

4.1 Comunicado da Comissão Organizadora do 9º

Encontro dos Goeses da Beira e seus Amigos

4.2 Convite de boas vindas aos membros da comissão, por integrar o grupo de trabalho;

4.3 Eventos:

- Cadeia de processos dos preparativos do Encontro de Seniores a 11 Outubro 2008; (fotos do autor e fotos cedidas pela comissão organizadora)
- Missa em memória dos falecidos;
- Carnaval em 21 Fevereiro; (fotos do autor e fotos cedidas pela
- 9º Encontro dos Goeses da Beira e seus Amigos em 23 Maio de 2010; (fotos do autor e fotos cedidas pela comissão organizadora)
- Cadeia de Processos dos preparativos do 9º Encontro dos Goeses da Beira e seus Amigos: Localização, Preparativos para as mesas, mostra de artefactos, da cultura moçambicana, panos de Goa e Moçambique , mostra de capas de discos, livros, mapas do Portugal Insular ultramarino, brasão da cidade da Beira, exposição com temática histórica cedida por João Coutinho; (fotos do autor e fotos cedidas pela comissão organizadora)

- Transcrição do discurso do Presidente da Casa de Goa Narana Coissoró no 9º Encontro dos Goeses da Beira e seus Amigos;
- A Festa: Intervenções, Canto, Dança, Sorteios, Almoço; Cerimónia do bolo ;buffet de gastronomia goesa; Convívio geral, patrocinadores; (fotos do autor e fotos cedidas pela comissão organizadora)
- Listagens de memórias de lugares, peixes, frutos, bairros, prédios, doces, gastronomia, musicas, lembradas na festa.
- Listagem das pessoas inscritas para o 9º Encontro dos Goeses da Beira e seus Amigos;
- Listagem de nomes da Comissão Organizadora 2009;
- Nova Comissão 2010 « X Encontro dos Goeses da Beira e seus Amigos» em Lisboa;
- Programa;

Goeses da Beira e seus Amigos
9º Encontro – 23 Maio 2009
Mostra com a temática histórica, da cidade da Beira
cedida por João Coutinho

Pergaminho com o decreto real

- **Pergaminho com o decreto real, entregue às autoridades locais pelo próprio Príncipe da Beira, logo após o seu desembarque, no cais do Chiveve, no dia 4 de Agosto desse ano de 1907:**
- *«Tendo em consideração o natural desenvolvimento que tem adquirido a povoação da Beira, capital do Território de Manica e Sofala, sob a administração da Companhia de Moçambique e sede do seu Governo;*
«Atendendo à excepcional importância da sua posição e manifesto valor do movimento do seu porto e do tráfego do caminho de ferro, que a põe em contacto directo com a Rodésia e que sensivelmente aumenta de ano para ano, fazendo dela um grande centro de navegação e de comércio largo e promissor;
«Querendo dar um público testemunho de apreço pelo esforço de actividade que representa a completa transformação da povoação da Beira, em vinte anos realizada, ao mesmo tempo, comemorar a visita que lhe vai fazer Sua Alteza Real o Príncipe Dom Luis Filipe, meu muito prezado e amado filho;


«Hei por bem declarar que a povoação da Beira, capital do Território de Manica e Sofala, sob a administração da Companhia de Moçambique, seja elevada à categoria de Cidade da Beira.

«O Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar o tenha entendido e faça executar.
«Paço, 29 de Junho de 1907 - REI».

João Coutinho (Dino) BEIRA PARA RECORDAR E SONHAR


Porquê Beira?

- Diz-se que a Beira se chama assim porque no ano de 1887 nasceu em Lisboa o filho do Rei D. Carlos I e da Rainha D. Amélia.
- Por força de um decreto de D. João V datado de 1734, cabia ao Infante Dom Luis Filipe o título de príncipe da Beira.
- Em 20 de Agosto de 1887 foi quando se principiou a povoação da Beira.




Beira, Cidade e Porto do Índico

- Na costa oriental da África, sobre a margem esquerda do rio Púnguê na sua saída para o Índico, fica a cidade e porto da Beira.



latitude 19°50' e

... e sobre o porto



- No início dos anos 70 atingiu uma extensão de 1.680 metros que permitia que atracassem simultaneamente 10 navios servidos por 70 guindastes até 20 toneladas, e 4 rebocadores.

"Sofala"
 "Macuti"
 "Gorongosa"
 "Uimpopo"

Pergaminho com o decreto real

Porquê Beira?

Vista da Beira

Beira, Cidade e Porto do Índico

Beira, planta da Cidade

Os Caminhos de Ferro

... e sobre o porto

Vista da Beira



João Coutinho (Dino)

BEIRA PARA RECORDAR E SONHAR



Expansão da cidade



O primeiro centenário da Beira



- A Beira Moçambicana teve boas razões para ter estado em festa no passado mês de Agosto de 2007, pois celebrou o primeiro centenário (da elevação à categoria de cidade, com a particularidade de nunca ter sido vila) mas também os 120 anos da sua fundação 1887.



Comissão Organizadora
«Encontros Goeses da Beira e seus Amigos»
23 Maio 2009 -Lisboa

Agnelo Rodrigues
Alfredo Bragança
Ana Sofia Bragança
António Alberto Rodrigues
Aurora Gracias
Bernardete Bragança
Elizabete Costa Fernandes
Filomena Vaz
Gina Silva
João Paulo Bragança Abrantes
Juviano Fernandes
Lourdes Fernandes
Lucinda Fernandes da Costa Fernandes
Manuel Gracias
Maurino Silva
Piedade Rodrigues
Ricardo Silva
Rosa Silva



Participantes no 9º Encontro de Goeses da Beira e seus Amigos

Mesa nº 0	Mesa nº 1	Mesa nº 2	Mesa nº 2	Mesa nº 2	Mesa nº 2	Mesa nº 3	Mesa nº 4	Mesa nº 5
Lourdes Fernandes Alfredo Bragança Antonio A Rodrigues Piedade Rodrigues Elizabete Marques Elizabete Marques Tonecas (musico) Dançarina	1 Mary Novais 2 Lira Rodrigues 3 Valentim Mascarenhas 4 Basília Sousa 5 Raquel Fernandes 6 Fatima Martins 7 Paulo Martins 8 Especiosa Rodrigues Ilda Rodrigues	1 Victor Figueiredo 2 Elisabete Figueiredo 3 CARLOS PITÊ 4 GLÓRIA PITÊ 5 FERNANDO RODRIGUES 6 LEONOR RODRIGUES 7 JORGE PITÊ 8 FERNANDA PITÊ 9 Daniel Miranda Rosa Miranda	1 Avelino Pitê 2 Melba Pitê 3 Aquiles Sousa 4 Telma Sousa 5 ANNIE PITTÊ 6 Mª JOSÉ ÁLVARES 7 JOSÉ MASCARENHAS 8 Carlos Jacinto 9 Edite Jacinto 10 ANTÓNIO S.PEREIRA	1 Filipe S. Fernandes 2 Aisa Sacoór 3 Rolf Hamman 4 Ana Hamman 5 Miguel Navarro 6 Ângela Sousa 7 GUILHERME ALBUQUERQUE 8 RUI M B COSTA 9 Mª FLÁVIA B COSTA 10	1 Moises Martins 2 Miriam Martins 3 Maria Gomes 4 SEBASTIANA DIAS 5 ANA P VAZ 6 LEANDRO VAZ 7 BRÍGIDA VAZ 8 BONIFÁCIO DIAS 9 Mª ARMINDA DIAS 10 GRACIETE MAGALHÃES	Moises Martins 1 1 Miriam Martins 2 Maria Gomes 3 SEBASTIANA DIAS 4 ANA P VAZ 5 LEANDRO VAZ 6 BRÍGIDA VAZ 7 BONIFÁCIO DIAS 8 Mª ARMINDA DIAS 9 GRACIETE MAGALHÃES 10	1 2 Lurdes Caldeira Fernandes 3 Jorge Fernandes 4 Elsa Caldeira 5 António Francisco Fernandes 6 Linda Fernandes 7 José Fernandes 8 Eduardo Cardoso 9 Idalina Rodrigues 10 Carla Sá Sérgio Sá	1 António José Cardoso 2 Yana Cardoso 3 Lina Fernandes 4 Milena Bragança 5 Maria Antónia Estrócio 6 Carlitos Estrócio 7 Yolanda Estrócio 8 Pedro Estrocio 9 Roberto Rodrigues 10 Adrião Fernandes
Mesa nº 6	Mesa nº 7	Mesa nº 8	Mesa nº 9	Mesa nº 10	Mesa nº 11	Mesa nº 12	Mesa nº 13	Mesa nº 14
Alberto Fernandes Beliza Fernandes Marlene Sá Celeste Alvarinho Celina Rosario Menino Rodrigues Juliana Sá Verónica Fernandes Romaldina Sá	1 António Rodrigues 2 Antonieta Fernandes 3 Vitor Fernandes 4 Blanca Fernandes 5 Dino Coutinho 6 Anabela Coutinho 7 Menino Rodrigues 8 Rosita Rodrigues 9 Yolanda Rodrigues 10 Antonio João Rodrigues Lidia Coutinho	1 Adulto entre os 25 e os 40 anos 2 Adulto a partir dos 70 anos 3 Adulto entre os 25 e os 40 anos 4 Adulto entre os 25 e os 40 anos 5 Adulto a partir dos 70 anos 6 Adulto entre os 25 e os 40 anos 7 Adulto entre os 25 e os 40 anos 8 Adulto a partir dos 70 anos 9 Adulto entre os 25 e os 40 anos 10 Adulto entre os 25 e os 40 anos 11 Criança até aos 5 anos	1 Flávia-AAR 2 Mónica-AAR 3 Mónica-AAR 4 Jasmina-AAR 5 Jasmina-AAR 6 Mario Fernandes 7 Mario Fernandes 8 João 9 10 11	1 Rosa Silva 2 A Virgilio Silva 3 Antonio Jorge R. Da Silva 4 Bruno Miguel R. Da Silva 5 Rosinda Guedes 6 Luis Guedes 7 Abel Pascoal Pinto 8 Ana Maria Pinto 9 Flávia Melo Alberto Melo	1 Ricardo Silva 2 Sandra Silva 3 Márcia Sousa 4 Maria Bernardete Sousa 5 Maria Fátima Monte 6 Mario Monte 7 Maria Sousa 8 Telmo Sousa 9 Cecilia Sousa (Tia Gina) 10 Sara Sousa (Telmo)	1 Geraldo Fernandes 2 Manuela Fernandes 3 Jorge Carvalho 4 Espertina Carvalho 5 Angelica Fernandes 6 Rony Sa 7 Jose Conceição Sa 8 Pasquina Rodrigues 9 Idilia Fernandes 10 Edgar Silveira	1 Ana Sofia Bragança 2 Carina Filipa Bragança 3 Ana Pereira 4 Lucinda da Costa Fernandes 5 Elizabeth Alexandra Fernandes 6 Paulo Pepe 7 Jose Carmino Fernandes 8 Bebianá Costa Fernandes 9 Doroteia Silva 10 Jose Gabriel Perereira	1 Maurino Silva 2 Gina Silva 3 Paulo Fernandes 4 Olivia Sousa Rebelo 5 Eddie Fernandes 6 Belita Fernandes 7 Ivone Furtado 8 Orlando Fernandes 9 Agnelo Pereira 10 Ana Josefa Gonçalves Patricia Fernandes
Mesa nº 15	Mesa nº 16	Mesa nº 17	Mesa nº 18	Mesa nº 19	Mesa nº 20	Mesa nº 21	Mesa nº 22	Mesa nº 23
João Nazaré Costa Janete Rodrigues Lina Costa Deodato Gomes Ana Paula Costa José Maria Bevinda Pereira Leonel Fernandes Carla Marisa RODRIGUES Salvador Fernandes Francisco Paulo Fernandes	1 Dida Mascarenhas 2 Telma Mascarenhas 3 Viriato Ferreira 4 Augusto Rodrigues 5 Odete Rodrigues 6 Abel Almeida 7 Gracinda Dias 8 Bela Nave 9 Silvestre Sá 10 Marília Sá 11 Cecilia Rodrigues	1 Augusto Melo 2 Socorra Rodrigues 3 Simplicio Rodrigues 4 Cristina Rodrigues 5 Madalena Rodrigues 6 Fernando Romão Santos 7 Maria Luisa Romão 8 Antonio Gaspar 9 Conceição Gaspar 10 Lucinda Casquinha 11 Elidio Rosa	1 Flavia Pereira- 2 Vicente Fernandes 3 Olavo Rodrigues 4 Antonieta Silveira 5 Mario Coelho 6 Rita Sá 7 Vasco Fernandes 8 Ofélia Rodrigues 9 Agnela Pereira 10 Remiza Fernandes 11	1 Vasco Fernandes 2 Lidia Fernandes 3 Nicolau Silva 4 Irena Silva 5 Lourdes Fernandes Nogueira 6 Xavier Noronha 7 Alirio Sá 8 Ricardo Brito Sá 9 Narciso Vaz 10 Marina Vaz	1 Jose Venancio P Fernandes 2 Maria Aurora M Fernandes 3 Paulo Guerreiro 4 Cidália Sequeira 5 Egípcia Dias 6 Carlos Rodrigues 7 Maria José Remedios 8 Fernando Silva 9 Zubeida 10	1 Madalena Caldeira 2 Inacio Caldeira 3 Luis Fernandes 4 Maria Sousa 5 Catarina Rodrigues 6 Diniz Rodrigues 7 Eduardo Monteiro 8 Filomena Monteiro 9 Ivete Monteiro Teresa Bragança	1 Leonor Cabral 2 João Ferreira 3 Moisés 4 Helena 5 Alzira 6 Gonçalo 7 Ligia 8 Irene Bento 9 Jaime Bento 10 José Ribeiro	1 Ramiro Teixeira 2 Maria Antónia Teixeira 3 Antonio Cruz 4 Herminia Cruz 5 Olinda Guerreiro 6 Joaquim Guerreiro 7 Avelino Fernandes 8 Olga Rodrigues 9 Julio Fernandes 10 Diniz Flavia Natália Fernandes
Mesa nº 24	Mesa nº 25	Mesa nº 26	Mesa nº 27	Mesa nº 28	Mesa nº 29	Mesa nº 30	Mesa nº 31	Mesa nº 32
Jose Francisco Henriques Rita Ana Lobo Henriques Jaime Vintém Fátima Vieira Luis Bernardo Carmo Lo Fernanda Almeida Raul Costa Teresa Bragança Yolanda Bragança	1 João José Vaz 2 Elvira Vaz 3 Basilio Rodrigues 4 Espertina Rodrigues 5 Luis 6 Luis I 7 8 9	1 Bras Oliveira 2 Laura Rodrigues Oliveira 3 Marcia Rodrigues 4 Silvia Rodrigues 5 Sarita Mendes 6 Lourenço 7 Odete Rodrigues Santana Fernandes Rogério Rodrigues Lili Rodrigues	1 Orlando Sena 2 Ivone Fernandes 3 Claudio Fernandes 4 Diana Fernandes 5 Alvaro Fernandes 6 Olinda Fernandes 7 Augusto Jorge 8 Helena Jorge 9 Susete Jorge 10 Mario Jorge	1 Jose Coutinho 2 Melania Vaz 3 Josefina Rodrigues 4 Paulo Coutinho 5 Francisca Vaz 6 Teresinha Colaço Carrilho 7 Cesar Campos 8 Esperança Pó 9 Augusto Lopes 10 MÁRIO DOMINGOS	1 Natália Fernandes Sena 2 Osvaldo António Sena 3 Filipe Fernandes Sena 4 Maria de Lurdes Fernandes 5 António Santana Fernandes 6 Alexandra Isabel Fernandes 7 António Luis Fernandes 8 Basilio Dias 9 Manuel Silva 10	1 Brigida Bragança 2 Justina Bragança 3 José Carlos Lourenço 4 Helena Rodrigues 5 Vanda Rodrigues 6 Sara Rodrigues 7 António Menino Rodrigues 8 Henrique Rodrigues 9 Margarida Rodrigues Antonio Mota Isabel Mota Paula Mota	1 Miguel Rodrigues 2 Lourdes Rodrigues 3 Alvaro Mota 4 Marina Mota 5 Leila Mota 6 Ricardo Mota 7 Alexandre Mota 8 Filipa Rodrigues 9 Carina Mota Antonio Mota Isabel Mota Paula Mota	1 Francisco Bragança 2 Quita Bragança 3 Xavier Viegas 4 Piedade Viegas 5 António Viegas 6 Marçal Fernandes 7 Susana Fernandes 8 Andrea Fernandes 9 Leandro Fernandes 10 11 12

Participantes no 9º Encontro de Goeses da Beira e seus Amigos

Mesa nº 33	Mesa nº 34	Mesa nº 35	Mesa nº 36	Mesa nº 37	Mesa nº 38	Mesa nº 39	Mesa nº 40	Mesa nº 41	
Carmo Velho	1 Ivone Sá	1 Luis Gonçalves	1 Chico Sa	1 Cleo Fernandes	1 Carmo Silva	1	Paulo Jorge	1 Basilio Fernandes	1
Ivete Velho	2 Viviano Costa	2 Filomena Gonçalves	2 Margarida Sá	2 Monica Fernandes	2 Carla Silva	2 Carla Moreira Ribeiro	1 Carlos Miguel Dias	2 Dita Fernandes	2
Dalila Bragança	3 Placida Sa	3 Orlando Gonçalves	3 João Dias	3 Jessica Fernandes	3 Andrea Silva	3 Joaquim Ribeiro	2 Ismael Dias	3 Henrique Fernandes	3
Marcos Bragança	4 Estanislau Pereira	4 Luiza Gonçalves	4 Ana Dias	4 Agapito Fernandes	4 Melissa Silva	4 Luis Moreira	3 João Dias	4 Amélia Fernandes	4
Hilario Viegas	5 Sebastião Pereira	5 Graciete Gonçalves Ram	5 ISABEL ALBUQUERQ	5 Judite Silva	5 Leão Furtado	5 Manuel Gonçalves Toi	4 David Fernandes	5 Pedro Almeida	5
Rosa Viegas	6 Fátima Pereira	6 Artut Gonçalves Ramos	6 Andrea Vanessa Quintas	6 Alfredo Mendes	6 André Silva	6 Idalina Tomé	5 André Fernandes	6 Esposa de Pedro Alm	6
Gregorio Mascarenhas	7 AVITO FERREIRA	7 Ivete Gonçalves Strecht	7 Tania Gomes	7 Sabina Mendes	7 Natalia Furtado	7 Elias Monteiro	6 Paulo JorgeFernandes	7 Cintia Melissa Fernan	7
Filomena Dinis	8 PAULINA FERREIRA	8 José Carlos Strecht	8 Yvette Marta D'Sousa	8 Joana Colaço	8 Helena Mendes	8 Elias Monteiro (espos	7 Tiago Fernandes	8 Sónia Vanessa Fernan	8
Irineu João	9 Vitor Fernandes	9	Nancy Fatima D'Sousa	9 Gonzaga Fernandes	9 Ricardo Mendes	9 Fidu	8 Rudolfo Sequeira	9 Patricia Santos	9
Olinda João	10 Ismenia Fernandes	10		Diana Fernandes	10 Carina Silva	10 Renatinho	9 Patricia Colaço	10	
Loreta Fernandes	11				Bebé de André e Carir	11	Márcia Gonçalves	11	
Mesa nº 42	Mesa nº 43	Mesa nº 44	Mesa nº 45	Mesa nº 46	Mesa nº 47	Mesa nº 48	Mesa nº 49	Mesa nº 50	
Catarina do Rosário	1 Maria Zita Rodrigues	1 Orlando Silva	1 Barbara Caldeira Fernan	1 João Fernandes	1 Hugo Fernandes	1 Fátima Dias	1 Joaquim Silva	1 Aurea Fernandes	1
Basilio Bragança	2 Pedro David Barata	2 Micaela Rodrigues	2 André Fernandes	2 Licas Fernandes	2 Margarida Fernandes	2 Francisco Fernandes	2 Júlia Silva	2 Domingos Sena	2
Nazaré Rosario	3 Guilherme Barata	3 António Rodrigues (Ton	3 Tiago Fernandes	3 Antonio Fernandes	3 Humberto Fernandes	3 Olivia Dias	3 André Silva	3 Olga Pires	3
Amalia Rodrigues	4 Agnelo Rodrigues	4 Angela Silva	4 Ana Raquel Fernandes	4 Ana Joaquina	4 Marlete Fernandes	4 Amanda Cunha	4 Teresa Sousa	4 Marida Graça	4
Vitor Silva(Vito)	5 Nassima Rodrigues	5 Eduardo	5 Tiago Cardoso	5 Albertina da Cruz	5 Lumena Dourado	5 Luis Carlos Fernandes	5 Apolonia Simões	5 Maria de Leila	5
Carla Silva	6 Ana Joaquina Fernandes	6 Zeca	6 Raquel Fernandes	6 José António Cardoso	6 Ricardo Lobo	6 Andreia Luisa	6 Alécia Simões	6 Sartaco de Sousa	6
Jesus	7 Paulina Rodrigues	7 Julieta Rodrigues	7 Beatriz Sá	7 Teresa Fernandes	7 Margarida Lobo	7 Tatiana Maria	7 Baptista Ferandes	7 Arielula Duarte	7
David Jaime Fernandes	8	Vicentina Silva	8 Inês Sá	8 João Fernandes(Mito)	8 Vitor Dias (Galinha)	8	Sara Sousa	8 Sofia Sanches	8
Daniel do Rosário	9	João Vale	9 Bruno Fernandes	9 Flora Fernandes	9			Anete Sanches	9
		Catarina	10 Filipa Fernandes	10 Bruna Vaz	10				
		Pavia	11 Mariana Bragança	11 Xavier Fernandes	11				
Mesa nº 51									
José Paula Rodrigues	1								
Furtado (casa de Gôa)	2								
V S Mascarenhas	3								
V S Mascarenhas1	4								
V S Mascarenhas2	5								
V S Mascarenhas3	6								
Vitor Hugo Matoso	7								
Ana Ilda Oliva	8								
Amigo do José Paula	9								
Narana Coisoró	10								

9º Encontro de Goeses Beirenses e seus Amigos

23 Maio 2009

Lugares da Cidade da Beira lembrados pelos presentes (alguns dos nomes mantiveram após a Independência de Moçambique em 1975) Cf. Entrevista cedida por participantes no Encontro		
Igrejas	Comunicação Social	Financeira
Catedral da Beira Igreja Nª Srª Fátima Igreja da Manga Mesquita da Beira	Radio Pax Diario de Noticias Rádio Clube Noticias da Beira	Bancos BNU BCCI BCA Montepio Barclays
Empresarial	Desporto	Natureza
Lojas Casa Ramchande Bazar Moçambique Casa Bulha Bachoo N.Mahomed Casa Damodar Alfaiataria Rodrigues Casa Ping Tá Casa Haider Casa Dairam Osman Embraim Moreira & Silva Entrepasto Smarta Livraria Salema Livraria Nacional	Clubes Sport Lisboa Benfica Clube Ferroviário da Beira CRIP.Clube recreativo indo-português Grupo Desportivo da Beira ATCM Clube Nautico Goanos-Clube dos Operários Goeses Gabinete de Leitura	Natureza Jardim Zoológico Gorongosa Praia do Macúti Praia dos Pinheiros Praia do Régulo Luis Jardim do Bacalhau Chiveve
Hoteleira	Escolas	Lazer
Hotel Embaixador Hotel D.Carlos Hotel Moçambique Hotel Savoy Grande Hotel da Beira	Escola António Enes Escola Eduardo Vilaça Colégio dos Maristas Liceu Pêro de Anáia Escola Industrial e Comercial Freire de Andrade Escola Oliveira Martins Colégio das Meres	Cafés Scala Riviera Mexicana Clube 100 à Hora Capri

9º Encontro de Goeses Beirenses e seus Amigos
23 Maio 2009

Património Nacional	Entretimento e Lazer	Bairros/Prédios
Camara Municipal da Beira	Cinemas	Prédio Small
Pavilhão dos Bicos	Cinema Olimpia	Bazar Maquinino
Caminhos Ferro da Beira	Cinema S. Jorge	Beira Terrace
Observatório	Cinema Nacional	Hospital do Macuti
Tribunal	Novocine	Estoril
Associação Comercial	Mouling Rouge	Cadeia
Aeroporto Sacadura Cabral	Cinema REX	Casa de Saúde da Beira
Bombeiros		Maquinino
Praça do Municipio		Pontagea
Praça de Touros		Matacuane
Centro Hipico da Beira		Manga
Almoxarifado		Mafambisse
Hospital do Macuti		Prédio Branco
Gorongosa		Macúti
		Esturro
		Matacuane
		Dondo
		Palmeiras
		Ponta Gêa
		Maquinino
		Baixa
		Pais Ramos
		Munhava
		Manga
		Inhamizua
		Ferroviário
		Muralha
		Inhaminga
		Savane
		Praça do Municipio
		Gorongosa
		Pais Ramos
		Chiveve
		Xepangara

9º Encontro de Goeses Beirenses e seus Amigos

23 Maio 2009

Roteiro Gastronómico lembrado no almoço -convívio

Cf. Entrevista cedida por participantes no Encontro

Peixes	Frutos	Doces	Aperitivos
Xereu	Misale(cana de açúcar)	Aranhas de coco	Soném
Peixe Serra	Semente de gergilim	Cake	Xeu
Mapape	Bilibins	Dudóll	Paparis
Mussopo	jambu	Pinagre	bojés
Cacana	castanha de cajú	Neuriôs	Peze
Bagre		Cormolam ou kulkuls	baji puri
Peixe Madame		Alle Bellés	Achar
Somba		Alvá	Chepnim(manguinhas salgadas)
Conocono		bática	
Peixe Galo		bebinca	
Marora		cocada	
Peixe Pedra		doce de grão	
Corvina		Xiró	
Garoupa		Cario Borió	
Peixe agulha		Bolo de mandioca	
Peixe Bae		Patoliôs	
Bombil			
tepué			
Cação			
Raia			
Lagostins			
Carangueijo			
Camarão			
Matanha			
Salgados	Pratos Africanos	Pratos Goeses	
Cailoiôs	Arroz de coco	Xacuti de galinha	
Sanans	galinha a cafreal	Sarapatel	
Oddés	Chima c/peixe seco	Ambotique	
Suquem	matapa	Balchão de carne de porco	
Chetnim	Caril de galinha com Amendoim	Agsal	
Mugue	Feijão Nhemba	Suquem de ameijoas	
Bacri	piri piri D.Ana	Miscut	
Melgor	Mandioca com Miudezas	Pará	
Balchão	Cuscuz de Moçambique	Peixe recheado	
Mandarés	M'boa(folhas de abobora com camarão seco)	Chapatis	
		Biryani	

Comissão Organizadora
«Encontros Goezes da Beira e seus Amigos»
23 Maio 2009 -Lisboa

Agnelo Rodrigues
Alfredo Bragança
Ana Sofia Bragança
António Alberto Rodrigues
Aurora Gracias
Bernardete Bragança
Elizabete Costa Fernandes
Filomena Vaz
Gina Silva
João Paulo Bragança Abrantes
Juviano Fernandes
Lourdes Fernandes
Lucinda Fernandes da Costa Fernandes
Manuel Gracias
Maurino Silva
Piedade Rodrigues
Ricardo Silva
Rosa Silva



X ENCONTRO DE GOESES BEIRENSES E SEUS AMIGOS

Beirenses,

É com satisfação que anunciamos que está formada a COMISSÃO MMX do X ENCONTRO DE GOESES BEIRENSES E SEUS AMIGOS:

ADRIANA COUTINHO
CONCEIÇÃO FERNANDES
GONZAGA COUTINHO
MARIA DA LUZ COUTINHO
MARIZA CUNHA
MILA CUNHA
REINALDO SÁ (Rony)
RUI SALBANY
VICTOR CUNHA (Glito)

Ao longo do ano pretendemos levar a efeito alguns eventos:
(Programa sujeito a alteração)

20 de Agosto de 2009 – Igreja de Santo António (junto a Sé Catedral de Lisboa)
17.00 h - Missa em memória das almas dos nossos queridos familiares e amigos já falecidos.

Será oferecida uma recordação simbólica a todos participantes deste acto.

11 de Outubro de 2009 – Almoço convívio dedicado aos seniores.
Oportunamente divulgaremos o programa.

31 de Dezembro de 2009 – Baile de Revéillon 2009/2010 – Quinta da Valenciana.
Está assegurada a presença do grupo musical de Gonzaga Coutinho e DJ 2001.
Outros detalhes brevemente.

16 de Fevereiro de 2010 – Salão Capucchino na Quinta da Valenciana.
Carnaval dos pequeninos com várias surpresas.

29 de Maio de 2010 – Quinta da Valenciana
OS ABRAÇOS DA NOSSA TERRA – X Encontro de Goses Beirenses e seus Amigos.
Programa a divulgar brevemente.

Com a realização destes eventos, estamos conscientes que tentaremos proporcionar uma estreita ligação entre todos os Beirenses interessados em participar nestes acontecimentos.

Os meus melhores cumprimentos.

Saudações Beirenses
Reinaldo Sá

Saudações aos Amigo(as) Beirenses,

Depois das apresentações e outras informações, agradeço a todos a participação neste Convívio no intuito de dar continuidade e não deixar esmorecer o que se tem comemorado durante 10 anos, de modo que todos recordem e recuperem memórias de uma cultura, de um tempo e de uma tradição.

A nossa aposta nos eventos na QUINTA DA VALENCIANA deve-se a recente remodelação do espaço, com todas as condições logísticas para uma festa acolhedora.

A climatização, o som, o palco, e as variações da dimensão do salão apresentam agora condições ideais para uma festa de sucesso.

Claro que será difícil, agradar *gregos e troianos*, mas tentaremos manter um perfeito equilíbrio de modo que todos se recordem com entusiasmo o nosso
X ENCONTRO DE GOESES BEIRENSES E SEUS AMIGOS.

Desde já, os nossos agradecimentos aos colaboradores e patrocinadores que iremos divulgar brevemente.

Mantenham periodicamente a vossa atenção neste blog, e agradecemos que divulguem para os vossos contactos.

Aqui vão alguns registos de comunicação:

[http://www.abracosdanossaterra.blogspot.com/
comissaommx@gmail.com](http://www.abracosdanossaterra.blogspot.com/comissaommx@gmail.com)

Gonzaga Coutinho – Telm 969 020 673 Tel 309 908 153

Reinaldo Sá – Telm 961 431 328 Tel 214 921 232

Vítor Cunha – Telm 964 500 596 Tel 214 378 653

Abraços Chivevianos

Victor Cunha

Beira - Memórias de uma Vivência

Caríssima Lucinda Fernandes Costa Fernandes

Na sequência do convite que lhe foi formulado pela Comissão Organizadora do 9º Encontro de Beirenses, gostaríamos, em primeiro lugar, de agradecer o facto de ter aceite o nosso convite e dar-lhe as Boas vindas a este grupo de trabalho. É com muita satisfação que o fazemos e estamos cientes de que esta equipa, recentemente formada, se tornará forte e coesa a fim de enfrentar os desafios que nos aguardam nos tempos mais próximos.

É nosso desejo partilhar consigo as actividades que a curto prazo marcarão o início dos trabalhos:

1. Missa em memória dos Beirenses já falecidos que se realizará no dia 20/08/08, pelas 18 horas, na Igreja de S. Domingos - Lisboa. (a)
2. Reunião de apresentação dos elementos que constituem a equipa agora formada, bem como a definição e atribuição de tarefas que cada um irá desempenhar. Esta reunião está agendada para o mês de Setembro. Logo que tivermos dados relativos à disponibilidade dos elementos da equipa, anunciaremos a data, o local e a agenda da mesma.

(a) Oportunamente faremos a divulgação desta iniciativa por forma a que todos possam assistir a este acto religioso.

Contamos convosco. Até breve

A Comissão Organizadora, aos 17 de Julho de 2008

Exmos. (as) Senhores (as),

A Comissão indigitada para organizar o “Encontro de Beirenses em 2009”, da qual fazemos parte, propõe-se desde já trabalhar afincadamente e dar o seu melhor contributo para manter o espírito de convívio entre todos os Goeses da Beira e seus amigos.

Beirenses e todos aqueles que tem um carinho ou laço especial por aquela cidade que nos proporcionou momentos inesquecíveis e deveras enriquecedoras, que guardamos para sempre na nossa memória, agradecemos que nos dêem o vosso contributo por forma a melhorarmos a nossa prestação. E, porque a vossa satisfação é o nosso principal compromisso para convosco, gostaríamos de contar com a vossa participação e as vossas sugestões.

Como é apanágio nosso, com muito empenho, dedicação e em colaboração com uma vasta equipa, iremos elaborar, sem fins lucrativos, um programa que certamente será do vosso agrado.

Queremos aproveitar a oportunidade para saudar todos os elementos das comissões anteriores e felicita-los pelo bom trabalho entretanto desenvolvido, e salientar a forma impar como souberam e continuam a dignificar o nome da nossa cidade da Beira.

Agradecemos a confiança que depositam em nós.

Bem hajam.

Saudações cordiais

Beira– Memórias de uma Vivência



Beira - Memórias de uma Vivência

Exmº Senhor

Presidente da Direcção da Associação Recreativa e Cultural Indo-Portuguesa - ARCIP
Odivelas

Os sócios da ARCIP abaixo assinados, na qualidade de membros da Comissão indigitada para organizar o 9º encontro dos Goeses Beirenses e seus amigos (2009), vêm por este meio expor o seguinte:

É nosso desejo manter e expandir os estreitos laços que existem entre os Goeses e em particular os Beirenses. Para o efeito, elaboramos um vasto programa sem fins lucrativos que culminará com o grandioso encontro previsto para Maio de 2009.

Deste programa constam diversas actividades culturais e desportivas com enfoque na divulgação da nossa cultura e, como é óbvio, requerem a utilização de meios humanos e espaços físicos.

Assim sendo, e para que possamos levar avante os nossos intentos, gostaríamos de solicitar a V.Exas. a disponibilização da v/sede para a realização de algumas actividades constantes do programa elaborado.

Ficamos no entanto a aguardar que nos informem sobre a forma como devemos encaminhar este pedido, bem como as vossas condições.

Gratos pela atenção dispensada, aguardamos as vossas breves notícias.

Cordialmente,

Beira - Memórias de uma vivência, 9 de Setembro de 2008

António A Rodrigues

Alfredo Bragança

Nossos contactos:

Telefones:
214866164 - 969903792 (António)
219180510 - 933695129 (Alfredo)

Morada:
Praceta de Leiria , lote 4 - 5º Dtº
2755-282 Alcabideche- CASCAIS

e-mail : beira.memoriasdeumavivencia@gmail.com

Encontro de Beirenses Goeses e seus Amigos

9ª Comissão

1. Comunicação da 9ª Comissão Organizadora dos Encontros dos Beirenses:

Beirenses e todos aqueles que tem um carinho ou laço especial por aquela cidade que em tempos proporcionara momentos inesquecíveis e enriquecedora, guardadas na memória, agradecemos e pedindo o contributo de forma a melhorarmos a prestação. E, porque a vossa satisfação é o nosso principal compromisso para convosco, gostaríamos de contar com a vossa participação e as vossas sugestões.

Como é apanágio nosso, com muito empenho, dedicação e em colaboração com uma vasta equipa, iremos elaborar, sem fins lucrativos, um programa que certamente será do vosso agrado.

Queremos aproveitar a oportunidade para saudar todos os elementos das comissões anteriores e felicita-los pelo bom trabalho entretanto desenvolvido, e salientar a forma impar como souberam e continuam a dignificar o nome da nossa cidade da Beira.

Agradecemos a confiança que depositam em nós.

Bem hajam.

Saudações cordiais

P,la Comissão 2009

2. Informações várias - Ideias e Projectos

Criação de um Blog como alvo de informação de modo alcançar maior numero de pessoas.

Foi cedido o espaço na Casa de Goa , para a realização de reuniões do grupo de trabalho:

Realização de entrevistas aos goeses que outrora foram personagens de vulto e respeito e actualmente se encontram esquecidos e ignorados designada a rubrica :

Nossos “xamuares” (amigos) - o que é feito deles?

Entrevistas aos goeses que outrora foram personagens de vulto e respeito e actualmente se encontram esquecidos e ignorados.

Os testemunhos recolhidos contribuem para legitimação e sustentação de um

dinamismo cultural, partindo do individual para o colectivo, sedimentando assim a construção de comunidade.

As comunidades emigrantes, neste caso os Goeses, pais em Moçambique, avós em Portugal, sentem uma real necessidade de manter vivas as raízes, as imagens, as tradições e o passado colectivo, marcantes da sua identidade comum. Apesar de inseridos, ainda que adaptados a uma sociedade ou cultura diferenciadas da sua, as memórias decorrentes, não são espontâneas, necessitam de signos, objectos, lugares de encontro, espaços de convívio e de sociabilidade, para manter viva a memória.

3. Acções programadas e levadas a cabo:

- **Missa em memória dos Beirenses já falecidos.**

Comissão organizadora do 9º Encontro de Goeses Beirenses-2009 iniciou no passado dia 20 de Agosto, dia da Fundação da Cidade da Beira as suas actividades de uma forma singela .

Norteadada pelo espírito de reconhecimento em prol dos que nos legaram a identidade de Goeses Beirenses e, na qualidade de herdeiros da obra erigida por esses tantos que já partiram deste mundo, quis prestar uma sentida homenagem à sua memória, tendo para o efeito mandado rezar nesse dia uma missa na Igreja de S. Domingos – Lisboa. Apesar da época de férias e dia de trabalho registaram-se inúmeras presenças ao acto.

Tal homenagem traduz-se num “**OBRIGADO**” àqueles que, com dedicação, edificaram e solidificaram a comunidade goesa, principalmente a Beirense, ficando o compromisso de dar continuidade à obra que tanto dignificaram.

- **Encontro de Seniores, 11 de Outubro de 2008**

Almoço- Convívio dedicado aos seniores realizado para as pessoas com dificuldades económicas e de acessibilidade.

Se Famões é uma terra pouco conhecida, Trigache é muito menos.

Curiosamente, assim que as pessoas ultrapassavam a porta da entrada da sala do edifício da sede da Associação não deixavam de ficar surpreendidas com a metodologia utilizada para a organização do espaço onde teria lugar a festa de convívio. Uma dezena de membros da comissão organizadora, facilmente distinguíveis, pela camisola amarela que envergavam, distribuídos criteriosamente em função da missão que cabia a cada um, encaminhava as pessoas, à medida que chegavam, para as mesas, dispostas a preceito de forma a facilitar a circulação. Criteriosamente, havia sido reservado um amplo espaço para dança com música ao vivo. Depois do lauto almoço, aquele recinto foi alegremente aproveitado por dezenas de dançarinos, de entre mais de uma centena de participantes, onde os seniores comprovaram mais uma vez porque razão a dança é um dos melhores. Eles revelaram que a vida é feita de projectos e desafios, independentemente da idade que temos: desafiaram o palco, tomando a iniciativa de abrir a dança, contagiando dessa maneira os menos afoitos; percorrendo, em amena cavaqueira, sobre os projectos que ainda pretendem executar, comprovaram que a idade não é um peso que carregamos mas sim uma vantagem que dentro de nós transportamos. É de realçar que a comissão organizadora teve o cuidado de se fazer acompanhar de duas enfermeiras que fizeram o rastreio de hipertensão de muitos dos presentes, não fosse a comoção de encontros emocionantes pregar partidas intempestivas e indesejadas.

Efectivamente, os membros da organização que promoveram este êxito têm fortes motivos para se sentirem orgulhosos do trabalho realizado. Provaram que a localização do evento não é um factor determinante, o que conta sobretudo é a capacidade de mobilização, o apego, a perseverança e a vontade férrea de concretizar os objectivos traçados."

Procedeu-se à oferta de livros sobre medicina tradicional a todos os participantes.

Houve a colaboração de dois elementos do grupo **Suriá** que predispueram a ensinar a cantar e dançar o "MANDÓ", música tradicional goesa que explica como se cantam e dançam os Amores, que não eram permitidos.

No final cortou-se o bolo da festa, que contou com cerca de cem pessoas.

**Cadeia de Processos do Encontro de Seniores,
11 de Outubro de 2008**

Local



Os Preparativos





A Decoração





A Recepção



Rastreio de Hipertensão



O Reencontro



O Aperitivo



O Almoço



A Dança





A Musica



O Lanche



Encerramento



P,la Comissão 2009

- **O Carnaval que teve lugar na Associação de Moradores do Bairro Trigache, em Famões., evento realizado a 21 de Fevereiro: Carnaval 2009**

Um olhar que norteia os princípios da partilha de gentes, ritmos, sons e sabores ...

A forma como os espaços urbanos aparecem representados é claramente dependente de factores de ordem cultural e social, refiro-me exactamente à Associação dos Moradores do Bairro Trigache em Famões, que no dia 21 de Fevereiro, abriu as portas a um mundo cheio de cor e fantasia que assinalou a chegada de mais um Carnaval, cujo percurso (Goa, Moçambique e Portugal), está na génese da maioria dos cerca dos cento e cinquenta foliões presentes.

Imbuídos no ambiente carnavalesco, deliciados com a diversidade de ritmos, saberes e sabores, comungando na degustação ora de um xacúti, um sarapatel, um vindalho ou um arroz-carilos foliões dançaram ao som do músico *Tonecas*.

Língua que é o signo da identidade de um povo, marcou também presença, através do apontamento musical cantado em Concanim...., pelo Sr Cardoso, onde muitos *revisitaram* as suas origens.

No decorrer da festa realizou-se o *concurso de máscaras*, que contou com a participação muitos foliões, que desfilaram exibindo os seus trajes e as suas fantasias, sendo atribuídos prémios simbólicos a todos os participantes inscritos.

Houve a ocasião para parabenizar os casais Graça e João pelos 25 anos de matrimónio bem como a Júlia e Joaquim pelos 17 anos, respectivamente, e ainda o aniversário natalício da Perpétua(Quita) que completou 51 primaveras.

A cultura, a tradição, a gastronomia e o património conjugam-se de forma privilegiada e serão mote para mais um convívio a realizar na Quinta do Paraíso - Loures no próximo dia 23 de Maio do corrente ano, conforme anunciado pela Comissão Organizadora de “Memórias de uma Vivência”, notícia recebida com fortes e vibrantes aplausos por parte do publico.

A festa terminou às 00.00H, com alguns foliões já cansados outros nem tanto...

A vida prepara-nos estas encruzilhadas, justamente para nos ensinar o valor do tempo. Hoje, é de um tempo que falamos. Dos homens que, ao longo de muitos anos foram

criando raízes para angariação de alimentos para a alma. Com pedaços de história, poesia, ideias e ideais. Com a sua coragem e entrega a equipa que conduziu a organização deste evento dando grande parte do seu tempo disponível a um projecto de construção de um grupo unido.

Foi um tributo e inestimável legado de todos .

Porque o maior valor do nosso tempo é nossa gente, a nossa identidade na plena dedicação a todos eles, que o nosso tempo se justifica e se transforma.

P,la Comissão 2009

Lucinda Fernandes

01 Março 2009

PENSANDO NO TEMPO

Pensando no TEMPO...

Mas que Tempo?

Que espaço, que volume,

Que distância tem o Tempo?

Alguém sabe quanto Tempo tem o Tempo?

O Tempo passa, o Tempo voa, o Tempo tarda.

Não há tempo para pensar no Tempo,
nem sentir a importância do Tempo
em cada um de nós.

Se todos temos um Tempo diferente,
e temos dele uma noção desigual.

Se na espera o tempo se prolonga
e nos bons momentos é lesto.

Se a vida é intensa o Tempo é curto.

Afinal o que é o Tempo,

Senão o parecer dos nossos sentidos.

O Tempo é uma estrada, onde a
Velocidade é variável.

É o princípio e o fim,

Onde o presente e o passado

Se confundem com o futuro.

Contudo o Tempo existe,

Tem uma dimensão uniforme e variável,

Tal qual a Identidade de cada Homem.

ARFER....1983





**Preparativos 9º Encontro de goeses da Beira e seus Amigos
na Grande Lisboa**

Grupo de trabalho:



Localização :



Preparativos:





Exposição:



Boas Vindas :



Intervenções:



Dança:



Canto:



Sorteios:



Cerimónia do Bolo:



Ementa:

BEIRA
MEMÓRIAS DE UM VIVÊNCIA

IV.º ENCONTRO DOS GOSSES DA BEIRA E SEUS AMIGOS
COMISSÃO ORGANIZADORA
beira.memoriasdeumvivencia@gmail.com <http://beira.memoriasdeumvivencia.blogspot.com>

PROGRAMA - 22 DE MAIO DE 2009

12:00 - CONCENTRAÇÃO / BOMAS VINDAS

12:30- APERITIVO AO AR LIVRE
Churrasco ao vivo
Bandeja de camarão
Cupons de vitela
Pacotes de brócolis
Coxido salgado
Vinho, cerveja, sangria
Verbetes, gin tônica
Sopros e água

14:00 ALMOÇO
Sopa
Bife de Frade
Prato de Carne
Sofregida
Açúcar, melancia, banana, abacaxizes
Arroz, feijão, couve
Café e digestivo

MÚSICA PARA DANÇAR

19:00 - BUFFET
MESA DE CARIÓTIPO
MESA DE FRUTAS
DOCE TALLADO
BOLO COMEMORATIVO DO ENCONTRO

20:30 CALDO VERDE
SARABATTE

OUTRAS ACTIVIDADES: SUPRESSÃO

CONTACTOS:
Alfredo Bragança: 219180510 - 932695129
Antônio Rodrigues: 214886164 - 969037282
Lourdes Fernandes: 219180510 - 932695129
Pedro Rodrigues: 214886164 - 969037282

TRANSPORTE EM AUTOCARROS PARA O LOCAL DO ENCONTRO - QUINTA DA FONTE DO PARAISO
Estão consideradas 2 hipóteses:

1ª Hipótese: ida e volta (custo adicional de 6 € por pessoa)
- Saída do Vialvo do Campo Grande (11h30m)
- Regresso previsto para as 22h 30m (ou outra hora a combinar com os utentes).

2ª Hipótese: ida (custo adicional de 3 € por pessoa)
- Saída do Vialvo do Campo Grande (11h30m)

Esta hipótese foi considerada em virtude de muitos participantes habitualmente assegurarem no regresso a bolsa de outros participantes possuidores de transporte próprio.

Nota: A viabilização de qualquer das hipóteses fica condicionada ao nº mínimo de 40 interessados.

INSCRIÇÕES:
PRazo LIMITE: ATÉ 10 DE MAIO DE 2009
Precedimentos para efectuar as inscrições:
A inscrição deverá ser feita através de um responsável DA BEIRA ou DO GRUPO (preferencial):
1º- Indicar o nome, idade e o contacto dos participantes
2º- Efectuar o pagamento por transferência bancária ou depósito
Vale: 0031 0001 0004 0072 2007 4
Cesta - C/CID: 0001 0001 0004 0072 2007 4
3º- O Responsável de indicar o nome do pagador ou o Telefone (preferencial) no acto da transferência bancária/deposito.

Nota: As inscrições só serão efectivadas após o respectivo pagamento, sob o elemento da Comissão Organizadora entrará em contacto com o pagador para confirmar a operação.

A distribuição pelas mesas melhor situada ocorrerá de acordo c/a ordem de pagamento efectuado.

Valor das inscrições: (em patibol)
Adultos a partir dos 70 anos 22,50
Adultos entre os 20 e os 69 anos 17,50
Jovens entre os 11 e os 24 anos 12,50
Crianças de 6 a 10 anos 10,00
Crianças até 5 anos Grátis





Patrocinadores:

PATROCINIOS E APOIOS

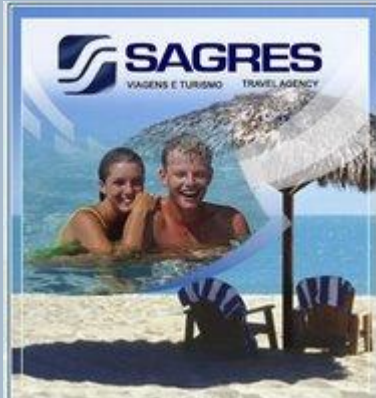


O Nosso Espaço



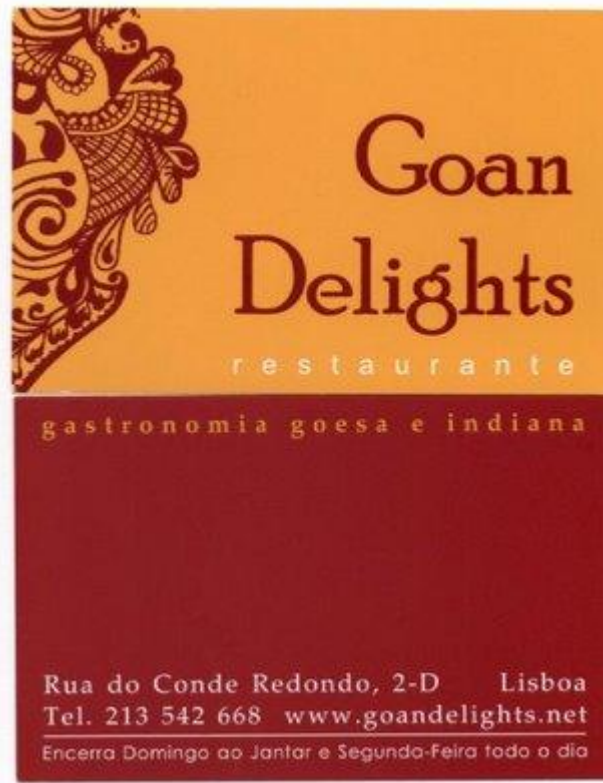
Situado numa das zonas mais cosmopolitas de Lisboa, o nosso restaurante é um contributo genuíno para a preservação da cozinha indo-portuguesa. Essencialmente caracterizada pela fusão ancestral entre Portugal e Goa, os **Sabores de Goa** são uma viagem pelo tempo e espaço através da agradável degustação de paladares intensos e perfumados.

SABORES DE GOA



VIAGENS SAGRES

GOAN DELIGHTS



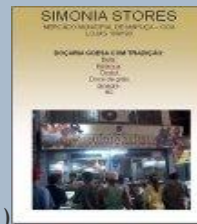
CASA DE GOA



CANTINHO DE GOA



A PALHOTA



SIMONIA STORES (MAPUÇA)

**manicure
pedicure
depilações
estética**

MARCAÇÕES

Tesourinha Azul
cabeleleiro

219 134 357

R. D. Maria II, Nº11
Centro C. Satélite, Loja 20 * 2735-295 CACÉM
www.tesourinhaazul.com

<http://www.tesourinhaazul.com/>

TESOURINHA AZUL

Pastelaria Rino

Rua Guerra Junqueiro, 7 - Loja D
2745-566 BARCARENA

Queluz de Baixo
Tel. 21 436 89 45

PASTELARIA RINO

ASDA
ALIMENTOS CARR AND CARR, LDA.
ARMAZÉN DE PRODUTOS ALIMENTARES
INGREDIENTES E COMPLEMENTOS

Nº CONTABILIZADO 355.189.750

Rua Santos Carvalho
Circular Industrial, Lote 4
2725-178 MADIA-MARTINS

Tel.: 219 225 010
Fax: 219 225 010
E-mail: asdasimentar@gmail.com

ASDA



FURCORSOL
 Comércio Internacional Lda
 Rua José Estevão, 29 - R/C
 1150 - 200 LISBOA
 Telf. 21 400 16 94

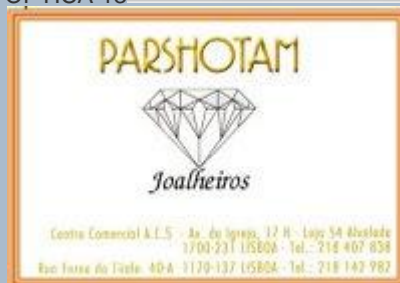
FURSORCOL



APLAUSO



ÓPTICA 13



PARSHOTAM



RESIDENCIAL DO SUL

Casa De Goa
 Restaurante

Gerência: Sebastião Fernandes

35 anos a servir

Alcântara-Lisboa

<http://www.restaurantecasadegoa.com>

RESTAURANTE CASA DE GOA





Letras de Musicas em Concanim
cantadas no 9º Encontro dos Goeses da Beira e seus Amigos

ZOLMANCHO DIS (Happy Birthday song)

Dis tujea zolmacho, dis vholdde khoxecho
Happy Birthday mhunnon ugdas kortaum tuzo

Sorgar kor anjeamcho, sad ghaltat borea ieneancho
Sounsar chear disancho, hasson khellon sarcho

Fudar tuzo choddom, ontreg tuje vaddom
Pest pidda pois poddom, tujem sukh urom.

Rup tujem anjeachem, kalliz chodd mogachem
Deva Bapan aplem bessaum tujer ghalchem

Zolmacho dis tuzo,
Hasson khellon sodanch sarcho
zolmacho dis tujo

CLAUDIA

Claudia Mogachea, urbeborit jiv assa mozo,
Claudia niz moga, dolleamcher xapla rupkar tuzo

Claudia kallzant iea, mogacho pettoun assa uzo,
Claudia poi anjea, mog amcho mataro zaunk nezo,

Moipassan, nivli tan, jivit amchem nhoim ek sapon
Burghim tan, sangatan, balo dhon kallzant assa topon

Onodan, noxiban, gutt amcho uro nezo lipon,
vhodlo man soumsarant, boreponn dovrit zalear vopon,

Claudia, Dev bapan, rochleant ektaim jieunk ami,
Kiteim zaum dhor tensaum, fokot moron ghalit dukani,

Claudia tujem naum, sodanch kheuta mojea vontanim,
Gorib hanv, zannam gaum, mogan girest sorvoi vattanim

MOLBAILO DOU

Mogan asson borem, sukhi jivit khorem,
Xitollkaiechem varem, Kalzan asta purem,

Borea mogacho fou, amkam ditolo deu,
Fulam zatat mou, podon mollbailo dou,

Nodor amcher podon, sukhnim gelim uddon,
Nistem poita buddon, nirmon ailem ghodon,

Udkache marun lhar, ugodlem mogachem dhar,
Mogacho goleant har, pois kor chintnacho bhar,

Fulam soboita bhag, mogan nivoita rag
Mogacho kalzak dhag, tosoch uronk tho mag...

9º Encontro de Goeses da eira e seus Amigos

23 Maio 2009

Discurso do Sr. Presidente da CASA DE GOA –Dr. Narana Coissoró

Em solidariedade com os Goeses da Beira, as palavras que não pensei, para fazer o discurso mais habituado mas que tenho grande honra em sublinhar o sentido deste Encontro.

O Encontro não é certamente para comer a comida goesa, todos nós a comemos em nossa casa, não é concerteza para estarmos juntos, muitas vezes estamos juntos noutros locais.

O que anima esta festa é o seu sentido, o Encontro, a alma onde efectivamente é a única comunidade dos Goeses da Beira, que tem a fibra, que tem o empenho de efectivamente de realizar estes Encontros todos os anos de renovar a sua camaradagem e a sua afeição de uns com os outros.

Na minha vida conheci vários Beirenses, alguns ligados à família, outros conhecidos do liceu, outros conhecidos da faculdade, e até ilustres como por exemplo o Bispo de Vila Cabral meu conhecido desde o primeiro ao sexto ano, Dom Eurico Nogueira.

Também conheci Beira, como uma cidade que rivalizava com Lourenço Marques, pela sua intelectualidade, pela sua força empresarial, pelo seu dinamismo, pela sua sociedade civil, mas o que a Beira tinha de mais, próprio e individualizava em face da capital que agora é Maputo era a elite Goesa, porque, se nós formos ver e aqueles que gostam de ler a historia de Moçambique, Moçambique foi devo dizer, a palavra não ofende a ninguém uma “colónia de Goa”, porque efectivamente foi a política portuguesa, porque não havia muitos dirigentes para o tamanho do império que, ia, da Madeira no principio até ao Japão, dividir as colónias por vários centros que representavam o reino, e o vice rei da Índia ou governador da Índia tinha jurisdição sobre Moçambique, era o vice rei da Índia ou governador geral conforme os casos que mandava em Moçambique completamente autonomizado da administração do reino, isto é, ele só dava contas no fim no ano ao monarca português ao rei de Portugal daquilo que tinha mandado fazer e exactamente porque Portugal não tinha gente suficiente para estar presente administrativamente nestas terras, foram os goeses que efectivamente, desde o principio em que se consolidou a administração portuguesa em Moçambique, foram os goeses, que suportaram no sentido de estabelecerem a rede administrativa, a rede fiscal a rede financeira, a rede alfandegária, isto é os grandes postos desta administração.

Só depois de 1840 e tantos quando Moçambique se desligou de Goa é que começaram aparecer os primeiros europeus, nos grandes lugares de chefias em vários departamentos, isto mostra efectivamente que Moçambique e principalmente a Beira, é uma cidade e uma terra onde os goeses se podem orgulhar de terem feito nascer uma nação ,porque sem os Goeses não haveria Moçambique, sem Beira não haveria Moçambique. Sem os Goeses não haveria Moçambique .

Fomos nós, os Goeses que construímos a coluna vertebral, digamos assim, dos primeiros tempos do estabelecimento do império português.

Em segundo lugar, alem desta lembrança histórica, me apraz ver que, este sentimento dos goeses , continua vivo , através dos tempos, e que, todos se sentem irmãos uns dos outros, amigos uns dos outros, camaradas uns dos outros, e que se encontram falam, dão abraços, o que, tenho pena, de dizer, que como Presidente da Casa Goa, não encontro na minha própria Casa de Goa, porque efectivamente para as nossas festas quando nós organizamos, não são, muitos que vêm e por isso fico mais contente como goês , fico mais recompensado como presidente da casa de Goa , fico mais ligado

a minha terra , Goa, a minha gente, aos meus amigos, aos meus colegas aos amigos dos meus colegas, porque enquadro a veia da cultura goesa, que estejamos aqui todos, todos juntos, porque esta é verdadeira afinal grande Casa de Goa, esta tenda é mais do que uma Casa de Goa e por isso mesmo agradeço a honra que me dão de falar ao começar o vosso repasto.

Quando me chamaram, eu pensei e perguntei-me porque é que vieram chamar? E o que vou dizer? E lembrei os primeiros versos de Mahabarata.

E como hindu, eu fui aprendendo pelo menos a versão popular do Mahabarata, em criança e quando era grande , lia as traduções em inglês e português, e começa assim: é uma luta entre dois primos que vão degladiar-se pela conquista da Índia e um dos primos diz assim: que falta aqui um bom conselho, e nós sabemos donde é que ele virá, e aparece vestido de soldado, o próprio Deus Khrisna que diz : que quando duas pessoas para evitarem a guerra lembram se de mim, eu aqui estarei sempre presente.

Eu não sou krisna, mas quando as pessoas todas juntas lembram de Goa, lembram da Casa de Goa, e eu como presidente da Casa de Goa, devo dizer, quando dois ou mais goeses celebrarem e que deve haver mais alguém para os ajudarem eu como presidente da Casa de Goa, eu aí estarei presente.

Muito obrigado

Registo som e Transcrição do discurso por Lucinda Fernandes

«9º Encontro de Goeses Beirenses e seus Amigos em Lisboa»

9º Aniversário Beirenses - 23 Maio 2009

Intervenções :

Boa Tarde!

Para os que não me conhecem eu sou a Lourdes Fernandes. Uma vez mais obrigada pela vossa presença.

A comissão Organizadora deste encontro iniciou as suas actividades com a celebração de uma missa por alma de todos os Beirenses falecidos. Esta cerimónia realizou-se na Igreja de S.Domingos em Lisboa a 20-8-2008, dia da Fundação da nossa Cidade da Beira .

Mesmo sendo o período de férias da maioria das pessoas , houve muitos que marcaram a sua presença neste acto religioso, tendo havido a oportunidade de reverem aqueles que à longa data tinham perdido o contacto.

Obrigada!

Lurdes Fernandes

Boa tarde a todos!

Para alguns sou conhecido mas, para os outros apresento-me: Sou o Alfredo Bragança.

Gostaria de resumir em poucas palavras, o nosso agradecimento aos colaboradores que ao longo destes meses quiseram dar o seu contributo para a concretização desta feita. Apesar da limitação do tempo e das distâncias não podemos deixar de realçar a sua disponibilidade, criatividade e empenho.

A todos eles o nosso “Muito Obrigado”.

Alfredo Bragança

Para os que não me conhecem sou a Lucinda Costa Fernandes.

Dando sequência ao projecto que esta comissão tem vindo a desenvolver em prol de um percurso **identitário comum**, é nosso propósito apelar para **a sua continuidade**.

A Identidade Cultural é um somatório de valores que partilhamos em comum, com origens e percursos identitários diversos, **somos corpo de uma Memória Colectiva**,

rica de conteúdos, cuja preservação há que salvaguardar, para isso **contamos com todos vós.**

Nesta sala, estão presentes três gerações, com experiências de vida que lhes foram sendo transmitidas e vividas. É pois, esta relação intergeracional, que possibilita melhor compreender as transformações que ocorrem no mundo em que vivemos.

Para finalizar

Agradecemos **a todos, patrocinadores e amigos**, que, atentos, a estas dinâmicas culturais, **patilharam connosco e nos deram** o seu contributo.

Vou citá-los:

SABORES DE GOA-Restaurante cozinha Indo-Portuguesa	PASTELARIA RINO
VIAGENS SAGRES	ASDA- ARMAZENISTAS DE PRODUTOS DE HIGIENE E LIMPEZA
GOAN DELIGHTS (DELÍCIAS DE GOA) Gastronomia Indiana	FURCOSOL-Comércio Internacional
CASA DE GOA	APLAUSO.Acessorios de moda e praia
CANTINHO DE GOA-Restaurante comida goesa	INSTITUTO OPTICO-OPTICA 13
A PALHOTA-Churrasqueira	JOALHEIROS PARSHOTAM
SIMONIA STORES Doçaria Goesa	RESIDENCIAL
TESOURINHA AZUL- Cabeleireiro	RESTAURANTE CASA DE GOA
100%ZEN	

O nosso muito obrigado

Lucinda Fernandes

9º Encontro dos Goezes da Beira e seus Amigos
Panos representativos da cultura Guesa e Moçambique
cedidos para o evento por colaboradores



BEIRA

- MEMÓRIAS DE UMA VIVÊNCIA

IX - ENCONTRO DOS GOÊSES DA BEIRA E SEUS AMIGOS

COMISSÃO ORGANIZADORA

(E-MAIL) beira.memoriadumavivencia@gmail.com *** (BLOG) beira-memoriadumavivencia.blogspot.com

Programa 23 de Maio de 2009

A Comissão Organizadora tem o grato prazer de vos apresentar o programa do evento que terá lugar na Quinta Fonte do Paraíso.
www.quintafontedoparaíso.com



QUINTA FONTE DO PARAÍSO
 VENDA DO PINHEIRO -
 CHARNECA

12 Horas

Concentração / Bons vindos

12 H 30 M

Aperitivos no ar livre

14 Horas

Almoço

18 Horas

SUPPET

20 H 30 M

Caldo verde

Sarapatel

ONDES ACTIVIDADES (Surpresa)

Música para dançar

10 DE MAIO DE 2009

Para qualquer dúvida ou
 algum esclarecimento
 agradecemos o favor de
 contactar a Comissão

APERITIVOS



Churrasco ao vivo:

Linguiça Assada
 Chouriço assado
 Morcela Assada
 Febrinhas assadas
 Batata frita guisada
 Entremetido Assado
 Salchichas Frescas assadas
 Pastéis de bacalhau
 Croquetes de vitela
 Russóis de camarão
 Pão salado
 Vinho tinto e branco
 Cerveja
 Sangria
 Águas e Sumos
 Vermute e Gin Tônico



ALMOÇO

Sopa

Crema de Alho Francês

Pratos Quentes

Arroz de Tamboril à Pescador
 Escalopinhos de novilho aux Champignon

Sobremesas

Profiteroles com Orelado

Bebidas

Martini
 Águas Minerais
 Sumos
 Refrigerantes
 Vinho Branco de Mesa, Regional do Alentejo
 Vinho Tinto de Mesa, Regional do Alentejo
 Cerveja
 Café
 Espumante de Reserva
 Porto
 Licores
 Brandy
 Aguardente Bagaceira
 Whisky Novo

BUFFET

Mesa de Carner :

Leitão de Negrais na Tábua
 Peru Assado Montado na Tábua
 Frangos Assados Montados no Espelho
 Paio das Beiras Laminado
 Caba de porco
 Saladas exóticas
 Salada Primavera
 Pato com laranja
 Galinha do campo Corada

Mesa de Frutas

Fruta da época e tropicais, laminada e
 exposta
 Em exóticos centro de vidro a sopro

Doces :

Bolo Comemorativo do Encontro
 Torta de Ovos
 Torta de Chocolate
 Lampreia de ovos
 Bolo de Requeijão
 Doce D'Árvore
 Pudim Flan
 Semifrio de Morango
 Tarte de Morango
 Tarte de amêndoas
 Tarte de Maçã
 Bolo de Bolacha
 Mousse de Chocolate
 Doce de Casa
 Arroz de Doce
 Leite creme
 Doce Primavera
 Torta de Laranja
 Cheesecake
 Bavaoise de Laranja

CALDO VERDE

SARAPATEL

TRADICIONAIS DOCES GOÊSES

MÚSICA AO VIVO PARA DANÇAR

Vários sorteios incluindo uma viagem a Goa (ida e volta)



PATROCÍNIOS E APOIOS

A PALHOTA - ASDA - CANTINHO DE GOA - CASA DE GOA - GOAN DELIGHT -
 FURCORSOL - PASTELARIA RINO - SABORES DE GOA - SAGRES VIAGENS E TURISMO -
 SIMONIA STORES (MAPUÇA-GOIA) - TESOURINHA AZUL

5. Beira

5.1 Beira, Cidade e Porto do Indico, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Vol. IV-, Lisboa 1969.

5.2 Beira –100 Anos – 20 Agosto 2007 ;
www.macua.org/beira100anos/beirapunque.html

Consulta em 27 /1/2009

**Registo fotográfico da cidade da Beira (cedido
propositadamente para este trabalho pelas comissões
organizadoras dos Encontros**

ILÍDIO DO AMARAL

BEIRA, CIDADE E PORTO DO ÍNDICO



Tip. Alcobacense, Lt. - Alcobça

FINISTERRA. REVISTA PORTUGUESA DE GEOGRAFIA
Vol. IV-7, LISBOA 1969.

I

Na costa oriental da África, sobre a margem esquerda do rio Pungue, na sua saída para o Índico, fica a cidade e porto da Beira ⁽¹⁾, término da linha férrea que recebe do centro do continente massas volumosas de mercadorias. Desde há muito é a segunda cidade de Moçambique, porto para um vasto *hinterland* percorrido pelo caminho de ferro nacional ligado directamente aos da Rodésia, da Zâmbia e do Malawi (fig. 1). Nasceu de uma expedição militar saída de Chiloane, composta por cerca de 30 soldados e 10 operários, embarcados em quatro lanchas; aportando na Ponta Chiveve, em 19 de Agosto de 1887, aí instalaram, no dia seguinte, o Posto de Aruângua ⁽²⁾, num lodaçal e língua de areia de cotas muito baixas e de contornos constantemente modificados pelas marés, na foz dos rios Pungue e Búzi. Assim principiou a nova povoação, baptizada com o nome de Beira, em homenagem ao Príncipe D. Luís Filipe, nascido nesse ano. Logo em 1892 era elevada à categoria de aglomeração urbana, embora esta designação fosse meramente legal, pois o núcleo destinava-se a servir de apoio à penetração e à divisão dos talhões de terrenos entre o Estado e a Companhia de Moçambique, concessionária de vasta área ao seu redor. Ficou assim incluída no prazo de Cheringoma, concedido provisoriamente, em Novembro de 1890, à primeira Companhia de Moçambique, cons-

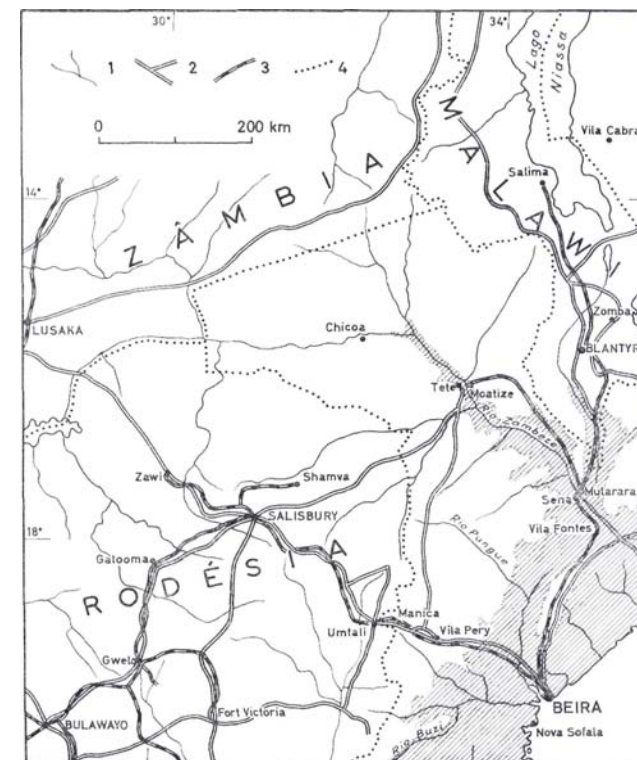


Fig. 1 — Localização da cidade e porto da Beira.

1 — Rios principais; 2 — estradas mais importantes; 3 — caminhos de ferro; 4 — linhas de fronteira. A tracejado, as áreas abaixo de 200 m de altitude.

⁽¹⁾ Latitude 19° 50' S e longitude 34° 50' E.

⁽²⁾ A criação do comando militar, subordinado ao distrito de Manica, fora ordenada por decreto de 14 de Junho de 1884, para ser instalado «no ponto mais apropriado, junto à margem direita deste rio» (Aruângua ou Pungue).

tituída por capitais portugueses e ingleses, para a exploração mineira, comercial e industrial de Manica. A British South Africa Company usufruía direitos semelhantes nos territórios vizinhos de Mashonaland e Matabeleland (Rodésia).

Os progressos do desenvolvimento da povoação foram rápidos, particularmente após terem sido criados, em 1891, a segunda (e última) Companhia, com poderes majestáticos, o distrito de Manica e Sofala e, em 1892, a comarca da Beira, de que a vila seria a capital. Passou a ter alfândega, serviço de correios e de fazenda, e em 1893 organizava-se a Associação Comercial, com estatutos próprios. Era ainda uma pequena povoação, constantemente ameaçada pelas investidas do mar. Por tal motivo chegou a pensar-se na mudança das poucas moradias, feitas de madeira e de chapas de zinco, para a margem direita do rio. Porém, os melhoramentos em estacarias e aterros de defesa contra a entrada das águas das marés vivas permitiram aguentar a vila, que continuou a crescer e a progredir. Porta aberta para o desenvolvimento do comércio com o exterior, em relação com a Beira foi construída, pela Beira Railway Company, financeiramente associada com a British South Africa Company, uma linha férrea de via reduzida (0,607 m) que, em fins de 1893, atingia cerca de 130 km de via assente desde Fontesvila para o interior; em 1897 chegava a Umtali (Rodésia), a 346 km da Beira, e em 1899 a Salisbury, numa altura em que a guerra anglo-bóer prejudicava e impedia o tráfico para o sul de Bulawayo, levando-o a tomar, forçosamente, o caminho da Beira. A partir de 1900 começaram o alargamento para a bitola 1,067 m e a expansão desta via, depois ligada à rede da África Central. Desta maneira ficava assegurado o progresso definitivo da aglomeração moçambicana. O movimento do porto levou à instalação do Farol do Macuti, em 1904, com o alcance luminoso de 30 milhas, para a segurança da navegação. Assim, antes da primeira grande guerra estava pronto o sistema de comunicações do porto. Entre 1900 e 1915 o total de carga manuseada passou de 104 000 para 200 000 toneladas. De início, além dos fundeadouros e abrigos naturais oferecidos pelo estuário do Pungue e do Búzi não havia quaisquer facilidades portuárias. As cargas eram simplesmente baldeadas para lanchas que seguiam a reboque para Fontesvila, a 60 km da Beira, donde partia então o caminho de ferro, ou eram desembarcadas na praia.

O crescimento da povoação e da complexidade dos seus problemas exigiram a presença de um organismo de admi-

nistração municipal, desempenhada incipientemente por uma «Comissão Sanitária», criada em 15 de Setembro de 1898. Por decreto de 24 de Julho de 1907 a vila era transformada em cidade, quando já formava um aglomerado de certa dimensão, habitado por cerca de 800 civilizados, com muitas lojas, repartições públicas, casas de comércio com o exterior, hotéis, etc, na sua maior parte instalados em edifícios de madeira ou de chapas de zinco. Os pavimentos das ruas, abertos nos areais e nos lodaçais, eram péssimos, andando os peões sobre faixas de «matope» (terra argilosa) entre filas duplas de estacas; numa linha férrea de via reduzida circulavam, pelas artérias principais, carros impulsionados por indígenas, nos quais era feito o transporte de mercadorias entre a alfândega e os armazéns dos consignatários. Um ano depois da sua elevação a cidade era inaugurada a iluminação eléctrica e, em 1911, um serviço telefónico urbano. Nessa altura tinha a Beira cerca de 3400 habitantes (destes, 649 eram portugueses metropolitanos e 242 ingleses), dispunha já de dois hotéis (o Royal e o Beach) e de dois bancos (o Standard e o Nacional); o movimento do porto cifrava-se em redor dos 310 navios entrados e de uma carga manuseada da ordem das 100 000 toneladas. Em 1914, a «Comissão Sanitária» foi substituída pela «Comissão de Melhoramentos», com competência semelhante à das câmaras municipais; em 1925, esta cedia o lugar à Comissão de Administração Urbana, finalmente substituída, em 1933, por uma verdadeira câmara municipal. Entretanto a cidade e o porto tinham recebido numerosos melhoramentos: em 1929 era aberto ao tráfico o primeiro troço de cais acostável em águas profundas, com 152 m de comprimento, acabando-se assim os incómodos e inconvenientes do uso de batelões para o transporte de mercadorias entre os barcos e os cais da alfândega, e de indígenas na praia, para o de passageiros; ampliava-se a pavimentação das ruas e concluía-se uma ponte de alvenaria sobre o Chiveve; foi reconstruído o matadouro e inaugurado o cemitério indígena; etc. Se em 1926 ainda não havia automóveis, em 1934 já existiam 596, bem como duas companhias de transportes colectivos. Em 1943, uma sociedade foi encarregada da elaboração de um projecto de urbanização da cidade, cujo foral

foi instituído em 1942; em 1949, depois de resgatado, o porto passou à administração do Estado, sucedendo o mesmo com o caminho de ferro.

II

O crescimento da população urbana revela, melhor que qualquer outro aspecto, a expansão dinâmica da Beira. De cerca de meia centena de indivíduos em 1887, o número de habitantes passou para 1327 não africanos (perto de 540 portugueses e 110 indo-portugueses) e 2714 africanos em 1897. Sessenta anos depois já existiam mais ou menos 33 000 habitantes no centro urbano, além de 43 000 africanos com residência eventual, espalhados à sua volta. As previsões para 1970 orçam essa população urbana em cerca de 89 200 indivíduos : 14 000 brancos, 5300 asiáticos (chineses e paquistaneses, em particular), 4300 mestiços e 65 600 pretos ⁽³⁾.

Os números, apresentados deste modo, pouco dizem sobre a riqueza e a variedade da ambiência humana da Beira que, como outras cidades africanas da margem do Indico, desde cedo se caracterizou por um forte cosmopolitismo. Na Beira vivem, lado a lado, diversas comunidades, como a chinesa, a paquistanesa, a grega, a inglesa, a portuguesa branca e preta, que, embora relativamente abertas, guardam uma grande coesão, particularmente as primeiras, em torno dos seus padrões familiares e religiosos tradicionais. Lá estão as escolas e templos das diversas culturas e religiões; as crianças chinesas, paquistanesas ou gregas, aprendendo a ler e a escrever o português, recebem também instrução nas línguas dos seus ancestrais. A antiguidade deste cosmopolitismo está testemunhada em numerosos documentos da história da cidade.

O seu registo toponímico pode ler-se, por exemplo, numa planta de 1931 (fig. 2), onde já vêm referidos o cemitério dos monhés e o cemitério dos Hindus, a mesquita maometana; nos arredores são vulgares as designações de origem nitida-

⁽³⁾ J. RIBEIRO ALEGRE e JOSÉ PORTO, *Resposta ao parecer do Gabinete de Urbanização Colonial acerca do Anteprojecto de Urbanização da cidade da Beira*, Barcelos, 1946, p. 84.

mente árabe, como Mohamed Ali, Abdul Amada, Esmail Moossa, N. M. Abdurremane, entre outras. Um levantamento estatístico que tem quase a mesma data da planta mencionada ⁽⁴⁾, correspondendo portanto a cerca de meados da idade da Beira, permite ajuizar da distribuição quantitativa

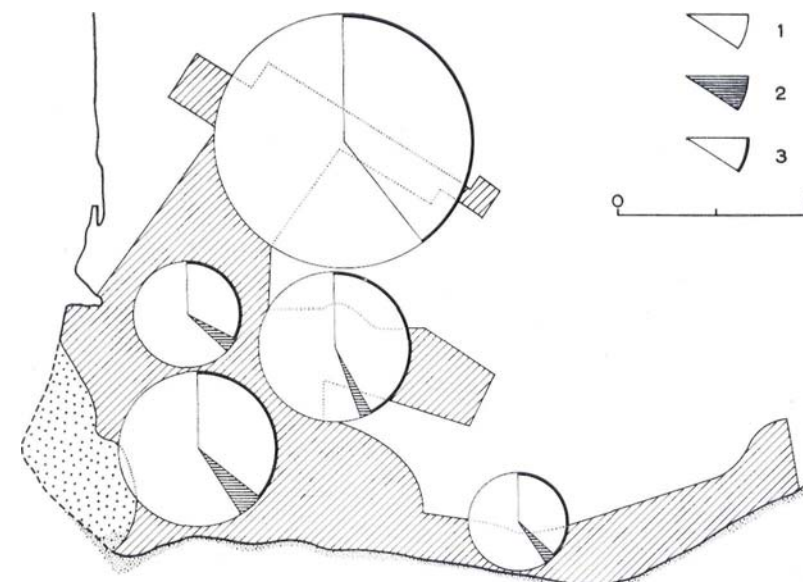


Fig. 3 — Distribuição da população urbana (1964).

As circunferências e os sectores são proporcionais aos respectivos totais, de habitantes: 1 — adultos nacionais; 2 — idem estrangeiros; 3 — total de menores. A tracejado, a área urbanizada.

das sociedades humanas no núcleo urbano. A população chamada indígena era de 11 822 indivíduos (apenas 11 mulheres) fixados na cidade, além de 7576 nos arredores. Dos primeiros, cerca de 30 p. 100 ocupavam-se em trabalhos domésticos (criados), outros 30 p. 100 nas actividades industriais e 27 p. 100 nos transportes e na navegação. Os restantes distribuíam-se pela administração pública (6 p. 100), pelo comércio (5 p. 100) e pela agricultura (cerca de 2 p. 100);

⁽⁴⁾ *Anuário Estatístico do Território de Manica e Sofala sob a administração da Companhia de Moçambique, ano de 1930, 2.º ano*, Lisboa 1932.



Fig. 2 — Planta da Beira, em 1931.

Extraída de uma «Carta Topográfica da Beira e arredores», da Companhia de Moçambique.

apenas 13 eram considerados como improdutivos. A população do tipo não-indígena, referida a 31 de Dezembro de 1928, na cidade e arredores, era de 4296 indivíduos (2993 varões e 1303 fêmeas); havia, entre eles, 2153 europeus (sendo 55 p. 100 de portugueses e 24 p. 100 de ingleses), 1126 indianos, 403 chineses, 614 mestiços, além de outros grupos.

Em 1964, o recenseamento da população da área urbana, por cinco grandes zonas — Aruângua e Ponta Gea (6327 habitantes) ; Maquinino (3071); Macuti e Palmeiras (2467); Esturro, Matacuane, Espangara e Munhava (5987) ; Inhamizua (16 630) —, representadas na figura 3, mostra a importância numérica de Inhamizua, onde se concentra a grande maioria da população africana, em relação, por exemplo, a Macuti — Palmeiras (2467 indivíduos), que forma um estreito cordão ao longo das praias oceânicas. Do total de 34 482 pessoas ⁽⁵⁾, a sua distribuição por nacionalidades e idades está representada no seguinte quadro:

População urbana da Beira, em 1964

Maiores:	Sexo		Totais
	Masculino	Feminino	
Portugueses	9 662	10 682	20 344
Chineses	102	101	203
Paquistaneses	25	76	101
Ingleses	42	68	110
Outros	157	128	285
<i>Totais</i>	9 988	11055	21043
Menores	7 057	6 382	13 439
<i>Totais gerais ...</i>	17 045	17 437	34 482

A análise da composição etária revela a grande juventude desta massa populacional, pois 80 p. 100 têm idades inferiores a 45 anos (39 p. 100 entre os 0 e os 18 anos; 41 p. 100 dos 18 anos aos 45 anos) e apenas 6 p. 100 se

⁽⁵⁾ Números fornecidos pela Administração do Concelho da Beira.

incluíam nas classes superiores aos 60 anos (fig. 4). A parte considerada activa ocupava-se da seguinte maneira:

	Pessoas
Serviços domésticos	5077
Funcionalismo	3100
Actividades industriais	2757
Actividades comerciais	2676
Agricultura	334
Profissões liberais	119
Religiosos	57
Sem emprego	125

A estas formas de actividade poder-se-ia juntar a de cerca de 4300 alunos dos vários estabelecimentos de ensino primário, secundário e médio ⁽⁶⁾.

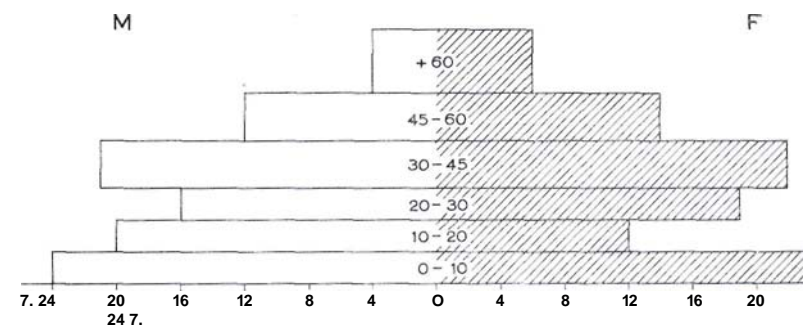


Fig. 4— Pirâmide de idades da população da Beira (1964).

As diversas comunidades continuam a dar colorido à vida da cidade, com as suas associações, escolas e templos. Apenas alguns exemplos inquiridos darão uma amostragem das importâncias relativas desses grupos. Os chineses (cerca de mil pessoas, portugueses e não portugueses; destes a maioria provém de Cantão) viviam espalhados pela cidade, embora houvesse uma certa concentração em torno da Rua de Correia de Brito. Dedicavam-se em especial ao comércio; apenas seis famílias viviam da agricultura, nos arredores. Na escola

⁽⁶⁾ Como estabelecimentos secundários e médios existem: Instituto Liceal de D. Gonçalo da Silveira (1948), Escola Industrial e Comercial de Frei de Andrade (criada em 1954), Liceu de Pêro da Naya (1955), Instituto Comercial e Industrial e uma Escola de Magistério Primário.

chinesa instalada num grande edifício de construção recente, no gaveto das ruas do Major Serpa e de Pêro de Alenquer, onde também se celebram actos religiosos e reuniões da comunidade, os meninos aprendem chinês na 1.^a e 2.^a classes, e chinês e português da 3.^a à 6.^a classes. Em 1965, quando visitei essa escola, havia 176 alunos (83 rapazes e 93 raparigas), que eram leccionados por 9 professores (6 chineses e 3 portugueses). A comunidade grega estava, na mesma altura, constituída por 214 pessoas, das quais 98 eram mesmo naturais da Grécia e 116 já nascidos na Beira ⁽⁷⁾- Além da «Escola de Pitágoras», frequentada por 12 alunos da instrução primária, aprendendo em grego e em português, havia uma igreja cujo edifício tem a data de 1927; todavia, o culto ortodoxo começou a ser praticado desde 1914, em casa particular. A maioria da população grega dedicava-se ao comércio e às actividades ligadas à navegação.

Nesta variedade racial e cultural que caracteriza a Beira reside um dos maiores encantos da cidade, ao qual se junta ainda o movimento do turismo. A Beira, com as suas praias entre a Ponte Gea e o Macuti (fig. 5), representa um foco de atracção intensa para os veraneantes dos territórios sem mar, da Rodésia, da Zâmbia, do Malawi e mesmo de algumas áreas da República da África do Sul; a cerca de 130 km ficam o Parque Nacional da Gorongosa, rico em animais selvagens e numerosas reservas de caça. Situada a meio-dia de viagem de automóvel, desde Umtali, na fronteira rodesiana, para a Beira convergem massas elevadas de turistas de língua inglesa. Como exemplo desses movimentos basta mencionar apenas os números facultados pela direcção do Motel Estoril que, com as suas instalações (est. VII), ocupa uma área vasta em torno do farol do Macuti: recebeu 624 veraneantes em 1956, ano do início da exploração; 36 172 em 1960; 40 101 em 1963; cerca de 42 000 em 1964. Estes valores, que não representam a totalidade dos turistas chegados à Beira, só por si são suficientes para darem uma ideia da contribuição que aquela população flutuante traz ao bulício da cidade e à ampliação dos problemas com que ela se defronta.

(⁷) Informações gentilmente cedidas pelo Sr. P. Sanianos, cônsul da Grécia na Beira.

III

Edificada num ambiente pouco favorável, sobre terrenos aluviais, de fraca consistência, rodeada de pântanos, os mesmos problemas enfrentaram a execução das instalações portuárias e a implantação e expansão das áreas urbanizadas da Beira. O areal da Ponta Gea, que em 1887 mal se destacava da costa e que, com o tempo, foi aumentando de dimensões, está hoje ocupado pela zona comercial da cidade. Mas, antes dos aterros e da construção da muralha, as águas das marés altas alagavam os terrenos e as ondas chegavam a saltar até aos pântanos do Chiveve. Para a conservação da cidade houve que proceder à construção de defesas contra os efeitos das marés e das correntes fluviais; a grande maioria dos edifícios assenta em fundações de estacaria profunda. Com um plano que se desenvolve num terreno em U grosseiro, aberto para nordeste e atravessado a meio pelo leito do Chiveve, a expansão da cidade tem-se feito sobre áreas cada vez maiores (fig. 5). O ramo ocidental, de maior espessura, alarga-se bastante entre a Munhava e o Matacuane; o ramo oceânico, entre a Praça da Índia e o Farol do Macuti, numa extensão de cerca de 5 km, ao longo das praias, não chega a ter 600 m de largura. Na zona de encontro dos dois ramos ficam os bairros de Aruangua e de Ponta Gea, partes antigas e activamente mais importantes da Beira (est. II e III), cuja expansão futura assentará em terrenos a reclamar ao mar e a consolidar. De uma forma geral, a área urbanizada expande-se hoje por toda a parte (est. 1) ; se em 1940 a extensão total de arruamentos era de cerca de 8 km, em 1956 já era de 55 km, e este total é muitíssimo mais elevado actualmente. No interior do U grosseiro da planta, mas mais chegados ao ramo ocidental, dispõem-se caòticamente as cubatas e casebres (est. VI, B) onde vive a grande maioria da população preta ⁽⁸⁾. No sector mais antigo da cidade os velhos edifícios de madeira ou de zinco (est. v) tornam-se raros, substituídos progressivamente pelos de ferro e cimento de muitos andares. Adensam-se as construções, ampliam-se os problemas resultantes de uma

(⁸) Ver Rui RODRIGUES, «A cidade da Beira. Um ensaio de Geografia Urbana», *Geographica*, Lisboa, 1968, n.º 14, pp. 76-95.



Fig. 5 — Planta urbana, com a localização de algumas actividades.

1 — Serviços públicos; 2 — templos; 3 — diversões; 4 — navegação e transportes; 5 — consulados; 6 — bancos; 7 — hotéis e restaurantes;
8 — área urbanizada, no princípio deste século; E — escolas oficiais.

especulação imobiliária desenfreada, porque fica aí a área de maior centralização de actividades económicas, com numerosos serviços públicos, sedes de bancos, companhias de seguros, consulados, profissões liberais, casas de modas e outros estabelecimentos comerciais, restaurantes, etc, situados particularmente entre o porto ao norte e a Rua de Pedro Álvares Cabral ao sul, a muralha a oeste e a Avenida de Paiva de Andrade e a Rua do Major Serpa a leste (fig. 6). Para ela, que fica na vizinhança do porto, convergem as grandes linhas da circulação urbana e dela dimanam as directrizes da vida da Beira. Em contraste com esta área de dinamismo económico intenso, a que fica, por exemplo, no seu extremo leste, a de Palmeiras-Macuti, caracteriza-se pela predominância de residências, pelo mínimo de comércio de necessidades correntes, exclusão quase total de serviços públicos, mas, em contrapartida, pela maior densidade de estabelecimentos hoteleiros (fig. 5). Nesta área, em torno do Farol do Macuti, a paisagem urbana é marcada pelo vasto complexo do Motel Estoril (est. vn), com o grande bloco de apartamentos residenciais e dos diversos serviços (escritórios, *self-services*, restaurantes e esplanadas, cafés, *dancing*, agências dos correios, bancária, etc), a área das pequenas vivendas, os acampamentos, etc, constituindo o grande centro do turismo da Beira ⁽⁹⁾, frequentado quase exclusivamente pelos estrangeiros vindos da Rodésia, da Zâmbia, do Malawi e também da República da África do Sul.

O surto urbano, que desde cerca de 1950 se tem processado num ritmo vigoroso, está ligado aos progressos económicos e populacionais dos territórios vizinhos, à evolução dos serviços portuários e das vias de comunicação. Cidade e porto complementam-se na vida da Beira. Como já foi referido, convergem para ela estradas e caminhos de ferro internacionais, ramificados por uma vasta área que abrange o Malawi, a Zâmbia, a Rodésia, até mesmo uma parte da República do Congo-Kinshasa, além do território nacional. A partir dos anos da primeira guerra mundial o porto viu-se sobrecarregar-

(⁹) Elementos climáticos: temperatura média anual = 24,6°C; amplitude média = 8°C. Precipitação = 1454 mm; entre 100 mm e 300 mm/mês, de Novembro a Março, e entre 20 mm e 60 mm/mês, no resto do ano.



Fig. 6 — Área da cidade com a maior centralização de actividades urbanas,

- 1 — Estabelecimentos comerciais; 2 — companhias de navegação e consulados; 3 — serviços públicos; 4 — sedes de bancos; 5 — hotéis; 6 — cinemas; 7 — residências; 8 — escola chinesa.

gado com o movimento resultante dos progressos da exploração económica e da evolução populacional daqueles territórios, de tal modo que, muitas vezes, os barcos tinham de esperar cerca de três meses ou mais para utilizarem os serviços portuários. Como resultado, muitas mercadorias eram desviadas para os portos da África do Sul, embora tivessem de percorrer distâncias enormes até eles ⁽¹⁰⁾. Hoje o porto oferece condições muito melhores (est. IV e VIII), com um comprimento total de cais (Chiveve, para pequenas tonelagens; Pungue, para grandes tonelagens; Crómio, etc.) de cerca de 1800 m, e com um equipamento que sobe a mais de 44 400 contos. Os totais de carga manuseada, em milhares de toneladas, passaram de 200, em 1915, para 951 em 1930 e 2872 em 1960. Nos últimos anos, as cargas movimentadas no porto (em milhares de toneladas), o número de navios entrados e de passageiros que o utilizaram foram os seguintes:

Anos	Carga	Navios	Passageiros
1964	2 486	1 181	-
1966	3 128	1 126	47 865
1967	3 520	1 202	38 243

Dos navios entrados, cerca de 80 p. 100 eram estrangeiros. Até à abertura do caminho de ferro do Limpopo, em 1955, o porto da Beira dominou uma área muito mais vasta que a actual. Hoje sofre a concorrência do de Lourenço Marques, com um *hinterland* mais rico, mais bem apetrechado e com melhor situação. Assim, enquanto em 1955 o movimento do comércio de trânsito de e para os territórios da Rodésia, da Zâmbia e do Malawi, através do porto de Lourenço Marques, era representado pelos números:

70 565 t = 1 529 208 contos
81 493 t = 400 792 contos

e, através do porto da Beira, por:

1100 033 t = 7 154 057 contos
832 968 t = 4 107 755 contos

^(m) WIKLIAM A. HANCE and IRENE S. VAN DONGEN, «Beira, Mozambique Gateway to Central Africa», *Annals of the Association of American Geographers*, New York, 1957, vol. 47, n.º 4, pp. 307-335.

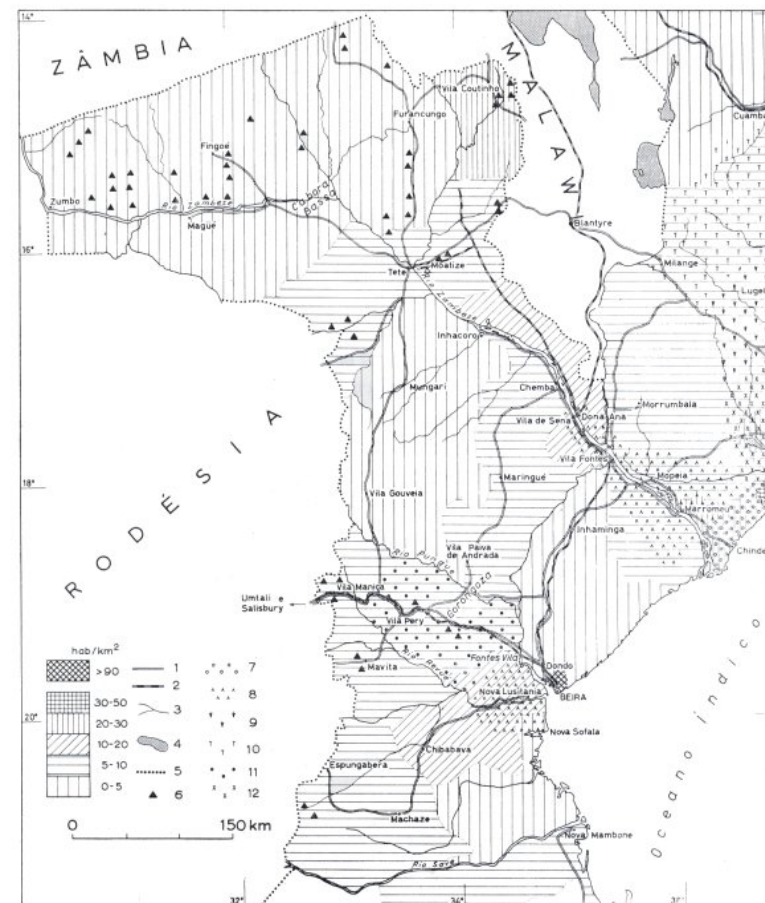


Fig. 7 — Regiões sob a influência da Beira.

1 — Estradas principais; 2 — caminhos de ferro; 3 — alguns rios; 4 — lagos; 5 — linha de fronteira; 6 — jazidas minerais. Principais áreas de plantações: 7 — arroz; 8 — cana-de-açúcar; 9 — sisal; 10 — chá; 11 — milho; 12 — copra. No resto do território, de uma maneira geral, existem áreas de campos de mandioca e de mapira, de matas, de terras não utilizadas, etc.

Em 1963 estes valores eram, respectivamente:

Lourenço Marques:

1 016 154 t = 7 435 175 cantos
295 958 t = 1 613 597 cantos

Beira:

890 667 t = 10 200 190 cantos
913 410 t = 4 242 046 cantos

Apesar de tudo, o porto continua a ter papel de extrema importância na África Oriental, frequentado por navios de muitas nacionalidades que aí vão para carregarem e descarregarem mercadorias e passageiros. Das suas regiões mais próximas (fig. 7) o porto e a cidade recebem produtos da agricultura de plantação (açúcar, tabaco, sisal, chá, arroz, etc), da exploração do subsolo (cobre da serra da Isitaca, carvão de Tete, manganês, etc.) e das indústrias manufactureiras aí instaladas (cimentos, tecidos de algodão, óleos e sabões, cervejas, tabacos preparados, etc). Não longe ficam os campos de prospecção de petróleo; quase na sua região ficará a célebre barragem de Cabora-Bassa (Zambeze) que, com todos os aproveitamentos previstos, virá a produzir um total anual de energia que ultrapassará os 50 000 milhões de kWh, muito superior ao de Kariba. Actualmente, os números que representam as médias mensais do consumo da energia eléctrica (em milhares de kWh) na cidade da Beira, no que se refere à força motriz, além de fracos, revelam uma estagnação que se explica pela dispersão dos estabelecimentos manufactureiros na área do distrito:

Anos	Iluminação	Força motriz
1963	3119	105
1964	3 469	97
1965	3 937	105
1966	3 983	104

A maior importância do porto liga-se, sem dúvida, ao comércio e à circulação com o estrangeiro. Assim, transitam por ele grandes cargas de minérios (cobre, crómio, zinco, lítio, ouro, mica, etc.) explorados nas regiões do *Copperbelt* e outras;

produtos de agricultura, principalmente tabaco, que em volume ultrapassa o do cobre, e milho. Da Beira parte o oleoduto que leva até à refinaria rodesiana de Feruka, nas proximidades de Umtali, as ramas de petróleo tão necessárias ao desenvolvimento económico da Rodésia; pelo porto passam as mercadorias de importância vital, compradas pelos países sem portos de mar, em vias de desenvolvimento económico acelerado, vizinhos de Moçambique.

IV

Esta cidade, com cerca de 80 anos de existência, embora nascida num ambiente natural pouco favorável, salvo a existência de um estuário e regolfo costeiro de litoral baixo que levam os ancoradouros para posições mais próximas do interior do continente, persistiu e progrediu. Dentre os vários factores que têm contribuído para isso são de destacar: a existência de um porto de boa localização na África Oriental, onde eles são relativamente escassos; a posição de terminal de uma das mais importantes linhas férreas da África meridional, pela área servida, pelo movimento de mercadorias. A Beira, em muitos aspectos, antecipou-se a Lourenço Marques, que além de capital da Província é a maior cidade e hoje o primeiro porto quanto à actividade. Assim, por exemplo, as relações entre caminho de ferro e porto existem há mais tempo na Beira, que se mantém com lugar importante entre os portos moçambicanos; do lado do mar a Beira constitui um pólo de atracção para as rotas marítimas, algumas das quais terminam aí, porque, dada a sua localização geográfica, ele fica a igual distância dos portos europeus do Atlântico Norte, pela via do canal de Suez ou pela do Cabo da Boa Esperança ("). A Beira foi, até há pouco tempo, com o seu aeródromo provido de pistas para os aviões a jacto, a plataforma pela qual toda a Província se ligava ao exterior através das carreiras aéreas intercontinentais rápidas. Em 1966 o aeroporto foi utilizado por 618 aviões (mais 342 que no de Lourenço Marques), que transportaram 3132 passageiros embarcados e para cima de

(¹¹) W. A. HANCE and I. S. VAN DONGEN, *Ob. cit.*, p. 311.

55 toneladas de mercadorias. Hoje, também estes movimentos lhe são disputados pela capital.

Dotada de instrumentos capazes de consolidarem a sua posição, fazendo-a progredir, e que poderiam ter gerado formas de regionalismo urbano, é de estranhar que até esta cidade se tivesse mantido, à semelhança de muitos outros núcleos urbanos em territórios ultramarinos, como uma «ilha» na periferia da sua vasta área de influência (fig. 7). Do núcleo urbanizado, com a sua auréola de cubatas, passa-se bruscamente para o «mato» e nada sugere, na sua periferia, as manchas em vias de urbanização, ou já urbanizadas, que, por exemplo, na Rodésia, prolongam o espaço urbano até longe. Entre o Zambeze e o Save não há nenhum núcleo que se assemelhe à Beira. Sofala e Chiloane, outrora florescentes, vivem hoje de uma cabotagem local insignificante e das actividades da população indígena; Tete ou Vila Pery, no interior, estão ainda longe de se compararem à Beira. Ao lado de Bulawayo, fundada em 1894 no sítio actual, segunda cidade da Rodésia, com cerca de 237 000 habitantes, centro comercial e industrial que movimentava capitais elevados, nó de estradas e vias férreas, a Beira fica em desvantagem. No entanto, pelos factos apontados, seria de esperar para ela uma maior projecção e importância no conjunto das cidades daquele sector do continente.

ILÍDIO DO AMARAL

RÉSUMÉ

La ville de Beira, port de l'Océan Indien. Le poste militaire de Aruângua fut fondé en 1887 sur la cote du Mozambique dans un bournier limite par une flèche de sable, à l'embouchure du Rio Pungue. L'agglomération urbaine de Beira qui en est issue, est la seconde ville du Mozambique par l'importance de sa population et de ses activités et l'un des ports les plus considérables de l'Afrique orientale. Malgré des conditions naturelles assez peu favorables, le noyau urbain et le port se développèrent rapidement parce qu'ils constituaient un point de passage vers le riche et vaste hinterland de l'Afrique centrale auquel un réseau de chemin de fer les relia dès le début du siècle.

Dès l'origine, la population urbaine se caractérisa par son cosmopolitisme. Formée de Portugais, d'Anglais, de Pakistanais, de Chinois, de Grecs, etc, elle conserve aujourd'hui encore une ambiance humaine

bien particulère. D'une cinquantaine d'habitants en 1887, elle est passée en 1960 à près de 80 000 et les prévisions lui en attribuent quelque 89 000 en 1970.

Le trafic du port et son aire influence se sont aussi beaucoup transformés. De 1900 à 1967, la charge manipulée est passée de 104 à 3520 milliers de tonnes, la plus grande partie transitant vers l'extérieur. L'aéroport, pourvu d'installations modernes et équipé pour recevoir les vols intercontinentaux d'avions à réaction, a désormais un mouvement supérieur à celui de Lourenço Marques.

L'activité de la ville est révélée par les nombreux services qui y fonctionnent. Les activités économiques liées au port se concentrent surtout dans la partie la plus ancienne de l'agglomération qui est en voie de remodelage. La vie urbaine doit aussi son animation aux nuées de touristes qui viennent des territoires anglophones (Rhodésie, Zambie, Malawi et même République d'Afrique du Sud) chercher à Beira les plages océaniques qui manquent dans leurs pays.

Dans les régions voisines existent de nombreuses exploitations agricoles (sucre, tabac, sisal, thé, riz, etc.) et industrielles, des terrains de prospection pétrolière et des emplacements retenus pour la production d'hydro-électricité, dont le principal est celui de Cabora-Bassa. Le port reçoit de l'Afrique Centrale des produits agricoles (tabac, maïs, etc.) et des minerais (cuivre, chrome, zinc, etc.) et ces pays reçoivent par son intermédiaire des matériaux indispensables à leur développement économique accéléré. De Beira part aussi l'oléoduc ou transite le pétrole raffiné à Feruka en Rhodésie.

Cependant, en dépit de tous ces éléments qui sont généralement l'indice d'un dynamisme intense, la ville n'a pas réussi à organiser autour d'elle une région urbanisée ou en voie de l'être; elle offre un contraste brutal entre un noyau urbain bien délimité d'où jaillissent les voies de pénétration et une vaste étendue périphérique de brousse.



EST. I — Cidade da Belra. No primeiro plano, o cais do Chiveve.



EST. II, A — Praça do Município.



EST. II, B — Uma rua de comércio; ao fundo, a mesquita.



EST. III — O núcleo de maior concentração de actividades económicas.



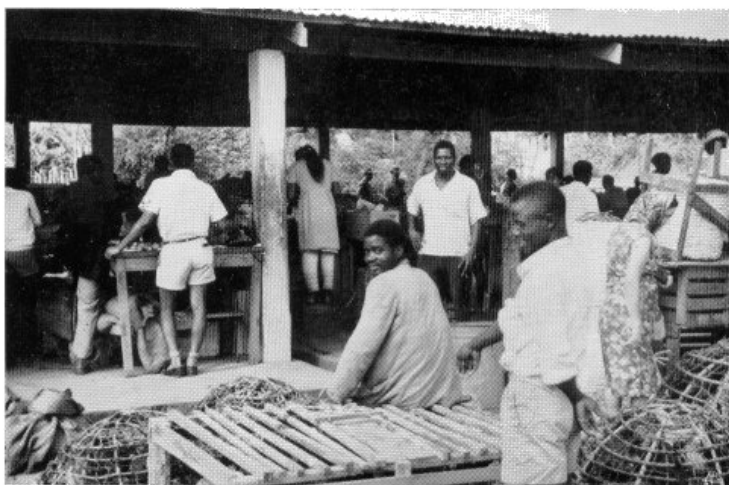
EST. IV — Aspecto do porto da Beira.



EST. V, A — Casa antiga no centro da cidade.



EST. V, B — Casas antigas e o lodaçal do Chiveve.



EST. VI, A — Gente no mercado do Maquinino.



EST. VI, B — Habitações da periferia urbana.



EST. VII, A — O edifício do Motel Estoril.



EST. VII, B — Vivendas do Motel Estoril.



EST. VIII — Instalações do caminho de ferro e do porto da Beira.

BEIRA - 100 ANOS

20 de Agosto de 2007

Página dedicada a todos os beirenses, em particular, e a todos os moçambicanos, em geral.

Umas palavras...

No Primeiro Centenário da Cidade da Beira

A Beira moçambicana tem boas razões para estar em festa neste mês de Agosto de 2007, pois não apenas celebra um Primeiro Centenário (de elevação à categoria de cidade, com a particularidade de nunca ter sido vila), mas também os 120 anos da sua fundação.

Esta, aconteceu na data simbólica de 20 de Agosto de 1887, quando se consumou a ocupação da foz do Púnguè (autorizada pelo 'senhor de Gaza', o Gungunhana), através do hastear da bandeira nacional portuguesa pela pequena força que, sob o comando do tenente Luís Inácio, viajara desde Chiloane (onde então estava o governo de Sofala) para erguer o que foi o Posto Militar do Aruângua.

O que foi, nas oito décadas que se seguiram à instalação do Governo de Sofala na Beira (1892), o surto de desenvolvimento do povoado e seu porto de mar e todo o antigo Território de Manica e Sofala -- com as suas cidades e vilas, estradas e caminhos de ferro a servir todo o «hinterland» e países vizinhos, centrais hidroeléctricas e térmicas, agro-pecuária, silvicultura e piscicultura em constante modernização, fábricas, estruturas hoteleiras para servir um Turismo que ganhava o mundo, sempre em crescendo, comércio interno e internacional de grande pujança, bons serviços de Saúde e estruturas de Ensino que enaltecem em grande medida a acção das missões católicas... --, bem merece que se considere esse trabalho esforçado -- de Moçambicanos, Portugueses e outros europeus, Indianos, Chineses e outros asiáticos -- como uma Grande Epopeia.

A Beira, que os Portugueses crismaram de «Cidade do Futuro», sofre desde há trinta anos com um «processo histórico» bastante atribulado. Mas como já não há o risco de o povoado ser destruído por uma qualquer «marezada de equinócio» (como receava o Alto Comissário António Enes, nos finais do século XIX) - e a nova geração que a conduz, neste início do século XXI, também quer cometer grandes feitos, pois... há que retomar a Grande Epopeia. O Futuro está com a povoação que há precisamente 100 anos (Agosto de 1907) foi visitada pelo Príncipe da Beira e herdeiro do Trono, D. Luís Filipe, que de Lisboa trouxe, para entregar às autoridades locais, o decreto real que a elevava à categoria de Cidade.

A. Santos Martins - Jornalista e Historiador

www.macua.org/beira100anos/beirapungue.html - e Junho de 1907 - REI». Consulta em 27 /1/2009



Pergaminho com o decreto real, entregue às autoridades locais pelo próprio Príncipe da Beira, logo após o seu desembarque, no cais do Chiveve, no dia 4 de Agosto desse ano de 1907:

«Tendo em consideração o natural desenvolvimento que tem adquirido a povoação da Beira, capital do Território de Manica e Sofala, sob a administração da Companhia de Moçambique e sede do seu Governo;

«Atendendo à excepcional importância da sua posição e manifesto valor do movimento do seu porto e do tráfego do caminho de ferro, que a põe em contacto directo com a Rodésia e que sensivelmente aumenta de ano para ano, fazendo dela um grande centro de navegação e de comércio largo e prometedor;

«Querendo dar um público testemunho de apreço pelo esforço de actividade que representa a completa transformação da povoação da Beira, em vinte anos realizada, ao mesmo tempo, comemorar a visita que lhe vai fazer Sua Alteza Real o Príncipe Dom Luís Filipe, meu muito prezado e amado filho;

«Hei por bem declarar que a povoação da Beira, capital do Território de Manica e Sofala, sob a administração da Companhia de Moçambique, seja elevada à categoria de Cidade da Beira.

«O Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar o tenha entendido e faça executar.

«www.macua.org/beira100anos/beirapungue.html - e Junho de 1907 - REI».
Consulta em 27 /1/2009

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

(TERRITÓRIO DE MANICA E SOFALA)

Uma das regiões africanas mais férteis para a cultura de milho e outros cereais, tabaco, açúcar, algodão, sical, acácia, frutas, etc.

Grandes facilidades aos colonos

*RICO em ouro, prata, cobre e outros minerais
Regulamento mineiro prodigo em facilidades*

*Caça de variadíssima espécie — Territorio ideal
para excursões cinegéticas
O paraizo dos caçadores*

BEIRA A capital do território de Manica e Sofala. Porto natural de trânsito para a Rodésia. Porto moderno. Rapidez nas cargas e descargas. Direitos do porto muito moderados.

SÉDE — Largo da Biblioteca, 10 — LISBOA

Comité de Londres :

Thames House — Queen Street Place LONDON E. G.

Comité de Paris :

17, Boulevard Hausman — PARIS

Para informações dirigir-se á

Secretaria Geral do Governo do Território
da Companhia de Moçambique, Caixa
Postal N. 2,

BEIRA

Africa Oriental Portuguesa

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

Comunicações Ferro-Viarias—BEIRA

O porto dos territorios da Companhia de Moçambique é o principal para

RODESIA DO NORTE

RODESIA DO SUL

GATANGA BELGA

PROTETORADO DA NIASSALANDIA E VALE DO ZAMBEZE

Caminhos de Ferro da Beira e Transzambeziano

Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacas provinham da Rodésia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Só a exportação do milho em grão, nacional ou nacionalizada, no periodo de 1921 a 1925 foi de 110.000 toneladas. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental.





Aeroporto da Beira



Estoril-Beira



Farol do Macúti-Beira



Caminhos de Ferro da cidade da Beira



Rio Xiveve-Beira



Câmara Municipal da cidade da Beira



Praça do Município da cidade da Beira

6. Associações Goesas em Lisboa

6.1 Casa de Goa

6.2 ARCIP- Associação Recreativa e

Cultural Indo - Portuguesa

6.3 AFDDS- Associação Fraternidade Damão

6.4 Associação de Amizade Portugal

6.5 SURIÁ- Movimento Cultural e Ecológico de Goa

6.6 EKVAT- Grupo Cultural –Grupo de música e danças tradicionais de Goa

ARCIP -Noite do Sari
2010



Associação de Amizade Portugal - Índia

ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL – INDIA

A Associação tem por objectivo fomentar as relações entre Portugal e a União Indiana no que respeita à integração e promoção de intercâmbios permanentes e recíprocos entre pessoas e interesses dos dois Estados, privilegiando a consolidação e estímulo das sinergias culturais e económicas.

Para concretização das suas funções e apoio às mesmas pode a Associação participar em iniciativas conjuntas com outras associações de forma a congregar esforços para a realização de fins compatíveis e, ou, constituir e participar em empresas juridicamente autónomas.

A Associação abstém-se de toda e qualquer actividade política ou de divulgação ideológica e não desenvolve quaisquer actividades comerciais e industriais com fins lucrativos info@aapui.org

Endereço:

AAPUI - Associação de Amizade Portugal India

a/c Sra. D. Conceição Silva

Rua Paulo da Gama, 16

1400-267 Lisboa

Tel: (351) 21 301 0166 (351) 21 301 0166

Fax: (351) 21 301 9928



AFDDS- Associação Fraternidade

Damão - Diu

ASSOCIAÇÃO FRATERNIDADE DAMÃO-DIU E SIMPATIZANTES

A AFDDS, a sigla do título, nasceu já há mais de 18 anos, graças à «carolice» de alguns damanense (gente de Damão) e diuenses (de Diu) e gente de Silvassá, Nagar Haveli, bem como de muitos amigos e Simpatizantes da nossa causa, todos residentes em Portugal. O grande objectivo, entre outros, é PROMOVER, DIVULGAR, INSENTIVAR, MANTER, etc, a CULTURA INDO-PORTUGUESA, ainda bem viva, nestes territórios, que presentemente, embora dentro do Estado de Gujarate, está sob a Administração do Governo Central em Nova Delhi, conhecidos como Union Territory. A língua falada pela população indú e muçulmana e «gujarati»e o português pela comunidade cristã. O inglês está a entrar com força, não faltando outras línguas indianas e principalmente a língua oficial da Índia, o Hindi. É admirável a convivência entre as diversas comunidades, com credos diferentes. Portugal deixou uma marca indelével em Damão e Diu. Além de Monumentos, deixou a alma lusa, por isso, os cristãos teimam em falar e considerar o português, como sua língua materna. É IMPORTANTE que todos os lusófonos os possam ajudar.

A. Colimão

EKVAT - Grupo Cultural

**Grupo de música e danças tradicionais
de Goa**



EKVAT é um grupo de música e danças tradicionais de Goa, constituído em 1989, em Lisboa /Portugal, no âmbito das actividades culturais da **Casa de Goa** EKVAT é um grupo de música e danças tradicionais de Goa, constituído em 1989, em Lisboa /Portugal, no âmbito das actividades culturais da **Casa de Goa**



Objectivos do grupo EKVAT: Divulgar a música e danças tradicionais de Goa, desafiando os mais jovens para, através dos sons e coreografias, descobrirem a sua cultura ancestral (as suas “raízes”)



desafiando os mais jovens para, através dos sons e coreografias, descobrirem a sua cultura ancestral (as suas “raízes”)



Convidando também outros com vontade de conhecerem novas culturas

Não se acomodar à memória que consigo trouxeram alguns que vieram de Goa, continuando à procura das suas raízes e acrescentando alguma inovação.



Suryá - Grupo Cultural

**Grupo de música e danças tradicionais
de Goa**

Grupo " Suryá "

"Suryá", o nome escolhido para este grupo de Canto e Danças Tradicionais de Goa, é a designação sanscrita de Deus-Sol da Mitologia hindu. "Suryá", significando Sol na nossa língua-mãe, o concanin, é uma associação composta por pessoas de origem goesa e amigos de Goa, maioritariamente sócios-fundadores da Casa de Goa, unidos por sentimentos de amizade e profundo amor a Goa.

O grupo "Suryá" existe há 16 anos e um dos seus objectivos é a divulgação da cultura e tradição de Goa. É com esta finalidade, entre outras actividades, que mantemos este grupo de canto e danças tradicionais de Goa.

www.edsae.com consulta em 22/02/2009

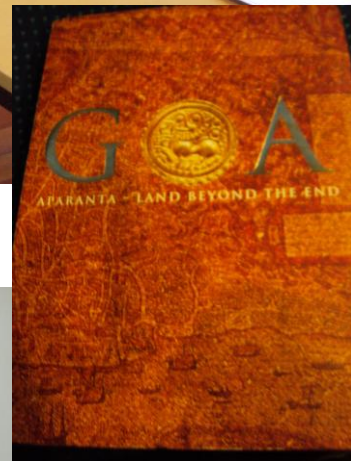


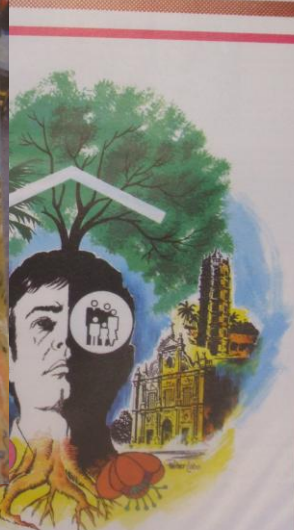
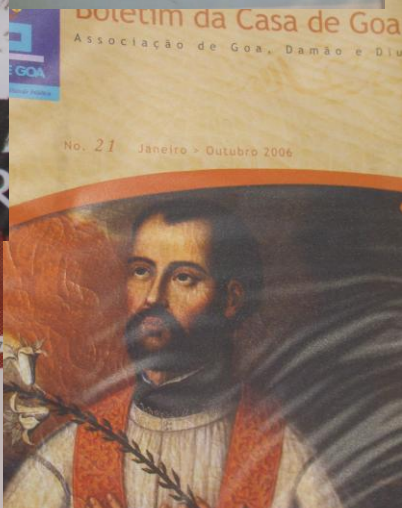
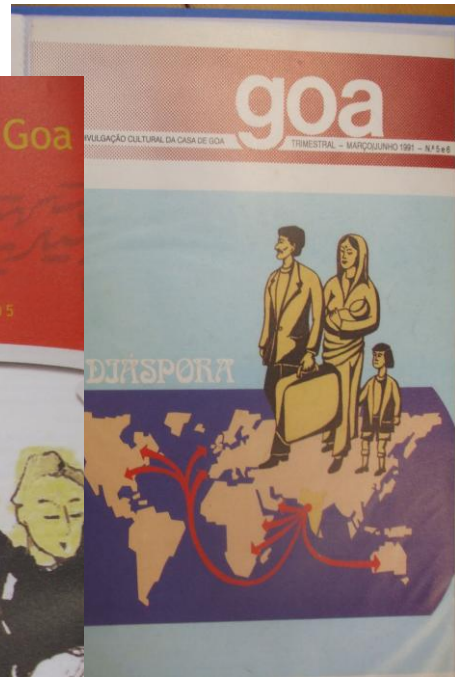
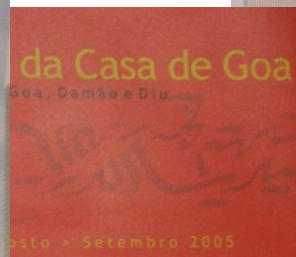
Associações Goesas em Lisboa

CASA DE GOA – Baluarte do Livramento – Calçada do Livramento, 17 – 1350-188 LISBOA – www.goacom.com/casa-de-go/ consulta em 09/01/2010
ARCIP- Associação Recreativa e Cultural Indo -Portuguesa representada por Olavo Rodrigues ARCIP – Rua Martins Barata, 12 – 12-A 2675-383 ODIVELAS – www.arcip.org consulta em 26/08/2009
AFDDS- Associação Fraternidade Damão - Diu e simpatizantes representada pelo Padre Colimão /AFDDS – Paróquia de S. Francisco Xavier – Rua Diogo Afonso, 1400-103 LISBOA – www.damaodio.blogspot.com ; consulta em 27/11/2009
ACAGD- Associação Cultural de Amigos de Goa, Damão e Diu representada por Domingos Xavier Viegas/ ACAGD – Sediada na Casa de Goa;
Associação de Amizade Portugal- Índia representada por Padre Engº Alan Tavares / AAPI – Rua Paulo da Gama, 16 1400-267 LISBOA - www.aapui.org/ consulta em 09/01/2010
SURIÁ- Movimento Cultural e Ecológico de Goa representado por José Filipe da Purificação Monteiro) SURIÁ – Rua Frei Agostinho da Cruz, 4 – 2790-347 ODIVELAS – www.surya.dir.aeiou.pt/ consulta em 27/11/2009
EKVAT- Grupo Cultural –Grupo de música e danças tradicionais de Goa

Casa de Goa







Casa de Goa recebe edifício camarário

2004-12-04

A Câmara Municipal de Lisboa formalizou ontem a cedência à Casa de Goa de um espaço municipal em Alcântara que a instituição já ocupa desde Novembro de 2001, para as suas actividades e iniciativas. A cedência gratuita e a título precário do Complexo do Baluarte foi formalizada através da assinatura de um protocolo.

"Foi alcançado um objectivo da Casa de Goa", afirmou Narana Coissoró, presidente da instituição. Em troca da cedência do espaço, o protocolo estabelece que a Casa de Goa deve realizar uma série de iniciativas, entre as quais a abertura do seu museu ao público. "Vamos convidar um museólogo para organizar as mais de 60 peças que temos no museu, mas que não estão dispostas correctamente", afirmou.

A Casa de Goa compromete-se ainda a abrir ao público o centro de documentação, que conta actualmente com cerca de 15 mil volumes sobre a história antiga e contemporânea de Goa, Damão e Diu (ex-Índia portuguesa).

Segundo o protocolo, serão ainda estabelecidas parcerias com a câmara de Lisboa e com juntas de freguesia, nomeadamente com a de Alcântara, para a criação de aulas de dança, música e culinária goesa.

A Casa de Goa, que tem a funcionar um restaurante, um centro de dia para idosos e actividades para jovens, vai construir, em breve, um memorial a S. Francisco Xavier, a concluir em 2006, quando se assinalam os 500 anos do seu nascimento.

Eleito novo Presidente da Casa de Goa

A Casa de Goa conhece este Sábado um novo Presidente, Narana Coissoró. A lista apresentada pelo Vice-Presidente da Assembleia da República, vencedora sem oposição, promete dinamizar a associação e as novas instalações. Despontam os projectos de celebrar o 5º centenário do nascimento de S. Francisco Xavier e a realização de uma convenção mundial de goeses.

Realizou-se no passado Sábado, 17 de Abril, a eleição para os órgãos sociais da Casa de Goa, para o triénio de 2004/2007. Dos cerca de 450 sócios da Casa de Goa, compareceram 84 para votar, de um total de 154 sócios efectivos com direito de voto. Assim, a participação é caracterizada pela positiva (cerca de 70%), muito embora só uma lista única se tenha apresentado à Mesa da Assembleia Geral, presidida pelo



Dr. Vasco Monteiro. A mesa de voto esteve aberta todo o dia, entre as nove da manhã e as seis da tarde, registando-se 78 votos a favor e 6 votos em branco.

Para a Direcção, para além do Presidente, Prof. Narana Coissoró (deputado pelo CDS/PP e Vice-Presidente da Assembleia da República), foram eleitos também o Dr. Edgar Valles (Vice-Presidente), o Dr. Joaquim Lopes Pereira (Vogal, ex-Presidente do Clube Vasco da Gama) e o Eng. Hernâni Mourão (Vogal, membro fundador da Comissão Organizadora do Dia de Goa, Damão e Diu). A Mesa da Assembleia Geral é presidida pelo actual Presidente da Associação Cultural dos Amigos de Goa, Damão e Diu, de Coimbra, Prof. Domingos Xavier Viegas.



Novas linhas de orientação

No Manifesto Eleitoral da lista candidata despontam algumas sugestões concretas como a melhoria do Centro de Documentação Cultural e Científica e da Biblioteca, a aproximação a toda a comunidade indo-portuguesa e demais associações congéneres e a realização de uma Convenção ou Congresso “internacional periódico a realizar em Lisboa, pelo menos uma vez em cada quadriénio”.

Também é dado especial ênfase na necessidade “urgente de incrementar as visitas entre Goa e Portugal, procurando obter apoios que diminuam o custo das deslocações”, na criação de um lar de dia para os sócios mais idosos e o estabelecimento de acordos e protocolos para “proporcionar aos jovens goeses as oportunidades de contactos para os primeiros empregos”. Finalmente, a próxima Direcção manifesta também o intuito de a Casa de Goa celebrar com especial atenção o Vº Centenário do nascimento de S. Francisco Xavier, em 2006, e o vigésimo aniversário da fundação da Casa de Goa, em 2007.

Tomada de posse já no Sábado

A lista vencedora irá tomar posse no próximo Sábado, dia 24 de Abril, pelas 17:00 na sede da Casa de Goa. Para a cerimónia estão convidados todos os sócios e simpatizantes, para além de representantes das outras associações indo-portuguesas em Portugal.

A Direcção cessante, presidida ao longo de dois mandatos pelo Prof. Alfredo Bruto da Costa, cessa assim funções depois de um período aurore em que a Casa de Goa passou para umas novas instalações com que há muito se sonhava. Alguns elementos estavam impedidos de se recandidatarem, devido a imposições estatutárias que limitam os cargos a dois mandatos consecutivos, mas continuarão a colaborar individualmente com a nova Direcção.

Novos Corpos Sociais da Casa de Goa (2004-2007)

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Domingos Xavier f. Carlos Viegas

Secretário: Vasco Alberto R. Soares da Veiga
Secretário: Carlos do Rosário Rego

Suplente: Luís José F. dos Mártires Pinto
Suplente: Caetano Maximiano Graça Pinto

DIRECÇÃO

Presidente: Narana Sinai Coissoró
Vice-Presidente: Edgar Dias Valles

Vogal: Agnelo Filomeno Costa
Vogal: Joaquim Manuel Lopes Pereira
Vogal: José Vicente de Paula Rodrigues
Vogal: Edna Carmen Pereira
Vogal: Hernâni Félix Cidade Mourão

Suplente: Dilipa P. G. Dessai
Suplente: Nelson Hugo Rodrigues
Suplente: Rita Ana D. Carmo Lobo Henriques

CONSELHO FISCAL

Presidente: JOSÉ C. A. DOS REMÉDIOS FURTADO

Vogal: Maria Alice Alcântara de Melo
Vogal: Pedro Peregrino da Costa

Suplente: Caetano Piedade Godinho

MANDATÁRIO

Eugénio Óscar Filipe Oliveira
Sócio Fundador nº 1 da Casa de Goa, e seu 1º Presidente da Direcção
Residente na Av. João XXI, nº 22-R/C, Dtº, 1000-302 Lisboa



VAI ACONTECER NA CASA DE GOA

Esperamos que já tenham conhecimento pelo nosso e-mail de 1/06/2009, da actuação do Grupo GAMAT, da Casa de Goa, seguido da tradicional Sardinhada, no próximo dia 20 de Junho, sábado, a iniciar pelas 18 horas.

Para relembrar enviamos o cartaz do evento.

As inscrições deverão ser feitas, impreterivelmente, até o dia **18 de Junho**. Ppara efeitos de organização não serão aceite inscrições no **próprio dia**.

Crianças até 5 anos grátis.

Crianças de 6 até 10 anos 7 €

Junho
2009

**1º ANIVERSÁRIO DO GRUPO GAMAT
DE CASA DE GOA
E
SARDINHADA DAS FESTAS DOS SANTOS
POPULARES**

20 de Junho – 18 Hs.

Comemorando o 1º aniversário da sua constituição, o GAMAT "Grupo Juvenil de Formação na Música Tradicional de Goa", vai realizar no dia 20 de Junho, próximo, pelas 18 horas, no auditório da Casa de Goa, um espectáculo musical.

Terão como convidado o Grupo Juvenil "US SUSTENIDOS" da Escola Carolina Michaelis.

Seguir-se-á a tradicional sardinhada organizada pela Direcção da Casa de Goa, na esplanada, com a seguinte ementa:

- Chouriço assado/Pão
- Sardinha assada
- Salada mista
- Febras no carvão
- Águas
- Refrigerantes
- Vinhos tinto e branco
- Sangria

Preço: 12,50 € / pessoa

Inscrições na Secretaria da Casa de Goa (10 – 12 Hs. / 15 – 19 Hs), pelo Tel. 21 393 00 78, Fax 21 393 01 67, Tlm. 93 8471083/93 896 64 74 – E-mail: casadegoa@casago.pt
Calçada do Livramento, 17 1350-188 LISBOA

EVOCACÃO DE UM GOÊS ILUSTRE:

DOUTOR FRANCISCO LUÍS GOMES

DOUTOR FRANCISCO LUIS GOMES: Natural de Salcete (Navelin), foi Professor da Escola Médico-Cirurgica de Goa, romancista da conhecida obra "Os Brahmins", Deputado das cortes de Lisboa, historiador (fez a biografia do Marques de Pombal), romancista do conhecido romance "Os Brahmins", tribuno pela emancipação pela liberdade e autonomia dos povos. Doutor Honoris Causa pela Universidade de Lovaina, sócio da Sociedade Real Asiatica, polemista e cronista em vários jornais de língua portuguesa e filólogo da língua concani e amigo de grandes vultos europeus da época. Goa erigiu-lhe uma estátua no campal, em Panjim, e a Sociedade de Geografia de Lisboa, prestou-lhe homenagem no seu centenário.

A Apresentação deste Ilustre Goês será feita pelo Dr. Mário Leão, seguindo-se um apontamento musical acompanhado da acordeon pelo Prof. Abel Moura.

Em cerimónia solene será decerrada na Sala de Goeses Ilustres da Casa de Goa, o retrato do homenageado, seguindo-se um beberete.

Esta homenagem terá lugar na Casa de Goa, no dia 26 de Junho, com início às 18H00.

Esperamos a sua presença para honrar a memória do Dr. Francisco Luís Gomes.

Esperamos a sua presença.

Com os melhores cumprimentos,

A Direcção da Casa de Goa

A Pedido da Comissão Organizadora

Transcrevemos o seguinte texto:

Grandioso Baile de Rosas

27/06/2009
pelas 22 Hs

SALÃO NOBRE DA CASA PIA
Rua dos Jerónimos, N.º 9 Lisboa

Entrada: 12



**Com direito a
mesa e cadeira**

Serviço de Bar

Bebidas, Salgados, Mini Pratos
Arroz de Pato e Sarapatel

Animação Musical
Com o Conjunto Musical
“Night Stars” com a participação da
cantora internacional “Vânia Maroti”



Organização:

José Maria Furtado
Avito Ferreira e Sousa



**Chuva de
Prémios**

Colaboração:

Juliano Mariano
Mitzi Gracias
Bety Bragança
Lira N. Rodrigues
Isabel Furtado

Contactos:

José Maria Furtado: 217586678 / 938471083
Avito Ferreira e Sousa: 214392528 / 964513339
Juliano M. Mariano: 938966474
Mitzi Gracias: 214100075 / 918989443
Bety Bragança: 212753044 / 968640051
Lira N. Rodrigues: 217609985 / 917151277

Traje: Fato Completo (Casaco e Gravata)

CASA DE GOA

BOLETIM INFORMATIVO

Edição Especial Novembro 2001

NOVEMBRO 2001

A Casa de Goa no Baluarte do Livramento

Inauguração da nova sede



Vista do complexo

Edifício da sede, ateliers, miradouro com ponte 25 Abril ao fundo

Ficha Técnica:

Coordenação: Direcção da Casa de Goa

Concepção Gráfica: Paulo Camelo

Fotografias: Francisco Sá

Impressão: Câmara Municipal de Lisboa

Tiragem: 600 exemplares

O momento da verdade...

Com a inauguração da nova SEDE, entramos numa nova e relevante etapa da nossa vida associativa. Diríamos, mesmo, numa etapa decisiva para o aprofundamento da nossa identidade colectiva e para o desenvolvimento da intervenção cultural, em estreita ligação com Goa e com a sociedade portuguesa. Até agora, os projectos que a Casa de Goa gostaria de desenvolver estiveram fortemente condicionados pela exiguidade das instalações que, ao longo do tempo, fomos ocupando. A partir de agora, temos a possibilidade de os prosseguir num espaço apropriado que, dizem, será um dos melhores de que dispõem as Associações de goeses espalhadas pelo mundo.

Não seria correcto atribuir-nos, apenas a nós, actual Direcção, todo o mérito desta realização. Todas as anteriores Direcções, desde a primeira, empenharam-se neste sentido e lançaram um processo que acabou por frutificar no decurso do mandato da Direcção que imediatamente nos antecedeu e que nos coube levar a bom termo. Nenhuma fase desse processo longo e persistente deve ser esquecido ou subestimado. O êxito deveu-se, também às diversas instituições que contribuíram activamente para a concretização do nosso projecto: em primeiro lugar, a Câmara Municipal de Lisboa, designadamente na

pessoa do seu Presidente, Dr. João Soares, a quem se deve um empenho pessoal e uma intervenção institucional incomensuráveis; a Fundação Oriente e sua Delegação na Índia, cujo apoio contribuiu de forma decisiva para o apetrechamento do espaço; diversas outras instituições e individualidades, portuguesas e de Goa (especificadas noutra local deste Boletim), que generosamente apoiaram a iniciativa. Daí que, este seja, em nosso entender, o momento da verdade e a ocasião para provarmos do que somos capazes. Devemo-lo a nós próprios, às gerações futuras e a todos aqueles que, na convicção da justeza do projecto, nos encorajaram com o seu empenhamento, a sua colaboração e o seu patrocínio.

Devemo-lo, também, à nossa comunidade de origem, à qual todos estamos ligados por fortes laços de afecto e cumplicidade.

Devemo-lo à sociedade portuguesa, naturalmente acolhedora, naturalmente fraternal.

O maior traço de união entre todas as Direcções da Casa de Goa foi, sem dúvida, o de perseguirem o sonho de uma Casa de Goa maior e melhor. A partir de hoje, uma parte desse sonho já é realidade: já temos uma Casa maior. O futuro dirá se, através do sentir individual e do compromisso colectivo, fomos capazes de a tornar melhor.

A Direcção

A Casa de Goa e a Identidade Cultural dos Goeses

O Homem põe e Deus dispõe. O Homem sonha e a Obra nasce.

Não sei se Deus assim o determinou, mas posso assegurar que tive o privilégio de fazer parte do grupo de pessoas que, há catorze anos, sonhou conjuntamente com os goeses residentes em Portugal e deitou mãos à obra para a criação da *Casa de Goa*.

O sentimento que, então, a todos nos animava era de uma obrigação irrenunciável que pesava sobre nós ? a última geração de goeses em condições de poder transmitir aos seus descendentes o legado cultural que integrava o seu código genético.

Os momentos empolgantes e prenhes de emoção então vividos, a pressa de dar corpo a essa realização e, porque não dizer-lo, alguma ingenuidade própria dos sonhadores, tenha talvez desviado a nossa atenção da necessidade de se reflectir sobre o alcance e os contornos da herança cultural que propúnhamos defender.

Daí que ? suponho eu ? se tenha, ainda que inconscientemente, consagrado uma fórmula abrangente como objectivo fundamental da Casa de Goa, ou seja, preservar e divulgar a identidade cultural dos naturais de Goa, Damão e Diu.

Volvidos, entretanto, catorze anos e, sem embargo do trabalho entretanto realizado e cuja análise retrospectiva nos é de todo impossível fazer num Boletim desta natureza, pensamos, dada a acuidade de que se reveste, trazer à colação e reflectir sobre a natureza da herança cultural que nos caracteriza.

É sabido que a identidade colectiva de um grupo é sedimentada por mitos que povoam o seu imaginário, heróis ("lato sensu") que referenciam a sua existência, a língua que exprime as emoções, hinos e bandeiras que arrepiam os sentidos, enfim, tudo o que faz a sua História.

Agora é também público que a história de Goa é um cadinho de culturas diversificadas e multiseculares que deixaram, todas elas, marcas indeléveis nos vários segmentos da população goesa.

Será, assim, esta tarefa que a Casa de Goa, em colaboração com os goeses vivendo em Goa e na diáspora terá de "dilucidar", procurando qual o mínimo denominador comum que nos identifica, o que implicará, naturalmente, uma análise a montante das culturas que nos influenciaram.

Por outras palavras, teremos de esclarecer qual o elo cultural comum a um goês cristão e hindu, ou o que identifica culturalmente os goeses de velhas e novas conquistas para além da religião.

Finalmente atendendo ao dinamismo próprio de todas as culturas, que comunhão existirá entre os goeses que vivem em Goa e os imigrantes oriundos de outros estados da Índia com estatuto de goeses? E os filhos descendentes dos goeses na diáspora, os chamados goeses de segunda e terceira geração ?

Vasco Monteiro

Membro da Comissão Instaladora e actual Presidente da Mesa da Assembleia Geral

PS. Falando dos goeses da segunda e terceira geração - os nossos filhos e netos ? confesso que me angustia o futuro da Casa de Goa. Teremos feito o suficiente para os motivar para a cultura dos seus pais e avós ? Penso infelizmente ? com alguma certeza ? que não. Talvez agora com perspectivas abertas com a nova sede, seja a altura para uma reflexão que o assunto necessariamente nos impõe.

Dos nossos associados...

Perseguindo um sonho antigo

Em cada indivíduo existem e permanecem riquezas desconhecidas; em cada espírito, correm fontes de energia que, se não forem postas ao serviço da Humanidade, ameaçam não produzir obra de mérito na trajectória de Vida, da sua condição humana. Actuam como forças que potenciam actividades individuais ou colectivas, apontam metas que desafiam a História e o Tempo e a própria natureza da sua mensagem espiritual.

Neste quadro se insere a actividade da CASA DE GOA.

Perseguindo um sonho antigo que, desde há muito, acalentava as gerações de goeses em Portugal, os dirigentes e os associados da benemérita Associação não regatearam os seus esforços para beneficiarem de uma Nova Sede para dar voz mais forte aos seus sentimentos, num misto de nostalgia e de vivência em comunidade.

Verdadeira oferenda votiva dos goeses, a iniciativa agora concretizada, vem revelar que as riquezas permanecem no espírito, as energias continuam postas ao serviço da Humanidade e da cultura indo-portuguesa, saindo assim triunfante o trabalho da CASA DE GOA, na unidade, na cooperação e na protecção dos seus valores na vida portuguesa.

J. Vasco Benedito Gomes

Inspector Superior do Ministério da Educação

Nós, os da Antiga Índia Portuguesa

Está de parabéns a comunidade indoportuguesa radicada em Portugal, que vê agora, ao fim de mais de catorze anos, a sua 'Casa' dotada de instalações com a dignidade que merecia, no Baluarte do Livramento, graças à generosidade - diria antes, magnanimidade - da Câmara Municipal de Lisboa e, principalmente, do seu Presidente Dr. João Soares.

Referi-me à comunidade 'indo-portuguesa' e não à 'goesa' em virtude de, estatutariamente, a nossa associação contar como objectivos, entre outros, "*promover acções conducentes à preservação da identidade da cultura de Goa, Damão e Diu*", "*desenvolver o intercâmbio com todas as associações congéneres de goeses, damanenses e diuenses*", "*sensibilizar as gerações mais novas para a preservação dos valores culturais de Goa, Damão e Diu*" e "*dinamizar acções de apoio social e moral aos goeses, damanenses e diuenses delas carecidos*".

E, quando se fala de Damão, não se podem votar ao esquecimento os enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli que eram parte integrante do distrito de Damão. Foi por isso que, quase desde os primórdios da sua fundação em 1987, me vim batendo junto da comissão instaladora (e, mais tarde, das direcções, de uma das quais até fiz parte) para a conveniência de as referidas disposições estatutárias serem reflectidas na própria designação da associação, mudando esta de 'Casa de Goa' para qualquer coisa como 'Casa do Antigo Estado da Índia'. Efectivamente, os cidadãos portugueses nascidos em qualquer daqueles territórios têm nos seus bilhetes de identidade, indistintamente, "Índia (Antigo Estado da Índia)" como local de nascimento (naturalidade) - expressão que nunca mereceu reparos seja de quem for, mesmo das autoridades da República da Índia na qual os territórios agora se integram tanto *de facto* como *de jure*. Além disso, há que notar que a cultura de Goa não é a mesma que a de Damão ou de Diu nem a mesma que a de Dadrá e Nagar-Aveli. Há, por conseguinte, que fazer referência às culturas (e não à cultura) de Goa, Damão, Diu, Dadrá e Nagar-Aveli.

Há, na realidade, que ponderar que, se as raízes de todos nós são indianas (sobre as quais com maior ou menor perfeição se implantaram os valores culturais portugueses, criando culturas porventura substancialmente diferentes das do resto da Índia), a identidade própria dos goeses provém principalmente da sua ancestralidade concani, a dos damanenses e diuenses do seu substrato guzerate e a dos dadraenses e nagar-avelienses da sua base marata.

Estamos todos conscientes não só de que a nossa 'Casa' praticamente nada tem feito em prol de damanenses (incluindo os dadraenses e nagar-avelienses) e diuenses, mas também de que os estatutos e o regulamento carecem de alterações e de actualização. Fica pois aqui o meu apelo para que se forme sem demora um grupo de trabalho que estude e proponha para discussão e aprovação da massa associativa as alterações a introduzir, e para que os planos de actividades da associação passem a ter em atenção as diversas culturas indo-portuguesas e não apenas a goesa.

Resta-me desejar que a nossa associação se revitalize, ganhe novos sócios e se notabilize cada vez mais pelas suas realizações, quer neste rincão plantado à beira do Atlântico quer - através do núcleo dinamizador organizado em Goa - nos nossos torrões de orizagem, quer ainda, se possível, junto das demais comunidades indo-portuguesas da diáspora.

Jorge de Abreu Noronha

Consultor de empresas (aposentado)

A nova sede à procura de jovens!

O meu jovem amigo António pediu-me um destes dias, que eu escrevesse algumas linhas sobre "o que representa para um jovem uma nova sede (da Casa de Goa)".

São quase três da manhã de uma noite quente de verão, e acabei de ver a planta e as fotografias da nova sede na página da associação na Internet. E devo dizer que fiquei agradavelmente surpreendido. É um edifício antigo, completamente renovado, com espaços amplos, bem estruturado e magnificamente localizado, com vista sobre o Rio Tejo. O que mais se poderia pedir?

Na planta identifico uma enorme sala de jogos, uma sala de conferências ou reuniões e um centro de documentação.

Tudo ideal, para que nós, jovens goeses, possamos ir para a frente com diversas actividades. Uma coisa será certa: não teremos mais a desculpa da falta de condições.

São variadas as ideias que me atravessam a mente ao rever a planta do edifício e a ocupação das salas. Finalmente poderemos reunir-nos num espaço, promover debates, exposições, actividades culturais, desportos e tantas outras coisas, para as quais nós jovens

estamos sempre dispostos a avançar. É uma questão de nos reunirmos e conversar... Nada mais fácil!

Este novo espaço oferece-nos inúmeras possibilidades. Pelo que ouvi, pretende-se instalar aqui computadores, e não foi por acaso que mais acima referi que consultei a Internet, para escrever estas linhas: os jovens passam a partir de agora a contar com o apoio de uma Casa de Goa que se mostra jovem e enérgica, dispondo de uma sede moderna, virada para o futuro. O apelo aos jovens não poderia ser mais explícito: *está aqui um novo espaço, aproveitem-no!*

Mas não podemos encarar tudo facilmente, e na brincadeira. Esta nova sede é o fruto do trabalho de várias gerações de goeses, nossos pais e avós, que trabalharam e lutaram por condições melhores para a Casa de Goa, e para os goeses em geral. O resultado está nas nossas mãos. Hoje cabe-nos a nós jovens, mais do que nunca, estimar aquilo que estamos prestes a herdar e tratá-lo como se fosse nosso. A nova sede esta aí... vamos animá-la!

Constantino Xavier

Estudante / Coordenador do Dia de Goa 2002 ? Portugal

Porque me buscas longe, nos espaços, filho meu, Se eu vivo ao alcance dos teus braços!?

(Adeodato Barreto, *Fala Ishvara*)

Quando em 1987 comecei a preparar a minha primeira visita a Goa tive a sorte de assistir às reuniões preparatórias para a formação de uma associação de goeses em Portugal: a Casa de Goa.

Tinha ouvido falar de Goa - algumas vezes - mas confesso que esperava encontrar pessoas "diferentes", quero dizer, não tão parecidas comigo quer no olhar quer no ser. Não percebia porque continuavam a reunir-se naquele pequeno vão de escadas, lá para os lados do Saldanha, tentando criar uma Casa de Goa. Porquê? Para quê? Se eram tão portugueses como os portugueses! A Sociologia e a Antropologia tinham-me ensinado que as comunidades imigrantes se procuram diluir rapidamente nas sociedades de acolhimento tentando passar despercebidas. Mas isto parecia não fazer qualquer sentido para os goeses. A fluidez da sua inserção dava agora lugar a uma tentativa de demarcação, expondo as suas diferenças, resgatando a sua goanidade e, mais do que isso, procurando divulgá-la não apenas aos seus filhos, mas, surpreendentemente, aos próprios portugueses.

Quando voltei da minha primeira estadia em Goa, em Dezembro de 1987, começava finalmente a perceber este enorme paradoxo. Eu própria, que de goesa nada tenho, sentia agora uma profunda necessidade de me encontrar com os goeses, de falar aos portugueses cada vez mais e mais de Goa, de projectar a minha experiência de goanidade onde quer que fosse e com quem quer que estivesse. Agora sim, as diferenças faziam todo o sentido. Elas são, seguramente, privilégio de quem *pertence* a Goa, de quem um dia lhe sentiu o

chão, e a sua dimensão sensorial e emocional atravessa todos os modos de ser goês, porque os há, e repousa no que a própria história se encarregou de preservar: a herança da Índia. De repente, também eu, à minha maneira, sentia a falta do ruído desordenado das ruas de Panjim, do silêncio sepulcral das várzeas e dos palmares, de comprar bananas à unidade, do *baji puri* ao lanche, dos *bojés* quentinhos embrulhados em papel de jornal, do cheiro do calor húmido perfumado de *agarbatti*, da terra vermelha, e mais, e mais, e mais?

Benvinda seja a nova Casa de Goa e que todos nós, goeses e portugueses, possamos fazer dela também a nossa Casa.

Susana Sardo

Docente Universitária

Dois imaginários, uma vontade comum

Embora separados geograficamente por mais de 5000 milhas de distância e enquadrados em contextos culturais muito diferentes, Goa e Portugal tiveram percursos históricos que se cruzaram durante alguns séculos e que contribuíram em elevado grau para a formação das suas identidades culturais e dos seus tecidos sociais.

As circunstâncias que influenciaram esse percurso e a interpretação que ocasionalmente delas possa ser feita, não negam o facto de, histórica e culturalmente, Goa estar presente na História de Portugal e de, simetricamente, Portugal fazer parte da História de Goa.

No tempo em que nos é dado viver, marcado por tendências culturais e económicas globalizantes e pela diluição das nacionalidades nos grandes espaços, como sucede com as integrações de Portugal na Europa e de Goa na Índia, a preservação das afinidades e das identidades culturais das pequenas nações constituiu um desafio.

A Casa de Goa é uma resposta objectiva e necessária a esse desafio, porque ela não é apenas um privilegiado espaço de afirmação cultural, mas também um elo de ligação entre dois imaginários emocionais que tantas vezes se confundem.

Por isso, bem hajam todos os que estão a dar corpo a esta ideia em diferentes instâncias e, de forma muito especial, aqueles que com a sua inteligência, entusiasmo e dedicação a estão a materializar na Casa de Goa.

Adelino Rodrigues da Costa

Docente Universitário

Casa de Goa: do sonho à realidade

É com prazer que deixo aqui o meu testemunho como sócia da Casa de Goa, cujos estatutos tive o privilégio de conhecer e cujos objectivos partilho inteiramente.

O objectivo da Casa de Goa é mais do que criar um espaço para promoção do convívio entre os seus sócios. Pretende ser, sobretudo, um ponto de encontro para divulgação das culturas portuguesa e indiana, promovendo o conhecimento e contribuindo, duma forma positiva, para o desenvolvimento das relações bilaterais a vários níveis. Conhecer, divulgar, apoiar.

Tive o privilégio de conversar longamente com o Presidente desta associação, Eng. Alfredo Bruto da Costa, na altura em que a nova "Casa de Goa" era um sonho que muitos julgaram poder não ser realidade.

Desde o princípio me distanciei dos cépticos e partilhei do entusiasmo que me foi transmitido relativamente à grandeza desta obra. Muitas vezes, acredita-se numa ideia devido à personalidade do seu criador, outras pela sua própria essência.

Eu acreditei nos dois. Nos vários contactos com o Eng. Alfredo Bruto da Costa quer em Lisboa, quer em Goa, falamos de ambições, limitações e frustrações e do muito que há a fazer em termos de reforço de contactos bilaterais.

Da necessidade de aceitar a realidade histórica sem traumas nem complexos, "rasgando os horizontes da memória" e, com os olhos no futuro, construir um presente de que nos possamos orgulhar.

Estas são as aspirações que norteiam a acção dos seus dirigentes e que têm sido mobilizadoras das energias necessárias para tornar o sonho ambicioso de ontem na realidade concreta de hoje.

Vera Fernandes

Cônsul Geral de Portugal em Goa

Têm a palavra os Presidentes das anteriores Direcções da Casa de Goa

PRESERVAR A CULTURA INDO-PORTUGUESA

Desde sempre muitos foram os goeses na diáspora. Espalharam-se por todo o mundo mas não esqueceram a sua terra e a sua cultura, razão pela qual em quase todos os países onde

existe uma comunidade goesa, existe uma Casa de Goa.

A Casa de Goa em Portugal tem quase quinze anos de existência. A sua criação foi um sonho tornado realidade; foi um acto de amor dos goeses, damanenses e diuenses pela sua terra natal. O seu objectivo é a preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu, nas suas múltiplas vertentes sócio-culturais (investigação histórica, ensino do concani, presença da arte, da dança e cantares, da culinária) mas também o apoio social aos goeses, damanenses e diuenses dele carecidos.

A importância de uma associação como a Casa de Goa é tanto maior quanto foi grande o desinteresse dos vários governos portugueses em manter os contactos e tentar preservar a cultura indo-portuguesa.

Se é verdade que a aplicação da justiça em Goa é regida pelo Código Civil português, com as alterações necessárias à sua actualização, também é verdade que o governo português, por não ter despendido a ridícula quantia de 7.000 contos permitiu que um jornal de língua portuguesa publicado desde 1900, O Herald, se transformasse no "The Herald", de língua inglesa. Não foram incentivados os intercâmbios culturais, não existem escolas de português e os filhos dos goeses da minha geração, que lá vivem, não falam nem lêem português. Da presença de Portugal quase só restam as pedras e, se estas não são apenas ruínas, foi resultado de um programa de preservação de monumentos criado pelo Governo da União Indiana.

Frente a este panorama se percebe a importância da actividade de instituições como a Casa de Goa, a Fundação Gulbenkian e a Fundação Oriente que de algum modo têm dado o seu auxílio e colaboração.

A Casa de Goa já teve várias sedes, melhorando a sua instalação, mas sempre com um carácter provisório. Graças ao Dr. João Soares, Presidente da Câmara de Lisboa, que nos cedeu um espaço, finalmente a Casa de Goa vai ter uma sede condigna e permanente.

Para o Dr. João Soares vai o meu agradecimento e o de todos os goeses, damanenses e diuenses.

Eugénio de Oliveira

Mandato: 1989 a 1992

A NOSSA CASA

O goês foi moldado pela sua história milenária e pela beleza da costa do malabar. Harmoniza em si a síntese, dir-se-ia de uma maneira contraditória, desta circunstância que define a sua identidade colectiva: o gosto de saber, de falar e de comentar, próprios da vida comunitária das aldeias, e a visão global, cosmopolita, das grandes cidades onde se mexe com facilidade e se mistura com as elites. Tem raízes na terra, mas através do mar espalha-se por quatro cantos do mundo. Todavia, os quinhentos anos do convívio com os portugueses deu-lhe uma nova dimensão: modificou a arquitectura, aprimorou a cozinha, abriu novos horizontes para a cultura, ciência, técnica e humanidades. Guarda ao mesmo

tempo a sua ancestralidade e absorve a modernidade do País onde estabelece, criando "espaços de alma" que enche com o que há de peculiar e nobre na sua personalidade: o amor profundo à terra e à gente de Goa. A Casa de Goa é a presença em Portugal desta terra, da cor verde dos arrozais e coqueiros, dos sabores quentes da cozinha, dos cheiros exóticos das especiarias e do sândalo e da cultura tolerante do seu povo, aberta a todos quantos se consideram goeses e amigos dos goeses."

Narana Coissoró

Mandato: 1992 a 1995

RECORDANDO JOSÉ MARIA QUADROS E COSTA

Já não está entre nós o Presidente da Direcção no mandato de 1995 a 1998.

No dia da inauguração da nova sede, é ainda maior a saudade de alguém que não regateou esforços para divulgar os objectivos da Casa de Goa e transformar em realidade as aspirações dos seus associados.

Homem bom, amigo e generoso, sempre disponível para ouvir, conversar, cultivar o convívio e a amizade, aprofundar a relação de confiança e entreatura e incentivar o gosto pelo conhecimento, connosco construiu projectos e partilhou o sonho de uma Casa de Goa maior e melhor para todos os Goeses, em que se cultivasse as memórias colectivas, se respeitasse as diferenças e se valorizasse as iniciativas, as capacidades e o contributo de todos.

Acompanhando de perto o quotidiano da nossa associação, nunca deixou de encorajar, com a sua presença amiga, todas as realizações culturais e recreativas que levamos a cabo.

Deixou-nos antes de tempo e, por isso, não partilha fisicamente da alegria desta inauguração, como tanto gostaríamos, nós e ele.

Mas a sua memória permanece viva e o seu exemplo é uma fonte de inspiração para todos os que acreditam no projecto e estão certos de que, com o seu sucesso, rasgarão novos horizontes.

AO ENCONTRO DOS OUTROS E DE NÓS MESMOS

Tive o privilégio de presidir à Direcção da Casa de Goa durante dois mandatos sucessivos: o imediatamente anterior, no decurso do qual o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. João Soares nos comunicou a decisão de nos ceder o Baluarte do Livramento para a sede da Associação, e o presente, durante o qual prosseguiram e se ultimaram os

trabalhos de instalação da nova sede. Foram mais de dois anos ao longo dos quais a concepção das instalações decorreu a par de uma reflexão profunda sobre a própria Associação. Do mesmo passo que as ideias buscavam modos de concretização, o surgimento de novas possibilidades concretas sugeriam novas ideias e novas dimensões associativas e culturais. Assim, com a sede cresceu o projecto, em dimensão, profundidade e abertura.

Os dois últimos anos do anterior mandato foram decisivos na busca e obtenção dos apoios indispensáveis, que em muito ultrapassaram a sua formulação inicial. Particularmente gratificante e encorajador foi a grande simpatia e adesão que o projecto obteve em Goa, junto dos mais diversos sectores sociais e culturais. Creio estarem criadas as condições para que, como desejamos, a Casa de Goa seja vista também pela sociedade de origem como algo que lhe pertence tanto quanto a nós.

Por idênticas razões, o mesmo se pode dizer pelo que respeita à sociedade portuguesa, de que somos parte. A Casa de Goa deseja abrir-se mais e decididamente à sociedade portuguesa, aprofundando e desenvolvendo o encontro de culturas, cultivando à escala das possibilidades uma das maiores aspirações do mundo actual.

Alfredo Bruto da Costa

Mandatos: 1998 a 2001 e 2001 a 2003



Sala da Direcção parcialmente mobil



Sala de leitura

A CASA DE GOA NO BALUARTE DO LIVRAMENTO

LIVRAMENTO (Baluarte do)

Foi um dos poucos baluartes construídos, da projectada linha contínua de fortificações de 1652 que, pelo lado de terra, ligava Alcântara à Cruz de Pedra. O Baluarte do Livramento, ou das Necessidades, recebia o nome de dois conventos: um, que lhe ficava dentro, hoje desaparecido; o outro, ainda existente e que está junto do antigo Palácio Real das Necessidades, hoje Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Bibliografia: SILVA. A. Vieira da, Dispersos, vol. III, Ed. CML, 1960

Dicionário da História de Lisboa, 1994

UM BALUARTE NA CIDADE

Estrutura defensiva construída no Séc. XVII, o conjunto edificado do Baluarte do Livramento, inventariado na carta municipal do património pelo seu valor histórico, arquitectónico e ambiental, e inserido na Zona Especial de Protecção que envolve o Palácio das Necessidades, situa-se na freguesia dos Prazeres, em Alcântara, sobre uma colina calcária, constituindo um ponto notável da frente ribeirinha e do qual se usufrui uma panorâmica do estuário do Tejo.

Face à situação desqualificada do Vale de Alcântara e à degradação e subutilização do Baluarte do Livramento, é desenvolvido com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, uma operação co-financiada pela comunidade europeia para a reabilitação, requalificação e reutilização de todo o conjunto edificado, associado à recuperação do tecido social e, simultaneamente, funcionando como factor impulsionador essencial para a recuperação do Vale de Alcântara.

Desta operação e com projecto do Arq. Duarte Nuno Simões resultou a recuperação do forte e a demolição das construções adossadas aos muros do Baluarte.

REVITALIZAÇÃO DAS ÁREAS URBANAS HISTÓRICAS

A reabilitação do Baluarte do Livramento inclui a criação de esplanada, museu, área para realojamento e ateliers para artistas.

O objectivo da reabilitação é o de dar corpo a um espaço de melhoria das condições de vida dos residentes e para a angariação de novas actividades sociais, culturais e económicas, no contexto global da regeneração do Vale de Alcântara.

A implementação do projecto foi extremamente lenta, não só pelas dificuldades de aquisição do terreno e de realojamento de perto das 120 famílias que viviam na zona, como também pelas ruínas arquitectónicas cujo aparecimento afectou consideravelmente o calendário previsto e os trabalhos de construção.

O projecto conjuga a restauração dos edifícios históricos com a construção de edifícios modernos, obedecendo a uma concepção arquitectónica que "respeita" e se adapta à paisagem. O complexo do Baluarte, uma vez concluído, será de qualidade excelente e design inovador, assegurando um conjunto de serviços e potencialidades numa zona degradada, que possam contribuir para a melhoria da imagem e estimular o desenvolvimento futuro.

Comissão Europeia, Base de Dados sobre Boas Práticas em Gestão e

Sustentabilidade Urbanas

A INSTALAÇÃO DA CASA DE GOA NO BALUARTE DO LIVRAMENTO

Com total respeito pela identidade arquitectónica e urbanística do Baluarte do Livramento, as obras de adaptação para a utilização das instalações pela Casa de Goa, circunscreveram-se, fundamentalmente, ao corpo destinado à Sede e aos espaços exteriores, uma vez que os outros dois corpos, designadamente o Museu e o Restaurante já tinham sido concebidos para os fins a que se destinam.

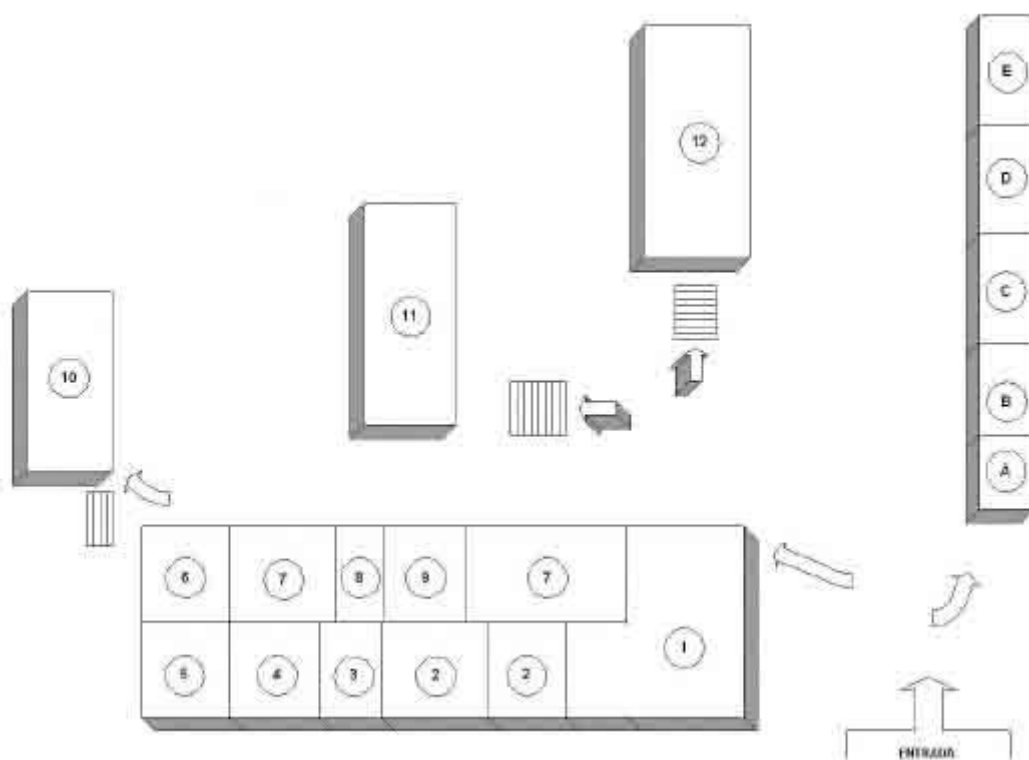
O esquema do espaço na página a seguir, para além de possibilitar a visualização do conjunto integral de edifícios, permite identificar as várias salas que compõem a Sede e a respectiva utilização.



Ateliers e edificio da sede ao fundo



Miradouro



1 - Sala de Conferências

A ser utilizada, também, para encontros, exposições temporárias e outros eventos. Capacidade: 80 cadeiras + 70 pessoas em pé

2 - Centro de Documentação / Sala de Leitura

Documentação cultural e científica - monografias, periódicos e informação em suporte audiovisual sobre diversas vertentes do passado e do quotidiano de Goa, Damão e Diu, no contexto da sua relação com Portugal e com a Índia, bem como com as várias comunidades da diáspora goesa. Horário de funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 14 às 19 horas

3 - Secretaria

Horário de funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 14 às 19 horas

4 - Sala da Direcção

5 - Sala Polivalente

Para trabalho em grupo, formação e apoio às actividades a decorrer nas instalações

6 - Sala de Jogos

Jogos disponíveis (para já): carrom, damas, xadrez, cartas e ping pong Computador

7 - Zona de arrumação, camarim e WC?s

8,9 - Entrada e Bar

10 - Miradouro

Com vista da Ponte 25 de Abril e de uma nesga do Tejo

11 - Museu

Espaço, com muralha original do Baluarte, para representação da cultura e história indo-portuguesas e do quotidiano goês

12 - Restaurante

Aberto ao almoço e ao jantar. Organização de eventos para sócios e seus convidados. O autêntico sabor goês garantido por cozinheiros profissionais e especiarias, chegados directamente de Goa. Desconto de 15% para os sócios. Capacidade: 70 pessoas

De A a E - Ateliers

ARCIP - Associação Recreativa e
Cultural Indo - Portuguesa

A. R. C. I. P.

ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL INDO-PORTUGUESA

No ano de 1996, ao grupo que frequentava a Cervejaria Nova América, em Lisboa – António Menezes, António Monteiro, Aquiles de Sousa, Evaristo Fernandes, Francisco Pinto, Eng.º Tuxarcanta Gaunenkar, drs. Álvaro Amorim Pinto, Ivo da Rocha e Rui Crasto entre outros – juntaram-se Mário Cirilo Viegas, Olavo Conceição Rodrigues, António Bosco Fernandes, Gaspar Emídio de Sousa. Depois de muitas reuniões e convívios, já no ano de 1997 os participantes formaram a Tertúlia Oriental, nomeando secretário coordenador Olavo Conceição Rodrigues, e criaram o seu órgão informativo – Voz da Tertúlia – designando Director o dr. Paulo Jorge Mendonça, Editor Mário Viegas e Redactor Principal dr. Rui Crasto.

A finalidade era congregar cada vez mais indo-portugueses em torno de um espírito de unidade e registar valores e história da lusofonia, mas principalmente da indo-portuguesa, e do quotidiano da nossa comunidade, não só de Portugal. Depois de desenvolverem algumas actividades recreativas e culturais, e reuniões de convívio, colmatadas em almoços, excursões e jogos, com o propósito de aproximar mais as pessoas e estreitar mais os laços, surgiu a ideia de legalizar a situação e torná-la mais abrangente com a criação de uma Associação Indo-portuguesa, que participasse mais activamente na sociedade e reflectisse esses mesmos valores - da lusofonia e indo-portugueses.

Aprovada por maioria de votos numa reunião na cave do Restaurante Nau do Restelo, em Lisboa, extinguiu-se a tertúlia oriental e a voz da TERTÚLIA, e fundou-se, a 16 de Março de 1999, por escritura notarial de 16 de Março de 2000, lavrada de fl. 5 a fl. 5 v.º, do livro de escrituras diversas, n.º 100-F, do Cartório de Alenquer, e publicação no Diário da República, n.º 200, III Série, de 30/08/2000 a ASSOCIAÇÃO RECREATIVA E CULTURAL INDO-PORTUGUESA (ARCIP), abrangente a todos, sem qualquer distinção, com sede na Av. D. Dinis, 43, 7º frente, freguesia do concelho de Odivelas.

Quanto ao seu boletim, optou-se por transformá-lo em revista, agora que se entrava numa nova fase. Entre diversos títulos apresentados para discussão e escolha, a maioria optou por VOZ DO ORIENTE, em votação secreta no Centro Carinho de Amizade, Rua Luciano Cordeiro, Lisboa, no dia 16 de Setembro de 1999. Para sustentar este

empreendimento – que regista e divulga nomes de figuras actuais e do passado da nossa comunidade, e dá voz a quem deseja colaborar – a revista, de publicação trimestral, conta com a receita da quotização dos sócios e dos festejos, doações dos sócios e simpatizantes, apoio da Câmara Municipal de Odivelas e da Junta de Freguesia de Odivelas.